

PARA LIBERTAR O AMOR,
É PRECISO PERDOAR.

Para Sempre Com Você

DUDA RAZZERA

"Duda Razzera nos traz uma incrível jornada psicológica misturada ao cotidiano jovem adulto. A leitura é como uma dança."

FELIPE COLBERT





*Para
Sempre
Com Você*
DUDA RAZZERA

1ª. Edição

2019

Copyright © Duda Razzera

Edição Digital: **Criativa TI**

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

[Sinopse](#)

[Agradecimentos](#)

[Prefácio](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[FIM](#)

[Sobre a Autora](#)



Sinopse

Aline e Rafael são melhores amigos desde crianças. Ela, uma jovem bailarina, rígida com suas regras e sem muitos amigos. Ele, um aspirante a coreógrafo cercado de pessoas ao seu redor e sempre com um sorriso no rosto. Eles são o perfeito *pax des deux*.

Quando Aline finalmente se sente pronta para levar sua paixão para além da dança, declarando-se para Rafael, o mundo dos dois muda para sempre. A vida como Aline conhecia já não existe mais, presa em uma cadeira de rodas, sem lembranças de como tudo aconteceu e o motivo de Rafael ter ido embora da cidade de Joinville.

Para sempre com você é uma jornada de resiliência, superação e fé no amor. Em meio a intrigas, mistério e um coração partido, Aline vai descobrir que o amor pode te desmanchar, mas ele também pode ser responsável por te reerguer.



Agradecimentos

Começo dizendo que, sinceramente, nem acredito que cheguei até aqui: meu quarto livro lançado. Tem sido uma jornada incrível!

Neste livro, apresento vocês a **Aline**. Você vai amá-la e odiá-la, porque ela não está bem certa do seu caminho. Está sofrendo. Não só fisicamente, como emocionalmente também. Precisa superar muitas coisas com apenas 18 anos. E sabemos que nesta idade (para quem já passou por ela) tudo é muito mais intenso. Aqui ela terá que aprender a superar barreiras físicas, barreiras autoimpostas por seus traumas e emoções e as barreiras que existem quando se ama alguém.

Agradeço à Francine Porfirio, mais uma vez, por me ajudar a transformar este livro no que eu acreditava que ele podia ser.

Agradeço à Bia Carvalho, pois sem ela este livro não estaria agora

em suas mãos. Tendo tanto carinho e cuidado com os retoques finais, trazendo Aline e Rafael à vida.

Agradeço às minhas leitoras-beta, Beatriz Cortes, Isabella Cloudie, Gessyca Spagnuolo, Natálie Berka Borges, Beatriz de Deus e Aline Razzera. Cada uma trouxe sua visão, sua experiência de vida e me ajudou a transformar Aline em uma protagonista muito maior do que eu imaginava.

Agradeço a Deus. Sem Ele, nada seria possível.

Agradeço à minha família por todo o apoio que me dão em minha carreira e na minha vida.

Agradeço ao meu mentor, Felipe Colbert, pois sem ele esse livro não teria existe *mesmo*. Desde sua concepção até as páginas finais. Muito obrigada por me ensinar sobre escrita, sobre carreira literária e por ser meu amigo.

E, por fim, só tenho a agradecer aos meus leitores, colegas e parceiros que me fazem a pessoa mais feliz do mundo *sempre*. São as avaliações, as palavras de incentivo, o carinho com que me tratam e a torcida pela minha vitória. Além de algumas ameaças caso eu não publique logo (risos).

Obrigada por confirmarem que meu destino é ser uma **escritora**.



Prefácio

O que é real no amor? Esta é a pergunta que me faço ao fechar a última página deste livro. Cada um acredita no amor que foi treinado a acreditar, ou que experimentou no decorrer da vida, ou que leu nos livros, assistiu nos filmes, etc. Mas o que é realmente real nisso tudo? Qual é o ponto que todos temos em comum quando falamos de amor? Será que esse ponto existe ou o amor é apenas subjetivo?

Para Sempre Com Você me fez questionar toda a minha crença no amor, e não digo isso apenas por ter me emocionado em cada cena, cada capítulo, cada momento. Digo porque Maria Eduarda Razzera conseguiu me transportar com tamanha maestria para a vida de Aline que, quando me dei conta, estava sentindo como ela, sofrendo como ela.

Passamos por perdas durante toda a vida, agora perder a única coisa que te torna exatamente quem você é, que te faz respirar, te faz viver, é como

morrer. Até quando o amor pode resistir frente à perda? Para Aline, mais do que eu poderia imaginar. Resignificar toda uma existência não é uma tarefa fácil, é uma tarefa para quem é resiliente. Para quem se torna forte quando todo o caos parece te submergir.

Nesse livro você vai mergulhar tão profundamente nos pensamentos de Aline, em suas dores e traumas, que será difícil descobrir o que é real ou não. Amor e morte parecem antagônicos, mas amar é morrer também. É morrer um pouco para si, reviver um pouco para o outro. E voltando a falar da realidade, gosto de pensar que o ponto em comum no amor existe, sim. O amor é barbárie. Esse é o ponto em comum. Não podemos amar sem sofrer. O amor nos quebra, violenta nossa alma, nos desmancha. E quando percebemos, estamos sendo refeitos, transformados. O amor é barbárie. Ainda bem!

Agora é sua vez. Aprenda com Aline a enfrentar a vida, o amor, a realidade. Tenho certeza de que esse livro será uma experiência incrível e marcante para você, assim como foi para mim. Este livro é para quem não desiste. E se você está pensando em desistir, ele também é para você. A realidade pode ser assustadora, mas nunca é insuperável.

Obrigada, Duda, por essa obra. Boa leitura!

Beatriz Cortes,

Escritora e psicóloga



Prólogo

Meus olhos pesam como se estivessem cheios de areia. Quero abri-los, mas não consigo. Escuto um apito insistente zunindo em meus ouvidos.

Será que estou morta? Sinto minha cabeça batendo com força contra a janela do carro, ricocheteando meu pescoço.

O impacto foi forte. A dor lancinante no crânio e meu corpo adormecido, sem poder me mexer.

Bip... bip

O vidro se estilhaçando por todo lado ao som de “Moonlight Sonata”, de Beethoven, a música preferida de Rafael de todos os tempos, preenche meus ouvidos em conjunto com o soar bruto dos freios em ação.

Bip... bip... bip...

Os apitos da máquina me confundem e não consigo distinguir a

realidade das minhas lembranças.

— Ela está na escala três do coma Glasgow. – A voz de um homem grita, em tom de comando áspero, mas seguro de si. Deve ser o chefe dos paramédicos, suponho. – Precisa ser entubada agora!

O ruído das outras pessoas é inteligível e se mistura mais uma vez aos apitos. Meu coração acelera.

Bip... bip... bip... bip... bip...

Perco-me novamente em sons, uma luz branca muito forte agride meus olhos. Ouço o baque da madeira na roda dianteira esquerda. A direção sai do controle como se o volante tivesse vida própria. O tronco da estrada é maior do que supúnhamos.

Antes mesmo de poder segurar em qualquer coisa, sinto meus cabelos chicotarem para o lado. O carro está girando.

Bip... bip... bip... bip... bip...

— Ela está perto de uma parada respiratória! – A voz de uma mulher aparece. – Precisamos ser rápidos!

A cabeça de Rafael bate contra o *airbag* em um estrépito seco, de lado, seu olhar continua sobre mim. Ao fundo ainda escuto o piano, melancólico, como se lamentasse por nós.

— Line, eu... – Sua voz se perde... Rafael não completa a frase

enquanto suas pálpebras vão se fechando.

Eu te amo.

Foi isso o que ele queria dizer?

A última imagem que lembro é de Rafael respirando com dificuldade. Antes que eu possa lhe responder qualquer coisa, minha vista vai escurecendo.

E então, eu acordo.



Capítulo 1

Algo muito errado aconteceu.

Tenho certeza de que deveria ouvir meus batimentos cardíacos acelerados através do ritmo bipado de um sensor cardíaco... Abro meus olhos devagar, mesmo que minha vontade seja despertar de forma rápida. Estou em um quarto desconhecido e me sinto desorientada. Tento encontrar algo familiar em meio às paredes brancas e um quadro inexpressivo de um girassol. Neste momento localizo meus pais, que se adiantam até mim, apressados, de mãos dadas e olhares preocupados. Vasculho o pequeno cômodo à procura de algum sentido sobre o que aconteceu, mas não consigo me lembrar.

Respiro fundo.

— O que houve? – pergunto, a voz entrecortada pelo desuso.

Os dois encaram o médico na busca de alguma orientação e só agora

percebo sua presença. Enquanto o silêncio impera, percebo minhas pernas formigarem e uma dor insistente na lombar. Forço a memória para encontrar informações que me auxiliem a desvendar o que aconteceu comigo. E então, eu lembro.

O carro na contramão, a chuva, o caminhão, o impacto... O acidente. Tenho flashes dos bombeiros me tirando do banco do passageiro, da luz em minhas retinas. Lembro-me também de chegar ao hospital e notar pessoas gesticulando ao meu redor, conversando e andando por todos os lados enquanto o médico me pedia para ficar acordada. O som metálico da maca deslizando pelos corredores estreitos do hospital e as luzes brancas irritando meus olhos semicerrados. O som dos apitos e das vozes sobre Glasgow e uma parada respiratória. Depois disso não consigo distinguir mais nada, há um branco total em minha mente.

E ao meu lado...

— Onde está Rafael? – indago apreensiva sobre o motivo de seu sumiço. Mais uma vez, não há resposta.

A máquina que controla meus batimentos cardíacos acelera demonstrando o pânico que estou internalizando. Não consigo recordar nada sobre Rafael, o pensamento de que algo mais sério pode ter acontecido a ele me aterroriza. Eu sou apaixonada por Rafael Carvalho desde que tínhamos

doze anos, e essa era a noite em que finalmente me declararia.

Ele não pode... Ele...

Meus braços se agitam e, em um impulso descontrolado, quero tirar os fios que me imobilizam, preciso ir atrás de informações. Entretanto percebo o movimento de um homem ao meu lado a inserir um líquido incolor em meu cateter.

Minhas pálpebras ficam pesadas e perco o controle do meu corpo. Em segundos, o sono me atinge outra vez.

*

Quando desperto, não tenho a mínima ideia de quanto tempo passou.

— Você acordou – diz papai com o semblante sério.

Constato que agora estou mais atenta e desperta. Minha mãe mantém os braços ao redor do corpo, tensa e corcunda, tão atípico dela, sempre elegante.

— Onde está Rafael?

— Filha, faz uma semana que você está no hospital – acrescenta minha mãe assim que chega perto de mim e alisa meus cabelos ondulados. – Rafael está bem, ele te deixou um recado.

Um recado? Por que Rafael não está aqui?

Ele não pode simplesmente ter ido embora sem ao menos verificar meu estado.

Minha mente não para de funcionar. Para mim, passaram-se apenas algumas horas desde que perdi a consciência no acidente. No entanto, uma semana se foi e ainda estou em uma cama hospitalar. A ansiedade em saber o porquê de estar internada me consome. Percebo algumas lágrimas teimosas a deslizarem pelo meu rosto e não consigo entender o motivo. Papai aperta minha mão com força.

— Por que Rafael não veio me “dar o recado” pessoalmente? — questiono com raiva.

O médico alto e com os cabelos grisalhos, o mesmo que injetou algo em meu cateter antes de eu apagar, entra no quarto. Vejo minha mãe sorrir de leve para mim, mas meu pai permanece sério. Meu primeiro pensamento vem à tona e volto a ter a sensação de que algo terrível aconteceu. Estaria agora prestes a descobrir o que é?

— Aline, você acha que está bem para conversarmos neste instante? — pergunta o doutor.

Faço um aceno breve com a cabeça para ele continuar, à espera do pior.

— Certo, sou o doutor Edilson e fui o responsável pelo seu

tratamento desde que chegou ao hospital.

Mais uma vez, apenas faço um movimento de compreensão.

— Você levou uma forte pancada na cabeça, o que a fez ficar desacordada durante uma semana. Os paramédicos chegaram a acreditar que você estava em coma, pois não respondia aos estímulos. Por sorte, você apenas desmaiou e não constatamos nenhuma hemorragia interna em seu cérebro.

Sinto vontade até de rir ao ouvi-lo dizer “sorte” quando entendo que esse não é o pior que está por vir. Ele suspira e coça o queixo por alguns segundos.

— Mas não vou mentir para você, Aline. O impacto do airbag, devido à alta velocidade de ambos os carros, gerou uma compressão medular torácica.

O que isso quer dizer?

— A boa notícia é que foi apenas uma compressão, e seus membros já estão despressurizados. Se alguns movimentos e sensações voltarem durante esta semana, significará que tem boas chances de se recuperar...

Me assusto. O “se” da frase parece muito arriscado.

— Recuperar do quê? – me assusto.

Pelo arregalar dos meus olhos, o médico se cala e encara os meus

pais em questionamento. Percebo que eu já deveria saber de algo que meus pais não me disseram .

— Filha, você... – Minha mãe toma a dianteira outra vez, pois meu pai continua com o semblante cerrado, sem ter a coragem de conversar comigo. Talvez esteja chocada, assim como eu.

— Vo-você não pode mais an-andar... – mamãe gagueja em um lamento.

Não consigo prestar atenção em suas palavras. Estou muito ocupada não sentindo minhas pernas direito. Elas estão entorpecidas e sou incapaz de fazer qualquer movimento. O terror começa a se espalhar dentro de mim e entendo que já era para eu ter desconfiado disso, mas me mantive muito focada em Rafael para me preocupar comigo mesma.

Alheio à minha confusão de sentimentos, doutor Edilson continua:

— Sua compressão ocorreu na altura do tórax, por isso os sintomas atingiram, de forma principal, as suas pernas. O que também explica o entorpecimento que você deve estar sentindo agora. Estou certo?

Aceno de leve. Não notei que o desconforto em minhas pernas sinalizava algo tão importante.

Pergunto, então, a mesma coisa que devia passar na cabeça dos meus pais:

— Doutor Edilson, eu voltarei a dançar? — Minha voz sai em um sopro quase inaudível e fecho os olhos de maneira instintiva, com receio da resposta.

— O tempo para iniciar o tratamento é fundamental. Como você recebeu atendimento médico quase de imediato, evitamos uma lesão. Entretanto, como expliquei para os seus pais, há uma compressão. Por isso, utilizamos corticoides para diminuir a inflamação, além de analgésicos para a dor. — Doutor Edilson aperta as mãos uma contra a outra, caminhando para mais perto da minha cama. Seu semblante torna-se sério e ele segura minha mão. — A princípio você ficará em uma cadeira de rodas e serão necessárias sessões de fisioterapia extensivas para sua reabilitação. Não posso dizer ao certo quanto tempo ou se você voltará a dançar, pois danos neurológicos são muito imprevisíveis. Entretanto, asseguro que faremos o possível para que você consiga voltar à sua rotina normal. — Ele olha para os meus pais em busca de apoio. Meu pai finalmente sorri de maneira automática para mim enquanto abraça meus ombros e beija minha testa. — Também recomendo que você frequente um grupo de apoio para que possa lidar da melhor maneira possível com essa enxurrada de informações.

Paraliso depois do termo “cadeira de rodas” ser utilizado comigo, uma bailarina. A raiva contra o médico me consome. Quem ele pensa que é para me dizer o que posso ou não posso fazer? Como ele pode anunciar essa

desgraça em um tom tão neutro? Tenho vontade de mandá-lo embora daqui, mas não o faço.

Penso em tudo que abdiquei na minha vida para me dedicar ao balé. Vejo o doutor Edilson se virar de costas para mim e conversar com meu pai no canto do quarto, propositalmente não me concentro neles. Eu posso ter batido minha cabeça, mas nunca estive tão lúcida em toda a minha vida! Não quero ouvi-los discutir sobre o risco de eu nunca mais conseguir dançar ou, quem sabe, até mesmo de andar outra vez.

— Aline, você está ouvindo? – pergunta minha mãe.

— Qual era o recado do Rafael, mãe? – rebato.

Ela, por sua vez, agita as mãos em surpresa.

— Ele disse que passaria uns tempos com a mãe, em Florianópolis, mas...

— Eu gostaria de ficar sozinha, por favor – interrompo sem levantar o olhar para os meus pais ou para o doutor Edilson.

Quando enfim estou só, permito que as lágrimas deslizem livres pelo meu rosto.



Capítulo 2

O som metálico das rodas contra o asfalto, em um leve sacolejar, embrulham meu estômago. Sinto-me presa com os cuidados indesejados da minha mãe e seus olhares de preocupação a cada cinco segundos. Após um mês de internação, enfim posso voltar para casa. Mas meu humor está cinza.

Meu pai me ajeita de maneira delicada sobre o assento do banco traseiro e, em meia hora, estamos de volta ao meu lar. Lembro-me de como meu pai costumava correr comigo todos os sábados pela manhã, e das diversas vezes que me apresentei para minha mãe em frente à televisão da sala, e do quanto eu gostava de ficar lendo na quietude do meu quarto. Contudo, embora esteja de volta, não me sinto melhor. Meu pai me carrega no colo como se eu fosse uma criança, pois ainda não teve tempo de fazer uma rampa na frente da casa. Afinal, trabalhar e se dividir no hospital com mamãe não lhe rendeu muito tempo de sobra.

Sou levada ao meu quarto, que foi deslocado de um jeito estratégico para o piso térreo, e me sinto ainda mais desanimada. Mesmo que meu pai tenha feito de tudo para transformar o antigo escritório próximo à cozinha no ambiente mais agradável possível, só consigo pensar no que eu perdi. Ele me coloca na cadeira de rodas e me dá um beijo no topo da cabeça, deixando-me sozinha para, quem sabe, me dar um pouco de privacidade.

Deslizo com a minha cadeira para perto da penteadeira e observo o meu reflexo. Suspiro com pesar ao lembrar que fiquei esse tempo todo aprendendo a manejar a cadeira de rodas – o que não foi nada divertido, diga-se de passagem – e ninguém ainda me disse quando é que vou começar a andar, afinal. Para minha surpresa, minha mãe me encara da porta do quarto. Acho que ela espera que eu exploda a qualquer momento, e é provável que isso aconteça. Fisioterapia manual, reaprender a me virar sozinha... essa é a minha rotina de agora, e Rafael ainda não deu as caras. Como se fosse possível, sinto-me ainda mais sozinha sem vê-lo. Ninguém menciona o nome dele, o que é pior. Eu *quero* explodir.

Não sei quanto tempo permaneço no quarto ajeitando os objetos a meu gosto. Por mais que meu pai tenha trazido minha cama, meus livros e meus troféus, é como se nada me fosse familiar. As fotos no mural improvisado atrapalham ao invés de ajudar.

Quando me dou conta, mamãe está de volta à minha porta e diz:

— Filha, está na hora de irmos para a fisioterapia.

Vamos até a clínica onde começarei minhas novas sessões. Sinto-me uma inválida quando minha cadeira é empurrada até a porta onde o fisioterapeuta me aguarda.

Observo as paredes verde-claras meio descascadas, uma criança passa por mim com o braço quebrado.

– Boa tarde, Aline.

Jorge, me informo pelo seu crachá, é um homem alto, de olhos escuros e cabelos castanhos. Ele me aguarda com aquele sorriso automático ao qual já estou acostumada.

— Sou seu fisioterapeuta e irei acompanhar você durante o processo de recuperação – explica como se eu já não soubesse de tudo isso. Eu suspiro.
– O doutor Edilson me informou sobre o seu caso e acredito que podemos fazer grandes progressos se trabalharmos juntos. O que acha?

Eu tenho escolha?

— O que você acha? – devolvo a pergunta com um sorriso irônico.
Sou um vulcão por dentro, prestes a entrar em erupção.

— Aline! – minha mãe repreende com ar decepcionado e pede desculpas silenciosas para Jorge.

– Não tem problema, dona Isabel. Tenho certeza que Aline está

apenas um pouco frustrada como qualquer outro atleta que eu atendo. – E sorri outra vez.

Um pouco frustrada?

— É isso mesmo, mãe – concordo seca. – Eu só estou... frustrada. Pode esperar lá fora, vou tentar ser suportável para Jorge, ok? – Sorrio amarelo. – Só quero acabar logo com isso.

Sei que estou sendo dura, mas as palavras saem da minha boca antes que eu consiga contê-las. Aparentemente, não tenho mais o controle sobre nenhuma parte do meu corpo. E isso, *sim*, pode-se dizer que é frustrante. Além disso, pareço uma criança mimada de cinco anos.

— Bom, Aline, como sei que você já teve a sua cota de exercícios terapêuticos durante esse mês que passou, hoje vamos iniciar uma terapia orientada à tarefa, tudo bem? Eu vou colocar você sobre a maca e vamos treinar alguns alongamentos musculares e mobilizações articulares, assim iremos prevenir possíveis encurtamentos dos músculos.

Sua explicação é bastante didática, o discurso pronto de um profissional preparado. Respondo com um leve aceno de cabeça, acho que nem forças tenho para falar nesse momento.

Não sei quanto tempo se passa, mas me sinto péssima e sou arrebatada pelo ambiente doentio, diferente dos que eu costumava frequentar

antes... dessa bagunça.

— O que aconteceu com você, querida? — questiona uma senhora de idade enquanto se exercita com halteres. — Como é jovem! Que tragédia! — acrescenta, o que só me deixa mais irritada.

Felizmente, outro fisioterapeuta a leva embora daqui sussurrando algumas desculpas. Suspiro. Meu corpo responde aos estímulos como um robô.

— Minhas pernas não parecem *minhas* pernas, entende? — digo para Jorge sentindo-me derrotada.

— É normal sentir certa dormência, Aline. — Ele sorri compreensivo. — Tenha paciência, sua sensibilidade voltará aos poucos, conforme formos intensificando os exercícios, tudo bem?

Eu assinto sem dizer nada.

— Por ser uma bailarina, você já conta com uma ótima musculatura, Aline. Só precisa se dedicar.

Quando era criança, odiava ouvir alguém sugerir que eu não estava me esforçando o suficiente. Balé é superação e ninguém melhor do que um bailarino para entender isso. Cada movimento, cada perfeita sincronia gestual, cada mínimo equilíbrio de um bailarino é aprendido com muito esforço. As pessoas definitivamente não entendem isso.

— Estou fazendo isso há um mês, no hospital, sabe? — digo entredentes enquanto Jorge empurra minhas costas para que eu tente alcançar meus pés.

Em outros tempos, faria isso em um piscar de olhos. Afinal, é um alongamento básico na sala de aula. Agora, entretanto, sinto minha lombar queimar e a dor se torna insuportável. Frustro-me por adquirir um pouco de encurtamento na parte posterior da coxa.

A vontade de sentir meus pés contra o palco queima em minhas retinas, transformando-se em lágrimas. Suspiro ao relembrar o som seco da sapatilha sobre o palco e a melodia vibrando em meus pés enquanto eu deslizava entre piruetas e *pliés*. A alegria que transbordava em meu peito é só uma lembrança e sinto como se minha identidade estivesse dizendo adeus a cada vez que não consigo completar um simples alongamento como antes.

— Você pode fazer melhor do que isso, Aline.

Essa frase bastou para mim. Eu me recordo de Rafael. Como parceiros, costumávamos impulsionar um ao outro até mesmo com provocações. Costumávamos utilizar o velho ditado em inglês “*no pain, no gain*”, que era o nosso lema. Nós nos entregávamos ao balé com suor, dor e, algumas vezes, até mesmo sangue em nossos famosos “pés de bailarinos”. E essas mesmas palavras já haviam sido ditas um milhão e meio de vezes por

Rafael: “Qual é, Line, você pode fazer melhor do que isso!”.

— Eu não posso fazer melhor do que isso, *Rafael*! Eu não consigo! – grito sem pensar. Mal dou conta de que chamei Jorge por outro nome.

O fisioterapeuta para o que está fazendo e me observa. Seu rosto é pesaroso e, mesmo não tendo intimidade, ele me dá um tapinha no braço para me confortar.

Sinto minhas bochechas corarem. Provavelmente estou igual a um pimentão. Minha pele é tão branca que meu pai costumava brincar não saber onde terminava minha mão e onde começava a parede. Não sei se foi a vergonha ou se a dor estava intensa, mas começo a chorar e a minha lombar esquenta ainda mais, o que faz com que eu me curve em posição fetal e puxe minhas pernas adormecidas para perto de mim com as mãos.

Por causa dos meus sons agonizantes, minha mãe aparece porta adentro, lívida, quase tão assustada quanto eu.

— O que aconteceu? – ela questiona, sem saber se olha para mim ou para Jorge.

— O que veio fazer aqui? Ver como sua filha não presta mais para nada? – esbravejo com a cabeça zunindo de dor. – Não basta me trazer, precisa assistir ao espetáculo?

— Eu só pensei... – mamãe começa, não sabe direito o que dizer. –

Eu achei que você precisava da minha ajuda.

— Eu não preciso da sua ajuda! Ninguém pode me ajudar! — exclamo nervosa. — Será que não percebe que nunca mais vou andar?

Se Jorge está desconfortável com meu surto, não demonstra. Ele continua seu trabalho enquanto acalma minha mãe e chama um colega para ajudá-lo a me descomprimir, ou seja, ambos me viram de bruços e massageiam a área lesionada.

Ainda sinto os resquícios de lágrimas correndo pela minha face enquanto penso se, de fato, vou voltar a dançar algum dia. Não seria mais fácil desistir agora e aceitar que meus sonhos não irão mais se realizar?

Mordo minha língua, irritada por me abater tão fácil. Antes, desistir nem existia em meu vocabulário. Essa palavra nunca sequer chegou a passar pela minha cabeça. Como posso pensar nisso agora, assim, tão rápido?

Me recrimino de forma silenciosa por pensar em desistência. Jorge toca de maneira suave em meu ombro e diz:

— Aline, terminamos por hoje.

E eu prometo a mim mesma que nunca mais terei estes pensamentos.

*

Uma semana depois, minha mãe decide que o doutor Edilson está certo e que realmente preciso frequentar um grupo de apoio, já que não

consigo conversar sobre meus problemas com ela. Descubro isso quando ouço meus pais, na cozinha, aos cochichos.

— Diego, ela precisa desabafar com alguém. Acho que, se continuar desse jeito, Aline pode entrar em *depressão*. – A voz da minha mãe é quase inaudível, mas consigo entender principalmente a última palavra.

— Isabela, ela já está em depressão. É para isso que foram receitados os antidepressivos...

Dou meia-volta e não escuto mais nada, ou então meu pai não fala mais nada, pois ultimamente ele concorda com minha mãe em tudo.

Alguns minutos depois, quando minha mãe entra em meu quarto – sem pedir permissão, devo acrescentar –, tenho certeza de que ganhou a “batalha”. Não mais do que uma hora se passou até eu ser jogada na recepção de uma clínica de psicologia, na mesma rua em que faço minha reabilitação.

— Eu não quero fazer terapia – murmuro descontente.

— Foi o doutor Edilson quem recomendou – minha mãe diz como se fosse um argumento irrefutável. – Conversar com adolescentes da sua idade pode ajudar.

– Eu não *preciso* de adolescentes da minha idade – tento mais uma vez, pareço falar com uma criança. – O que eu preciso é conversar com Rafael, por que você não me leva à casa dele?

— Ele não está lá — responde minha mãe, agitada, utilizando o mesmo tom que eu. — E mesmo se estivesse, de que adianta agora, minha filha? Você precisa focar na sua recuperação!

Deslizo até a sala que me foi indicada, repouso minhas mãos sobre o colo apertando-as uma contra a outra e respiro de forma pausada para me acalmar. O lugar é todo *zen*, com aquele som de golfinhos ao fundo e janelas abertas com vistas para um jardim imenso.

Suspiro. De que vale falar sobre meus sentimentos com pessoas que nunca vi na vida? Eu nem sequer sei o que se passa dentro de mim, para bem dizer a verdade.

Percorro com os olhos o pequeno cômodo com cinco cadeiras vazias que, aos poucos, são preenchidas por três adolescentes de porte atlético, o que indica que deviam praticar algum esporte nos “bons tempos”. Também se senta uma psicóloga com mechas brancas no cabelo negro e um colar de conchas, seu crachá a identifica: Dra. Fátima Marques. As paredes da sala estão pintadas em um azul-claro, mas a cor não tem o efeito calmante pretendido. Ao menos, não em mim.

Sou a única em uma cadeira de rodas e fico desapontada. Acho que, no fundo, tinha a esperança de me identificar com alguém. Todos conversam de forma animada e não entendo por que não começam logo a maldita sessão.

Reparo que a cadeira ao meu lado ainda não foi preenchida, é provável que estejam à espera dessa pessoa.

Uma garota loira, de olhos azuis e um corpo de dar inveja a qualquer outra, entra sorridente na sala. Ela parece um dos anjinhos de Botticelli que costumávamos admirar nas aulas de História da Arte, no Ensino Médio, até que reparo em suas roupas: um corpete rosa, uma saia de tule negra e nos pés... bem, sua sapatilha *pink* se destaca principalmente na perna mecânica cheia de adesivos de caveira rosa.

A garota se acomoda ao meu lado e sorri para mim, acenando com suas unhas pretas de poá rosa.

— Oi, eu sou a Gabriela.

Cumprimento com a cabeça, ainda chocada com a versão improvisada da cantora russa e amputada Viktoria Modesta. Enquanto isso, doutora Fátima se levanta e direciona o seu olhar em minha direção, o que me deixa ainda mais nervosa.

— Gostaria de dar boas-vindas à Aline, nossa nova companheira no grupo. Aline, quer começar contando um pouquinho da sua história?

Todos se voltam para mim e começo a hiperventilar. Sempre fui tão acostumada a subir no palco e dançar, ser o centro das atenções. Na verdade, até gosto. Mas agora estou frágil, exposta e insegura, diferente da maneira

como me sinto ao dançar.

Não quero falar. Não quero falar. Não quero falar.

Repito o mantra dentro da minha cabeça, pensando em como escapar dessa enrascada em que minha mãe me enfiou. Não tenho vontade alguma de dizer que estou com medo. Medo de nunca mais voltar a dançar e perder o significado da minha vida. Sei porque minha mãe conversou com a doutora Fátima antes de decidir que este era o melhor grupo para mim. Pelo que entendi, nesta sala, todos já foram atletas alguma vez, assim como eu. Por acidente ou qualquer outro motivo, também tiveram seus sonhos arrancados. Entretanto não sou cega, não tenho câncer, não perdi uma perna ou um braço, estou inteira. Não sou uma versão de Augustus Waters, de “A culpa é das estrelas”. Por dentro, eu me sinto aos pedaços e não consigo me reconstruir.

E se me acharem ridícula ou que estou sendo ingrata porque meus problemas não são nada comparados aos deles? E se rirem de mim? Sei que são inseguranças bobas, mas esses questionamentos rondam a minha mente nesse momento.

— Não precisa falar muita coisa, sabe? – Gabriela, a clone de Viktoria Modesta, sussurra para mim e toca de leve meu braço. – Só nos conte o que aconteceu com você. Eu, por exemplo, sofri um acidente de carro a caminho de um campeonato. E você?

Não quero me expor, mas também não quero parecer mal-educada. Afinal, Gabriela parece ser uma pessoa gentil.

— Eu também sofri um acidente. Bati a cabeça. E agora estou aqui — respondo o mínimo que posso para o grupo.

Encolho-me ao pensar que a doutora Fátima possa exigir que eu revele mais do que estou preparada. Entretanto vejo-a apenas assentir, sorrindo.

— Obrigada por compartilhar conosco a sua história, Aline. Foi muito corajoso de sua parte.

Então um garoto loiro pede a palavra, e eu solto a respiração, aliviada.



Capítulo 3

Há cerca de uma hora encaro o retrato de uma bailarina russa, Anna Pavlova, pendurado na recepção da Academia de Balé Marina Ribeiro. Desde sempre ela foi tudo o que eu queria ser; considerada cativante por sua expressividade, conquistou o coreógrafo Maestro Petipa, um dos mais renomados do mundo, e tornou-se a primeira bailarina em pouquíssimo tempo.

Eu sei que não sou carismática. Contudo a dança sempre preencheu esse espaço que agora reconheço estar em branco. Acredito que minha mãe também notou esse vazio em mim, pois não demorou muito para ela e a professora Marina concordarem sobre eu precisar permanecer em contato com a dança. Assim, aqui estou, com medo de voltar à minha antiga sala de balé e enfrentar as expressões curiosas de todos.

“É evidente que você ainda não pode dançar, Aline, mas ficar

trancada dentro de casa não fará com que se cure mais depressa. Você precisa se movimentar para ganhar mais musculatura e melhor manejar a cadeira”. Essa foi a desculpa esfarrapada de Jorge para me fazer concordar com esse retorno forçado.

Acredito que os motivos são outros, mas não discuto. Provavelmente querem me ajudar a ocupar o meu tempo ocioso com alguma outra coisa além de ver todas as temporadas de uma série de balé australiana e remoer que estou há três meses sem dançar. Apesar de odiar a fisioterapia, Jorge é engraçado e tenta me animar. Não posso culpá-lo, embora muitas vezes eu queira. Ele não parece entender que me sinto deslocada e os olhares de pena das pessoas só me fazem lembrar de forma constante que tudo mudou.

Mordo meus lábios já rachados até sentir um fio de sangue invadir minha língua. Observo algumas bailarinas ajeitando os cabelos no coque obrigatório. Elas continuam a se observar no espelho, exatamente ao meu lado, e penso no quanto me irritava com os fios que se rebelavam, caindo em frente aos meus olhos durante as aulas. Hoje, sinto falta até do que costumava me incomodar. Tenho saudades de tudo.

— Veio se despedir?

Reconheço essa voz e refaço meu pensamento: sinto saudades de *quase tudo*.

Priscila é a pedra no meu caminho. Ex-namorada de Rafael, loira, linda e graciosa. O supassumo da popularidade. O sorriso dela me irrita e suas íris verdes-esmeralda parecem sempre estar me desafiando. Sua voz parece o canto de uma sereia atraindo todos ao seu redor... menos a mim. Meu desagrado por ela é evidente. Desde que entramos no primeiro ano da Academia, não paramos de competir. E quando Rafael entrou no caminho, a competição se tornou algo mais *pessoal*.

— Não deveria ter se dado ao trabalho – Priscila continua a destilar o seu veneno fazendo com que eu me retraia, encolhendo os ombros. – Ninguém aqui sentiu sua falta. – E ao dizer isso, sobe os degraus rumo ao segundo andar sem esperar pela minha resposta.

Na verdade, não sei o que responder. Minha confiança, inexistente no momento, fica abalada. Só então percebo que estou fincando minhas unhas contra a palma da mão, nervosa.

Quando foi que as provocações de Priscila passaram a me afetar tanto assim? Nunca me deixei cair tão fácil.

Começo a duvidar se tomei a decisão certa ao retornar. Ao observar Priscila subir as escadas, tenho certeza: *eu não deveria estar aqui*. Porque nem eu, nem minha mãe pensamos na questão principal: como chegarei até a minha sala? Quando a professora Marina me passou algumas funções

administrativas para incentivar meu retorno após o acidente, como checar documentações e preparar o roteiro das aulas, quis me tornar sua secretária. Ela até mesmo me deu um espaço próprio para as tarefas, afinal, ela sabe que eu aprecio minha privacidade. Entretanto, isso soa quase impossível com a sala da coordenação no segundo andar. Subir uma simples escada parece ter elevado o conceito de “dificuldade” a um nível que desconhecia.

Vasculho a região torcendo para estar errada. Procuro em todos os cantos uma possível rampa, uma vez que a estrutura não dispõe de um elevador. Como era de se suspeitar, a escola não está preparada para cadeirantes. Não existe acessibilidade. E tenho vontade de rir de mim mesma. Eu já sabia de tudo isso, só não percebi antes porque esta nunca foi a minha preocupação.

Suspiro angustiada. Eu e minha mãe ainda não refletimos o bastante sobre minha nova condição. Acho que, no fundo, não queremos nos acostumar a ela, porque isso significa que perdemos o balé e que minha rotina como bailarina não fará mais parte das nossas vidas. Para minha mãe, essa não é uma possibilidade. Ela acredita que a dança sempre será alcançável porque compartilha tanto do meu sonho como se fosse dela. Afinal, eu só comecei a dançar por sua causa. Seu sorriso de felicidade em cada apresentação era o bastante para mim.

Será que terei de lidar com esse tipo de situação o tempo inteiro?

Sinto não poder controlar a minha própria vida, pois não consigo fazer o que antes para mim era básico: locomover-me de um lugar para outro. Isso é frustrante. Meu corpo, que antes era motivo de orgulho, agora é a minha vergonha.

Tenho vontade de me recolher no canto mais escuro possível e esperar até que a minha mãe volte para me buscar, porém deslizo um pouco minha cadeira para perto da escada. Meu coração acelera e pulsa tão forte que posso sentir a batida incomodando minhas têmporas. Minhas mãos suam e as esfrego de maneira suave na calça *legging*. Estou nervosa e indecisa.

Enquanto lido com meus dilemas internos, a professora Marina me encontra e pousa sua mão no meu ombro.

— Precisa de ajuda, querida?

Essa pergunta me corrói por dentro. Três meses atrás, eu não teria que enfrentar essa situação. Eu nunca precisei da ajuda de ninguém, não me sinto confortável com isso. Mas, agora, eu sei que *preciso* de alguém. Não adianta tentar negar essa verdade, fingir que não percebo que minha vida mudou e que minhas condições são outras. Meu problema, entretanto, é que cada um quer me ajudar do jeito que acha certo e isso me deixa frustrada.

Inspiro longamente, com medo de admitir meus pensamentos em voz alta.

— Preciso de ajuda – respondo por fim.

E uma parte de mim se estilhaça enquanto a professora Marina chama alguém para me carregar escada acima.

Preciso de ajuda.

Preciso de Rafael.

Preciso *andar*.



Capítulo 4

Sem contar o problema de voltar a frequentar a Academia e lidar com a curiosidade das pessoas e as “brincadeiras” nada agradáveis de Priscila, não paro de pensar em Rafael. Mais precisamente no recado que ele me deixou. Guardo as exatas palavras da minha mãe e repito-as em minha mente diversas vezes ao dia. Pelo menos tenho uma parte dele comigo, suas palavras. Às vezes, tarde da noite, ligo para o seu celular, mas só dá na caixa postal. Não consigo acreditar que ele ainda não tentou contato, eu só gostaria de ouvir sua voz ao menos uma vez.

A solidão repentina me faz relembrar dos ensaios que eu e Rafael fazíamos aos domingos pela manhã, no parque. Tudo era tão calmo e vazio... Até mesmo agora consigo escutar o som de nossas respirações compassadas e sentir o bater do coração dele contra as minhas costas, de tão próximos que ficávamos no *pax de deux*.

Como meu parceiro pode ter me abandonado assim, de uma hora para outra, sem muitas explicações? Preciso entender por que Rafael me deixou. Aquela noite não significou nada para ele? Minha mãe disse que não devo pensar mais nesse assunto, o que me deixa irritada, pois isola minhas possibilidades de conversar sobre isso. Eu preciso conversar sobre Rafael!

Eu me sinto traída. E pior, não consigo parar de amá-lo, o que só me faz odiá-lo mais... e isso não tem sentido algum. Gostaria de voltar no tempo, quando “nós” era um assunto tão mais simples. Mas, na realidade, tudo mudou.

Em meio aos meus devaneios, escuto uma batida na porta.

— Pode entrar... – respondo com meus pensamentos ainda longe.

Minha mãe entra no quarto trajando um vestido cinza, refletindo seu humor dos últimos tempos. Embora ela tente se mostrar forte e positiva, sei que é tudo fachada. Como meu pai costuma dizer, mamãe é um trator que executa tarefas às cegas, apenas com o foco no resultado. Mas até mesmo os tratores precisam de uma parada e, ao visualizar as olheiras dela, percebo que este é o caso. Dona Isabel, que nunca dá o braço a torcer, provavelmente tardará a aceitar isso.

— Bom dia, filha! – Ela abre as cortinas do quarto e sinto os raios de sol no meu rosto. – Como você está se sentindo hoje?

— Igual a ontem. Nada mudou, ainda não estou andando – bufo, inconformada com a pergunta.

De verdade, não sou capaz de conter essa grosseria. Não quero descontar em minha mãe a minha frustração por não poder dançar, mas, quando dou por mim, já fiz.

Ela suspira pesado enquanto finge arrumar alguns livros na minha escrivaninha. Suas costas estão curvadas, seu olhar se mantém fixo em algum ponto entre meu computador e a parede. Por fim, ela vira o corpo em minha direção e seus lábios estão apertados em uma linha fina. Acho que ela está pesando os prós e contras antes de dizer o que pensa...

— Você poderia se mostrar um pouco mais agradecida por todo o esforço que venho fazendo por você, Aline! – exclama irritada enquanto me auxilia a sair da cama e sentar na cadeira de forma mecânica. – Eu lavo, passo, cozinho... Abri mão de várias atividades, tudo isso para estar aqui, presente. Para te ajudar! – Ela me coloca de frente para a penteadeira e começa a escolher minha roupa no armário.

Estou cada vez mais a ponto de explodir. Por que ela pode falar todas essas coisas e continuar a arrumação do meu quarto, escolhendo minha roupa, como se não fosse nada? A capacidade da minha mãe de ignorar minhas emoções me deixa à flor da pele. Não posso escolher nem o que vou

vestir!

Esse convívio constante não está ajudando nem a mim, nem a ela. Não sei ser filha ao invés de bailarina. Sempre tivemos esse assunto em comum, pois o sonho da minha mãe era se dedicar ao balé, mas não tinha os pés. Eu tenho os pés, mas agora me faltam as pernas.

— Acha que é fácil depender de você para tudo? Acha que gosto de ter minha vida controlada por todos? Eu não aguento mais! – Respiro pela boca, afobada.

Minha vontade é de sair correndo porta afora, mas estou presa a essa maldita cadeira de rodas. Finco as unhas em minhas coxas decidida a fazer a dor mais forte do que meu impulso de chorar, mas o gesto apenas me faz piorar... A dormência me impede de sentir os meus dedos afundados na pele. Solto o ar devagar para pensar no que dizer, ou pelo menos para não perder a razão, mas é impossível. A raiva está cada vez mais presente e não consigo mais segurar.

— Você não quer me ajudar! Você adora estar no controle, fazer o que quer. Não tenho mais doze anos, eu sei o que é melhor para mim!

Minha mãe vira as costas para o armário e me encara. Nossos olhares se encontram pela primeira vez e posso sentir as faíscas se cruzando. Nunca brigamos assim. Por nada. Entretanto, ela parece estar com tanta raiva

quanto eu.

— Você é adulta, agora? – ela desdenha e pousa as mãos na cintura.
– Pois do jeito que está agindo, parece uma garotinha mimada! Eu faço tudo para te ajudar! Tudo!

Ergo minha sobrancelha esquerda em desafio. Eu sempre fui uma aluna dedicada e uma bailarina exemplar. Nem sequer uma vez pedi tratamento especial. Como ela pode me acusar de ser mimada? Ao mesmo tempo que penso nisso também entendo que nossa briga não tem motivo algum. Estamos frustradas pelas mesmas razões e minha mãe só quer me ajudar. Contudo, dói não poder conversar sobre o que desejo, o que estou sentindo. Então, mesmo sabendo que não irá adiantar, desabafo quase num sussurro:

— Se quisesse me ajudar, agora estaríamos falando de Rafael. – Abaixo os ombros na espera do pior, a incerteza sobre o que aconteceu com ele ainda me aterroriza.

— De que adianta falar nele? – esbraveja minha mãe. – Ele foi embora! – Vejo lágrimas pretendendo correr por sua face, mas ela não se deixa levar. – Esqueça!

Ele foi embora.

E eu estou aqui. Minha mãe está aqui. Não adianta eu esperar por

alguém que não vai voltar, que não está nem aí para os meus sentimentos ou as dificuldades que venho passando. Parte de mim guarda esperanças de que Rafael se arrependerá e me procurará, pedindo perdão. E tudo voltará a ser como antes. Contudo cheguei a pensar que, justamente por saber do meu problema, ele decidiu desaparecer do hospital. Teria sido esse seu verdadeiro motivo para se afastar? Eu seria um fardo em sua vida? Não posso acreditar que Rafael chegou a essa conclusão, mas também, com tudo o que se deu, é difícil desligar o alerta. Estou confusa.

Esquecer Rafael? Sério? Sinto-me tão clichê e ao mesmo tempo solitária, como se ninguém nunca houvesse passado pelo que estou vivendo agora. Preciso focar em qualquer outra coisa ou vou enlouquecer.

Fico tão desesperada com meus pensamentos que não vejo minha mãe se aproximar e pousar sua testa na minha. As têmperas doem e tenho *flashes* do acidente, mas nada que eu consiga distinguir com clareza.

— Filha, eu sei que é difícil, mas estou aqui. — Ela beija o topo da minha cabeça e me abraça, desajeitada por causa da cadeira. — Sempre vou estar aqui.

Nossos olhares se cruzam por milésimos de segundos e mamãe esboça um meio sorriso. Então como de costume, por não gostar de expressar suas emoções, ela se volta aos livros outra vez ignorando o acontecido. Acho

complicado assimilar que a discussão acabou, mas não quero mais brigar. Ela é a única pessoa, na ausência de Rafael, que entende minha paixão pelo balé. Ela entende tanto que sofre junto comigo, é o sonho dela também.

— Eu sei, mãe – digo e me rendo.

*

Enquanto aguardo minha mãe colocar a cadeira de rodas no portamalas do carro, penso em nossa discussão no dia anterior e me sinto culpada. Nem eu aguento mais o meu mau humor, envergonho-me do jeito que a tenho tratado. Ela se desdobra para eu conseguir cumprir todos os meus horários no grupo de apoio, na fisioterapia e no meu novo trabalho na Academia, definitivamente não merece o meu destrato.

Ela se senta atrás do volante e sorri para mim, um pouco tímida. Ainda estamos pisando em ovos quase como se fôssemos estranhas. A culpa me consome por tudo o que dissemos uma à outra e fico nervosa, sem saber direito como agir.

— Obrigada por tudo, mãe – digo ao colocar minha mão sobre a dela. – De verdade, eu não conseguiria sem você.

Percebo ela apertar os lábios e jogar o cabelo de um jeito distraído

no rosto para conter a emoção. Ela bate as mãos uma na outra e dá partida no carro.

— Muito bem! Rumo à Academia! – exclama ao mudar de assunto.

– Como estão as coisas por lá?

— Não é exatamente balé, mas pelo menos me distraio...

— Você precisa ter paciência, filha. – Sorri com um olhar compreensivo. – Tudo acontece ao seu tempo, está bem? Confie em mim, mães sabem dessas coisas.

Uma melodia suave toca no rádio do carro enquanto observo a paisagem pelo vidro. Quando chegamos, ela me deixa no hall de entrada. Arrasto minha cadeira pelo piso de madeira até chegar à minha pequena sala ao lado da secretaria. Mesmo depois de a professora Marina me reposicionar no térreo e facilitar minha locomoção, ainda me vejo distante de quando caminhava despreocupada por esses corredores. Giro a maçaneta e me empurro para dentro, depois fecho a porta atrás de mim. Eu gostaria de ter alguém para conversar, mas, na verdade, sinto medo de me socializar.

Escuto os gritinhos infantis das pequenas bailarinas correndo do lado de fora e sorrio. Lembro-me de quando eu era uma delas e sinto uma pontada de saudades no peito. Abro as cortinas e cerro os olhos com o brilho do sol. Nos últimos tempos estou em constante tensão, é gostoso enfim deixar essa

sensação de calma passar pelo meu corpo. Respiro mais aliviada. Talvez minha mãe esteja certa e, aos poucos, as coisas se ajeitem.

Ouçõ três batidas na porta e peço para a pessoa entrar, então viro as rodas de minha cadeira de frente para a mesa.

— Bom dia, querida – diz a professora Marina, sorridente. – Gostou da nova sala? Está confortável? – Seu semblante demonstra genuína preocupação.

— Está ótimo, professora – respondo e me esforço ao máximo para parecer agradecida. De fato estou, mas ando tão carrancuda que pareço ter esquecido de como demonstrar felicidade. – Muito obrigada pela oportunidade!

— Imagina, Aline. Você sabe que sempre foi e sempre será uma das minhas preferidas! – E dá uma piscadinha marota.

Essa informação me aquece tanto quanto os raios de sol de minutos atrás, não posso deixar de dar uma risadinha. Considero a professora Marina mais como uma segunda mãe do que qualquer outra coisa. Ela fez com que eu me apaixonasse pelo balé muito antes de conseguir fazer um *pliè*.

— Querida, pode fazer cinquenta cópias e levar para mim na turma 1C? A aula inicia às oito e meia, mas só preciso delas no final. – Ela me entrega o que parece ser as folhas do ensaiador com as contagens e as partes

suas da coreografia.

Aceno positivamente com a cabeça e, assim que a porta se fecha, começo a fazer o que me foi designado. Perto das dez horas, deslizo devagar até a sala 1C. É a turma de iniciantes, mas o receio de que me vejam ainda me invade. Não sei dizer ao certo do que me envergonho, é como se eu fosse a pior das bailarinas.

Tomo coragem e entro na classe. As meninas que praticam o *port de bras* na barra sugerem olhar para trás, mas o espelho é suficiente para que reparem na minha presença em uma cadeira de rodas. Procuro a professora. Ela não está ali. A música continua e reparo nas outras bailarinas que realizam o *promenade* com seus parceiros. Respiro fundo e decido colocar os papéis na mesa ao invés de esperar pela professora, entretanto me atrapalho – como eu já temia – para deslizar entre as bailarinas. O espaço livre é estreito e minha cadeira, de repente, parece ainda maior.

Não vou desistir.

Jorge me disse que preciso me acostumar com a cadeira em situações do dia a dia, não posso temer atividades rotineiras. Portanto, chega de sentir pena de mim mesma e achar que não posso fazer nada.

Continuo aos trancos e barrancos até chegar à mesa e deposito as cinquenta cópias cuidadosamente sobre a superfície branca. De esguelha,

noto alguns primeiros olhares curiosos, mas não me deixo abalar. Faço a volta para a saída, sem perceber que uma das bailarinas do grupo do *promenade* estava muito perto. Minha cadeira toca de leve em seu pé, mas é o bastante para desequilibrá-la e fazê-la cair no chão gritando escandalosa. Peço desculpas, mas a garota ruiva continua reclamando para suas amigas e me acusa de desastrada. Todas concordam com movimentos de cabeça e o silêncio impera dentro da classe, a não ser pela música que continua a tocar.

Em meio à situação desconfortável, Marina chega ao meu lado e pergunta o que aconteceu. Ninguém se manifesta, a não ser a espalhafatosa que se esgoela para chamar a atenção. A professora me observa com discrição, mas percebo o peso de sua autoridade. Ela coloca as mãos na cintura e se vira para o restante da turma.

— Muito bem, o show acabou. Classe dispensada.

Sinto meu rosto ficar vermelho e amaldiçoo a garota ruiva em minha cabeça. Acredito que nunca me senti tão exposta e inferiorizada, mas ergo o queixo como se não me importasse. Perceber que a opinião das bailarinas do primeiro ano me incomoda me deixa muito chateada . Por um momento, chego a me perguntar se não é um sinal de que não pertenço mais a esse lugar. Será que está na hora de eu procurar outra ocupação?

— Desculpe por isso, professora – expresso envergonhada.

— Você não fez nada para se desculpar, querida. Sei que é uma situação delicada para você. Eu que peço desculpas por ter alunos tão indelicados.

— Acho que é difícil para todo mundo se acostumar... – respondo, embora por dentro esteja xingando a menina escandalosa.

A professora me abraça de forma delicada.

— Tenho certeza que você tirará essa situação de letra, Aline. – Ela sorri, e eu me despeço.

Entre pensamentos, vou até a cantina e peço um suco de laranja. Encontro uma mesa mais ao canto e bebo devagar para avaliar minhas opções. As outras bailarinas estão sentadas em um grupinho no centro do pátio e posso sentir sua atenção em cima de mim.

Já chega!

Avanço por entre as mesas até o pequeno grupo infame e a conversa cessa abruptamente. A ruiva, ao lado de um garoto, me olha com desdém. É com esse olhar que tenho certeza: aqui é o lugar certo para mim, e não vou ceder ao caminho mais fácil por causa de garotinhas mais delicadas que porcelana! Não vou ceder às dificuldades.

— Sabe – começo com um pequeno sorriso matreiro nos lábios –, se a sua perna de apoio fosse forte o suficiente, talvez você não tivesse caído. –

Observo sua boca escancarar em indignação, mas acrescento antes que ela possa rebater: — Acho que precisa trabalhar mais sua musculatura, seu parceiro não poderá fazer todo o trabalho. — E dou uma piscadinha para o garoto enquanto jogo meu copo de plástico no lixo.

No início da tarde, quando minha mãe aparece para me buscar, vejo sua expressão ansiosa por respostas.

— Como foi seu dia?

— Foi perfeito. — É tudo o que eu tenho a dizer.



Capítulo 5

Duas semanas depois, estamos sentados à mesa da cozinha para o café da manhã: eu, minha mãe e meu pai.

— Mãe, já está na hora de eu sair sozinha! – exclamo ansiosa e mordo os lábios, aguardando uma resposta.

— Não sei, filha... Eu estou feliz com o seu progresso, mas é muito perigoso. – Vejo o conflito em seu rosto. Por um lado, percebo a satisfação da minha mãe. Por outro, noto quão apavorada se sente por me permitir ficar livre, leve e solta por aí, entalada em uma cadeira de rodas longe dos seus cuidados.

— Eu já tenho força suficiente para aguentar longos trajetos – apresento meu melhor argumento.

— Isabel, deixa a Aline se divertir um pouco – apoia meu pai levando a xícara à boca. – Eu a levo até lá e faço o meu trabalho no café logo

na esquina. – Por trabalhar com tecnologia, meu pai facilmente pode executar suas atividades em qualquer lugar.

Percebo que minha mãe está quase convencida.

— Se você acha que não há problema, Diego... – Ela hesita e logo pigarreia antes de decretar: – Então, tudo bem.

Tento conter a minha felicidade e não parecer tão afoita, mas não consigo. Estou animada para ter um dia diferente. Na verdade, ao menos viver algo parecido com o que fazia antes do acidente. Quero seguir os conselhos de Jorge e me esforçar para ter uma vida normal. Eu *preciso* disso.

Minha mãe começa a lavar a louça enquanto deslizo pela sala de estar até a porta da frente. Meu pai pega as chaves no aparador. Desço pela rampa que ele construiu com urgência e abro a porta do carro. Deixo-o me colocar no banco da frente e, em quinze minutos, chegamos ao meu segundo lugar preferido: a livraria do seu Francisco.

Desde os seis anos de idade, ir a essa livraria tornou-se meu passeio predileto. Amo transitar por entre as estantes empoeiradas e imaginar quais mistérios se encontram por detrás de cada capa. Nunca consigo escolher um só livro, e meu pai não me nega quantos eu queira, assim como minha mãe sempre me permitiu escolher qualquer sapatilha que desejasse.

Quero entrar depressa, mas, antes que eu me estique e gire a

maçaneta da porta, seu Francisco aparece, cumprimenta meu pai e me deixa passar. O ambiente é mal iluminado e o leve cheiro de mofo das publicações mais antigas me faz querer espirrar. Sei que não faz tanto tempo assim, mas parece uma eternidade desde que pisei neste velho piso pela última vez. Encho os pulmões sem ligar para a minha rinite. Senti saudades desse aroma, apesar de ser uma coisa boba. Já não escuto a conversa deles e percebo poder usufruir de certa autonomia no ambiente.

Escuto o assoalho ranger enquanto as rodas o pressionam e só paro quando chego à sessão de romances. Sempre gostei desse espaço, o mais recluso da loja. E hoje esse gostinho de liberdade me faz sentir ainda melhor.

Retiro “Quero ser Beth Levitt”, de Samanta Holtz, da prateleira e esqueço o tempo até alcançar a página cinquenta e dois. Interrompo a leitura depois de alguns minutos para descansar e me espreguiçar um pouco, mas congelo. Meus olhos arregalam ao observar quem está a poucos passos de mim.

Rafael.

Estou escondida por causa das prateleiras e torço para que ele não me veja. Sinto um aperto no estômago, minhas mãos começam a suar. Mesmo depois de tudo o que aconteceu, fico ansiosa. Estou tão nervosa que, de repente, perco a capacidade de raciocinar direito e meu primeiro impulso é

ir para o mais longe dele. Apressada, tento colocar o livro no lugar, mas derrubo alguns em meio ao processo e atraio a atenção dele. *Idiota!*

Não consigo acreditar que, depois de todo esse tempo, Rafael ainda exerce algum tipo de poder sobre mim e me deixa tão abobalhada. Sinto-me uma pré-adolescente de doze anos perto de seu “namoradinho”.

Rafael levanta a cabeça. Nós encaramos um ao outro por alguns segundos e noto a surpresa em seu olhar. Ele sorri, tímido, aquele sorriso meio de lado, e começa a caminhar em minha direção a passos lentos. Mordo o lábio ao me derreter com esse simples gesto, mas continuo firme na minha decisão de ir embora.

Enquanto planejo uma rota de fuga, tento imaginar o porquê de ele estar aqui! Rafael sempre soube que esse é meu lugar preferido e, uma hora ou outra, provavelmente me encontraria. Será que ele me esperava? A ideia de que esse encontro foi proposital me aquece por dentro e tenho vontade de me esganar por ainda alimentar alguma esperança de que Rafael pensa tanto em mim quanto penso nele.

Antes que eu consiga me conter, pego-me observando suas mechas castanhas caindo sobre as pálpebras e a maneira como guarda as mãos nos bolsos, descolado. Como sou ridícula! Desfaço-me dos pensamentos sobre seu cabelo e, quando me dou conta, já estamos frente a frente.

— Oi, Line – diz ele.

Por um milésimo de segundo, pondero se permaneço ou não ali. Este é o momento que tanto esperei durante esses quase três meses de silêncio. Recordo-me da sua atitude fria em ir embora sem nem ao menos se despedir, deixando-me desamparada quando mais precisei dele. Como pode ter sido tão fácil para Rafael se ausentar todo esse tempo e aparecer de repente, como se nada tivesse acontecido? Pergunto-me o que deve passar pela sua cabeça agora que me viu nesse estado... Estaria arrependido de suas ações? A aflição toma conta de mim por eu não saber onde ele esteve e com quem. Sinto ciúmes. Gostaria de ter a habilidade de ler mentes.

Rafael dá um passo para trás. Sinto meus olhos arderem e percebo que é o momento de me retirar. Não quero conversar com ele, não agora. Na verdade, não tenho certeza se algum dia conseguirei retomar de onde paramos.

Justo agora que eu estava começando a me curar não apenas física, mas intimamente, Rafael aparece. No fundo, sinto medo do que pode acontecer se conversarmos, se ele me explicar seus motivos, se eu ceder...

A verdade é que eu apenas *achava* estar começando a me sentir curada em relação a ele, a toda mágoa que ainda sinto, mas não há perdão. Não há nenhuma justificativa plausível para ele me abandonar em um

momento tão frágil. Meu melhor amigo, aquele que até mesmo se tornou meu amor.

Balanço a cabeça para afastar esses pensamentos e dou meia-volta com a minha cadeira, saio da livraria sem mal me despedir de seu Francisco. Apenas pago pelo livro que tanto ansiava ler e deslizo para fora o mais depressa possível. Rafael não vem atrás de mim, e não sei explicar se isso me deixa satisfeita ou mais irritada. Movo-me pelas ruas estreitas, mas não muito longe, apenas o suficiente para que o ar fresco faça com que eu me sinta mais renovada. Meu pai está sentado no café, assim como informou.

Ele sorri para mim e abre espaço entre as cadeiras para eu ficar ao seu lado.

— Oi, filha. – Beija meu rosto com o semblante desconfiado. – Aconteceu alguma coisa? Você parece um pouco nervosa.

Esforço-me para não demonstrar meu desconcerto, mas minhas mãos estão trêmulas ao pegar o cardápio para escolher um café.

— Não, pai, não aconteceu nada – respondo convicta. Em meu coração, no entanto, não tenho tanta certeza assim.



Capítulo 6

Na manhã seguinte, ainda me sinto incomodada com o encontro inesperado na livraria. Relembro minha noite praticamente insone, com sonhos estranhos e lembranças de Rafael. Meu coração está triste e confuso, tudo o que quero é ficar sozinha. Para meu alívio, meu pai não comentou com minha mãe sobre o meu estado de humor esquisito. Não quero lidar com as perguntas dela agora, quando já tenho tantas outras em mente. O dia acontece de maneira automática ;, quando dou por mim, já são quatro horas da tarde e começo a me aprontar para a fisioterapia.

Minutos depois, encontro-me na clínica e espero por Jorge. Chego adiantada, pois não gosto de atrasos. Observo os ponteiros do relógio se movimentarem preguiçosos e enrolo meus cabelos com a ponta dos dedos para esperar o tempo passar. Enfim meu fisioterapeuta aparece.

— Boa tarde, Aline – ele me cumprimenta. – Como você se sente

hoje? Espero que mais disposta do que na última sessão .

— Pronta para começar, Jorge – respondo séria. – Sem distrações hoje.

Ele ergue uma sobrancelha e dá um sorriso duvidoso. Bufo incomodada.

— Eu quero voltar a dançar – afirmo pela primeira vez. – Eu estou preparada. Chega de só focarmos nos meus braços quando o problema, na verdade, são as minhas pernas.

— Aline, é muito importante trabalharmos o seu sistema cardiovascular. Sei que as atividades aeróbicas deixam você entediada, mas precisamos fortalecer principalmente os seus membros superiores nesta fase. – Jorge sorri, motivador. – Assim, com o tempo, iremos recuperar o seu controle postural e aliviar a compressão.

— Dane-se a compressão, Jorge! Eu quero voltar a dançar! O que eu preciso fazer?

Ele se espanta com a minha repentina urgência, mas não diz nada. Sei que ando ansiosa e que o processo é lento e gradual, mas ter visto Rafael só me fez relembrar ainda mais da bailarina que eu era. Da vida que eu tinha. Do que eu queria alcançar.

E a dor de ter perdido tudo isso é algo difícil de tolerar.

Jorge se aproxima, me pega no colo e me deposita na maca com delicadeza. Não consigo parar de repassar o encontro em minha cabeça e o que eu poderia ter feito de diferente. Será que se tivéssemos conversado faria alguma diferença? O conflito em meu coração é enorme, mas continuo a lembrar que Rafael já me abandonou uma vez e pode facilmente fazer isso de novo. Não é um bom momento para arriscar me magoar outra vez, quando ainda nem me recuperei ainda. Entretanto, sinto falta do meu amigo, sinto falta de ter alguém com quem conversar. Sinto...

— Aline, está me ouvindo? – pergunta Jorge ao tocar meu ombro.

— Desculpe. O que disse? – sussurro envergonhada.

Ele suspira, desapontado. Sei que prometi não ter nenhuma distração hoje, mas parece inevitável. Na maioria das sessões é a mesma coisa, minha consciência começa a flutuar e, em instantes, me vejo de volta ao passado sem focar em minhas tarefas. Preciso confessar que preferia estar em qualquer lugar, menos aqui. Alguns dias são bons, mas outros são desastrosos.

— Eu disse que hoje iniciaremos os exercícios de resistência manual e, depois, trabalharemos com movimentos passivos na região das pernas – explica com o semblante circunspecto. – Vamos proceder com alguns movimentos e fazer com que seu corpo responda aos estímulos, tudo bem?

Assim conseguiremos reativar o grupo de músculos dessa região. Preparada?

– Ele sorri mais uma vez para me empolgar.

Rolo os olhos. A mesma ladainha de sempre. Mas, pelo menos, hoje trabalharemos os membros inferiores. Recordo das pegadas e dos giros que Rafael conduzia com tanta firmeza. Éramos o par perfeito.

Balanço a cabeça na tentativa de afastar essas lembranças e me concentro na sessão. Enfim passamos para a segunda parte, comigo esparramada sobre a maca com as pernas presas à máquina de estímulos elétricos. Enquanto Jorge realiza movimentos com elas, sou tomada por uma súbita frustração por precisar que alguém mexa minhas pernas por mim. Sem contar que é muito doloroso. Contudo tento não me concentrar nestes pensamentos, proponho a mim mesma a continuar a sessão e me esforçar o máximo que consigo.

Mordo os lábios para resistir ao impulso de gritar. É como se pequenas agulhas se infiltrassem em minha lombar cada vez que Jorge força minhas pernas contra o abdômen. Minha pele ferve.

Quero andar.

Quero andar.

Preciso andar.

Mas...

— Não consigo – digo em meio a gemidos. – Jorge, não consigo!

— Só mais um pouquinho, Aline – responde ele ao realizar o movimento mais uma vez.

Acredito que essa é a pior dor que eu já senti até hoje. Ou estou sendo exagerada e dramática? Não consigo raciocinar direito.

Meus olhos enchem d'água, mas não quero parecer uma garotinha mimada. Infelizmente meus pensamentos voam longe antes que eu possa contê-los e relembro do acidente. E da dor que senti em minha lombar naquela noite. Entretanto, por mais clichê que possa ser, a dor física não se compara à dor que Rafael me causou, à mágoa que ele me deixou. As marcas ainda estão profundas em mim e não tenho certeza se, um dia, irão cicatrizar.

Minhas divagações me impedem de focar cem por cento na fisioterapia e, quando percebo, estou na posição que Jorge me indicou.

— Aline, eu sei que é doloroso, mas gostei da sua dedicação – acrescenta ele em determinado momento. – Muitas vezes é doloroso, então espero que você possa se concentrar um pouco mais e evitar se distrair ou desistir a cada dificuldade, tudo bem?

Aceno com a cabeça em concordância. Ainda não sei o que dizer. Minha mente está em tudo que Rafael e eu vivemos juntos.

— Você quer ou não quer voltar a andar? – repete Jorge encarando-

me no fundo dos olhos.

Preciso focar no meu futuro. Percebo que ele só depende de mim e da minha força de vontade.

— Mais do que isso, eu quero voltar a dançar – respondo enquanto me posiciono para voltar ao exercício.

*

— Que bom ver você de bom humor, filha – diz mamãe também sorrindo. – A sessão foi como esperado?

— Tivemos bastante progresso – respondo animada. – Posso estar enganada, mas acho que minhas pernas estão mais fortes.

Minha mãe acaricia meus cabelos e beija meu rosto. Quando ela faz menção de me ajudar a entrar no carro, aceno de leve. Encosto a cadeira ao lado do banco do passageiro e faço como aprendi hoje na fisioterapia: concentro a força em meus braços para me deslocar de lugar.

Consigo entrar sozinha no carro e minha mãe bate palmas, sem se conter. Em qualquer outro momento acharia isso o maior mico, mas hoje estou feliz.

— Será que você pode me deixar na Academia? – pergunto fixando o olhar em minhas mãos.

Não quero que a noite termine ainda, quero extravasar essa energia

que estou vivenciando.

— A essa hora, minha filha? – espanta-se ao observar o relógio. —
Já é tarde, vamos para casa!

— Por favor, mãe... – peço com uma expressão chantagista. – Eu quero me cercar com a energia do balé. Eu preciso... Não sei explicar! Faz algum sentido?

Sei que não faz.

— Tudo bem! Mas só por uma hora, ok? Esperarei você no carro. –
Mamãe sorri animada, embora tente se conter mordendo o interior da bochecha a fim de manter uma expressão neutra.

Agradeço minha mãe profundamente e a abraço apertado. Trocamos olhares sinceros, que dizem muito mais do que poderei expressar em palavras, e não escondo a minha gratidão por vê-la ceder a um aparente capricho meu. Ela me ajuda a descer do carro, me deixa no hall de entrada e cumprimenta as secretárias da noite. Deslizo confiante à procura de uma sala vazia no térreo. Encontro uma nem cinco minutos depois.

O silêncio e o aroma de lavanda – provavelmente da limpeza realizada no fim da tarde – me despertam vontade de espirrar. Toco na barra, é como se uma corrente elétrica perpassasse pelo meu corpo. Sempre que estava alegre ou triste, era nesta Academia que encontrava paz e tranquilidade

para comemorar minhas conquistas ou superar as derrotas.

Era no assoalho lustroso dessa Academia que eu treinava de maneira incansável os *fouettés* e as piruetas triplas, seguidas de arabesques alinhados de maneira perfeita. Sempre gostei de uma sala vazia para aprimorar minhas técnicas ou alguma parte difícil da coreografia. Qual bailarino não gosta?

Passo a mão pela madeira e observo suas imperfeições. Quero relembrar cada detalhe. Em um impulso, apoio minhas mãos na barra imprimindo força para me levantar e experimentar essa sensação, nem que seja por um minuto, de fazer uma sequência de novo. Ignoro o incômodo insistente em minhas costas e tento elevar meu corpo mais um pouco. Desencosto da cadeira e seguro forte, mas não consigo me firmar e resvalo.

Sinto toda a alegria de minutos antes se esvaír. Como pude ser ingênua a ponto de imaginar que conseguiria dançar só porque tive uma boa sessão de fisioterapia? Suspiro frustrada.

Olho o grande espelho da sala para arrumar meus cabelos e não provocar suspeitas de que fiz algum esforço físico desnecessário. Ao virar o rosto para a direita com a intenção de ajeitar melhor minhas mechas, vejo Rafael através do reflexo andar pelo corredor com a bolsa pendurada em um dos ombros, vestido com suas roupas de ensaio.

O quê? Como?

Em meu peito há um misto de mágoa e saudade, se tal mistura for possível. Em meus pensamentos martela a dúvida sobre deixá-lo se explicar ou não. Afinal, quando o perdão é permitido? Quando não é? E, mais do que isso, serei capaz de perdoá-lo ou de permiti-lo entrar em minha vida outra vez?

Rafael caminha concentrado pelo corredor, meu olhar acompanha seus passos do outro lado do vidro até ele desaparecer pela porta de uma das outras salas.

Fico esbaforida e de coração acelerado só de imaginar a possibilidade de uma aproximação. A presença dele me deixa intrigada. Por qual motivo ele retornou? Esse questionamento me faz considerar quais outras mudanças ocorreram nestes três meses. O que será que ele tem a me dizer? Ou melhor, ele teria algo que deseja me dizer?

Empurro-me para trás enquanto cogito segui-lo. De repente, reavalio se a decisão que tomei na livraria foi a mais prudente. Nunca fiquei tanto tempo sem falar com Rafael... Nunca brigamos assim. Nem sei se posso chamar esta situação de briga, pois sequer discutimos.

Um vazio se forma dentro do meu peito e tenho vontade de preenchê-lo. Penso e repenso até fritar meus neurônios. Mas não volto atrás: sem distrações. No fundo, acho que tenho medo do que ele poderia me dizer.

Medo de ele confessar que não me ama mais e que tudo não passou de uma paixãoite de verão com um péssimo final sem nem mesmo ter começado. Afinal, quando, enfim, Rafael se declarou para mim, disse que me amava e que passaríamos de amigos para algo mais, aquela noite acabou com qualquer possibilidade.

Volto para a barra e tento me firmar mais uma vez.

*

Quando enfim me dou por satisfeita em minhas tentativas de levantar da cadeira, já passa da hora combinada com mamãe. Preciso ir embora. Alcanço o interruptor, desligo as luzes e me despeço da sala com um sorriso no rosto. Talvez eu esteja no início da reconciliação com o balé, afinal.

Com essa sensação de esperança dentro de mim, sigo pelo corredor até o hall de entrada. Confesso que não presto muita atenção no caminho. Por me encontrar desatenta, nem percebo a silhueta que se forma à minha frente. Esbarro no pé de Rafael, que também atravessava o longo corredor. — Desculpe — sussurro, meio constrangida. Meu peito dispara e minhas mãos estão frias como se eu tivesse entrado em contato direto com a pele dele.

Está um pouco escuro, porque a maioria das salas tem as luzes apagadas, e Rafael demora um segundo para me reconhecer. Quando se dá conta de que sou eu, sua face se ilumina. Ou é apenas impressão? Não sei dizer ao certo devido à penumbra, mas prefiro não me estender muito neste pensamento.

— Oi, Line. — Sua expressão é serena como se cumprimentasse a uma amiga. E não éramos amigos, afinal? — Não sabia que você também estava ensaiando a essa hora.

Tenho vontade de rir. De que maneira posso ensaiar se estou presa a uma cadeira de rodas? Engulo o nó que se forma em minha garganta. Rafael saberia das minhas dificuldades se tivesse se mantido presente, se prestasse atenção em mim ao invés de protagonizar esse teatro onde ainda somos os mesmos de antes, os parceiros de balé, os amigos inseparáveis. Não compreendendo suas atitudes nem quero tentar.

— Pois é. — Olho para as minhas mãos e me xingo mentalmente por não ter nada melhor a falar. Como ele pode agir de um jeito tão normal depois de sumir por tanto tempo? — Bom, tenho que ir — digo enquanto me preparo para ultrapassá-lo. Quero sair daqui o mais rápido possível. — Me desculpa por ter machucado o seu pé.

— Line, espera! — Ele toca no meu ombro. Ignoro a sensação de

calor que invade o meu corpo com esse simples gesto. Não acredito no quanto sou boba por ainda sentir alguma coisa por alguém que me abandonou! – Eu queria falar com você...

Ele enfia as mãos nos bolsos da calça de moletom, o que me faz relembrar da noite do acidente, da maneira tímida e adorável de Rafael, de seu olhar sereno ao dizer que também me amava. Essa sessão de recordações dolorosas faz meus olhos encherem de lágrimas e não consigo me controlar.

Começo a chorar de maneira convulsiva. Todo o sofrimento que senti ao acordar e descobrir que Rafael foi embora resolveu brotar neste momento. Meu coração estilhaçado decidiu colocar para fora todos os cacos. Hora perfeita!

Rafael tenta segurar minha cadeira, mas desvio.

— Eu não quero ouvir o que você tem para me falar – respondo em meio às fungadas. – Me deixa em paz!

Penso no quanto éramos inseparáveis, e dói descobrir que agora nos resumimos a dois estranhos desconfortáveis na presença um o outro. Ao menos, é assim que eu me sinto. Não sei agir na frente dele. Ele, por outro lado, é o mesmo. Atua como se nada tivesse acontecido, muito menos nossa noite de declarações de amor.

Meus sonhos foram despedaçados por aquele acidente. Mais do que

isso, Rafael fez questão de acabar com qualquer outro sonho que eu pudesse ter, principalmente em relação a nós dois, quando escolheu partir e me deixar para trás numa situação tão frágil. Nesses três meses passamos de quase namorados para meros estranhos. Eu queria tê-lo como o coreógrafo de todos os meus sucessos, mas agora Rafael apenas protagoniza todos os meus fracassos, todas as minhas tristezas. Eu percebo ser a única que realmente acreditava que nossas vidas seguiriam juntas. Dói demais ver que Rafael tem seus próprios planos e, pelo jeito, nunca estive envolvida em nenhum deles.

— Line, por favor, me escuta... — pede ao se ajoelhar para ficar no mesmo nível que eu e segurar minhas mãos.

Arrasto a cadeira para trás, em alerta. É muito audacioso da parte dele achar que pode me tocar! Puxo minhas mãos de volta com grosseria e o encaro da maneira mais irritada e séria que consigo, ignorando meus olhos que ainda transbordam de tanto chorar.

— Tudo bem, eu entendo que você não quer conversar agora... — ele preenche o meu silêncio. — Você tem seus motivos, Line — sorri entristecido —, mas quero que saiba que vou esperar o tempo que for, porque você é especial para mim.

Minha boca abre e fecha devagar algumas vezes em busca de uma resposta, que não encontro. Não acredito que Rafael pôde jogar tão sujo e

brincar dessa maneira com os meus sentimentos! Faço um giro com a minha cadeira e retomo meu caminho rumo ao hall de entrada, inconformada.

*

Assim que entro no carro, evito encontrar o espelho. Sei que ainda estou com o nariz vermelho por causa da expressão intrigada da minha mãe ao me ver. Meus ombros estão caídos e meus lábios cismam em tremer, mas me recuso a chorar outra vez. Busco me recompor e a cumprimento com uma tentativa de sorriso.

Quero apenas esquecer as palavras ditas por Rafael e ignorar o fato de que o tenho de volta em minha vida, por bem ou por mal. Afinal, nos veremos todos os dias na Academia e precisarei aprender a lidar com isso.

— Olha o que eu comprei, filha! – diz minha mãe, não se deixando levar pela minha tristeza. – Trouxinha de nozes, o seu doce preferido! – E me estende o pacotinho, animada.

Meu olhar explora cada centímetro do doce que tenho nas mãos. De canto, percebo-a acompanhar meus movimentos, talvez para tentar adivinhar o que se passa na minha cabeça. Não sinto a mínima fome, mas mordo um pedaço para não fazer desfeita.

— Obrigada, mãe – sussurro contida, apertando seu ombro com intimidade.

Percorremos o caminho em absoluto silêncio e fico aliviada por mamãe respeitar o meu espaço. Em casa, vou direto ao meu quarto e me posiciono em frente à janela, pensativa. Imagino o que poderia ter acontecido caso eu tivesse continuado a conversa.

Será que Rafael desistiria desse jogo sujo de se mostrar arrependido? Ou será que ele continuaria essa piada sem graça?

Ouçõ batidas na porta. Eu viro a minha cadeira e, em seguida, meu pai aparece. Seu olhar é receoso e suas mãos parecem perdidas quando ele as passa pelos cabelos até, por fim, enfiá-las nos bolsos. Depois do acidente, meu pai não entra muito no meu quarto. Acho que se sente deslocado, sem saber o que me dizer. Não o culpo, ele sempre foi de poucas palavras. Finalmente o vejo se sentar na cama e pigarrear, nervoso.

— Aline, sua mãe disse que você voltou um pouco abalada da Academia... – começa a conversa, meio incerto. – O que aconteceu?

Não quero mentir para o meu pai, mas também não quero que ele conte de Rafael para mamãe. Decido omitir algumas partes da história.

— Um dos alunos me pegou “dançando” – faço o sinal de aspas com os dedos – em uma das salas... Eu só queria me sentir uma bailarina outra

vez, sabe? Eu me senti envergonhada.

— Você não tem nenhum motivo para sentir vergonha, filha. Sua recuperação é um processo demorado, mas ela vai acontecer. Eu tenho certeza.

— É essa demora que me incomoda tanto! – exclamo cansada. Sei que papai está certo, mas a cada dia me sinto mais impaciente para voltar à minha antiga rotina. .

Ele parece refletir por um tempo, pesando suas palavras talvez.

— Aline, existem outras coisas mais importantes do que o balé – papai responde com o cenho franzido, seu tom mais grave que o normal. – Você sabe disso, não sabe?

Meu pai não entende essa minha obsessão pela dança e sempre me incentivou a fazer outras atividades. O problema é que nunca consegui ter olhos para qualquer outra coisa. Se eu tentasse explicar, ele certamente não aceitaria. Para ele, um contador de quase cinquenta anos, viciado em jogar dominó com os amigos e assistir a filmes de ação, balé era apenas um *hobby*.

— Pai, é o meu sonho – respondo incomodada por tocar nesse assunto. – Dançar é tudo para mim...

— É isso que eu estou dizendo, minha filha! Como sua vida pode girar em torno de uma única coisa? – Ele sorri, mas o movimento de seus

lábios não alcança os olhos, expressando sua incredulidade.

— Mamãe entende — acuso e baixo o olhar em seguida. — Ela sabe o quanto é preciso se esforçar quando se quer uma coisa, de verdade, e as escolhas que precisamos fazer.

— Sua mãe não é tão boa assim para fazer escolhas! — retruca irritado.

Meu pai é sempre tão calmo que estranho o seu comportamento. Ergo as sobrancelhas em sinal de confusão. Será que ele está magoado porque minha mãe se dedica tanto a mim? Sei que não deve ser fácil me levar para cima e para baixo o tempo todo. E quando paro para pensar sobre isso, a vida da minha mãe sempre girou em torno de mim e, mais precisamente, da Aline bailarina. Não quero atrapalhar a vida deles, não quero ser um peso.

As palavras duras do meu pai reverberam na minha cabeça. É possível desistir da dança, do meu maior sonho? Por mais que eu quisesse, não consigo desistir agora.

Ele se desencosta da parede e suspira.

— Esqueça o que eu disse. — Sua voz está cansada, seu olhar também demonstra esse estado de espírito. — Sei o quanto gosta de dançar e os sacrifícios que precisou fazer. Tenho muito orgulho de você, está bem?

Ele sai, fechando a porta do quarto. Coloco minhas mãos no rosto e

sinto vontade de chorar de novo.



Capítulo 7

Uma semana depois, ao entrar na Academia, ainda penso em meu encontro com Rafael no corredor. Humilhação, mágoa e saudade se misturam dentro de mim, não sei qual emoção quer vir para fora primeiro. Se ao menos eu pudesse saber o que aconteceu com Rafael nesses meses...

Por que não exigi a ele explicações, que me contasse seus motivos para me abandonar ou, sei lá, qualquer coisa que nos fizesse voltar a sermos amigos de novo? Confesso que, no momento, ser amiga dele é do que mais sinto falta. Precisava de alguém confiável para conversar que não fosse minha mãe ou meu pai.

Ainda é cedo, mas o movimento de alunos já é grande. Pego as partituras que imprimi na noite anterior para entregar ao professor Maurício, então tranco minha sala e deslizo pelo corredor. Abro a porta do cômodo com cuidado, pois alguns alunos chegam mais cedo para ensaiar e não quero

atrapalhá-los.

Quando vejo Priscila, fico estagnada. Ela está no centro da sala e os outros bailarinos a observam executar um *développé écarté*, depois mudar para um *effacé, pliè, tendu* e o primeiro arabesco. Invejo a perna estendida de maneira clara, com caídas suaves. Sua execução é impecável, muito melhor do que eu me recordava.

Ao terminar a sequência, Priscila percebe minha presença e suas feições até então iluminadas se fecham em um semblante irritado. Entendo o seu sentimento, a última pessoa que eu gostaria de encontrar neste momento era ela e vice-versa.

— O que você está fazendo aqui? – pergunta com os braços cruzados. – Quer me sabotar? Já que não pode mais dançar, não suporta ninguém melhor do que você?

— Na verdade, achei seu movimento muito limpo, perfeito, não da forma desengonçada que algumas bailarinas fazem... – tento amenizar a situação. Mordo os lábios e me controlo o máximo possível para não bater de frente. Não quero discutir com Priscila. Por que ela está sempre pronta para comprar uma briga?

Não suporto ser o alvo dela e das suas amiguinhas. Será que elas não têm nem um pinga de sensibilidade para perceber que eu já estou fragilizada

demais? É claro que não darei o gostinho de deixá-las perceber o quanto me abalam, se eu puder evitar, mas a verdade é que essa postura inabalável a cada dia me desgasta mais.

Priscila ri com desdém e suas seguidoras a acompanham.

— E o que você sabe sobre perfeição? Meses longe da dança significam anos no balé. Você já está ultrapassada! Tire seus olhos invejosos de cima de mim!

Eu me contenho e fecho a boca.

— Não tem nada a dizer, não é mesmo? – ela me provoca enquanto se aproxima. — Eu nunca te achei uma boa bailarina, mas agora é apenas uma garota patética zanzando pelos corredores para que todos sintam pena de você. – Ela se curva para ficar na minha altura. – Por que não vai embora?

Eu entendo a necessidade que Priscila tem de me ferir. Sei o quanto ela gostava de Rafael e o ciúme que sentia de mim, contudo, nunca procurei esclarecer essa situação. Sempre tão focada na dança, nos ensaios, em me tornar a melhor... Não tinha tempo para aprofundar minhas relações ou me preocupar com sentimentos alheios. Rafael foi a única pessoa que permiti entrar no mundo que criei para mim mesma, e agora me arrependo. De que adiantou abrir as portas, se ele mesmo as fechou na minha cara? E agora Priscila poderia ter Rafael todo para si, afinal, quem quereria saber da doente,

não é mesmo? Rafael já deixou claro sua rejeição por mim quando me abandonou.

Por mais que eu não queira admitir, talvez o pessoal do grupo de apoio esteja certo e eu precise de alguém para conversar, do tal ombro amigo para superar e melhor me ajustar à minha realidade. Tenho tantas emoções conflitantes dentro de mim que preciso colocar para fora de algum jeito, preciso de alguém disposto a me ouvir. Pergunto-me se, caso eu quisesse, conseguiria reverter essa nossa inimizade. Tenho vontade de rir do meu próprio desespero: tornar-me amiga de Priscila, justamente a minha arqui-inimiga? Durante alguns segundos, peso os prós e contras de me desculpar com ela.

Não sou capaz de dizer se vale a pena ou não tentar salvar uma relação que nunca sequer começou, mas o que tenho a perder? Exceto por minha família, não existe mais ninguém. Ela está certa, sou patética.

— Priscila, eu nunca quis magoar você. — Posiciono as partituras em meu colo e aperto minhas mãos uma contra a outra, nervosa. — Sinto muito se você e Rafael terminaram, mas não foi minha culpa. Já se passou tanto tempo desde essa história! — Sorrio de lábios fechados, sem graça. — Eu gostaria que fôssemos amigas.

— Amigas? — ela repete minha pergunta, erguendo as sobrancelhas

em espanto.

— Cansei dessa briga tola, Priscila. – Dou de ombros em sinal de rendição.

— Se você acha que nossa briga é tola, só pode estar maluca mesmo! – exclama com os olhos saltados, quase bufando de raiva.

— Maluca é você por não aceitar o fato de Rafael ter terminado seu namoro há tanto tempo! – argumento.

Nem sei como estão as coisas entre os dois agora que Rafael voltou para a cidade, mas, eles reatando ou não, percebo que a dor do término ainda é forte dentro dela. Priscila parece precisar colocar a culpa em mim.

Ela arregala os olhos. Aposto que não esperava por essa. Nem eu, na verdade. Endireitando o corpo, me avalio da cabeça aos pés. Fico incomodada e o tempo parece suspenso no ar. O que ela está pensando?

Não demoro muito a descobrir, pois Priscila se pronuncia em seguida:

— Você merece tudo o que está acontecendo. – Ela passa por mim enquanto todos os outros bailarinos me observam. – E não fale de Rafael como se ele estivesse aqui!

O som da porta batendo encerra a discussão.

*

Demoro alguns minutos para me recuperar da crueldade de Priscila. Agora tenho certeza de que nunca conseguiremos criar uma boa relação. Ignoro uma dupla de bailarinas curiosas que insistem em me observar enquanto todos já voltaram aos seus afazeres e dou meia-volta com a minha cadeira.

Deslizo pelo corredor. Tudo o que desejo é retornar para a minha sala e trabalhar a manhã inteira, isolada do mundo.

Na verdade, esta não é exatamente a minha vontade. É apenas o que me restou já que, pelo visto, todos nessa Academia tomaram o partido de Priscila. Suspiro irritada. Será que sou tão insuportável assim para ninguém sequer conversar comigo?

— Aline, que bom encontrar você aqui! – exclama a professora Marina enquanto caminha ao meu encontro. – Acabei de fixar no mural da secretaria os bailarinos que foram selecionados para a viagem a Florianópolis. Como alguns são menores de idade, gostaria que você produzisse um formulário de consentimento dos pais e me entregasse até o final da manhã, tudo bem?

Meu coração se aperta um pouco. Eu costumava ansiar por essas

viagens. Desvio minha mente das lembranças e finjo um sorriso, indicando que a situação não me incomoda.

— Cuidarei disso agora mesmo, professora!

Observo enquanto ela continua seu caminho em direção ao segundo andar e evito pensar que, desta vez, meu nome não estará naquela lista.

Devido ao meu descuido por ir depressa, a cadeira emperra em uma tábua meio solta e resvalo para o lado. Fecho os olhos prevendo a queda que não chega, pois consigo me equilibrar no último minuto.

Por fim, depois de tanto estresse em tão pouco tempo, sou capaz de chegar ao meu destino. Antes de entrar em minha sala, percebo um pequeno grupo de bailarinos e bailarinas que conversa alto em um banco.

— Estou tão animada com essa viagem! — exclama uma delas ajustando o coque no alto da cabeça.

— Vai ser demais nos apresentar na frente de tanta gente! — complementa um ruivo que se alonga.

Não consigo distinguir outras vozes, pois todas estão eufóricas falando ao mesmo tempo com grande felicidade. Gostaria de ficar igualmente feliz por eles, afinal, é uma oportunidade maravilhosa. Entretanto falho miseravelmente em meu sorriso, quero sair daqui o mais rápido possível.

Quando estou segura dentro da sala, digito o número do celular de

mamãe, mas ela não atende. Com medo de fazê-la surtar por achar que algo aconteceu comigo, mando uma mensagem dizendo que está tudo sob controle e que só queria jogar conversa fora.

Ligo o computador e tento me concentrar na tarefa que a professora me passou, mas não consigo: estou esgotada. Massageio minhas têmporas para me acalmar.

Para completar meu dia, Rafael entra em minha sala e fecha a porta atrás de si.

— Line, você está bem? – pergunta. Sua testa enrugada e ele olha por entre a persiana como se procurasse o responsável pelo meu mal-estar.

Inspiro fundo e solto o ar devagar. Por que Rafael decidiu vir conversar comigo exatamente no momento em que estou à beira de um ataque de nervos? Queria acompanhar minha cena dramática? Que falta de sorte!

— O que te importa? – Fuzilo-o com o olhar.

— Line, para de tentar me afastar – responde e senta-se na cadeira de frente para mim. – Você não vai conseguir. Me deixa te ajudar?

— Você não pode me ajudar – digo e viro minha cadeira de rodas dando-lhe as costas. Encaro a parede e me sinto idiota. Não tenho ideia do que fazer, mas ao mesmo tempo não quero me afastar. Estou exausta com

tantas emoções conflitantes.

— Por que não? Pensei que fôssemos amigos.

— Amigos? – Ergo as sobrancelhas, incrédula. – Também achava isso, mas descobri que você é igual a todos os outros! Não foi meu amigo quando eu mais precisei e não adianta tentar começar a ser agora. Não acredito em nenhuma palavra que sai da sua boca!

— Essa sua vontade de voltar a dançar está deixando você cega, sabia? – Cruza os braços no peito. Irritação não é um comportamento comum de Rafael, mas é o que vejo. Meu peito se comprime por ele me conhecer tão intimamente. E isso dói *tanto*. – Você não se preocupa com mais nada além de si mesma. Quando foi que se tornou tão egoísta?

— Do que você está falando? – pergunto confusa. – Ninguém aqui dá a mínima para mim. Como você pode ser tão...?

— Talvez, se você dirigisse toda essa energia para prestar mais atenção à sua volta, teria melhores resultados. Não acha?

Eu me calo e, ao mesmo tempo, gostaria de poder desabafar todas as sensações presas dentro de mim. Não aguento mais não ter com quem dividir os acontecimentos do meu dia, não ter ninguém para compartilhar minhas desgraças e testemunhar minhas conquistas que, nos últimos tempos, não são muitas.

Se eu pudesse escolher, optaria por voltar no tempo em que confidenciava meus segredos ao Rafael. Em minha cabeça, planejo tantas conversas entre nós, até mesmo brigas, só para poder interagir com ele de novo. Isso faz de mim uma idiota?

Focar nesse ponto é o bastante. Vejo-o à espera de uma resposta e, por alguns segundos, fico em dúvida se conto ou não todos os meus conflitos internos. Será que ele me ajudaria como antes ou simplesmente viraria as costas para mim, como fez depois do acidente?

Percebo, então, que não estou preparada. Não quero tentar descobrir isso agora. Contorno a mesa e abro a porta para que ele saia. Sua postura derrotada sugere que ele desistiu da conversa, assim como eu. Espero até vê-lo se afastar pelo corredor para fechar a porta outra vez. E me aprisiono, ainda mais confusa do que antes de ouvir suas incômodas palavras.



Capítulo 8

São oito horas da noite quando a doutora Fátima nos libera da sessão do grupo de apoio. Mais uma vez ela tenta fazer com que eu interaja, mas não consigo. Detesto os sorrisos benevolentes que ela nos oferece quando contamos nossos “problemas”. O que eu quero agora é ir para casa e assistir a alguma coisa estúpida na televisão para limpar minha mente.

Apanho o celular e ligo para minha mãe. Ela diz que se atrasará um pouco e lanço um olhar irritado para o aparelho. É por isso que não suporto depender dos outros. Estou cansada de contar com mamãe para tudo e sinto vontade de gritar, de tão enclausurada que fico nesta cadeira.

Resmungo comigo mesma, prestes a dar meia-volta para entrar na clínica, quando avisto uma lixeira. Olho para os lados e não encontro ninguém. E então, faço a coisa mais idiota e imprevisível dos últimos tempos: empurro a cadeira com o máximo de velocidade que consigo até bater na

lixeira com força. Observo a lata sair rolando e reconheço a adrenalina em minhas veias.

— Você devia descontar suas frustrações na terapia, e não na pobre lata de lixo – diz Gabriela, a clone de *Viktoria Modesta* que também participa do grupo, descendo pela rampa. Hoje ela traça um vestido azul-turquesa com uma gola de pérolas. A perna mecânica contém diversos adesivos de *strass* que formam caveiras, de novo, mas agora são azuis.

Franzo o cenho, incomodada por ter sido flagrada, contudo, algo na expressão dela me faz querer ficar. Ela exhibe um olhar divertido e as mãos na cintura ao me observar.

— Tudo bem – ela volta a falar –, eu não vou contar para ninguém, se é isso que pensa. É libertador, não é?

Aceno em concordância com a cabeça. Ela se aproxima e se apoia no muro logo atrás de mim. Sei que não deveria, mas não consigo parar de encarar sua perna brilhante. Como ela pode ser tão segura de si? Algo nela é magnético e sinto uma admiração instantânea.

— Gostou dos meus adesivos? – pergunta ao olhar na mesma direção que eu. – Gosto de customizar minha perna. – Solta uma gargalhada e me encara. – Você precisa rir mais, Aline.

— Aparentemente, há muitas coisas que eu deveria fazer, mas não

faço – falo pela primeira vez. – Foi assim para você também?

Não sei dizer de onde tiro a coragem para perguntar, mas preciso saber. Ou melhor, preciso conversar com alguém diferente ou irei surtar.

Ela me analisa por alguns segundos e espreme os lábios.

— Demorei muito para chegar até aqui, sabe? Quebrei todos os meus troféus em uma madrugada enquanto meus pais me observavam incrédulos. Nenhum deles deu um pio até eu terminar de destruir cada recordação de vitórias que perdiam todo o sentido.

Olho para a lixeira caída em um canto atrás dela e percebo que, às vezes, também tenho essa vontade de quebrar tudo da mesma forma que me considero quebrada.

— Nós, atletas, achamos que podemos controlar as coisas e pessoas ao nosso redor porque fazemos os movimentos mais impossíveis com nossos corpos – ela comenta, cautelosa, sem desviar seu olhar do meu. – Mas a verdade é que não podemos. Não temos controle de nada. E quanto mais cedo você parar de tentar controlar tudo à sua volta, melhor será.

— Eu só quero dançar outra vez – respondo. – Sem a dança, eu não tenho nada.

Não sei qual é a ligação que Gabriela e eu temos. Talvez seja o fato de ela já ter passado pelo que estou passando, ou então seu tom ameno ao

conversar comigo, mas acabo por despejar o que até agora mantive guardado:

— Tem dias que quero jogar todas as bailarinas pela janela por cochicharem sobre mim e, ainda por cima, seguirem Priscila com sua crueldade sem fim – digo e, ante seu ar indagador, acabo por explicar em detalhes meus confrontos na Academia.

— Todo lugar tem a abelha-rainha e, normalmente, ela é má. Essa garota não se enxerga, e você não deve dar bola para esse tipo de gente, não! – exclama Gabriela, sorrindo e fazendo um aceno para que eu continue. – Sei que tem mais aí dentro, desembucha.

— Tem Rafael.

— Sempre tem um *boy* no meio da história.

— Ele sempre foi mais do que isso, mas como eu era muito competitiva, talvez ainda seja, nunca prestei atenção em mais nada, nem mesmo nele. A quem estou tentando enganar? – Eu a encaro com um riso contido. – Sempre fingi não o notar, mas Rafael roubou meu fôlego desde que o conheci quando éramos crianças e frequentávamos a mesma escola de dança. Consegui manter meus sentimentos escondidos, ou melhor, consegui enganar a mim mesma sobre não precisar de nada além da sua amizade, até ele começar a namorar...

— Deixa eu adivinhar: a bruxa?

— Ela mesma.

Gabriela revira os olhos.

— Mas não durou muito. Existia algo entre a gente que parecia inacabado, ou talvez que ainda precisava começar. Eles terminaram e, mesmo que eu não quisesse ter nada a ver com isso, reconheço que Rafael não pôde continuar o namoro porque sentíamos algo um pelo outro. Demorou, mas finalmente combinamos de sair como mais do que amigos, entende? Então aconteceu...

— O acidente – Gabriela completa com o semblante sério.

— Ele foi embora! Me abandonou ainda no hospital quando eu mais precisei dele! E agora tudo o que eu quero é voltar a dançar, sem pensar em relacionamentos ou enfrentar garotas mesquinhas, muito menos a Priscila!

Finalmente exponho os últimos acontecimentos que me roubaram a paz. Menciono inclusive a visita de Rafael à minha sala na Academia, onde me disse para avaliar melhor o que há ao meu redor. Ela me escuta em silêncio e, quando paro para respirar, aproveita a deixa:

— Não tem nada de errado em querer voltar a dançar, Aline. Muito menos em ser competitiva. Acho que concordo com o que Rafael disse: você não pode focar só nisso ou vai enlouquecer. O balé não deve ser sua única razão de viver. Muito dramático, né? – Ela me olha séria e depois sorri ao

acrescentar: – Eu e mais um pessoal do grupo vamos comer um hambúrguer aqui perto, ‘tá a fim?

Pondero sobre o que Gabriela acabou de me dizer. E se eu estiver com minhas expectativas alinhadas de maneira equivocada? Meu foco é somente o balé, mesmo agora quando nem ao menos posso praticá-lo. Eu me retraio e me escondo das pessoas. E, ao me excluir dessa maneira, perco oportunidades. De viver algo diferente para mim mesma. Prova disso é que, se tivesse recusado a inesperada chance de conversar com alguém, não teria conhecido Gabriela. Meu pai costuma dizer que é preciso ter o corpo e a mente em equilíbrio para usufruir tudo o que se apresenta a nós. E eu definitivamente não estou equilibrada.

Mas será que devo ser amiga de Gabriela? E o mais importante, será que ela gostaria de ser minha amiga?

Interrompo meu fluxo de pensamentos e me dou conta de que estou igual à minha mãe. Tudo para ela gira em torno do balé e sacrifícios necessários. Não quero ser mais assim, *não posso*.

— E então? – insiste Gabriela.

De repente a pergunta reverbera dentro de mim como se fosse a oportunidade de perder o medo e mergulhar de um penhasco direto para o desconhecido. E, dessa vez, não tenho receio do que encontrarei a seguir.

Pego meu celular do bolso e envio uma mensagem de texto para mamãe.

É um aviso de que vou jantar com alguns amigos e que ela não precisa se preocupar em vir me buscar, pois pretendo voltar sozinha.

*

Sigo em direção à lanchonete com Gabriela e o pessoal do grupo. Um dos garotos vai à frente e escolhe uma mesa na área movimentada, próximo à janela. O garçom tira uma das cadeiras para que eu possa me acomodar e agradeço baixinho. Gabriela se senta ao meu lado enquanto Lucas, Pablo e Cristina se acomodam nos demais lugares. Ainda não consigo acreditar que estou aqui, em uma terça-feira, pronta para comer um hambúrguer em uma noite “normal”. Hoje eu só quero esquecer todos os meus conflitos e me divertir.

Lucas faz o pedido ao garçom e Gabriela me observa de esguelha.

— E então? Como é a sensação de sair sem ninguém em cima de você?

Ergo as sobrancelhas.

— Como você sabe?

— Está na sua cara – responde ela, rindo. – Conte aí, como você se sente?

Enquanto esperamos a comida, eu cedo.

— Me sinto livre! – Abro os braços. – Parece que sou capaz outra vez. É frustrante depender da minha mãe para quase tudo, é *muito* irritante tê-la em meu encalço a todo momento, sabe?

Gabriela apenas me escuta e me surpreendo com minha sensação de alívio ao conversar com alguém sobre estes sentimentos. É algo que ainda não consigo fazer nas reuniões com o grupo de apoio.

Durante uma pausa na nossa conversa, o garçom chega com os pedidos e o cheiro é delicioso.

— Se esse hambúrguer fosse alguém, eu me casaria com ele! – exclama Gabriela divertida, e então se volta para mim. – Bom, não é?

Concordo com a cabeça e limpo minha boca com o guardanapo. Outra vez me pego em devaneios e percebo como faz tempo que não aprecio essas pequenas coisas, como comer um simples lanche com amigos.

Quando terminamos os pratos, um garoto de porte atlético se aproxima da nossa mesa com um sorriso pretensioso no rosto. Ele tem os orbes azuis fixos em Gabriela, que nem parece notar sua presença. Seu olhar é frio e seus lábios mantêm uma linha fina como quem se controla para não

dizer uma besteira.

— Esses adesivos de caveira têm tudo a ver com você, Gabi! – E ao dizer isso, movimenta os músculos com a intenção de ser sedutor. Ela finalmente o encara.

— E como você saberia, Guto? – pergunta Gabriela com o cenho franzido, um meio sorriso agora cresce em seu rosto.

— Eu te conheço, Gabi, você sabe.

Ela revira os olhos em sinal de descrença. Os demais na mesa continuam a conversar como se nada estivesse acontecendo, mas não consigo desgrudar minha atenção do casal.

— O que você está fazendo aqui? – Gabriela é direta. Sua expressão é de curiosidade e, ao mesmo tempo, de esperança. Será que, no fundo, ela queria que o tal de Guto estivesse ali?

— Passei em seu apartamento, sua mãe comentou que você ainda estava na terapia... – Ele dá de ombros e sorri, envergonhado.

Ela torce o nariz, acredito que incomodada por sua mãe dividir esse tipo de informação. Ao invés de responder, no entanto, permanece em silêncio.

— Qual é, Gabi?! Eu já pedi desculpas, me senti péssimo por não ter ligado antes... – Sua expressão é de desespero.

— Isso é ótimo, mas não estou no clima para desculpas esfarrapadas – ela responde, curta e grossa, com os lábios contorcidos e as sobrancelhas erguidas. – Vaza, Guto! – Faz um sinal de espanar com a mão e vira o rosto.

Percebo que ela quer manter a pose de durona, mas dá para notar estar gostando de roubar a atenção do garoto, pois enrola os fios do cabelo com uma das mãos enquanto o observa com um olhar malicioso. E como evitar? Ele é lindo! É o tipo de garoto que me atrairia antes do acidente e da minha baixa autoestima. E mais, eu também seria capaz de atraí-lo... Constrangida, dou-me conta: *estou com inveja*.

Deslizo a cadeira para trás, dou meia-volta e esbarro em Guto em meu esforço. Só paro quando alcanço a varanda da lanchonete e respiro fundo. Não consigo acreditar que me sinto incomodada com a atenção que Gabriela está recebendo.

Escuto passos atrás de mim. Ao olhar por cima dos ombros, vejo que é ela.

— O que aconteceu?

— Se eu falar, você vai me achar ridícula. – Encolho os ombros envergonhada.

Gabriela encosta-se ao batente da varanda e cruza os braços.

— Desembucha!

— Eu só... sinto falta da atenção que recebia — sussurro. — Eu costumava atrair muitos olhares em festas, espetáculos... Caras como o Guto viviam no meu pé, por mais que eu nem sequer desperdiçasse tempo para pensar nisso. - Ainda que o fizesse, acrescento em minha mente - Rafael era o único a quem eu queria ao meu lado.

Gabriela assente em silêncio, pensativa. Continuo me achando idiota por me sentir assim e olho para meus próprios pés. A verdade é que não sinto falta de uma atenção qualquer, eu quero os olhos de Rafael em mim. Quero o seu sorriso, a sua presença, essa sua vontade de saber sobre o meu bem-estar. Nunca mais terei isso, não é? Nunca mais seremos os mesmos de antes.

Minha nova amiga parece perceber o rumo dos meus pensamentos, pois tenta amenizar o clima.

— Você não estava brincando quando disse ser competitiva, hein? — Brinca de dar socos no meu braço. — Garota, bailarinas são mesmo neuróticas demais! — E começa a rir.

Eu rio junto. Gabriela está certa. Sempre fui competitiva. Sempre quis ser a melhor na dança, nos estudos e em atrair a atenção de todos para mostrar o meu talento no balé. É estranho agora ser invisível quando sempre fui o centro de tudo. No balé, eu recebia os melhores papéis. Nunca tive que ouvir um “não” sincero de meus pais e sempre achei que podia fazer qualquer

coisa. Percebo como me sinto frustrada ao reconhecer minhas limitações e atitudes superficiais.

Nesta conversa com Gabriela, dou mais uma demonstração inútil de que continuo querendo ser a mesma Aline de antes. Será que em algum momento conseguirei aceitar não ter mais o controle da situação? Minha mãe sempre me disse que, para se destacar, é preciso ser a melhor. Como serei a melhor, se permanecerei entrevada em uma cadeira de rodas por um longo tempo?

— Se você quer saber a minha opinião — diz Gabriela ao se aproximar mais de mim —, Guto é um cara que só apareceu para marcar território. Não vamos perder nosso tempo falando dele, né?

Com uma piscadela na minha direção, noto o quanto estou sendo tola ao deixar a mesa para remoer cantos perdidos do meu cérebro. Então dou-lhe um sorriso breve e a deixo empurrar minha cadeira de volta ao local, antes que Gabriela me considere uma garota mimada e carente demais. Isso seria um desperdício para uma noite de hambúrgueres e conversa solta como essa.



Capítulo 9

Permaneço na cama por mais alguns minutos para saborear as lembranças da noite anterior. Aceitar o convite de Gabriela foi a melhor decisão que tomei nos últimos tempos. Forço meus braços sobre o colchão até conseguir me sentar com as costas apoiadas na cabeceira da cama. Pegó o livro “Quero ser Beth Levitt” do criado-mudo, pronta para abrir a página noventa e cinco, quando ouço minha mãe me chamar da cozinha.

Deixo a leitura de lado e aproveito para ajeitar meus cabelos atrás das orelhas enquanto a espero entrar no quarto, sem bater, como sempre.

— Filha! — Sorri ao me ver sentada sem sua ajuda. — Como você está?

— Bem.

Sei que está apenas enrolando um pouco antes de me perguntar o que quer saber. Provavelmente o fato de eu ter chegado tarde em casa depois

de cinco meses e, pior, na condição atual, desestabilizou qualquer sinal de segurança nela. Eu já imaginava que isso fosse acontecer, uma vez que ela não comentou nada ontem quando me viu mais feliz ou aliviada.

— E então, como foi ontem à noite? Quem são seus novos amigos?

— Foi bom, eles são do grupo de apoio – respondo de maneira sucinta, sem querer relevar muito.

Mamãe enrola a minha colcha com as mãos, disfarçando o leve incômodo que sentiu quando escutou a última frase. Avalio a situação e decido que o melhor a fazer é fingir que não percebi sua expressão de desgosto, mas não consigo. Ao invés disso, pergunto:

— O que foi, mãe? – Reviro os olhos.

— Nada... – Ela dá de ombros e mantém uma expressão inocente no rosto, pronta para destilar seu veneno. – Eu só acho que você deve passar mais tempo com suas amigas do balé e deixar o pessoal do grupo de apoio limitado às sessões.

— Ninguém no balé fala comigo – murmuro incomodada.

Minha mãe sempre me pressionou a fazer amizades com bailarinos, a ser a tal “abelha-rainha” como a Gabriela comentou. Entretanto essa não sou eu, essa é a mamãe tentando realizar suas vontades através da filha. Não tenho mais estômago para isso.

— Porque você não tenta o suficiente, filha!

— Não tento o suficiente? – A raiva cresce devagar no meu interior, o suficiente para dar tempo de morder os meus lábios e não dizer mais nada.

Ela suspira, e eu não interrompo. Sei que ela tem mais a falar. Dona Isabel endireita o corpo e alisa a colcha, sem pressa. E então, com o máximo de calma que consegue, acrescenta:

— Eu só quero dizer que deve se cercar de pessoas esforçadas como você, Aline. Não de pessoas que já desistiram dos seus sonhos.

— Gabriela não desistiu dos sonhos dela, mãe! Ela perdeu uma perna! – exclamo revoltada. Sei que ela não se referiu à Gabriela especificamente, mas é como se o tivesse feito. Como pode falar assim de pessoas que nem conhece? – E já cansei de tentar conversar com bailarinas mimadas que me acham inferior só porque estou presa a essa cadeira estúpida! – Minhas sobrancelhas arqueiam e as lágrimas fazem força para escapar, mas me recuso a permitir que minha mãe perceba conseguir me abalar. – Você nem ao menos sabe o que está dizendo... Não tem a mínima ideia das coisas maravilhosas que a Gabriela faz. Ontem soube, de maneira superficial, que agora ela dá aulas de ginástica rítmica em um colégio particular e cursa Pedagogia.

— Você tem razão, não tenho a mínima ideia do que essa Gabriela

faz ou deixa de fazer! Aliás, nem sei quem é ela! – vocifera com uma expressão dura. – Mas Gabriela não é minha filha, você é. Só estou preocupada com o seu futuro! Você precisa focar no quanto quer voltar a dançar, nem que para isso precise aguentar algumas meninas tolas na Academia. Você nunca se preocupou com essas coisas! E, além do mais, nunca falaria comigo desse jeito antes!

Minha mãe tem razão. Nunca fui de me preocupar com amizades ou me sentir sozinha, mas tudo mudou depois do acidente. Por que ela não consegue enxergar? Tão focada em me fazer voltar a ser a bailarina que eu era, ela não percebe que já não sou mais a mesma há muito tempo. E, talvez, esta mudança não seja uma coisa ruim; talvez seja mesmo algo para melhor.

Percebo mamãe segurar a respiração em expectativa. Sinto-me culpada por tratá-la assim. Por mais que eu saiba disso, no entanto, me vejo dividida entre pedir desculpas ou expulsá-la do meu quarto. Não esperava começar a uma nova discussão com a minha mãe justo hoje, quando tudo parecia mais tolerável. Um pouco aborrecida, noto que sempre foi assim: ela me sufoca até que eu concorde com o que quer. Só que não consigo mais viver dessa maneira, preciso lutar pelo que eu mesma acredito, pela minha opinião e pelos meus sentimentos.

— Eu não quero brigar. – Relaxo os ombros e me controlo ao máximo para não ceder. – Me deixe ficar sozinha.

Ela entreabre os lábios, incrédula. Com certeza esperava que eu, por fim, concordasse com seu ponto de vista. Levantando-se devagar, ainda abre as cortinas do quarto, talvez na esperança de que eu volte atrás, mas eu não correspondo ao seu último intento. Pego o livro outra vez e o abro na página marcada enquanto minha mãe, derrotada, bate a porta do quarto ao sair.

*

No dia seguinte, eu e minha mãe ainda estamos estremecidas. Eu me incomodo com os seus olhares furtivos para mim, à espera de uma desculpa. Após o café da manhã, resolvo passear pelo bairro e espairecer um pouco a mente, já que não preciso trabalhar. Quando anuncio que vou sair, percebo minha mãe apertar o pano de prato com mais força e observar meu pai.

— Só não vá muito longe, filha. — Ele continua lendo o jornal de maneira despreocupada e acrescenta, sem levantar a cabeça: — E leve o celular com você!

Minha mãe bate os pratos ao lavar a louça para demonstrar que não aprovou essa decisão. Deslizo com a cadeira de rodas até a porta de entrada, pego minha chave e saio depressa.

Quando me distancio um pouco de casa, sinto um imenso frio na

barriga misturado, ao mesmo tempo, a uma sensação de liberdade. A paisagem familiar da vizinhança me acalma, imagino que estou em uma aventura e cada placa indica o caminho ao qual devo seguir.

Enquanto observo as placas em busca do meu destino, tento mover a cadeira para mais perto da beira da calçada, mas emperro. Olho para o chão todo desnivelado e suspiro. Como já era de se esperar, ele não parece propício para cadeirantes. Minha felicidade instantânea me fez abstrair esse fato, contudo não desanimo.

Decido não ir tão longe. Direciono minha cadeira para a direita, rumo ao parque apenas a alguns minutos dali. Eu o encontro quase deserto. Vejo apenas algumas mães com seus filhos no parquinho, respiro fundo e sorrio. Sempre gostei muito daqui. Assim que me avistam sozinha, uma das mães oferece ajuda com um ar compadecido. Eu agradeço, mas recuso um pouco sem graça.

Vou até o meu canto preferido escondido entre as árvores e, para minha surpresa, encontro Rafael sentado no banco de madeira.

Divido-me entre estar ansiosa e irritada. Ansiosa por não saber ao certo o que dizer a ele, e irritada porque este é o *meu* espaço. Eu trouxe Rafael pela primeira vez quando tínhamos doze anos e, desde então, começamos a treinar juntos por entre as árvores. Também foi aqui que meu

pai pediu minha mãe em casamento quando eram mais jovens, por isso eu e eles aparecíamos todos os domingos para fazer um piquenique. Nos últimos tempos, é claro, esses passeios não acontecem mais.

— Não é justo você aparecer aqui, Rafael – disparo ao me aproximar do banco. Não estou no clima para suas ceninhas de “sou um bom amigo” agora. Fuzilo-o com meu olhar enquanto a raiva borbulha em mim. – Vá embora! Não quero você aqui.

— Eu sabia que, mais cedo ou mais tarde, você surgiria. – Ele sorri, ignorando o que eu disse. – Venho aqui todos os dias desde que voltei. Sei o quanto esse lugar é especial para você...

Trocamos um olhar, que não dura mais do que três segundos antes de eu desviar. Aperto meu casaquinho leve contra o corpo. Noto que ele continua a me encarar, esperando uma resposta. Não sei com agir. O que significa tudo isso?

— Não precisa dizer nada, Line – ele conforta como se lesse meus pensamentos. – Só peço que acredite quando digo que não quero machucá-la.

— Ah, não? – rebato azeda. – Então, por que foi embora?

Rafael balança a cabeça com um sorriso triste no rosto. Arrependo-me de trazer esse assunto à tona, pois igualmente não quero magoá-lo. Mesmo brigados, ou seja lá o que estamos agora, não gosto de vê-lo desta

maneira.

Ele chuta uma pedrinha com a ponta do tênis e olha para as próprias mãos.

— Eu já sabia que você se declararia pra mim naquele dia.

Apesar da frase inesperada, não consigo lançar uma expressão irritada a Rafael.

— Não acredito que você quer conversar sobre isso *agora*.

— E que momento melhor do que esse, Line? — Rafael questiona com um sorriso dançando em seu olhar.

Observamos o movimento no parque aumentar e algumas crianças próximas começam a jogar futebol. Ouvimos as risadas e o doce momento me faz desejar voltar no tempo, quando também ríamos juntos assim.

— Olha, eu... – começo, incerta do que quero dizer.

Ele ergue a mão para pedir silêncio e levanta-se do banco, parece querer mostrar algo. Leio as siglas “A&R” marcadas na madeira, algo que fiz há muito tempo com uma pedrinha pontiaguda, e me encolho envergonhada.

— Eu não entendo, Line. Pensei que você me amasse, mas agora que tento me aproximar, você foge de mim... Lembra-se de quando você fez essa marca no banco? – As palavras de Rafael são doces e seu tom é ameno, tão

típico dele. – Você achou que eu não notaria, mas eu vi. Eu sempre te vejo.

Ele coloca a mão em meu ombro e me acaricia de leve. Metade das vezes que falo com Rafael não faço a mínima ideia do que está querendo me dizer. Por que não podemos ser diretos um com o outro como costumávamos ser? Além disso, não acredito que todo esse tempo ele sempre soube da minha paixãoite! Eu fiz essa marca quando tínhamos doze anos enquanto ele brincava com os outros meninos no parque. Ainda nem éramos tão próximos, mas eu já o observava de longe.

Tenho vontade de desaparecer. Observo a mão dele ainda em meu ombro, e o calor que transmite me deixa zozza. *Será que ele está tão confuso quanto eu?* Quando ele se expressa dessa forma, só me deixa mais apaixonada e quero tanto crer que esse sentimento é recíproco. Mas sei que não é. Nem amigos podemos nos considerar. Tudo mudou tão rápido...

Fico na dúvida entre dizer o que eu penso, e me sentir aliviada, ou me calar e ir embora. Preciso saber o que ele sente por mim, mas acho que ainda não devo pressionar por uma resposta. Ao invés de seguir o bom senso e manter o silêncio, pergunto:

— Será que a gente vai voltar a ser como antes, Rafael? Porque não consigo mais entender você. – Não consigo interpretá-lo desse jeito, tão diferente, tão às avessas e desordenado. – Você some e reaparece quando

quer, e eu preciso de mais. Eu preciso de constância, Rafael, algo que você parece não conseguir oferecer. Não é o suficiente.

Ele me olha, mas não responde. Tenho vontade de morder minha língua. Percebo que fiz a escolha errada ao falar alguma coisa, então dou meia-volta e retorno para casa.



Capítulo 10

Achei que, ao ir embora do parque, eu me esqueceria da conversa com Rafael. Doce ilusão! Precisei de uma noite inteira em claro para conseguir organizar meus pensamentos. Revirei-me na cama durante horas. Não queria dar a tudo maior proporção do que realmente merecia, mas não consegui evitar. De repente, durante a madrugada, quando sentia o sono tentando me levar, começava a pensar e repensar em minha conversa com Rafael, em todas as possibilidades, em tudo o que aconteceu e... pior, na falta constante que ele me faz. Pela manhã, suspiro ao me lembrar da minha noite insone e encaro o fato: ainda travo quando se trata de Rafael.

Já na frente do computador para elaborar os horários da professora Marina, minhas bochechas esquentam ao pensar na pergunta que fiz a ele. Tento me convencer: *foi melhor eu ter dito alguma coisa ao invés de ficar só na imaginação do que poderia ter acontecido, certo?* Entretanto, mesmo

percebendo as vantagens da minha abordagem, não tenho certeza se fiz a escolha mais correta. Talvez fosse melhor não ter a certeza que cresce em meu coração agora: *não sou nada para ele*.

Obrigo-me a voltar ao meu trabalho. Quinze minutos depois, permaneço em procrastinação. Percebo, então, que não adianta guardar tudo só para mim. Eu preciso conversar com alguém sobre Rafael. Óbvio que com a minha mãe será impossível, já que não estamos nos falando muito, assim tenho a ideia de encontrar Gabriela depois do expediente.

Abro minha bolsa em busca do celular, mas, antes que eu consiga tocar no ícone de mensagens, a professora Marina aparece na porta entreaberta. Largo o telefone e levanto minha cabeça em sua direção. Ajeito meus cabelos atrás das orelhas e tento sorrir. Ela entra e retribui meu gesto.

Aguardo até ela se sentar na cadeira em frente à minha mesa, perguntando sobre minha família e outras amenidades.

— Como está o seu tratamento, Aline? – questiona de maneira leve, enfim. – Vejo que você progrediu, mas quero saber o que *você* acha.

— Bom – começo meio sem jeito –, percebo algumas evoluções, na verdade. Minhas pernas parecem mais fortalecidas e trabalhamos para eu sair logo daqui. – Eu dou duas batidinhas nos braços da cadeira de rodas.

— Isso é bom! – ela comenta, discreta.

— É um processo demorado... – Encolho os ombros, sem muito a acrescentar.

— Não quis ser intrometida – a professora se apressa em explicar. – A razão de eu ter perguntado sobre seu tratamento é porque tenho uma proposta.

— Uma proposta?

Ela sorri compreensiva.

— Tenho observado os pontos que você adiciona em minha coreografia vez ou outra...

Meu estômago dá um solavanco e entra em revolução. Tento me concentrar em meio ao silêncio e penso no melhor jeito de justificar os meus motivos, contudo percebo que de nada adiantaria evitar o que viria a partir disso.

— A senhora ficou brava? Eu não queria parecer petulante, só estava... – falo temerosa, perdendo as palavras. Às vezes meus dias ficam tão entediantes que acabo por rabiscar alguns movimentos nas anotações dela, embora essa não seja uma atividade muito usual. – Fui muito atrevida?

— Não, querida, de maneira alguma! Muito pelo contrário. Eu gostaria de convidá-la para coreografar o espetáculo de final de ano dos bailarinos do coro, os alunos do primeiro ano. Gostei do seu olhar atento e

dos bons pontos que tem adicionado às coreografias. Acho que será um belo encaixe, não concorda?

Prendo minha respiração. Mais do que dar alguns palpites – que, por sinal, considero muito pequenos –, gosto de observar os outros bailarinos dançarem. Mas coreografar um espetáculo? É uma tarefa muito diferente e que exige muito mais responsabilidade! Sorrio, nervosa, absorvendo a informação.

— Eu... não... – balbucio. – Eu não sei nem o que dizer. A senhora tem certeza?

— Sei que pode parecer assustador no início – continua ela –, mas tenho certeza de que é capaz. Além disso, é uma maneira de ficar em contato direto com a dança, e não só responsável pela papelada. Mais divertido, não é mesmo?

Concordo com a cabeça, sem emitir nenhum som.

— A não ser que você ache que isso prejudicará seu tratamento – ela acrescenta. – Não quero que você se sinta sobrecarregada, querida.

Entro em conflito, pois ao mesmo tempo que desejo aceitar seu honroso convite, tenho medo de desapontá-la. Rejeitá-la, no entanto, não parece ser uma boa opção. Minha mãe saberia – mais cedo ou mais tarde – e azucrinaria a minha paciência. E mais, a recusa deixaria a professora Marina

frustrada, algo que gostaria de evitar se possível. Ela foi a única que me acolheu na Academia e se esforçou em me oferecer um novo lugar dentro da realidade que eu conhecia. Como posso *nem* tentar? Eu deveria agradecê-la por me dar um espaço tão especial e não me tratar como um fardo.

— Eu aceito, professora! – Mesmo com o coração aos pulos, não posso evitar sorrir ante o novo desafio. – Não prejudicará em nada o meu tratamento, dou a minha palavra!

— Fico feliz em ouvir isso, Aline! Sabe, você sempre foi uma das minhas preferidas. E eu sei que você dará conta do recado. Mas, se precisar de mim, minhas portas estarão sempre abertas. Sabe disso, não é?

— Muito obrigada, professora. Você não tem ideia de como é bom saber que alguém ainda confia no meu trabalho.

A professora Marina se levanta e faz o contorno da mesa para me abraçar. Retribuo o aperto com força similar e agradeço mais uma vez. Mal posso acreditar no meu novo desafio. Quero começar logo!

Minha expressão de felicidade murcha quando Rafael entra assim que a professora passa pela porta. Ele apenas sorri para ela.

Esse simples gesto já me deixa impaciente e hesitante. A perspectiva de ter que lidar com Rafael, principalmente quando meus sentimentos são tão confusos, me deixa angustiada.

— Não sabe bater, não? – adianto-me tentando parece mais dona de mim, embora me sinta torturada.

— A gente nunca teve essas formalidades, Line. Por que começar agora?

— Porque *agora* não somos mais amigos.

— Acha mesmo isso? – ele questiona com uma expressão tristonha, diria até que... magoada.

— Você não?

— Sempre vou ser seu amigo, Line – rebate aproximando-se mais de mim. – Por mais que você não queira.

Não digo nada e deslizo um pouco para trás, desconfortável com sua aproximação repentina.

— Vim avisar que serei seu parceiro para coreografar. A professora Marina me pediu para ajudar você com o espetáculo de final de ano.

Amaldiçoo ter aceitado participar desse espetáculo e, mais ainda, o momento em que a professora decidiu que conseguiríamos trabalhar juntos. Sinto-me traída, enganada. E, em seguida, sinto-me idiota por pensar dessa maneira. A professora Marina não poderia saber dos meus sentimentos por Rafael quando eu própria também não estou certa deles. Apesar disso, não consigo deixar de pensar que talvez ela não confie tanto no meu trabalho e,

por isso, precisou colocar Rafael de “babá”, já que todos sabem de seu grande talento como coreógrafo.

— Você não está falando sério, está? – pergunto incrédula. – Por isso você sorriu abertamente para ela quando entrou?

— Eu nunca mentiria para você, Line – Rafael garante. Ele está diferente, parece sentir uma alegria legítima por estarmos em um novo projeto juntos. – Ela não te avisou? Ela veio falar comigo hoje pela manhã.

— Por que você aceitou?

— Por que eu não aceitaria?

Eu suspiro bem alto, agoniada.

— Para de responder minhas perguntas com outras perguntas! Isso é irritante, Rafael! Você sabe que isso não vai dar certo!

— Quando foi que você se tornou tão esquentada, Line? – Ele senta na borda da mesa, de frente para mim.

— Eu não sou esquentada! – exclamo um pouco nervosa com a aproximação. – A gente simplesmente não consegue trabalhar junto agora! Não conseguimos ter uma conversa civilizada por cinco minutos, e você acha que vamos conseguir coreografar um espetáculo? Sinceramente?

— Não quero te irritar. – Ele tenta me acalmar ao acariciar minha mão. – Eu só quero dizer que, nos últimos tempos, vejo você assim: mal-

humorada e irritada com tudo. Isso não faz bem a você. E, além do mais, achei que ficaria feliz com a novidade. Sempre formamos uma boa dupla!

— Mais alguma coisa a acrescentar na sua lista de “elogios” ao meu respeito? — Ergo a sobrancelha e ignoro seu último comentário.

Ele baixa os olhos, um pouco envergonhado.

— Eu só me preocupo com você, Line. Você sabe disso, não sabe?

Tento mexer a boca e responder algo coerente, mas não consigo. Como ele tem a coragem de dizer que se preocupa quando sumiu sem nem me dar satisfações? *Ele sumiu*. Encaro Rafael à minha frente, aqueles olhos castanhos que faziam meu estômago revirar estão fixos em mim... Respiro fundo para me concentrar e não me deixar levar por lembranças do passado. Não consigo lidar com tudo isso.

— Rafael, some da minha frente, por favor!

— É disso que estou falando, você nunca me trataria assim antes.

— *Antes* era outra história.

Por fim, ele se dá por vencido. Levanta-se da mesa sem protestar e deixa a sala. Sinto minha alegria murchar. Por que a professora Marina chamou justamente o Rafael para coreografar comigo? Ou melhor, porque ela chamou alguém? Será que ela não me considera capaz de fazer isso sozinha? Justo quando me adaptei à ideia de que poderia criar uma coreografia, e mais,

de que voltaria a ter um contato real com a dança, Rafael me joga este balde de água fria!

Aperto as mãos na tentativa de recuperar o controle. Não posso desistir dessa oportunidade, mas como trabalhar ao lado de Rafael? Será que vou conseguir aturá-lo esse tempo todo sem surtar? Por que reajo tanto às provocações dele? Uma voz em minha cabeça me responde, mas ignoro. Tento evitar meus sentimentos não correspondidos. Tendo isso em mente, fico na dúvida se aceitar coreografar com Rafael é a coisa mais sensata a fazer. Agora, mais do que nunca, preciso conversar com Gabriela.

Então, enfim, pego meu celular e envio um torpedo para ela: “Preciso de você. Urgente!”. E aguardo minha mais nova amiga me socorrer nesta confusão.



Capítulo 11

Gabriela ainda não respondeu minha mensagem. E enquanto tento me concentrar em meus afazeres, fico remoendo meu encontro com Rafael, sozinha. Que tipo de garota eu me tornei? Está certo que eu andava apaixonada, mas não costumava ficar preocupada com garotos e dramas românticos. Agora estou presa a uma cadeira de rodas esperando o momento em que tudo voltará ao normal... e aceitando que não, nunca irá voltar. Eu sei disso. Fui abandonada pelo garoto que amo e seu retorno agora parece ser tarde demais.

Preciso focar no balé!

Desloco-me devagar e paro para apreciar o quadro de Ana Botafogo, o principal nome da dança clássica brasileira e uma de minhas inspirações. E se, na verdade, o que o futuro reserva para mim é ser um nome de destaque na coreografia, e não na dança?

Um fio de esperança percorre meu corpo e sinto-me um pouco revigorada, como há muito não me sentia. Fico surpresa por me dar conta de que, mesmo que a dança não volte para mim como eu imagino, talvez nem tudo esteja perdido.

Em meio às minhas divagações sobre carreira e possibilidades, sinto um empurrão. Minha cadeira pende para a frente devido à força do choque, mas consigo me equilibrar. Tento me virar para entender o que aconteceu e vejo Priscila, seu sorriso cínico revela não ser um acidente.

As bailarinas do primeiro ano param à espera de mais um capítulo da novela “Aline vs. Priscila”, meus músculos retesam e fico em alerta. Não gosto *desse* tipo de atenção! O que será que a (nova) musa da Academia irá aprontar dessa vez?

— Por que você está sempre no meu caminho? – Ela cruza os braços . – Achei que já tinha desistido a essa altura, mas, pelo que soube, você é mais idiota do que eu pensava!

Ouçó risadinhas ao fundo, como já era de se esperar. Esforço-me para não mudar a expressão em meu rosto e demonstrar que estou incomodada. Não vou dar essa satisfação a ninguém.

— Sério mesmo, Priscila? Não acredito que você ainda quer continuar com essa rixa inútil. Eu não fiz nada contra você... – digo,

deslizando minha cadeira o mais longe possível dessa louca.

— Chega de se fazer de coitadinha! – ela exclama sem me deixar ir embora, colocando-se em meu caminho. – Meu Deus do céu, você não tem vergonha na cara? A única razão para você coreografar o espetáculo de fim de ano é porque puxa o saco da professora Marina! Não pense nem por um segundo que você ganhou essa função por talento! – Seu rosto está vermelho, seus olhos arregalados, a boca semiaberta... Ela é o retrato do desequilíbrio.

— E o que você sabe sobre o meu talento? – rebato erguendo o queixo em desafio.

— Você não entende nada, não é mesmo, Aline? Tudo vem muito fácil a você só porque é a queridinha da Marina. Agora é essa cadeira de rodas! Todos os professores te tratam bem só por pena. Você não se cansa disso, não? Desiste de uma vez, aqui não é mais o seu lugar! E quer saber? Nunca foi!

Fecho os punhos e aperto as unhas contra a palma das minhas mãos. Estou farta de ser alvo das piadas de mau gosto e da inveja de Priscila.

— Deixa de ser recalcada, Priscila! Vai cuidar da sua vida ao invés de se preocupar com o que eu ganho ou deixo de ganhar – declaro incomodada e, ao mesmo tempo, decidida. Não quero me deixar abalar. – Eu sempre fui melhor e você sabe disso. E pena eu tenho é de você, que precisa

diminuir os outros para se sentir confiante!

Priscila ri com desdém, mas percebo que seus lábios estremecem e as outras bailarinas se calam.

— O que foi? Exagerei? – indago sem dar tempo para me responder.
– Perto de como você tem se comportado, eu não acho.

Priscila se aproxima mais de mim, até que nossos rostos estão no mesmo nível.

— Ninguém vai dançar a sua coreografia ridícula!

— Não, Priscila. *Você* não vai dançar – rebato firme.

— Graças a Deus não sou do primeiro ano para ter que aturar você coreografando! Mas aproveita para se vangloriar enquanto pode, daqui a pouco vai perceber que o seu tempo já passou e parar de passar vergonha. – Ela sorri de maneira maliciosa. – *Você nunca mais voltará a andar*, então é melhor se acostumar.

Priscila me dá as costas e caminha a passos largos em direção às salas de aula. As suas seguidoras acompanham, de cabeça baixa. Tenho vontade de gritar desaforos, mas me controlo.

Não consigo deixar de me entristecer. E se ela estiver com a razão? Talvez eu não volte a andar e minhas lembranças são tudo o que me resta. Sua provocação me acerta: será que a professora Marina só me ofereceu a

vaga por pena? Não quero pensar que ela seria capaz de fazer isso, mas... e se foi? Rafael é a prova viva de que a professora não confia em mim o suficiente para fazer a coreografia sozinha, estou aliviada que Priscila aparentemente não saiba disso.

Não aguento mais ser inferiorizada... Será que todos concordam que “meus dias de glória” terminaram e sentem dó de mim porque eu ainda não aceitei este fato?

Não posso aceitar coreografar um espetáculo se fui convidada por alguém que não acredita em mim de verdade. Ou posso?

Só me resta deslizar pelo hall principal a fim de descobrir por que a professora Marina resolveu me juntar ao Rafael para coreografar o espetáculo. Parte de mim quer acreditar ser apenas uma decisão profissional, e não por duvidar de mim, entretanto os pensamentos negativos decidem não me abandonar enquanto sigo até a sala dela.

*

Quando chego em frente à sala da professora Marina, os músculos do meu pescoço tensionam. Reconheço que a opinião dela em relação ao meu trabalho importa muito para mim e tenho receio de descobrir que, na verdade,

coreografarei o espetáculo apenas por ter sua amizade, e não sua admiração. Minhas mãos estão trêmulas de ansiedade, mas necessito saber. Segundos antes de eu tocar na maçaneta, contudo, reconheço a voz da minha mãe. *O que ela está fazendo aqui?*

— Não acho prudente o que você fez, Marina – minha mãe censura a professora. – Sinceramente, não esperava isso de você.

— Achei que você ficaria feliz em saber das novidades, Isabel! Por isso te liguei assim que terminei de falar com ela. – Seu tom é ameno, embora firme. – Aline, enfim, poderá participar de forma mais ativa do balé. Você não fica contente com essa notícia?

Olho para os lados e constato que não há ninguém nos corredores. Não quero ser pega bisbilhotando a conversa dos outros. Aproximo mais a cadeira de rodas da porta.

— Não, Marina – responde minha mãe em uma voz ríspida, de poucos amigos. – Não fiquei nem um pouco satisfeita com essa notícia. Aline precisa se concentrar em seu tratamento para voltar a dançar, e não perder tempo coreografando espetáculos. Desde quando bailarinas se preocupam com isso?

— Isabel, eu sei que é difícil para você aceitar que...

— Aceitar o quê?

— Talvez Aline não volte mais a ser a bailarina que era antes. Sei que esse é o seu grande sonho, talvez até maior do que o sonho da própria Aline, mas... — Sua voz quase some no final, ressurgindo mais firme: — Você precisa se preparar para a possibilidade de que, mesmo se Aline voltar a andar, ela fique atrasada com suas técnicas e não receba o convite de nenhuma companhia.

Levo meus dedos aos lábios em espanto. O “se” faz com que eu estremeça.

— Como se atreve a dizer que minha filha não tem talento para ser chamada por uma companhia?

— Por favor, preste atenção no que digo, Isabel! — Marina exclama nervosa, escuto seus saltos andarem de um lado ao outro da sala. — Você sabe que Aline sempre foi uma das minhas alunas favoritas, mas o acidente pode ter causado danos irreparáveis à carreira dela. Só quero que Aline esteja preparada caso isso aconteça. Ser coreógrafa é uma ótima opção! Talvez, a única para ela.

— Minha filha será uma bailarina e ponto final! — Minha mãe não deixa brecha para discussões e estou quase desistindo de ouvir o resto da conversa. — Ela não precisa disso agora, Marina. Não depois de tudo o que aconteceu. Não depois de Rafael.

Deslizo com a cadeira e saio dali o mais depressa que consigo. Estaciono atrás de uma das escadas e permaneço parada. Sinto-me mais solitária do que nunca, pois ninguém tem coragem de conversar comigo de forma direta. Todos me consideram muito frágil. Repasso o diálogo delas em minha mente repetidas vezes, mordo os lábios com força para conter minha raiva e frustração.

Não posso acreditar que minha mãe só consegue focar em tornar a própria filha o que sonhou para si mesma. Gostaria que, pelo menos uma vez, mamãe enxergasse além. Para ela, sou apenas uma bailarina. Sem a dança, sobrarão algo capaz de nos unir? Ao mesmo tempo, porém, parece que mamãe tem certa consideração pelos meus sentimentos, pois sabe o quanto a separação de Rafael foi difícil. Não esperava que me “defendesse” dessa maneira, ainda mais com nossa relação tão estremecida. Nunca fomos amigas de verdade, e não é agora que vou começar a trocar confidências com ela, mas reconheço sua força ao me proteger nesse sentido...

E o que dizer da professora Marina? Acreditei que ela sempre seria sincera comigo, que ela me via além dessa cadeira de rodas, mas sua opinião é a mesma de todos os outros. Talvez Priscila esteja certa, afinal. Talvez as pessoas só consigam me oferecer piedade quando, na verdade, só preciso que ajam com normalidade.

Algumas bailarinas passam por mim, mas nem se dão conta de que

estou escondida embaixo da escada. Aparentemente não é só a minha mãe que não me enxerga. Enquanto as observo, pondero se o melhor a fazer é desistir de coreografar o espetáculo. Afinal, a professora só me deu esta oportunidade porque acredita que não sirvo para mais nada, não é mesmo?

De repente, sinto enorme vontade de voltar para a sala da professora e despejar o que escutei, o quanto estou decepcionada com as duas... Prendo o fôlego e me contenho. Não quero que saibam que ouvi sua conversa, imaginar suas expressões compadecidas me desmotiva a confrontá-las. Ao mesmo tempo, incomodo-me com meus pensamentos de autocomiseração. Talvez seja por isso que todos me consideram uma boneca de porcelana, e cansei de ser tratada desta maneira.

Quando meu celular toca, e o nome da minha mãe aparece no visor, tomo minha decisão: vou provar que todos estão errados. A começar pela minha mãe, por acreditar que só posso ser uma bailarina, e depois pela professora Marina, por afirmar que não voltarei a ser uma... Quero fazê-las me verem além do véu da minha condição.

Essas opiniões em colisão me deixam atordoada. É como se ouvisse o embate entre dois críticos com opiniões extremas sobre o meu desempenho: sou boa o suficiente para coreografar o espetáculo ou sou digna de pena o bastante para me permitirem fazê-lo? Não sei em quem acreditar. Minha mãe e a professora Marina lutam para escrever minha história, mas se esquecem

de que *eu* sou a personagem principal.

*

Observo outra vez o visor do meu celular. É a segunda vez que minha mãe me liga. Pondero se devo atender, mas opto por continuar a ignorá-la. Nem mesmo nos recuperamos da briga de alguns dias e já prevejo outra discussão.

Minutos depois, recebo uma mensagem de Gabriela:

gabiperneta: Oi, Aline. Estou ocupada agora, mas podemos nos encontrar no final do dia.

Eu confirmo e suspiro, triste. Não me resta nada além de esperar até a noite para conversar com ela. Não consigo compreender por que preciso passar por tantas situações inusitadas e estressantes. “Por que eu?”, questiono a mim mesma, por mais que ninguém vá me responder de volta. Solto outro suspiro pesado quando não consigo chegar a nenhuma conclusão coerente.

Meu telefone volta a tocar e decido atender minha mãe antes de lhe provocar um ataque de nervos.

— Olá, querida – cumprimenta do outro lado da linha. – Estou por

perto da Academia e queria saber se você gostaria de uma carona.

Dissimulada como eu esperava. Paro um minuto para me acalmar antes de responder:

— Tudo bem, espero você aqui em frente.

A minha voz soa controlada, não quero demonstrar saber de alguma coisa.

Dez minutos depois minha mãe aparece para me buscar. Ela posiciona minha cadeira ao lado do banco do passageiro e faz menção de me levantar, mas a impeço com minha mão estendida. Primeiro apoio os braços no banco e suspendo meu tórax. A cadeira desliza para o lado, insuficiente para me derrubar.

Consigo apoiar os quadris na ponta do estofado e arrastar minhas pernas com um movimento preciso, auxiliado pelos braços. Demonstro uma alegria contida por conseguir entrar sozinha no carro outra vez. Minha mãe, ao contrário, não comemora. Sei que provavelmente ainda deve estar pensando na conversa com a professora Marina, mas permaneço calada.

— E então? – pergunta mamãe enquanto prende o cinto e dá a partida. – Como foi o seu dia? Alguma novidade?

Discrição nunca foi um forte dela. E embora muitas vezes isso tenha me deixado constrangida, neste momento, darei o que ela espera.

— Fui convidada pela professora Marina para coreografar uma parte do espetáculo de fim de ano – solto de supetão. – Não é o máximo?

— Você aceitou?

— Claro! É uma ótima oportunidade.

Minha mãe para o carro em frente a uma padaria e me olha apreensiva.

— Filha, acho que você deveria reconsiderar sua decisão... – Suas mãos se agitam no colo.

— Por quê? – questiono semicerrando os olhos, intrigada. Quero ver até onde ela vai sem me contar o verdadeiro motivo.

— Você deve se focar em seu tratamento, em voltar a dançar – ela rebate mais firme, fitando-me nos olhos.

— Uma coisa não tem nada a ver com a outra.

O rosto de minha mãe se transforma em uma carranca. Ela passa os dedos por entre os fios de cabelo de maneira apressada em uma clara demonstração de que está nervosa.

— Não entendo por que você sempre quer me desafiar! Primeiro com essas suas novas amizades, agora com essa ideia de ser coreógrafa... –

Balança a cabeça, visivelmente contrariada. – Por que ousa pensar nisso? Depois de tudo o que abdiquei, você simplesmente irá desistir?

Fico em choque.

— Como *ouso*? Não pedi para você fazer isso! E com certeza não sou obrigada a dizer “amém” para tudo que você deseja! Eu não estou feliz, mãe. Será que isso não importa nem um pouco para você?

A expressão dela ameniza, mas nem tanto.

— É claro que eu quero a sua felicidade, Aline. E é por isso que estou ajudando você a perceber que suas atitudes estão sendo ridículas... Você não tem tempo para coreografar um espetáculo! Quer se rebelar contra mim, é isso?

Reviro os olhos, incrédula.

— Nem tudo gira em torno de você, mãe! Você já se perguntou por que age assim comigo? – pergunto exaltada e indignada. – Está sempre querendo controlar a minha vida! O que eu como, o que eu visto, com quem eu devo andar, ao que devo me dedicar. Aposto que, no fundo, deve adorar me ver presa nessa condição, assim você se acha no direito de me manipular, de fazer o que quer com a pobre coitada em uma cadeira de rodas! – Sorrio amarga. – Não é assim que me vê?

Ela abre a boca para responder, mas a interrompo:

— Por que você não toma conta melhor do papai ao invés de se preocupar milimetricamente com tudo o que decido? Parece que ele anda

meio desestimulado na relação de vocês...

Seu rosto fica coberto de vermelho, seu olhar é ultrajado, mas não diz nada. Ambas estamos ofegantes. Ao invés de responder, ela apenas volta a dirigir. Minha vontade é de puxar o freio de mão e fazê-la me ouvir ainda mais, sinto o impulso de levá-la a provar do próprio veneno. Eu quero ser maldosa, quero fazê-la pagar por algo que nem mesmo é culpa dela, já que mamãe só expressou sua opinião – descabida – como sempre faz. Apesar de nos ferirmos uma à outra, a raiva ainda fervilha dentro de mim.

Não queria que a discussão tivesse chegado a esse ponto, mas não consigo evitar. Dona Isabel desperta o pior que há em mim, ainda mais quando age dessa maneira egoísta. Entretanto, por mais que eu esteja me sentindo controlada, não tinha o direito de falar sobre a relação dela com papai. Se eu não quero que ela se meta na minha vida, devo fazer o mesmo. Não posso me intrometer em assuntos que não dizem respeito a mim. A verdade é que está se tornando impossível ignorar o abismo que vem se formando entre os dois. De uma maneira ou outra, isso me afeta. Tenho medo do que pode vir a acontecer se meus pais não se entenderem melhor.

Quando chegamos a casa, ela me ajuda a sair do carro de forma mecânica. Atingimos a porta de entrada e a olho de relance, busco alguma coisa que não sei o que é. Pergunto-me se devo continuar a discussão, mas não vale a pena. Deixo que ela siga entre os corredores enquanto vou para o

meu quarto.

Papai, que está sentado na sala, me chama. Eu ignoro.

Tranco a fechadura assim que entro. Não quero ser interrompida agora nem responder ao olhar confuso de papai. Desloco-me até a escrivaninha e apoio as mãos contra a madeira. Quando percebo que estou firme o bastante, tento me levantar. Consigo ficar em pé por alguns minutos e me encho de esperança, talvez eu não precise de minha mãe no final das contas.



Capítulo 12

Aceno para meu pai. Ele sorri e então se concentra na direção. Apesar da cara feia que minha mãe fez, papai se dispôs a me levar até o shopping para encontrar com Gabriela. Para facilitar, ele me deixou no mesmo andar da praça de alimentação, assim eu não teria que me esforçar muito sozinha.

Gabriela sugeriu a ideia de nos encontrarmos para comprar os ingressos para a Festa das Flores. “Assim você já se inspira para criar a coreografia!”, foi o que me disse no chat do Facebook. Concordei.

Ao chegar à praça de alimentação, estreito meus olhos à procura da sua cabeleira loira. Após alguns segundos, avisto Gabriela sentada perto da loja de cupcakes. Um segurança do shopping se aproxima e me oferece ajuda, mas declino. Desloco-me devagar ao encontro dela. Gabriela tem aquele sorriso fácil no rosto, usa um vestido vermelho de bolinhas brancas e as

caveiras em sua prótese, sua marca registrada, na cor vermelha também.

— E aí, bailarina? – Sorri matreira. – Me conta melhor o motivo dessa histeria toda.

Relato os detalhes, desde o momento em que recebi o convite da professora Marina – sobre o qual Gabriela já sabia – até ouvi-la conversando com minha mãe sobre não acreditarem em mim de verdade. Por último, falo sobre meu desafio de ter que aturar Rafael como parceiro na elaboração da coreografia.

Minha amiga bate as unhas vermelhas na mesa, pensativa. Ela estrala a língua emitindo um som de “cloc-cloc-cloc” e começo a ficar agoniada.

— Você o ama mesmo, né? – pergunta de repente, seu olhar cravado em mim. Não consigo mentir para ela. Aceno de leve com a cabeça, derrotada. – Bom, se quer saber minha opinião, acho que você está pirando com bobagens. Já falei que você é muito neurótica, não falei?

Ergo as sobrancelhas, confusa. Gabriela, ao perceber que não entendi nada, continua:

— O problema aqui não é o porquê dessa tal de Marina te convidar, e pouco interessa se sua mãe te apoia ou não! E se acha que o “xis” da questão é o Rafael, você também está enganada. – Ela coloca a mão no

queixo e me observa. — A pergunta é: você quer coreografar essa dança e está preparada para isso?

— Sim. Eu quero muito coreografar o espetáculo! Acho que é uma boa ideia explorar novos horizontes, sabe? E, infelizmente, preciso pensar no meu futuro caso não consiga voltar a dançar... — Minha garganta se fecha um pouco ao pensar nessa possibilidade.

— Então você não deve se preocupar com qualquer outra coisa, Aline! Chega de sofrer com as escolhas dos outros, pense mais nas suas.

Gabriela segura minhas mãos e aperta-as com força. As delas estão quentes, as minhas parecem pedras de gelo. Ela está certa. Não devo avaliar as repercussões de minhas decisões antes de tomá-las, devo apenas executá-las.

— E quanto ao Rafael? — sussurro.

— Você deve aceitar coreografar com ele, amiga. Não deixe que essa história do passado a impeça de viver um grande amor.

— Mas não é o que você faz com o Guto? Ele te adora, mas você só o empurra para longe.

— Eu e o Guto não temos a mesma história que vocês. Não posso obrigar você a fazer o que digo, e nem devo, mas quero que entenda: só você pode escolher o caminho que deseja seguir. Na minha perspectiva, devia

aceitá-lo como seu parceiro. Deixa de viver na mágoa! Se quiser, até vou contigo amanhã!

O semblante dela permanece inalterado enquanto aguarda minhas considerações. Como normalmente acontece quando penso em assuntos delicados e conflitantes, acabo suspirando pesadamente. Meu silêncio não me traz nenhuma luz e continuo travada quando se trata de Rafael, não consigo seguir em frente ou voltar atrás. Sinto-me presa em um *looping* infinito no qual só sofro e me despedaço, ou então explodo de forma raivosa. Percebo então que está na hora de parar com isso e dar um ponto final ou uma vírgula ao que vivemos, algo precisa ser feito.

— Obrigada, Gabriela. De verdade! Não precisa ir comigo, é algo que eu preciso resolver sozinha.

Sorrimos uma para a outra e me sinto mais aliviada. Estou pensando que talvez seja eu mesma quem complica tudo, no final das contas. O clima amigável se perde quando escuto uma voz familiar a perfurar de forma maldosa meus ouvidos.

— Não acredito que, com tantas pessoas na cidade, tenho que encontrar justo a mais intragável!

Ao que parece, Priscila se tornou a pedra no meu sapato.

Não irei dizer nada!

— Ô garota, se enxerga! – exclama Gabriela, irritada. – Não temos tempo para seus chilikues de garotinha mimada.

Ambas as garotas que acompanham Priscila soltam expressões surpresas, mas ela não se deixa abalar. Aproxima-se balançando uma embalagem transparente que contém um belo crucifixo de madeira. Enquanto observo o objeto, Priscila não perde tempo:

— Que bela dupla vocês formam, não é mesmo? – questiona às suas seguidoras. – A perna de pau e a “coitadinha” da Academia.

— Apenas ignore – sussurra Gabriela para mim.

— Eu *nunca* sou ignorada – responde Priscila ao sentar-se na cadeira vazia em nossa mesa. – Acho ótimo que tenha feito amizade com pessoas como você, Aline. Sabia que o Rafael jamais olhou para você com algum interesse romântico? Ele só sentia receio de não ser mais seu amigo porque você, tão sozinha, não tinha nenhum outro. A “coitadinha” da Academia! Faça-me o favor! – Ela se abana teatralmente.

A verdade é que eu e Rafael sempre fomos melhores amigos muito antes da descoberta deste sentimento que se tornou algo mais. Primeiro, uma paixãoite aos 12 anos que foi crescendo e se tornando... amor. Amor que não foi correspondido. Quando me dei conta de meus sentimentos, Priscila já estava lá, preenchendo o espaço que eu acreditava que seria meu. E sempre

tentava me ferir, me inferiorizar, deixando claro, de alguma forma, que não havia lugar na vida de Rafael para mim. Entretanto, ele nunca deixou de estar ao meu lado. Sempre fomos amigos, parceiros, meu pax de deus, o coreógrafo de todas as minhas danças. Sempre fui a estrela do seu show. Mas não de seu coração. E isso foi demais para mim, me afastei. Tornei-me aquela amiga distante, me joguei de cabeça no balé. E me tornei a melhor. Mas qual foi o preço?

Tenho certeza de que Rafael nunca teve esse receio de que Priscila fala. Posso nunca ter sido sua namorada, mas sempre fui sua amiga – ainda que distante, e ele nunca desdenharia do que tínhamos.

Sinto-me indignada pelas últimas palavras de Priscila. Como ela pode diminuir o meu relacionamento com Rafael dessa maneira? Ok, ela é sua ex-namorada, mas isso não lhe dá o direito de dizer essas coisas para mim. Entretanto, por mais que eu saiba que Priscila só quer me ferir, sempre acabo levando suas provocações a sério. Como não poderia? Minha relação com Rafael está tão estremecida que vou acreditar em qualquer coisa que Priscila disser. E isso não pode mais acontecer!

— Priscila, chega! Não vou mais aturar os seus comentários maldosos e inúteis. – Inclino-me para mais perto dela. Tentei ao máximo me manter calada, mas essa garota tem o dom de me tirar do sério. – Não tenho culpa se Rafael não te quis mais! Mas não podemos culpá-lo, não é mesmo?

Você é insuportável!

Não consigo me conter. Eu ouvia pelos corredores da Academia o quanto Priscila era controladora e ciumenta; como odiava o fato de Rafael ainda conversar comigo e me querer presente em sua vida. Eu nunca dei a entender os meus sentimentos, mesmo depois que eles terminaram. Nossa amizade tomou forças novamente e ficamos mais próximos do que nunca. Por conta disso, ele me chamou para sair. Não era minha imaginação. Eu já não era mais solitária, era correspondida por quem sempre quis.

Gabriela solta uma risadinha, mas o rosto de Priscila perde a cor.

— Não acredito que disse isso! – Ela parece completamente chocada. – Você deveria se envergonhar pelo que fez! Você foi a culpada de tudo! – Balança a cabeça, seus lábios chegam a tremer por alguns instantes.

Priscila se levanta, exaltada, pronta para se retirar.

— Ah, não, você não vai simplesmente soltar a merda no ventilador e ir embora! – insiste Gabriela ao segurá-la pelo braço. – Já entendi a sua. Você é uma bailarina medíocre e sabe disso, então a única maneira de se sentir bem consigo mesma é rebaixando os outros. Mas quer saber? Comigo não tem essa, não. — Gabriela se levanta e põe as mãos na cintura com uma arrogância que não é dela. – Eu fui uma ginasta fantástica. Não, não posso mais competir. Mas e daí? Você acha que eu sou pior só porque tenho

limitações? Você também tem! Então, cai fora daqui antes que eu te chute para longe com minha *perna de pau* !

Priscila respira fundo e ajeita uma mecha de seu cabelo. Seu olhar está vidrado em Gabriela com uma expressão assassina. Ela se aproxima da mesa, como se ponderasse qual veneno irá destilar a seguir. Uma de suas amigas, na tentativa de evitar mais barraco no meio da praça de alimentação, puxa a manga de sua blusa, mas ela não se dá por vencida:

— E você acha que eu me interesso pela sua opinião, sua idiota? Vá contar sua história triste para quem queira escutar!

— Isso não me interessa, sua vareta desengonçada! – Gabriela retruca. – Você ainda não entendeu? Estamos pouco nos lixando para você e seus insultos!

— Pois a Aline deveria se importar – rebate ela, seu olhar diabólico fixando-se em mim. – Eu posso fazer da vida dela um inferno na Academia.

— Ah, tá! Agora você é o Voldemort! Se liga, né? – Gabriela diz com desdém.

Eu aproveito para acrescentar, já repleta de coragem:

— E você acha que eu e a Gabriela nos importamos com a sua popularidade? Este será o ponto alto da sua vida, daqui para a frente só tende a piorar. Então aproveita, tá? E agora, com licença, temos mais o que fazer.

Sinalizo com a cabeça para Gabriela me acompanhar, finalmente nos afastamos de Priscila e suas amigas.

— Obrigada, Gabriela – digo aliviada. – Essa garota é um tormento na minha vida! Nunca sei direito como espantá-la.

— De onde ela saiu? Da novela das nove? Ela é doidinha da Silva! – questiona Gabriela, incrédula.

Abaixo a cabeça, envergonhada. Outra vez me deixei levar pelo joguinho de Priscila! Não consigo compreender esse desejo incontrolável dela de me magoar. E nem entendo ao certo o motivo de tanto rancor, pois não nada tive a ver com a decisão de Rafael de terminar o namoro deles. Sim, eu gostava dele, mas nunca desrespeitei seu relacionamento. Nunca interferei ou influenciei seus sentimentos em relação à Priscila. Como posso ser a “culpada de tudo”, segundo suas palavras maldosas?

Acho que ela não aprendeu a lidar com a rejeição e está mais do que certo que não superou a perda dele ainda. Às vezes chego a pensar que Priscila não é cem por cento normal. Na verdade, sempre achei ela meio estranha. O ciúme doentio de Rafael quando éramos amigos, a vontade espalhafatosa de mostrar a todos que eram namorados... Para Priscila, tudo se trata de um show no qual é a estrela e precisa brilhar. Gostaria de poder negar que sou assim, mas é impossível. Tudo o que posso pedir é para não me

tornar igual a ela.

Comento um tanto cismada:

— Louca ou não, gostaria de saber por que Priscila me responsabiliza por todos os dramas da vida dela.

— Deixa disso, Aline! Chega dessas neuroses de bailarina ou eu te largo no meio dessa praça de alimentação, hein? Quem liga para o que essa garota diz? – Bufa contrariada. – Ela só está com inveja da atenção que você recebe do Rafael e da Marina. Se ela puder, vai culpar você até pelas unhas encravadas que tem! Esquece essa criatura!

Começamos a rir. Só mesmo Gabriela para me alegrar em um momento como esse. E então percebo: de nada adianta me preocupar com situações que não controlo ou que não merecem minha atenção. Vejo que preciso ser mais como minha amiga e viver de maneira menos complicada.

— Você está certa. Vamos comprar os ingressos para a Festa das Flores?

Ela bate palminhas, contente, e então se coloca atrás de mim para me empurrar até o guichê. Algumas pessoas ainda insistem em nos observar, mas Gabriela rebate os olhares e diz:

— Alguém perdeu alguma coisa?



Capítulo 13

Quando chego a casa, meus pais estão sentados em frente à televisão desligada, um em cada extremo do sofá. Mamãe encara as próprias unhas como se elas contivessem a resposta para o segredo do universo. Meu pai, por outro lado, larga o jornal assim que eu me aproximo. Eles não parecem perceber a presença um do outro e evitam trocar olhares. Noto o clima pesado e o mundo parece desacelerar enquanto observo papai respirar fundo. Sem sombra de dúvidas, meu plano de terminar a noite de maneira tranquila, me preparando para o início do trabalho como coreógrafa, foi por água abaixo.

— Estávamos esperando você, filha. — Ele se levanta para me dar um beijo na testa. — Como foi o passeio no shopping com a Gabriela?

Minha mãe se encolhe ao ouvir o nome da minha amiga, mas não se manifesta. Ela empertiga-se e alisa a barra da saia enquanto seus olhos acompanham os movimentos de papai.

— Foi muito bom, na verdade – respondo apreensiva. Quero saber logo do que se trata esta conversa. – Conseguimos comprar os ingressos para Festa das Flores.

— Que ótimo!

Minha mãe se levanta e resmunga, impaciente:

— Diego, diga de uma vez para ela!

— Mas será possível, Isabel? Ao menos uma vez na vida você poderia tentar não controlar tudo ao seu redor? Tenha santa paciência! – rebate com o cenho franzido.

Minha mãe entreabre os lábios. Papai não é de agir por impulso e falar de maneira explosiva. Estamos ambas surpresas.

— Por que vocês estavam à minha espera? – pergunto a fim de acalmar os ânimos. – Aconteceu alguma coisa?

— Nada grave, filha! Não precisa se preocupar... – papai responde.

Minha mãe sustenta a testa com a mão e suspira. Por sua vez, ele lhe dirige um olhar irritado ao se sentir pressionado. Senta-se na beirada do sofá e fica de frente para mim.

— Muito bem. Hoje, no trabalho, recebi a notícia de que fui promovido!

— Nossa, pai, isso é maravilhoso! Meus parabéns! – Abraço-o com força.

Mamãe bufa, passa os dedos pela franja e levanta-se de supetão. Seu olhar encontra o de papai, e ela cruza os braços.

— Já estou perdendo a paciência, Diego! Ou você fala, ou falo eu!

— Vocês estão me assustando! O que mais há para dizer? – pergunto mordendo os lábios.

— O meu novo trabalho fica em São Paulo. Teremos que nos mudar até o fim do ano, quando eu deixarei tudo em ordem para quem assumirá o meu cargo. – Seu tom é calmo e suave, diferente de como eu me sinto.

— O quê?! – indago incrédula.

É impossível formular uma resposta, pois não consigo assimilar o choque da notícia. Como assim iremos embora de Joinville? Depois de todos os discursos da minha mãe sobre eu voltar a dançar e me tornar a bailarina que ela sempre sonhou? De que adianta todo o meu esforço se não estarei aqui para colher os frutos?

— Vocês não podem estar falando sério! – exclamo agitada. – Minha vida é aqui! Eu acabei de aceitar coreografar o espetáculo, e ainda tem o meu tratamento...

— Você pode continuar seu tratamento em São Paulo, filha –

responde meu pai já refeito e calmo, porém isso me incomoda.

Ele não liga a mínima para a minha vontade me manter o contato com o balé? Sinto que agora é a minha vez de dizer o que me vem à mente.

— Não consigo entender vocês dois! – exclamo contrariada e de cenho franzido. – Enquanto mamãe só falta querer dançar no meu lugar, você não está nem aí para a minha carreira, pai!

— Filha, você está sendo muito imatura, não acha? – comenta um tanto quanto contido, sua expressão fechada. – Não esperava isso!

— Depois de tudo que eu enfrentei e ainda estou enfrentando para voltar a dançar, você de verdade acha que se mudar é a melhor opção pra mim? Você não me dá bola, não liga pros meus sonhos! – rebato exasperada. Estou ofegante e irritada.

Meu pai me encara com seriedade.

— Acha que eu não penso no que é melhor para você? Eu sempre faço o certo para a nossa família! Talvez este seja o meu erro! Acha que o dinheiro cai do céu? Preciso trabalhar muito para bancar o seu tratamento e, por isso, aceitei o novo emprego. – Papai fecha os olhos, cansado.

Meu estômago revira, pois nunca parei para considerar os sacrifícios que meu pai fazia e faz por nós. Nunca sequer imaginei que ele pudesse se sentir assim, pressionado e preocupado. Em contrapartida, sinto-me magoada

e traída por ser sempre a última a saber de tudo. Ao invés de tentar sanar a discussão, acabo por alimentá-la com minha mágoa:

— Então eu sou um estorvo, é isso? – Ergo o queixo, orgulhosa.

— Para de colocar palavras na minha boca, filha! Depois desse acidente, você não é mais a mesma. Só pensa em si e está sendo muito injusta! Será que não consegue ver as pessoas ao redor?

— Acho que o melhor seria ter morrido, assim não atrapalharia a vida de vocês!

Assim que as palavras saem da minha boca, arrependo-me no instante seguinte. A calma de papai se esvai de súbito e uma veia chega a saltar em seu pescoço. Em um ímpeto de raiva, vejo-o dar um tapa no vaso da mesa de centro. Minha mãe começa a chorar, mas seus soluços são abafados pelo barulho dos estilhaços do vaso ao cair no chão.

— P-pai... – balbucio, sem saber ao certo como consertar esse desastre.

— Você nem imagina o quanto me decepcionou esta noite – desabafa, seu olhar umedece com as lágrimas contidas. – Acho melhor continuarmos essa conversa em outra oportunidade.

Observo meu pai subir as escadas rumo ao seu quarto. Minha mãe, por sua vez, arrasta-se até a cozinha e abre a torneira para lavar a louça, como

se esta fosse uma tarefa muito importante no momento. Ambos me deixam sozinha na sala e me sinto desamparada. Quando foi que me tornei tão ingrata? Em nenhum momento parei para pensar nos custos do meu tratamento ou no que meu pai poderia estar abdicando pelo meu futuro. No fundo, eu sei que papai sempre se importou comigo e com meus desejos e necessidades, mas, diferente de mamãe, nunca quis me sufocar.

A mera imagem da silhueta derrotada de meu pai subindo os degraus faz meu coração apertar. Mais do que nunca, vejo que minhas atitudes são abomináveis e torço para que seja possível repará-las. Nunca deveria ter mencionado o acidente dessa maneira, ainda mais depois de todo o sofrimento pelo qual os fiz passar.

Minha vontade é ir atrás de meu pai e implorar por seu perdão. É o certo a se fazer, não é? Por outro lado, sei que reconhecer meus erros agora não adiantará nada. Papai costuma dizer que “pedir desculpas é muito fácil, o difícil é não ter motivos para fazê-lo em primeiro lugar”. Sendo assim, preciso arranjar outra maneira de me redimir.

Estou tão egocêntrica e obcecada por coreografar o espetáculo e, de alguma maneira, me manter em contato com a dança que não percebi toda essa transformação. Embora já faça quase cinco meses desde o acidente, para mim, parece que tudo aconteceu tão depressa... O contato com a dança me transporta para outro mundo e me sinto eu, de novo. Por mais que tudo possa

desabar ao meu redor, em uma sala de dança escutando os ruídos dos movimentos do balé e a contagem de cada passo, é como se eu estivesse segura. Entretanto talvez essa segurança também venha da estabilidade familiar que meu pai sempre me proporcionou, e pensar nisso me faz desmoronar.

Olho para os cacos de vidro no chão e espero que, diferentemente do vaso, ainda não seja tarde demais para juntar os pedaços do que sobrou de mim e da relação com meus pais.



Capítulo 14

Depois do que parece uma eternidade, o final de semana termina e surge o momento de enfrentar Rafael. Chego cedo ao estúdio com o intuito de me preparar psicologicamente para iniciar a coreografia. Estico o braço, deslizo meus dedos pela barra em frente ao espelho e inspiro fundo. Quantas vezes treinamos juntos no passado? Indiferente a essa pergunta, hoje parece ser a primeira vez e meu coração palpita em expectativa.

Meia hora depois, Rafael entra na sala com os cabelos ainda úmidos do banho e a mochila pendendo em um dos ombros. Veste a calça de moletom azul-marinho, uniforme da Academia.

Como ele está lindo!

Logo que essa ideia me atinge, minhas bochechas enrubescem e abaixo a cabeça, torcendo para que ele não perceba meu constrangimento.

Quando tomo coragem, fixo meus olhos em seu rosto à espera de ouvi-lo dizer algo para facilitar este “encontro”, mas Rafael apenas sorri.

Esfrego as mãos e pigarreio.

— Quero deixar claro que nossa relação será estritamente profissional. Iremos trabalhar juntos na elaboração da dança porque reconheço que você é um bom coreógrafo, mas isso é tudo. Entendido?

Escolho ignorar uma voz em minha cabeça a me dizer que nossa relação nunca seria “estritamente profissional”.

— Bom dia para você também, Line – ele responde com um risinho abafado.

— Estamos entendidos ou não? – volto a questionar, impaciente.

— Sim, estamos.

— Ótimo! – rebato mais animada. – Agora quero mostrar a música que escolhi para o ato inicial.

Busco a bolsa que deixei encostada na barra e trago-a para o meu colo. Abro o zíper da frente e apanho meu pen drive, estendendo-o para Rafael. De pronto, ele o pega da minha mão e o conecta ao computador no canto da sala.

As notas iniciais de “Clair de Lune”, de Debussy, invadem o ambiente. Minha respiração fica suspensa enquanto aprecio o momento. Para

mim, esta é a música perfeita. Nos instantes finais da melodia, Rafael afasta-se do computador e diz:

— De verdade, Line? Achei meio previsível. Acredito que podemos trabalhar uma música mais intensa, mais romântica...

Meu primeiro impulso é retrucar, ofendida, entretanto o gosto musical de Rafael sempre foi impecável, ainda mais ao se tratar de balé coreografado. Logo, a errada provavelmente sou eu, o que me traz insegurança. A professora Marina não espera nada mais, nada menos do que perfeição. E a notícia de meu pai, de que precisaremos morar em São Paulo ao final do ano, só me faz pensar que, mais do que nunca, preciso impressionar durante este espetáculo e mostrar que meu lugar é aqui, na Academia, nem que seja como coreógrafa.

— Eu não tenho outra música – sussurro derrotada. – Talvez eu não devesse coreografar este espetáculo, se nem a música consigo escolher...

— Não fale isso, Line – Rafael rebate voltando-se para mim com um longo suspiro. – É só o primeiro dia, você vai encontrar a música perfeita.

Ele demonstra genuína preocupação. Não quero dissecar cada detalhe de suas ações agora, pois não tenho energia. No momento, só consigo me desesperar com o fato de que não sei sequer por onde começar.

— E se não for possível?

— Será, Line, eu tenho certeza disso.

— Como pode ter certeza? Você é o coreógrafo, não eu.

— Mais uma razão para trabalharmos juntos. Vou ensinar tudo o que sei a você. – Ele sorri e se escora na barra, distante.

As intenções por trás dessa demonstração de afeto são desconhecidas para mim. “Por que você está me ajudando?”, quero perguntar. Estou confusa, mas grande parte de mim deseja que Rafael esteja sendo sincero.

— Por que está tão preocupada com esse espetáculo? – ele indaga.

— Eu só quero que as pessoas percebam que eu posso fazer isso.

— Você pode.

Aceno de leve com a cabeça, concordando, embora não esteja tão confiante assim.

— Algum dia você irá me perdoar, Line? – Rafael questiona, de súbito.

O jeito como meu peito parece inflar ao ouvi-lo dizer isso me faz ter certeza de que não conseguirei afastá-lo por muito tempo. Mas, ao invés de confessar meus sentimentos, respondo:

— Talvez...

— É o bastante para mim, por enquanto.

Eu sorrio um pouco tímida.

Rafael se aproxima e se agacha sobre um dos joelhos para ficarmos na mesma altura. Seu olhar se fixa no meu e parece que entende o que estou sentindo, mesmo sem ter a mínima ideia sobre minha mudança para São Paulo. O modo como me encara me faz estremecer. Umedeço os lábios e desvio a face, mas Rafael segura meu queixo com as pontas dos dedos e me força a olhá-lo de novo. Com a outra mão, ele afaga meus cabelos e me sinto quente.

Ele encosta os lábios em minha testa e sussurra que tudo ficará bem. Meu corpo reage a Rafael sem que eu consiga me controlar e, quando me dou conta, já estou imaginando como seria a sensação se ele me beijasse de verdade. O que está acontecendo comigo?

— Line... — ele sussurra entre meus cabelos e meu corpo se arrepia.

— Sim? — questiono em um fio de voz, nervosa.

— Senti sua falta. — Sua voz ainda é baixa e ele sorri, ainda sem tirar a mão dos meus cabelos. — E do seu cheiro...

Seus lábios vão até o meu pescoço e perco o fôlego.

— Sempre tão preocupada... Você precisa relaxar. — Suas mãos vão para meus ombros e seus olhos não abandonam os meus. — Tenho a música perfeita para você.

Demoro para me sintonizar com o que ele está me dizendo.

— Ah, é? Qual o nome? – questiono tentando controlar minha voz trêmula.

— Ainda não sei, mas prometo que vou descobrir.

O jeito descomplicado como ele lida com as minhas preocupações me toca profundamente. Estou sem ar e minha cabeça parece pesada. Foi por esse Rafael carinhoso e prestativo que me apaixonei, e essa verdade me atinge em cheio no peito. Como pode uma pessoa nos deixar mais calmos com apenas uma carícia? Ele exerce esse poder sobre mim e, ao invés de acreditar que isso me faz uma pessoa vulnerável, ao contrário, entendo que sua presença me torna mais confiante. Acredito que, com Rafael, eu terei verdadeiras chances de permanecer aqui, onde é meu lugar.

Consciente dos meus sentimentos até então adormecidos, minha vontade é de confessar que desejo montar essa coreografia com ele, mas opto pelo silêncio. E se Rafael não sentir o mesmo que eu? E se ele estiver apenas me ajudando porque a professora mandou e não por querer ser meu amigo?

Fito-o por mais alguns segundos. Forço-me a sorrir e fingir que nada aconteceu dentro de mim, não quero comprometer o nosso trabalho. Portanto, o mais sensato a fazer é focar apenas na coreografia, como solicitei no início do ensaio. Quando me vejo mais preparada, indago:

— Bom, então vamos à caça de uma nova música?

Rafael retribui o sorriso e meu coração perde uma batida, descompassado. A alegria me invade de uma maneira avassaladora e preciso me segurar para não desmontar ali mesmo, revelando que sua simples presença me faz sentir um pouco mais perto do meu sonho e muito mais feliz.



Capítulo 15

Na manhã seguinte, ainda estou receosa com a escolha da melodia para o espetáculo. A promessa de Rafael foi um empurrão de confiança, mas a minha mente continua povoada por dúvidas e receios, então me concentro em minha sessão de fisioterapia.

Jorge me coloca diante de duas barras metalizadas e, com seu auxílio, permaneço de pé fazendo força com os braços.

— Esse exercício cansa demais! – reclamo dando um longo suspiro.

— É para ser assim, Aline. Veja só, você está de pé!

Jorge sorri confiante. Apesar de não compartilhar totalmente de seu ânimo, não desisto mesmo sentindo a dor insistente na lombar e a queimação em meus antebraços.

— Isso mesmo, Aline! É assim que eu gosto de ver você: disposta e

com força de vontade. Assim você vai se recuperar logo, logo.

Não consigo contabilizar quanto tempo permaneço em pé, apenas treinando o fortalecimento e equilíbrio. Jorge me motiva a cada progresso.

E finalmente, tímida, ensaio alguns passos por entre as barras metálicas.

— Pense como se aprendesse a andar de novo, entende? – ele explica, atencioso. – Seu corpo tem a “memória muscular”, mas ainda está frágil. Por isso, precisamos fortalecê-lo e ir inserindo novos exercícios aos poucos.

A sessão inteira se passa comigo “reaprendendo a andar” e, por mais que eu saiba ter um longo caminho pela frente, a felicidade preenche meu peito.

— Parabéns por hoje, Aline! – Jorge me congratula. – Nossa sessão de fortalecimento foi fantástica! O seu progresso é inegável, e não duvido que logo mais conseguirá se firmar fora da cadeira de rodas sem precisar de mim.

Sorrio sem acreditar.

— Creio que você já deve marcar o retorno com o doutor Edilson – ele recomenda enquanto termina de preencher as folhas em sua prancheta. – Provavelmente o doutor indicará as muletas a partir de agora.

Em minha cadeira, olho pela janela para o jardim em frente à sala de

reabilitação em que estamos. Com receio, questiono o que está em minha mente:

— Você acha mesmo?

— Você já está bem fortalecida e o equilíbrio melhorou muito, Aline. Com mais algumas sessões, não vejo problema em você parar de utilizar a cadeira de rodas.

Meu peito começa a formigar de alegria e, assim que me despeço de Jorge, quero ligar para Gabriela, para meu pai, para a professora Marina e até mesmo para minha mãe... Preciso compartilhar essa notícia maravilhosa com todo mundo! Não quero me conter, quero extravasar. Entretanto esses devaneios não duram muito e meu pensamento segue direto para *Rafael*. Aquele que realmente importa para mim. É com ele que quero dividir todas as minhas novidades, principalmente minhas alegrias. Ele sempre foi a pessoa mais presente na minha vida, sempre me estimulou e me motivou durante nossa infância e adolescência. Com o seu sorriso frouxo e gestos carinhosos, ele sempre soube como melhorar meu dia e tornar tudo mais leve.

Com o coração aquecido, penso sobre a música para o espetáculo e, enquanto aguardo a chegada de mamãe na recepção da clínica, coloco os fones de ouvido de forma apressada. Deixo minha bolsa no assento ao meu lado.

Alheia a todos à minha volta, mergulho nas peças de Bach, Vivaldi e Mozart na tentativa de encontrar algum detalhe que me faça crer que aquela melodia será a escolhida. Aguardo algum acorde, alguma nota que me fará despertar, sentir a eletricidade em meu corpo e querer rodopiar sem descanso! No instante em que aperto o botão para ouvir a próxima faixa, meu celular vibra.

Pego meu celular e vejo o ícone da caixa de mensagens com uma pendência. Abro o SMS, que é de mamãe: “Filha, já estou aqui. Pode vir!”.

Deslizo pela rampa da clínica em direção ao carro de mamãe, que está estacionado logo em frente. A porta do passageiro, já aberta, informa que ela está com pressa. O motivo eu não compreendo. Com a vida inteira voltada para as minhas atividades, é difícil imaginar minha mãe fazendo alguma outra coisa. É difícil imaginá-la acreditando que algo é mais importante do que sua obsessão por mim e pelo balé.

Embora estejamos tentando agir normalmente desde o incidente da “mudança”, para mim, é muito difícil. Nós nem sequer chegamos a conversar sobre tudo o que aconteceu, sobre a explosão de papai ou sobre o que isso significa para as nossas vidas. Minha mãe nunca quer esclarecer os fatos ou, ao menos, eu imagino que não, pois age como um robô na maior parte do tempo e torna impossível decifrar suas emoções. Contudo, se ela quisesse conversar, eu nem saberia o que dizer. É como se nós fôssemos duas

estranhas convivendo diariamente.

Balanço a cabeça para afastar estas divagações e me preparo para entrar no carro. Faço força com os braços e me impulsiono para o banco. Ela pega a cadeira de rodas e guarda no porta-malas para, então, se posicionar atrás do volante e dar a partida.

Cerca de um minuto depois, mamãe me observa de soslaio. Retribuo seu olhar por um breve momento e volto a atenção para o meu *iPod*.

— E então? – questiona ela. – Como foi a sessão?

Tento esquecer nossas diferenças por algum momento e dividir minha conquista com ela:

— Ótima, mãe! Consegui permanecer a sessão inteira em pé e até ensaiei alguns passos. Jorge disse que meu equilíbrio está muito melhor e que, com mais algumas sessões, já poderei me livrar da cadeira de rodas e usar as muletas.

— Filha, isso é maravilhoso! – exclama mamãe com os olhos marejados pela notícia. – Eu esperei tanto por esse momento e, agora que chegou, nem sei o que dizer de tanta felicidade!

— É mesmo, não é? – Mal consigo me conter. – Nem acredito que é verdade! Eu me esforcei tanto, mas tanto... e agora... agora está cada vez mais possível, cada vez mais perto.

Ela me abraça com ternura e até estranho seu carinho repentino, pois não vivemos essa relação amorosa de “mãe e filha” há muito tempo. Envoltos nos braços dela, sinto uma mistura de desconforto e amparo. Não quero reprimi-la, mas me sinto sufocada e algo em seu gesto não me faz bem. Não parece *certo*. Por mais que eu sempre tenha desejado ter uma relação mais carinhosa e próxima, de repente, tudo o que menos quero é esse contato. Não entendo.

— Mãe, você pode marcar o retorno com o doutor Edilson, por favor? O Jorge disse que já era uma boa hora.

— É claro que sim, filha! Marcarei hoje mesmo. E garanto que você voltará a dançar muito antes do que espera, escute o que estou dizendo...

Volto meu olhar para ela.

— Mãe, nós vamos nos mudar, esqueceu? – pergunto incomodada. Como ela pode esquecer esse *detalhe*?

— Nossa mudança não impede você de voltar a ser uma bailarina, Aline – responde séria. – Tenho certeza que em São Paulo há escolas tão boas quanto às daqui, até melhores.

Seu tom seco me incomoda. Não entendo por que ela não discutiu essa questão comigo. Uma “mãe normal” teria perguntado como sua filha se sente em relação às novidades, tentaria fazer com que sua perspectiva fosse

entendida, e não apenas jogaria uma frase pronta, que mais parece um diálogo ensaiado e automático. Ela nem ao menos tentou me convencer de que essa é a melhor opção!

Embora saiba ser algo necessário, queria que minha mãe prestasse mais atenção em meus sentimentos, em mim. Não queria que me visse apenas como uma bailarina, mas como sua filha. Cansada de sufocar esses pensamentos, resolvo me manifestar:

— Por que você não me contou sobre a mudança antes, mãe?

— Seu pai queria estar presente nesse momento, filha. — Ela se remexe, inquieta. — Para lidarmos com essa situação em família.

Tenho vontade de rir!

— Não parecemos uma família. Que bela hora para decidir ser uma, não acha?

— Olha o tom, Aline! — ralha minha mãe, nervosa.

— Mas por que, então, me convenceu a voltar à Academia? Por que me fez passar por tudo isso se sabia que eu não ficaria lá por muito tempo?

— Que diferença faz? — ela rebate, ofegante. — Você precisava de uma ocupação!

— Poderia ter me dito... — murmuro, incrédula com o comportamento dela. — Eu teria feito outros planos.

— O que quer dizer com isso?

Olho desanimada para minha mãe.

— Se eu não estivesse presa à cadeira de rodas, nunca me mudaria com vocês.

— Que tolice está dizendo, Aline?!

— Eu não terei oportunidade nenhuma em São Paulo. Será que você não consegue enxergar isso? Aqui todos me conhecem! Se eu conseguir voltar a dançar, minha chance estará em Joinville. Essa mudança para São Paulo me sentenciará a permanecer nesta cadeira de rodas para sempre! Nenhuma companhia contrataria uma bailarina lesionada, muito menos uma de quem nunca ouviram falar!

Minha mãe nem pestaneja.

— Você sabe que em São Paulo há audições para companhias profissionais. Além do mais, está sendo muito dramática, Aline. Precisamos lidar com os fatos: vamos nos mudar, e você irá junto. Pare de pensar bobagens e planeje sua vida daqui para a frente.

— É exatamente isso o que estou fazendo.

— Não, não é! – exclama enraivecida. – Você está sendo uma adolescente mimada que não liga a mínima para o que seu pai e eu pensamos ou para o que abdicamos por você. Não se importa com a nossa família?

— Às vezes acho que o melhor para mim seria ficar longe de vocês.

Mamãe faz uma cara de espanto, como se essa possibilidade nunca tivesse passado por sua cabeça. Ela ergue o queixo na tentativa de se recompor e questiona:

— E posso saber o motivo para querer ficar longe das pessoas que mais te amam no mundo?

Suspiro cansada.

Não importa quantas vezes nós tentamos, nossas conversas não seguem adiante. Nossa comunicação é sempre prejudicada pelas discussões. Ou pior, pela chantagem emocional. Minha mãe tem uma opinião definitiva sobre o que deseja para a minha vida, não importa quantos argumentos contrários eu ou qualquer outra pessoa tenha.

Não consigo entender. Realmente não consigo!

Talvez ela goste desse comportamento, de se sentir incompreendida por todos. Será que ela já tentou se colocar na minha situação uma única vez? Se eu for sincera comigo mesma, entendo que provavelmente terei oportunidades em São Paulo, mas meu coração se aperta a cada vez que penso em deixar Joinville. O motivo, lá no fundo, sei que em nada tem a ver com o balé.

Para mim, Joinville significa ter Rafael por perto. Se eu confessar

isso em voz alta, entretanto, é capaz de minha mãe ter um chique. Acredito que ela o culpe pelo que aconteceu quando, na verdade, o acidente poderia ter sido com qualquer um.

Estou cansada da proteção sufocante de mamãe e de seguir todas as suas vontades. Talvez eu devesse mesmo morar sozinha, longe desse ambiente calculado por ela. Por outro lado, tenho consciência de que minhas limitações físicas não vão desaparecer da noite para o dia. E meu pai nunca me ajudaria financeiramente nessas circunstâncias, se é que poderia me ajudar.

*

Entro na Academia decidida a esquecer a discussão com mamãe e relaxar. A música sempre foi capaz de me trazer paz, e hoje preciso de um estado de espírito tranquilo.

Deslizo pelo corredor até encontrar uma sala desocupada. Pego meu *iPod* e conecto-o ao notebook. Quando a *playlist* começa a tocar, jogo minha bolsa em um cantinho e me posiciono com a cadeira de frente para a barra. A melodia de “Awaken”, por Dario Marianelli, preenche o ambiente e inspiro de olhos fechados. O sorriso aparece em meus lábios sem que eu possa me

conter.

Penso no Balé e relembro a expressão “como andar de bicicleta”. Para mim, dançar sempre foi assim: algo que faço sem nem raciocinar sobre isso. “Está na sua memória, já faz parte de você”, é o que meu pai costuma dizer. Talvez ele esteja certo, meus pés conhecem este piso lustroso desde a infância. Com este ensinamento em mente, ainda sem abrir as pálpebras, toco a superfície de madeira com a ponta dos dedos. Minha mente dissipa qualquer emoção ruim e meu peito vibra com a entrada dos violinos.

Munida de coragem, aperto a barra com força em busca de apoio. Ergo o tronco e minhas pernas não vacilam, o que me encoraja. O solo do violino me dá mais coragem e consigo ficar de pé. Estico a perna direita para o lado e meu braço acompanha. São apenas segundos, mas ao deslocar-me junto com a música sinto que sou uma bailarina de novo. Alongo o tronco em direção à minha lombar, embora ainda sinta um pouco de dor. Nesse momento, quando a melodia está prestes a finalizar, Rafael entra e me observa surpreso.

— Aline, não acredito! – interrompe sem se importar. – Você... você está dançando! Sabe o quanto isso é maravilhoso?!

Ele sorri e me abraça, espontâneo. Com o susto, paro tudo e firmo minhas pernas para me sentar outra vez. Sinto as articulações estalarem,

ainda mais resistentes, o que me deixa confiante.

— Desculpa! – exclama Rafael com o rosto de lado, envergonhado.

– Eu não queria atrapalhar! Não sabia que você já podia dançar.

— Não posso, na verdade – digo nervosa. Sua presença me deixa abalada. – Não ainda, pelo menos. Foi só um experimento. – Sinto minhas bochechas corarem, nem sei explicar o motivo.

— Caramba... – Ele balança a cabeça ainda sorridente, mas seu olhar está distante.

— O que foi? – questiono agoniada. Observo seu rosto com atenção agora.

— Por um minuto, eu me lembrei de você nas apresentações. A expressão do seu rosto era a mesma.

— E que expressão é essa? – indago curiosa.

— De paz.

Ele sorri para mim. Eu demoro dois segundos para retribuir. Não há dúvida de que Rafael me entende melhor do que qualquer outra pessoa, talvez até mais do que eu mesma. Essa constatação me assusta. E, por mais que eu tente, não posso evitar relembrar o passado. O dia do acidente, e tudo o que veio depois, ou melhor, que não veio com a fuga dele. Se Rafael me conhece tanto assim, por que faria algo que me magoaria de maneira tão profunda?

A verdade é que não aguento mais essa aura de mistério em volta de Rafael. Não me sinto segura em sua companhia sem entender completamente o que o levou a ter um comportamento tão divergente do Rafael de antes. Estou *pronta* para ouvir o que ele tem a me dizer. Não posso mais esperar, preciso ouvir a resposta.

— Por que você foi embora, Rafael?

— Achei que já havíamos superado isso.

— Você sabe que não, apenas demos uma trégua para coreografar o espetáculo.

— Importa tanto assim para você o motivo do meu sumiço? — questiona enquanto se aproxima de mim. Ele se agacha para ficar na mesma altura que eu, seu zelo em fazê-lo me aquece. — Mesmo sabendo dos meus sentimentos, você não consegue me perdoar?

— Não é uma questão de perdão, Rafael. — Minha voz soa embargada. — Eu preciso saber por que você me abandonou quando eu mais precisei.

— Para mim, esta é a questão, Line. Você sabe que me importo muito com você, estarei ao seu lado sempre. Prometo que nunca mais vou sumir desse jeito, mas não posso contar o motivo.

— Na realidade, Rafael, você não esteve ao meu lado. E esse é o

problema.

Ele suspira entristecido, mas não responde. Encaro seus cabelos até que levante a cabeça. Ele esquadrinha minha expressão em busca de perdão, e eu retribuo à procura de respostas. Lentamente suas mãos cobrem meu rosto, uma de cada lado da face. Coloco as minhas mãos sobre as dele antes que possa controlar meus atos. Mesmo sentada, minhas pernas ficam bambas. Seus olhos têm aquele brilho intenso que faz meu coração bater mais rápido. Nossas respirações ficam descompassadas e sinto o calor subindo pelo meu peito. Eu não pretendia nada disso, mas, quando me dou conta, sua boca está muito próxima da minha.

— O que está fazendo? – questiono nervosa.

— Eu senti saudades.

A frase “eu também” morre, engasgada em minha garganta. Talvez eu esteja me apegando a questões sem importância. Sempre confiei em Rafael. Do meu corpo em dança ao meu coração, dei-lhe cada pedaço de mim. Talvez seja o momento de confiar em seus motivos e me permitir sentir novamente envolvida em seus braços, na paz de sua companhia. Talvez seja o momento de desistir de interpretar o seu distanciamento e aceitar o fato de que, agora, ele está aqui comigo. E que, apesar de eu não entender seu comportamento, o que faz com que eu me sinta um pouco insegura e

vulnerável, ele está se esforçando para reconstruir nossa relação, seja qual for.

— Você não sente saudades de nós, Line? – questiona Rafael, já que eu não me pronuncio. – Não tem saudades dos nossos ensaios, das noites sem dormir escolhendo coreografias e assistindo às suas séries preferidas de balé?

Envergonhada, viro o rosto para o outro lado. Ainda estamos próximos um do outro, mas a uma distância mais segura. Minha vontade é responder que “sim, eu sinto falta de tudo”, mas fico dividida entre perdoá-lo ou esperar que, um dia, ele esteja pronto para revelar o que aconteceu. Na dúvida, opto pelo meio-termo.

— Você venceu, Rafael – afirmo com o queixo erguido. – Eu respeito você não querer conversar sobre isso agora e aceito suas desculpas.

Ele apenas concorda com a cabeça. Por isso, acrescento o que não pode mais esperar:

— Preciso deixar claro, no entanto, que este assunto ainda não está encerrado. – Mordo os lábios, incerta.

— Tudo bem, Line. É o suficiente pra mim. – Ele suspira e me olha diretamente, como se pudesse ver através da minha alma.

Minhas bochechas ficam coradas e abaixo o olhar.

— Só quero que sejamos amigos, assim como continuei amigo de

Priscila apesar da nossa briga quando terminamos. Lembra?

Estou prestes a relevar minha irritação por Rafael trazer o nome de Priscila à tona quando observo o objeto amadeirado em seu pescoço. Minha atitude e pensamento mudam drasticamente. Tenho certeza de que esse é o crucifixo que vi na sacola de Priscila, no fatídico encontro no shopping. Não posso evitar imaginar que eles são muito mais do que amigos, e esta possibilidade me dá dor de cabeça. Quero ir embora. Não deveria nem estar cogitando algo mais do que amizade com Rafael, principalmente quando nem amigos realmente somos! Giro a cadeira para pegar minha bolsa, mas ele me segura pelo ombro.

— Aonde você vai? – questiona confuso. – Eu acabei de chegar.

— Não estou muito disposta hoje. Podemos continuar amanhã? – respondo sem encará-lo.

— Não – ele rebate, mas em um tom suave. – Temos que começar hoje.

— Por quê?

— Porque você encontrou a sua música perfeita. – Sorri cúmplice.

— Qual? – questiono com o cenho franzido, curiosa.

— A música que a fez voltar a dançar.

Sorrio ao constatar que ele está certo e me preparo para, enfim, começar a coreografar o espetáculo. Faço isso ignorando meu estômago ainda embrulhado só de pensar em Rafael e Priscila juntos de novo.

*

Depois de recolher meus pertences para ir embora, encontro meu pai. Está sentado no sofá acinzentado no hall de entrada, abaixo do quadro de Irina Baronova. Meu pai não percebe minha presença e continua suas anotações na agenda de capa preta que sempre carrega consigo. Sua expressão é séria, seu cenho está franzido como costuma ficar quando se concentra.

Fico surpresa, não é de seu feitio vir me buscar no final do dia. Tenho vontade de abraçá-lo e jogar conversa fora, como costumávamos fazer quando eu voltava da escola há muito tempo.

— Oi, papai.

— Oi, filha!

— Há quanto tempo você não vinha me buscar... Estava com saudade! — digo, dando um beijo em seu rosto.

— Eu queria conversar com você – ele responde com um pequeno sorriso cansado.

Estremeço por dentro ao imaginar qual será o tópico desta conversa. Horas antes já havia discutido com minha mãe, não quero também aborrecer meu pai.

— Não precisa ficar preocupada. Só queria um momento a sós com você, parece que sua mãe fica com todos eles – brinca, mas sei que é verdade. Ele se levanta e passa a mão pelos meus cabelos. – Talvez, se soubéssemos mais da vida um do outro, poderíamos ter evitado tudo o que aconteceu.

Surpresa pelo rumo da conversa, estico meu braço e seguro sua mão com força.

— Sinto muito por tudo, pai. Não quis te magoar.

— Eu sei que não, filha... Pensei em fazermos uma parada para colocar a conversa em dia depois do seu médico. O que acha?

Meu pai me conduz até o carro enquanto concordo com seus planos. Espero ter muito a celebrar nesta consulta, pois alimento a expectativa de finalmente abandonar a cadeira de rodas.

Em sintonia com meu ânimo, já na clínica hospitalar, o doutor Edilson está radiante com as novidades.

— Parabéns pela sua recuperação, Aline! – exclama. – Seu

progresso é realmente milagroso!

Como Jorge previu, o doutor afirma que já posso me arriscar nas muletas e seguir para a próxima etapa da fisioterapia.

— É importante esclarecer que não será fácil, hein? – Ele aperta meu ombro com afeição. – Precisaré de força para se adaptar às muletas, mas você é capaz de lidar com qualquer coisa!

Sorrio, embora duvide muito disso. Estou extasiada por poder colocar meus pés no chão outra vez.

*

Ao sairmos da consulta, já estou com as muletas a postos. Espero meu pai colocar a cadeira de rodas no porta-malas e, então, recebo sua ajuda para descer as escadas. Ainda preciso de um apoio até treinar a locomoção com minhas novas “amigas”.

Em seguida, mortos de fome, seguimos para nossa cafeteria preferida na esquina da livraria onde sempre vou. Fazemos nossos pedidos, uma torta de limão e uma de chocolate com café expresso para acompanhar.

— Encontrei sua amiga Priscila enquanto esperava você na Academia – comenta meu pai.

— Ela não é minha amiga! – Reviro os olhos, incomodada.

— Não sabia disso. Estou desatualizado! – Ele dá uma risadinha sem graça. – Então me conte: quem são suas amigas?

— Nenhuma, na verdade.

— É impossível que você não tenha amigas, filha! – exclama com uma sobrancelha erguida. – E as meninas com quem você costumava dançar?

— Eu nunca tive amigas, pai – murmuro. – Você não percebeu?

— Sua mãe sempre me disse que você era a estrela da Academia, pensei que...

Ambos encaramos nossos pratos, desconfortáveis. Observo o vai e vem das pessoas na cafeteria, distraio-me ouvindo as risadas ocasionais em algumas das mesas. Por fim, decido dizer:

— Mamãe sempre se preocupou em saber do meu desempenho nas aulas, se danço com perfeição, se ganhei um solo, se estou na primeira fila... Não em incentivar minha vida social.

— Eu deveria ter me preocupado... – Sua expressão é séria e, ao mesmo tempo, cansada. – Acho que deixei tudo nas costas da sua mãe.

Ele dá um longo suspiro e me ajeito na cadeira, constrangida. Não quero criar uma intriga entre meus pais. Então sorrio a fim de apaziguar seus receios.

— Bom, pelo menos agora tenho a Gabriela.

— Sua mãe não gosta muito dela, não é mesmo?

— Podemos dizer que eu e mamãe temos opiniões divergentes sobre quem são as melhores companhias para mim. – Dou uma risada meio sem graça.

Pego o guardanapo na mesa e começo a construir um aviãozinho, remexendo-me na cadeira mais uma vez. Papai parece perceber meu constrangimento.

— Bom, não estamos aqui para falar da dona Isabel – ele tenta mudar de assunto. – E a coreografia, como anda?

— Tem outra pessoa coreografando comigo, um colega... – Enrubesco enquanto partilho a novidade com meu pai.

Omito o nome de Rafael de propósito. Não quero correr o risco de ele contar para minha mãe. Em contrapartida, ele me olha direta e seriamente.

— Um colega, é? Por que estou percebendo que ele é mais do que isso?

— Não sei, talvez seja.

Sorrio, papai sempre teve o dom de me decifrar com apenas um olhar.

— Por que tanta dúvida?

— Às vezes parece que ele gosta de mim, outras vezes parece que quer apenas ser meu amigo e compensar algumas atitudes do passado...

Meu pai apenas assente, calado, e nos observamos por algum tempo. Uma sombra passa por seu semblante, mas, diferente da minha mãe, ele não me força a contar detalhes que não me sinto confortável em compartilhar.

— Como podemos ter certeza se alguém gosta da gente de verdade?

— Faço mais uma dobra no guardanapo, fugindo de sua análise.

— É isso o que está acontecendo?

— Pode ser bobagem ou não, mas esse meu colega tem uma história com uma das bailarinas...

— E você acha que ele ainda gosta dela? — Papai coça o queixo, pensativo.

— Ele ‘tá tão misterioso! — Gesticulo exageradamente. — Seu comportamento é imprevisível, não sei dizer se eles ainda têm contato ou não.

— Se ele nem te deu motivos, por que você está encucada com isso?

— Não consigo responder a essa pergunta, pai. — Suspiro. — Algo me diz que há mais nessa história do que ele quer me contar.

— Tanta desconfiança não é saudável, nossa cabeça prega peças – ele aconselha com sabedoria.

– E se a minha desconfiança estiver certa? – rebato sustentando seu olhar.

– Paciência! Aprendemos com nossos erros e acertos, não podemos sempre nos proteger do pior.

— E se eu já tiver passado por este pior uma vez?

— O melhor então seria conversar com seu “colega” e esclarecer essa questão de uma vez por todas.

Nossos expressos chegam e, enquanto coloco um pouco de açúcar, meus pensamentos correm soltos. De fato, nem sempre vou poder evitar ser magoada. O problema é que Rafael já me feriu uma vez... Como posso confiar nele de novo? Sei que aceitei o fato de ele não querer conversar sobre seu sumiço, ao menos por agora, mas temo o que sua relutância signifique.

E se ele não quer me contar que conheceu outra pessoa, ou pior, que reatou com Priscila em segredo? Ainda estou martelando sobre o crucifixo... E por isso, talvez, depois do nosso encontro, Rafael percebeu que só quer manter nossa amizade e nada mais.

São apenas divagações, não tenho nada concreto que comprove minhas suspeitas. Ignorando a falta de evidências, entretanto, meu coração

está em conflito. Por um lado, acredito que o melhor para mim seria entender o relacionamento atual de Rafael com Priscila o quanto antes. Por outro lado, sequer tenho a coragem de me aproximar dela. Por que me preocupo se os dois estão juntos ou não, afinal? Não temos nada. Nunca chegamos a ter.

— É o que você faria, pai? – questiono outra vez, indecisa.

— Infelizmente, filha, já passei por esta situação uma vez e fiz o contrário: eu me omiti.

Levo um pedaço da minha torta de limão à boca e suspiro, intrigada. Do que será que meu pai está falando? Sei que, se ele não prolongou sua linha de raciocínio, é porque não quer compartilhar mais do que isso. E também não é hoje que conseguirei tomar minha decisão. Assumo esquecer o assunto por ora e, para mudar o rumo da conversa, conto ao meu pai minhas ideias para a coreografia. Sei que fugir do assunto não resolverá meus problemas e que o status de “colegas de coreografia” não se sustentará por muito tempo com Rafael, mas não posso evitar fazê-lo agora. De uma forma perturbadora, pressinto que esta paz que estou tentando construir em minha vida é apenas a calmaria antes da tempestade. Tenho medo de afundar outra vez quando ela chegar.



Capítulo 16

Algumas semanas depois, o farfalhar da cortina me acorda por causa da janela semiaberta. Aperto as pálpebras e escondo meu rosto no travesseiro, preguiçosa. Suspiro e então forço meus punhos fechados contra o colchão para me sentar, sem precisar de muito esforço, com as costas apoiadas na cabeceira da cama. Coloco as pernas para fora do colchão e apoio meus pés no chão. Sinto o choque entre a temperatura quente do meu corpo e o piso gelado. Por ainda estar meio sonolenta, demoro a notar certa firmeza em minhas pernas, maior do que antes.

Como se num experimento, apoio-me no criado-mudo com uma das mãos e me forço a levantar sozinha com a outra. O relógio marca sete e meia. Cinco minutos se passam e ainda consigo permanecer na mesma posição. Minha vontade é gritar de alegria, mas uma surpresa parece ser o desfecho perfeito. Devagar, apoio-me nas paredes e ando do corredor até a cozinha,

onde o barulho da louça sendo colocada na pia indica que minha mãe já está de pé.

Antes de chegar em frente à porta, escuto a voz de meu pai. O seu tom é sério. Sei que o correto seria me afastar e respeitar a privacidade deles, mas minha curiosidade fala mais alto.

— Afastados, Isabel? Eu diria que temos quase um muro de Berlim entre nós...

Minha mãe solta o ar pesadamente e então uma cadeira é arrastada.

— Eu tento, Diego, mas você não me dá nenhuma brecha. O que quer que eu faça?

— Você não tenta, Isabel! Nunca tem tempo para nós. Não acredito que esteja mesmo disposta a salvar nosso casamento – reclama papai com a voz um pouco mais elevada.

— Fale baixo! – ralha minha mãe. – Você sabe que tenho compromissos com a Aline, toda essa história do acidente...

— Não arranje desculpas para o nosso fracasso.

Minha cabeça fica zozna. Não consigo processar tanta informação. Eu não sou cega, percebo que a relação entre meus pais está estremecida, mas separação? Minha mãe acaba de confessar que, com tanto tempo dedicado a mim, não sobra muito para o casamento.

— Desculpas? – ela repete.

Eu deveria ter dado mais atenção aos meus pais. Como pude deixar a situação chegar a esse ponto? Fui tão ingrata e briguei com minha mãe quando tudo o que fez foi me ajudar... Por que meu pai está ressentido por causa da dedicação dela a mim? Não é justo.

— Eu não sei o que pensar, talvez esse não seja o melhor momento para discutirmos – minha mãe diz. – Aline recém começou a apresentar sinais de melhora...

— E quando será o momento para falarmos sobre nós? A mudança para São Paulo está chegando e precisamos tomar uma decisão.

— O que quer dizer com isso, Diego?

— Quero dizer que talvez seja melhor eu ir sozinho.

— Sem nós?!

— Sem você. Seria bom para Aline ter uma mudança de ares.

Meu estômago fica embrulhado só de imaginar que sou a causa do estranhamento entre eles. Eu nunca quis que nada disso acontecesse! Meus pais sempre foram tão unidos, tão companheiros... Se não fosse por mim, pelo acidente, nada disso estaria acontecendo.

— Talvez você tenha razão e este não seja o momento de conversarmos – meu pai cede ante o silêncio dela. – Eu não sei, Isabel. Não

sei o que fazer...

Pondero por alguns instantes se não é melhor eu deixar a notícia da minha melhora para lá, ao menos até a poeira baixar, contudo há esperanças. Meu pai ainda está confuso e talvez minha recuperação gere um pouco de união entre eles, assim como meu acidente os separou.

Confiante, apareço na porta da cozinha. Meus pais se sobressaltam ao serem surpreendidos por mim. Olho para ambos com um sorriso, remexo um pouco os pés e utilizo a parede como suporte.

— Filha! Você... – começa minha mãe, perplexa. – Você está andando!

— Na verdade, agora só estou em pé. – Sorrio feliz, tentando dar uma de piadista.

— Isso é fantástico! Não é, Diego?! – Ela se levanta e cutuca meu pai no ombro. – Pelo amor de Deus, diga alguma coisa!

Meu pai me observa calado e vejo algumas lágrimas brotarem. Ele esfrega os olhos e caminha em minha direção.

— Isso é maravilhoso, filha – diz ele. – Eu sabia que você conseguiria.

O sorriso deles, no entanto, é logo substituído por uma expressão de alarme quando caio no chão. Meu pai apressa o passo em minha direção para

me ajudar, mas nego com a cabeça.

— Foi apenas uma fraqueza nas pernas – murmuro com uma expressão triste.

— Não desanime, filha. Foi um grande progresso!

Minha mãe também se aproxima e senta-se no chão do lado oposto ao meu pai, o que não passa despercebido por mim, mas não comento nada.

— Eu te disse que era só questão de tempo, Aline! – diz com um ar sonhador no rosto. – Logo você estará estrelando nos palcos outra vez.

Tento manter a pose alegre, mas por dentro estou longe disso. Agora, mais do que antes, preciso voltar a andar e deixar minha mãe livre para consertar seu casamento. Com uma determinação até então desconhecida, decido que farei tudo ao meu alcance para reerguer nossa família, assim como pretendo tornar minhas pernas firmes como alicerces.



Capítulo 17

Um mês depois, estou de volta ao hospital. Permaneço sentada na sala de espera e repouso os braços sobre as muletas. Minha mãe preenche as informações solicitadas pela recepcionista e meu pai aguarda em outro canto, batendo o pé no chão sem parar, o que indica estar ansioso.

Todos nós estamos. Desde que consegui dar alguns passos até a cozinha de casa, só conseguimos pensar: “quando eu me livrarei das muletas?”. O doutor Edilson pediu para retornarmos nesta data, e aqui nós aguardamos o veredicto.

Observo o ir e vir das pessoas, as diferenças entre cada uma delas me distraem. Algumas têm expressões alegres, outras parecem ter sido tragadas por um redemoinho de emoções. Não me apego aos detalhes para evitar ser consumida pelo meu nervosismo. Meia hora depois de chegarmos, a recepcionista chama meu nome. Respiro fundo antes de me levantar, sem a

ajuda das muletas. Mesmo assim, encaixo-as em meus cotovelos e as utilizo para me deslocar só por precaução. Meu pai aperta meu ombro, sorrindo de leve. Em outros tempos, ele teria dado a mão para minha mãe, mas fica evidente que ainda estão distantes.

— Como você está se sentindo, Aline? – doutor Edilson questiona quando entramos em seu consultório. Seu cumprimento soa austero e sóbrio como sempre.

Tento analisar o seu semblante em busca de respostas, mas não consigo decifrá-lo. Ele faz um sinal para sentarmos. Meu pai permanece de pé, atrás de nós. O olhar do doutor repousa sobre mim, ele sorri.

— Sei que você deve estar ansiosa pela avaliação, então serei breve – diz juntando ambas as mãos. – Analisei seus exames de raio-X e ressonância magnética, e já adianto que o seu prognóstico é muito positivo. – Seu sorriso confirma o que meus ouvidos não conseguem processar.

Observo minha mãe soltar o ar junto comigo, eu nem sequer notei ter prendido a respiração.

— A compressão que atingia sua lombar se distendeu. Normalmente não utilizo essas palavras, mas tudo o que posso dizer é que sua recuperação foi milagrosa! – Ele parece animado.

Sorrio incerta.

— Vou ser sincero – ele prossegue –, algumas pessoas levam pelo menos dois anos para se recuperar de uma lesão como essa. Observando os seus exames, tudo o que tenho a dizer é que você está em perfeitas condições.

— Doutor, você tem certeza? – questiona meu pai, preocupado.

— Estou tão surpreso quanto o senhor – ele rebate, risonho. – Posso dizer que Aline está ótima!

— Então ela poderá voltar a dançar? – minha mãe se adianta, quase subindo em cima da mesa para saber a resposta com uma expressão faminta.

— A partir do momento em que Aline estiver disposta, sim – o doutor responde com cautela. – Claro que, no começo, será difícil e recomendo ir devagar, sem se esforçar além do que o seu corpo permitir. – Ele olha para mim com uma pausa dramática. – É importante continuar o fortalecimento com a fisioterapia e seguir os exercícios que o seu fisioterapeuta provavelmente passará para fazer em casa.

— Mas ela dançará como antes? – mamãe pressiona, angustiada.

— Isabel! – exclama meu pai, incomodado. – Não é o momento para...

— Não, pai – interrompo. – Eu também quero saber: voltarei a dançar como antes?

O doutor Edilson suspira e retira os óculos.

— Aline, se eu fosse dar minha opinião profissional, diria que é muito improvável que hoje você volte a dançar como antes, mas quem sabe com o tempo? Além do mais, já vimos que tudo é possível com você, não é mesmo? – Ele sorri um pouco sem graça. – Sabemos que o ser humano guarda sua memória corporal. Por isso, acredito que você tenha, sim, chances de voltar a dançar como antes.

O doutor Edilson se levanta e para ao lado da minha cadeira. Aperta meu ombro como sinal de incentivo e se despede com um abraço desajeitado.

Assim que saímos do consultório, por mais que o doutor Edilson não tenha feito promessas, sinto-me feliz. A primeira coisa que desejo fazer, agora que posso andar com minhas próprias pernas literalmente, é contar a novidade para Rafael. Enquanto meu pai valida o tíquete do estacionamento e minha mãe marca o retorno com a recepcionista, pego meu celular. Permaneço com o dedo a centímetros do ícone de mensagens, na dúvida. Será que devo me abrir novamente com Rafael? Será que ele, de fato, quer ouvir o que tenho a compartilhar?

Forço-me a não me preocupar muito com isso. A verdade é que não importa o que Rafael pensa, não nesse momento, pois é a única pessoa com quem eu quero dividir as boas notícias. Envio um torpedo: “Oi! Tenho ótimas novidades para te contar. Vamos nos encontrar? Bjs!”.

Durante todo o trajeto para casa, meus pais conversam comigo sobre as novas possibilidades e o quanto meu progresso é maravilhoso. Não consigo me engajar, pois fico repassando o que doutor Edilson esclareceu em minha mente. Como ele mesmo afirmou, não tirarei as muletas de uma vez só. Preciso fazer com que minha musculatura compreenda o que é andar outra vez, preciso reaver o domínio do meu corpo. Tenho receio de que algo aconteça nesse novo processo.

— Agora você pode voltar para o seu quarto, filha! – opina minha mãe ao abrir a porta de entrada.

— Acho que seria melhor esperarmos mais um pouco, Isabel... – responde meu pai. – Ela acaba de receber alta.

— Por que você não pode ficar feliz por sua filha, Diego? – questiona minha mãe com o cenho franzido.

— Eu estou feliz. Quem não parece estar muito feliz é você, que não para de pensar em balé.

— Se vocês não se importam, vou tomar um banho para tirar este cheiro de hospital... – interrompo.

— Claro, filha! – mamãe responde um pouco envergonhada por discutir na minha frente.

— E depois podemos sair para almoçar e comemorar, o que acha? –

acrescenta papai, sorrindo para amenizar o clima.

Concordo e vou para o banheiro no final do corredor. Abro o chuveiro para meus pais não me ouvirem e digito o número de Rafael de maneira apressada, já que ele não visualizou nem respondeu meu SMS.

O telefone chama uma vez...

Duas vezes...

Meu coração parece prestes a sair pelo peito quando, no terceiro toque:

— Alô? – É a voz de uma garota.

Quem é ela?

— O-oi — gaguejo desajeitada. – Aqui é a Aline, e-eu gostaria de falar com o Rafael, por favor – peço com delicadeza.

— Desculpe, mas acho que você ligou para o número errado. Não conheço nenhum Rafael.

A ligação é cortada. Desconfiada, olho para o visor e constato que digitei o número certo. Entro no chuveiro para não levantar suspeitas de mamãe e deixo a água escorrer enquanto penso no quanto fui tola por achar que eu e Rafael voltaríamos a ser como éramos antes – ou algo melhor. Por que ele não me contou que mudou de número? Mesmo agora, depois de tanto tempo juntos coreografando o espetáculo, ainda estamos distantes um do

outro.

Em meio a tantas dúvidas e frustrações, termino o meu banho. Fico tentada a ligar de novo. Sei que não é a hora certa. Seria injusto com meus pais me enfurnar neste banheiro ao invés de sair para comemorarmos nosso tão esperado momento.

Já arrumada, entro na sala vestindo meu melhor sorriso. Meus pais estão sentados no sofá à minha espera, no vão entre seus corpos caberia um hipopótamo.

— Vamos? – pergunto tentando parecer mais animada do que realmente estou.

Eu quero acreditar que reconstruirei um futuro com Rafael, seja qual for. Mas observando meus pais, que um dia estiveram perdidamente apaixonados e agora agem como estranhos com muros invisíveis entre si, começo a duvidar se é mesmo possível superar tantas mágoas e feridas.



Capítulo 18

Após algumas sessões de fisioterapia treinando giros e passos de balé, sinto-me pronta – ou o mais próximo disso. Separo minha bolsa da Academia, até então esquecida em um canto do armário, e meus pais me dão uma carona. Mamãe não consegue conter a alegria de me ver com o *collant* preto e guardando as sapatilhas em um saquinho com breu e ponteira de gel. Por outro lado, ao estacionar o carro, papai vira-se para mim e diz:

— Não se esforce muito, filha. Lembre-se do que o médico falou.

— Não se preocupe, pai. Eu nem trouxe minhas sapatilhas de ponta... – minto para tranquilizá-lo. Não acho que vá utilizá-las de qualquer modo. – Hoje farei apenas uma aula na barra. — Omito a parte em que pretendo terminar a coreografia do espetáculo com Rafael.

Despeço-me deles e sigo rumo ao hall de entrada. Sinto-me estranha ao circular na Academia com meus próprios pés, literalmente. Na semana

anterior ainda usava muletas, e meses antes estava na cadeira de rodas. Sorrio ao constatar que, enfim, conquistei o que desejava: minha liberdade.

Evito os olhares curiosos que as bailarinas do primeiro ano lançam em minha direção enquanto caminho de maneira lenta pelo corredor. Escolho uma das salas vazias, pego meu *iPod* e jogo minha bolsa em um canto perto da barra, como fazia antigamente. A melodia de “Awake” reverbera pelos quatro cantos da sala enquanto me sento no chão, com cuidado, para alongar. Sou interrompida por Rafael que, animado, se aproxima.

— Line, não acredito! Você está... sem muletas! – Ele parece extasiado. –Quando foi isso? Quero saber de tudo! Eu sempre acreditei que você conseguiria...

Viro meu rosto em sua direção com o cenho franzido. Ele tem uma expressão estupefata e sorri, feliz.

— Tentei contar isso a você no mesmo dia em que aconteceu, mas não me atendeu – respondo seca. – Depois de tanto tempo, decidi telefonar para o seu número.

— Mesmo? Não recebi nenhuma ligação sua. Acho que devo ter deixado o celular desligado sem perceber...

— Aposto que sim.

Minha vontade é esclarecer tudo. Não é possível que Rafael seja tão

dissimulado. Ele acredita que não sei sobre não ter me dado seu número novo? Tenho vontade de ir embora, pois está mentindo sem ao menos se esforçar para contar uma mentira plausível. Entretanto resolvo não me prolongar nesta conversa. Estou em plena – ou quase – condição física, minha prioridade é terminar a coreografia e preparar meu corpo para dançar.

Mostro um sorriso amarelo em um esforço de disfarçar minhas verdadeiras emoções, mas Rafael me observa curioso.

— Line...? Está tudo bem?

— Claro. Por que não estaria?

— Eu não recebi nenhuma ligação. De verdade. Sabe disso, não sabe?

Metade de mim quer acreditar com todas as minhas forças que isso é sincero, mas como posso confiar em alguém cheio de evasivas e desencontros? Como posso acreditar em Rafael quando descobri, de forma dolorosa, do que ele é capaz? Afinal, ele *foi* capaz de me abandonar quando mais precisei dele. Quem sabe ele decidiu não criar raízes e deseja agora evitar me dar a intimidade necessária para um relacionamento verdadeiro, seja amigável ou romântico? Quem sabe o que se passa na cabeça dele? Eu não quero brincar de adivinhação.

— Precisamos terminar a coreografia. – Eu me esquivo da pergunta.

– Está pronto?

— Tudo bem – cede cabisbaixo. Finjo que não noto.

Por faltar apenas o *pax de deux* no desfecho da apresentação, não demoramos mais do que meia hora para finalizar os passos.

— Se não se importa, farei alguns alongamentos agora. – E indico a porta para ele.

— Se *você* não se importa, eu gostaria de ajudar.

Mordo os lábios. Parte de mim quer que ele vá embora para que eu possa me concentrar; outra grande parte quer que ele fique, pois sempre treinamos juntos e não parece certo de outro jeito. Por mais que eu esteja chateada e desconfiada, preciso de Rafael comigo.

— Não me importo – respondo baixinho.

Estendo minhas pernas e faço força para tocar meus pés. Rafael se posiciona atrás de mim e empurra minhas costas com uma leve pressão. O toque dos seus dedos me faz estremecer, mas ignoro a sensação e foco na sequência de alongamentos no chão.

— Para quem estava parada por tanto tempo, você parece ótima!

— Obrigada. Acho que você tem razão, não fui tão mal assim... – Sorrio satisfeita.

— O que acha de tentarmos alguns exercícios na barra? – indaga ao apontar para minhas sapatilhas de meia-ponta.

Concordo e me posiciono na barra. Começo a balançar meus pés para frente e para trás. Percebo meu quadril resvalar e constato como meus músculos estão enfraquecidos.

— Seu joelho está reto – indica Rafael apoiando-se na barra para me observar melhor.

— Minha perna inteira está tremendo – reclamo incomodada.

— É normal quando ficamos muito tempo parados – ele retruca. – Você só precisa praticar.

— Não estou me sentindo forte o suficiente para isso. Não foi uma boa ideia, farei exercícios na barra outro dia. O médico orientou para eu não forçar meus limites... – pondero encerrando o exercício.

— Line, você sabe que esses exercícios não vão comprometer sua recuperação. – Ele me observa com cautela e sorri. – Muito pelo contrário!

— Você entende o que é quase não poder voltar a dançar? – questiono irritada, franzindo o cenho. – Tem ideia de como é conviver com essa sensação de impotência?

— Não, não tenho, mas sei o que dançar significa para você. – Sua expressão é terna. – Por isso te pressiono, Line!

— É fácil para você, Rafael! – exclamo com ciúmes e raiva. – Você é um dos melhores alunos, faz coreografias maravilhosas e, assim que acabar o ano, terá vários convites para dançar em companhias. Você tem a vida inteira pela frente com o balé garantido! Eu não tenho esse luxo... – E baixo minha cabeça, derrotada.

— Você sabe que este não é seu verdadeiro motivo – diz baixinho. – Você quer parar porque está com *medo*. Não tente me atingir só porque essa situação te assusta, Line.

Suas palavras me acertam em cheio. Depois de tanto tempo de espera e expectativa pela minha recuperação, estou com medo. Ter meu sonho tão perto outra vez significa que posso perdê-lo a qualquer momento. E se não me curei de verdade? E se o médico estiver errado? Ou pior, e se eu fizer algum movimento de maneira errada e me machucar?

Todas essas questões assustam. Paraliso. A verdade é que a pergunta que minha mãe fez ao médico começa a martelar em minha cabeça... *E se eu não voltar a ser o que era antes?* Talvez aqui, hoje, neste exato momento, seja o máximo que meu corpo irá atingir. Meu pai sempre explicou que, quando nos assustamos, nossa primeira resposta é fugir. Correr na direção oposta dos meus receios, contudo, não irá sanar minhas dúvidas. É o caminho mais fácil, mas não trará nada em retorno. Por isso, meu pai sempre recomendou ignorar os instintos de fuga e me concentrar em meus objetivos.

Assim, respirando profundamente, luto contra minha vontade de parar de imediato e encontro o olhar de Rafael.

— Você está certo – digo decidida. – Eu *preciso* voltar a dançar.

*

Após nosso último encontro, Rafael passa uma semana ignorando minha existência. De um jeito incômodo, posso entendê-lo. Eu o desculpei por me abandonar, mas bastou ligar para seu celular e perceber que o número em questão foi mudado para toda a minha insegurança retornar. Reconheço a importância de seu apoio, de sua presença, mas não consigo simplesmente aceitar o seu silêncio. Preciso de uma explicação, preciso de um esclarecimento. Eu o pressionei a me dar respostas, e agora nos afastamos um do outro mais uma vez.

Não sei o que esperar hoje, já que nos veremos no tão esperado Festival de Dança de Joinville. Tudo o que desejo é me distrair, pela primeira vez, desde que voltei a andar. Ser uma garota normal para variar um pouco.

Eu e Gabriela nos aprontamos em sua casa e, de lá, nos encontramos com o pessoal do grupo de apoio. Minha amiga, de fato, gosta de andar com eles. Iremos assistir à Companhia de Dança Marina Ribeiro. É sempre

maravilhoso ver os bailarinos profissionais e hoje não haverá melancolia, pois acredito que voltarei a dançar.

Após a apresentação, decidimos ir até a Feira da Sapatilha para conferir as novidades. O grupo se dispersa, mas dois garotos permanecem conosco.

No mesmo instante em que entramos em um estande, encontro o olhar de Rafael como se atraíssemos um ao outro. Discretamente, um sorriso se forma nos lábios dele, mas, ao invés de vir ao meu encontro, ele volta a se concentrar em uma das marcas representadas. Fico nervosa por não compreender seu comportamento neste momento e acabo por ter um acesso de tosse, ansiosa.

— Você está morrendo ou algo assim? – questiona Gabriela.

— Ele está aqui – sussurro jogando a cabeça levemente para a direita, na direção de Rafael.

— Quem?

— Você sabe quem – digo com uma careta.

— Não consigo ver! – Ela se vira completamente na direção em que apontei, nada discreta.

Puxo-a pelo braço, fazendo-a se voltar novamente para mim.

— Não quero que Rafael saiba que o estamos observando! –

repreendo nervosa, meu rosto em chamas.

— Por que não? – Gabriela questiona coçando a cabeça, confusa.

— Acho que está me ignorando – confidencio vendo-o de esguelha.

— Então o ignore também! – Ela faz um gesto de assunto encerrado com as mãos.

Eu aguardo na esperança de que Rafael retorne sua atenção para mim, faça um sinal de fumaça, qualquer coisa... Nenhuma das alternativas anteriores acontece. Juro que não entendo essas suas mudanças drásticas de humor, isso me irrita.

De maneira impulsiva, puxo André para o meu lado, um dos garotos do grupo de apoio. Tudo que conheço a respeito dele, além do nome, é que jogava basquete. Seguro-o pelo braço, fingindo interesse por sua conversa. Ele sorri alegre, e eu sorrio de volta um pouco mecânica.

— Você é uma figura, André! – Rio de sua piada, embora não tenha tanta graça assim. – Não sabia que era tão divertido!

— Quer que eu conte outra?

— Sim! – Continuo agarrada ao seu braço como quem parece envolvida por sua “sedução”, o que não é verdade.

Olho de soslaio para Rafael por diversas vezes, incomodada. Por que ele não faz nada? Por que não se aproxima e põe um fim nessa minha cena

ridícula? Não sou esse tipo de garota, mas não consigo evitar meus instintos mais primitivos quando estou perto dele. Quero que Rafael sinta ciúme de mim, que brigue por mim.

André finalmente percebe meu comportamento estranho, pois pergunta:

— Está tudo bem? Você parece meio preocupada...

Espero que meu rosto não revele a enorme vergonha que sinto por ter sido “pega no pulo”. Quando o procuro, Rafael não está mais em meu campo de visão.

Desvio a atenção de onde eu gostaria de ir e mantenho o foco em André, posicionado à minha frente, esforçando-me em parecer feliz. Observo Gabriela girar os olhos, fingindo tédio, ao ouvir algo que o rapaz ao lado dela comenta. Apesar de sua aparente rejeição, percebo que minha amiga está se divertindo. Ambos eram ginastas, certamente têm assuntos em comum.

— Desculpe – finalmente me pronuncio –, estava no mundo da lua, mas voltei.

— Tudo bem – ele responde ao dar de ombros.

André pega algumas cadeiras dobráveis e todos nos sentamos em uma pequena roda. Continuamos a conversar por um longo tempo, quase consigo esquecer que Rafael está estranho. Quase. Eu definitivamente preciso

ter mais vida social, se pretendo me manter sã ao lado dele.

*

No dia seguinte, entro na cozinha onde minha mãe passa a maior parte de seu tempo.

— Eu me recuso a ir ao grupo de apoio. Não tenho mais nada para dizer.

A verdade é que decidi isso há algum tempo, mas nunca me encorajei a dizer. Sinto que chegou a hora de interromper esse compromisso. Não adianta continuar comparecendo em um grupo quando já não me sinto lutando por minha recuperação, mas a aperfeiçoando. Minha atual experiência não faz diferença nenhuma aos membros do grupo.

Minha mãe sequer me encara, não me leva a sério.

— Já discutimos isso, Aline – retruca simplesmente. – Você precisa continuar nas sessões de terapia, é importante! Justo agora, com a sua recuperação, há muita carga emocional para lidar. E sim, você tem o que dizer.

Não digo nada, é inútil discutir quando mamãe está com uma colher

de pau na mão. Ela está mais preocupada com o bolo que fará do que com a discussão que temos agora. Por isso, trinta minutos depois, estou sentada no círculo improvisado na clínica d Psicologia quando recebo uma mensagem de Gabriela comunicando seu atraso.

— Bom dia, pessoal. Como vocês estão se sentindo hoje? — questiona a doutora Fátima com seu ar observador de sempre.

Comprimo meus lábios em uma tentativa de sorriso enquanto ela dá início aos trabalhos. Apresenta-nos às novas pessoas do círculo e senta-se em uma das cadeiras do círculo. Pego meu celular para acompanhar o tempo e quantos minutos de tortura ainda faltam.

— Aline?

Ouçõ meu nome e ergo a face.

— Aline, talvez você queira ser a primeira hoje. Sei que deve ser difícil se adaptar à nova rotina...

Ela me aguarda em expectativa. Preciso pensar no que vou falar, rápido. Quando estou prestes a responder, Gabriela entra na sala como um furacão. Seus olhos e nariz estão vermelhos e inchados, sinal de que chorou. Ela está com um vestido preto, sapatilhas pretas e caveiras pretas. Sei que isso diz muito sobre o seu humor.

— Preciso falar! — exclama ao se jogar na cadeira vaga ao meu lado.

Viro-me para ela e ergo uma sobrancelha em sinal de confusão. Ela dá de ombros, angustiada.

— Você se importa em passar a vez, Aline? – pergunta a doutora Fátima.

Eu encolho os ombros, indiferente. Ao mesmo tempo que me preocupo com minha amiga, suspiro de alívio pela interrupção.

— Não.

— Obrigada. – Ela dirige sua atenção para a recém-chegada. – Gabriela, o que aconteceu?

— Então, para quem não me conhece, segue o resumo da ópera: meu nome é Gabriela, costumava ser uma ginasta e perdi uma perna em um acidente. Fim. – Ela abre os braços de forma teatral. – Apesar de parecer trágico, eu estava indo muito bem até meu ex-namorado Guto resolver reaparecer na minha vida.

— Guto? – Não consigo evitar perguntar, curiosa. Remexo-me na cadeira e apoio os cotovelos nas coxas para dar suporte à minha cabeça.

— Sim, eu sei! – ela exclama dramática. – Eu disse que o cara era um idiota e que não valia a pena, mas eu ainda gosto dele. Sempre gostei. Mas, depois do acidente, nos afastamos um do outro... Eu mudei. Não queria me relacionar com ninguém, e passei a afastar Guto de mim.

— O que mudou, Gabriela? – indaga a doutora Fátima com aquele olhar de “estou entendendo tudo”.

— O Guto começou a ser legal comigo e tive saudades da época em que éramos amigos. Enfim, uma coisa levou a outra e... – O rosto de Gabriela fica vermelho quando abaixa a cabeça, seus dedos se cruzam como se fossem o topo de uma tenda indígena. – Nós ficamos íntimos.

— Vocês tiveram relações?

Abro a boca, chocada, não consigo evitar!

— Não! Quer dizer, quase. Da última vez, nós começamos um amasso tenso e, de repente, eu me vi de volta no tempo, quando ele era o jogador de futebol e eu a ginasta, o casal de atletas mais amado da escola. – Ela ri e balança a cabeça. – Mas quando ele colocou a mão na minha coxa, entrei em pânico. Depois do acidente, eu travei para esse tipo de contato.

— Você disse isso para ele?

— Nem deu tempo. Ele ficou tão sem graça com a situação que apenas foi embora.

A doutora Fátima parabeniza a coragem de Gabriela em se abrir para o grupo. Ela logo inicia seu discurso sobre a importância do diálogo, de deixarmos nossos sentimentos às claras e que, às vezes, precisamos correr riscos em nossa jornada do autoconhecimento. Sei que deveria prestar

atenção nesses conselhos, mas o relato de Gabriela me interessou mais. Aperto a mão da minha amiga com força para demonstrar que estou ao seu lado, e ela agradece com um sorriso fraco.

O assunto “Gabriela e o namorado” toma quase toda a sessão. Quando começo a suar frio porque acho que a atenção voltará para mim, a doutora Fátima informa que acabou nosso tempo e começa a reunir seus pertences. Minha amiga se desculpa.

— Foi mal ter invadido o seu momento. — Ela se encolhe envergonhada.

— Não tem problema, não me importo — respondo tranquila. — Na realidade, eu nem queria falar.

— Você sabe que precisará fazer isso algum dia. — Ela cruza os braços, assumindo o papel de “melhor amiga que quer ajudar a outra na terapia”.

— Não acho que é necessário. — Dou de ombros.

— Line, você precisa desabafar com alguém. Se não for aqui, que seja em um quarto escuro comigo.

— Um quarto escuro?

— Para dar maior *dramaticidade*.

Rimos juntas. Enquanto a observo, penso no quanto achei que minha

vida melhoraria agora que, enfim, voltei a andar. Há circunstâncias, no entanto, que não pude consertar: meus pais, Rafael... O mesmo deve acontecer com Gabriela. Não de forma física, mas emocional. Minha amiga, embora transpareça ser a garota mais forte que conheço, também possui um lado frágil demais que a atrapalha sua nova rotina. E não me refiro ao fato de ser uma pedagoga viciada em adesivos de caveiras. Gabriela, como qualquer outra pessoa, ainda enfrenta seus próprios obstáculos. E se alguém tão vivaz como ela precisa conversar, certamente devo fazer o mesmo para superar meus problemas. Preciso desabafar com alguém, apesar de sentir nunca ser o momento para isso.

Antes de pensar mais a respeito, vejo que minha amiga está à beira de lágrimas outra vez. A cena me surpreende. Ela é sempre tão vibrante!

— Sabe o que precisamos fazer? Extravasar!

Devagar, Gabriela impede a si mesma de chorar e estica os lábios em um sorriso.

— Quem é você e o que fez com minha amiga Aline?

— Andar revela o meu lado mais rebelde – brinco enquanto a empurro com o ombro.

— Se você acha que devemos fazer isso, o loirinho ali – aponta um dos garotos do nosso grupo – me enviou um convite ontem para uma

reuniãozinha hoje.

— Que horas? – questiono conferindo o visor do celular.

— Agora.

Ela sorri faceira.

— Então é para lá que nós vamos! – apoio estranhamente animada.

Nos abraçamos felizes e, quando estamos prestes a passar pela porta, a doutora Fátima toca meu ombro ao dizer:

— Na próxima sessão, é você. Precisamos conversar, está bem?

Assinto com a cabeça sob sua análise cautelosa. Acredito que, no fundo, ela sabe que não estou sendo sincera. Já consigo prever a dificuldade da próxima sessão, mas não quero pensar nisso agora. Despeço-me agarrando Gabriela pelo braço e seguindo com o resto do grupo para fora da sala.



Capítulo 19

Dias depois, o vento e a chuva rasgam o céu quando chego à Academia. Ainda é estranho caminhar por entre os corredores sem me preocupar em desviar de alguém com grandes manobras. Fora isso, as coisas permanecem iguais. Ninguém conversa comigo e a curiosidade dos bailarinos persiste em me acompanhar. Não me importo mais, pois reconheço que isso dificilmente irá mudar; ao invés de divagar sobre baboseiras, tenho questões mais importantes para pensar como, por exemplo, o que farei agora que a coreografia terminou de ser montada?

Assim que entro em minha sala e ajito meus pertences em seus devidos lugares, ouço uma batida na porta entreaberta. É a professora Marina.

— Oi, querida. Como é bom vê-la assim outra vez! – Ela sorri enquanto entra e fecha a porta atrás de si. Retribuo o sorriso.

— Estou curiosa – digo. – Você nunca aparece aqui sem uma razão.

Fico imaginando o que ela quer dessa vez. Sei que tudo o que Marina arquiteta é para me ajudar, mas já não consigo prever o que pode estar maquinando em sua cabeça de professora e coreógrafa. Será que me dará uma função que tenha mais a ver com o balé? Será que poderei dançar?

— Bom, você sabe que não sou de me prolongar, então irei direto ao ponto. — Sua expressão é de quem aprontou algo. — Quero que você me auxilie na passagem da coreografia para os alunos do coro — declara com expectativa. — Mas antes gostaria de saber se você tem condições e, é claro, se gostaria de fazer isso. Afinal, se trata de outra coreografia.

Sem conseguir me conter, abraço-a de supetão. O convite inesperado e irresistível é o que mais preciso neste momento para mostrar a todos (e, principalmente, à professora) que eu tenho plena capacidade de voltar a ser a bailarina de antes.

— Vou encarar isso como uma afirmativa! — Ela ri com os braços ao meu redor.

— Com certeza! — confirmo eufórica.

— Vamos lá, então!

Sigo-a pelo corredor até a sala do primeiro ano e, poucos minutos depois, encontro-me diante de vinte alunos atentos à professora que repassa as instruções. Hoje trabalharemos a primeira sessão da peça com os passos

mais básicos. Eu só observo tentando captar ao máximo a maneira delicada, mas firme, de a professora Marina ensinar. Tenho saudade de suas aulas!

Minutos se passam e os alunos estão entretidos com a sequência de *demi-plié*, *tendu* e *passé*. A professora se aproxima do canto em que estou próxima e comunica:

— Tenho uma reunião com o pai de uma aluna. Você acha que consegue assumir daqui? – pede-me com um sorriso de desculpas. – Faltam apenas quinze minutos de aula. Basta deixá-los repassar os passos e, se tiverem dúvidas, você auxilia. Está bem?

— Claro! Sem problemas, professora. - Conheço todos os passos da coreografia, porque a senhora sempre me permitiu ver e opinar sobre suas criações desde que assumi como sua assistente.

Quando Marina está prestes a sair, Priscila, que deve ter uma câmera escondida para monitorar todos os meus passos, marca sua presença. Ela dá o seu melhor sorriso de aluna exemplar e pergunta:

— Posso assistir ao andamento da coreografia, professora? Estou curiosa! – Por um milésimo de segundo, o olhar dela pousa em mim, mas percebo que mais ninguém notou o seu desdém.

— Claro, querida! Fique à vontade.

Priscila acompanha a saída da professora Marina e, então, se vira em

minha direção. Ela contorna o meu lado e senta-se na cadeira próxima do computador que toca a música. Cruza as pernas e mexe em seu coque com a ponta dos dedos. Tento ignorá-la ao máximo e solicito que os alunos continuem a ensaiar. Uma das bailarinas tem dúvidas sobre o *passé*. Posiciono-me ao lado dela para demonstrar o movimento. Meu pé transpõe a minha perna de apoio até chegar à altura do joelho e vejo que estou um pouco trêmula, mas não desisto até formar a posição de um número quatro no ar, *en dehor*. Não consigo permanecer muito tempo parada e coloco meu pé no chão outra vez. A bailarina agradece e, no mesmo instante, Priscila levanta-se batendo palmas.

— Priscila, estamos em um ensaio – digo em tom de aviso.

— E você é a responsável? – retruca incrédula. – Com essa instabilidade durante o *passé*?

— Exatamente – afirmo com o queixo erguido. – Por isso, ou você se retira da sala, ou assiste sem atrapalhar.

— Foi só voltar a andar que ficou mais valente? – retruca irônica. – Pra mim, isso é só pose.

A essa altura, todos estão parados nos olhando.

— Não me importo com o que você pensa, Priscila – declaro séria.

— Bom, acredito que o resto dos alunos se importa. Afinal, como

você pode ensinar alguma coisa a eles? Está há sete meses sem dançar balé! – Finge-se incrédula. – O que você sabe? Não acredito que vocês estejam satisfeitos com essa situação, não é mesmo? – pergunta ao grupo. – Afinal, não pagamos caro para termos uma bailarina aposentada nos ensinando.

Algumas bailarinas acenam a cabeça, discretas. As demais e os rapazes desviam o olhar. Meu corpo está tenso e prendo a respiração, nervosa. Eu tinha certeza que Priscila não se contentaria em apenas assistir ao ensaio. Noto que o grupo espera por uma resposta.

— Eu não estou aposentada, muito pelo contrário. – Observo Priscila torcer o nariz, mas ignoro. – Além disso, eu coreografei essa peça. Sendo assim, estou mais do que apta para repassá-la a vocês.

— Apta, é? – questiona. – Acho que todos estamos curiosos para saber o que você pode fazer, Aline. Que tal uma *pirouette*?

Os bailarinos me observam em expectativa. Respiro fundo.

— Não se sinta na obrigação, Aline. Se ainda não estiver forte o suficiente, ou se acha que nunca mais conseguirá fazer esse passo... – E dá uma risadinha contida.

O sangue ferve em minhas veias de tanta raiva que tenho de Priscila.

— Eu consigo.

Coloco-me em frente à sala e faço o *passé* de novo, um pouco menos trêmulo dessa vez, o que me deixa feliz. Entretanto, apesar de meus braços e cabeça ajudarem a dar o impulso, minha perna de apoio fica bamba – por não estar fortalecida o suficiente, é claro – e não consigo completar o giro, pendendo para o lado. Eu caio.

Demoro um pouco para encarar a realidade de que estou estatelada no chão e que uma rodinha se formou ao meu redor. Priscila tem um sorriso vitorioso no rosto, mas noto alguns semblantes preocupados. Um dos bailarinos me ajuda a levantar e o agradeço de maneira silenciosa. Quando a realidade de que quase me machuquei por causa de uma briguinha idiota me atinge, tenho vontade de vomitar. A professora Marina me deixou no comando e o que eu faço? Ajo como uma menina imatura e tento fazer um passo para o qual ainda não estou preparada. Não posso prestar atenção no que Priscila diz, muito menos devo me deixar levar por seus desafios ridículos.

Coloco a mão no rosto e sinto minhas bochechas queimarem de vergonha. Chego a pensar em sair rapidamente da sala, mas balanço a cabeça e espanto a ideia. Essa não é uma atitude profissional, é exatamente o que Priscila espera que eu faça. Ao invés disso, informo:

— Peço desculpas por ter me levado por atitudes infantis. Isso não ocorrerá outra vez. Vamos repassar a coreografia de novo antes de finalizar a

aula. Por favor, Priscila – acrescento encarando-a com o semblante sério –, retire-se do ensaio. Você não faz parte dessa turma e só está distraindo os alunos.

Ouçó risadinhas ao fundo e Priscila dá de ombros.

— Tenho mais o que fazer mesmo.

E melhor do que conseguir realizar qualquer *passé*, ter Priscila longe de mim faz valer o meu dia.



Capítulo 20

Eu deveria estar me alongando, mas, ao invés disso, abro a janela da minha sala de dança predileta e deixo entrar a leve brisa de final de tarde. Permaneço com os cotovelos apoiados no parapeito e acompanho o movimento no pátio, onde algumas bailarinas mais novas brincam entre as árvores. Faz dois dias desde que caí ante todos os alunos do primeiro ano e ainda me sinto envergonhada.

A Academia está esvaziando quando Rafael vem ao meu encontro.

— Soube que você conduziu o seu primeiro ensaio. — Sorri com as mãos dentro dos bolsos da calça.

Enrubesco ao ser arrebatada por sua beleza. De onde ele surgiu? Por que ainda sou provocada por Rafael dessa maneira quando não há nada entre nós? Nem mesmo as possibilidades que um dia existiram permaneceram.

— Então você também soube que foi um fracasso. — Expiro constrangida ao lembrar o fiasco com Priscila.

— Acho que você se deixou levar, mas conseguiu recuperar o controle como uma verdadeira bailarina.

Rafael se aproxima de mim. Ele está *muito perto*. Nossos olhares se cruzam, mas baixo o meu. Sua aproximação me deixa desconfortável, pois meu corpo inteiro formiga.

— Como você pode saber disso? — questiono incomodada. — Talvez eu tenha me deixado levar completamente, talvez eu esteja fora de controle! — Eu me afasto, apoiando as mãos na barra metálica.

Sinto sua respiração em minha nuca e o vejo através do espelho. Seu olhar é intenso e faz com que eu me sinta estranha, mas de uma maneira boa.

— Você não está fora de controle, Line. — Meu apelido dança em seus lábios, atraindo minha atenção a eles. O formato, a coloração, o gosto...

Balanço a cabeça tentando refrear minha imaginação fértil.

— O que foi? — ele questiona, seus dedos suavemente passam pelo meu antebraço. — Você parece nervosa.

Sorrio na tentativa de demonstrar confiança, mas a verdade é que me sinto uma gelatina por dentro. Quanto tempo mais vou me enganar e enganá-lo?

Passamos todo nosso tempo livre juntos. Rafael está sempre presente para me acalmar e fazer com que eu me sinta melhor depois de um dia difícil. Minha recuperação não teria sido a mesma sem ele ao meu lado. E, finalmente, acho que sou capaz de deixar o passado para trás. Meu coração está pronto. *Eu* estou pronta para perdoá-lo e esquecer o passado. E quanto a ele, será que pode dizer o mesmo? Será que meus sentimentos são correspondidos?

— Às vezes, eu gostaria de saber o que se passa em sua cabeça – confesso mordendo os lábios em seguida.

— Você é minha melhor amiga – ele responde e gira meu tronco para que fiquemos frente a frente. – Não há ninguém que me conhece melhor do que você, Line. *Ninguém*.

Fico em silêncio, ainda digerindo suas palavras, que são belas demais para que eu consiga acreditar.

— Mesmo quando tudo o que você queria era que eu ficasse longe, não consegui. Porque sem você nada faz sentido como quando estamos juntos. Você sempre vai ser o meu *pax de deux*. Line, você não é apenas uma amiga muito antes do nosso encontro. Você é meu par e já ficou claro para todo mundo. Menos pra você.

— Por que sinto que você não está sendo completamente honesto

comigo?

— Porque há certos assuntos que não estou preparado para conversar com você ainda.

— É sobre seu sumiço? Sobre os meses que você ficou fora?

Ele assente em silêncio. Sei que há muitas coisas não ditas entre nós e que precisamos conversar sobre isso. Precisamos conversar sobre o acidente e tudo o que aconteceu depois. Mas agora, nesse momento, quando o vejo tão perto de mim como antes... Tudo o que preciso é senti-lo comigo, de verdade.

— Sei que você precisa de respostas...

— Não são respostas que eu preciso agora, Rafael – respondo, inquieta por estarmos com nossos rostos quase colados. – Não mais.

— Me diga o que você precisa, Line. – Seus lábios sussurram tão próximos... – Eu sempre vou te ajudar, sempre estarei com você. Não importa o que aconteça.

— Nada vai acontecer – garanto convicta.

Suas palavras, no entanto, me fazem lembrar do quanto me deixo atingir por Priscila. Nosso conflito é inevitável. Parece que sempre estivemos competindo por tudo: pela dança, por *Rafael*... Embora diga ser apenas amigo dela, tantas vezes Rafael é omissa, quieto, recluso e de meias palavras. Não consigo evitar me sentir insegura em relação a tudo o que envolve nós dois.

Quando seus lábios estão tão próximos dos meus, no entanto, com sua respiração ofegante contra a minha... penso que, talvez, haja esperança para esse sentimento que se espalha em meu interior.

— Não vou deixar as provocações de Priscila me atingirem – afirmo.

— Por que se preocupa tanto com ela? Você tem tanto talento...

Tenho vontade de rir da sua falta de compreensão. Como ele pode ser tão cego a ponto de não entender que essa não é uma competição de talentos? Que a minha insegurança vai muito além do balé e está enraizada em meu coração completamente apaixonado por ele?

— Não é por causa do balé que me preocupo com ela. – Dou de ombros, tímida.

Seus dedos encostam em meu queixo e convidam nossos olhares a se cruzarem. Minha pele queima onde ele me toca.

Assim como na noite do acidente, tomo coragem para me declarar. Sinto-me pronta para dizer ao mundo inteiro que estou apaixonada por Rafael. Pronta para contar a ele, mesmo que eu não seja correspondida, mesmo que me veja apenas como uma amiga outra vez, embora não acredite que seja o caso, já que ele tenta de tantas formas me dizer o que me custa a acreditar: que me corresponde, e não é de agora, muito menos daquela noite, e, sim, muito antes disso.

— Que tal ensaiarmos um pouco a peça e esvaziarmos a sua mente?
— pergunta gentil. — Senti tanta falta de dançar com você!

Emudeço quando suas mãos tocam minhas costas de forma suave, conduzindo-me até o centro da sala. Ele me deixa enquanto coloca a música “Thinking out loud”, do Ed Sheeran, no meu celular. Ao som das primeiras notas, caminha até mim. Dificilmente dançamos músicas que não são clássicas, sorrio divertida.

Mexo meu corpo enquanto nossas mãos se acariciam. Sinto o tronco dele colado ao meu, Rafael sussurra os versos em meu ouvido enquanto deslizo meus pés de forma graciosa sobre o chão de madeira.

Darling, I will be loving you ‘till you seventy

Minha face está provavelmente corada, mas não quero parar. Meu corpo parece ter vida própria em perfeita sincronia aos movimentos de Rafael, como se tivéssemos ensaiado. Ele é meu *pax de deux*, mais uma vez, e sinto que será para sempre.



Capítulo 21

O domingo amanhece nublado. Ainda assim, acordo de bom humor. Estico meus braços e pernas de modo preguiçoso antes de me levantar da cama e seguir direto para o banheiro. Tomo um banho apesar de sentir o cheiro de café clamando por minha presença na cozinha.

Meus músculos estão exauridos depois de uma semana intensa de exercícios de pilates e fortalecimento, mas sorrio para o meu reflexo no espelho. Estou feliz. A cada dia que passa, consigo ensinar alguma coisa para os alunos e vejo-os confiar mais em mim. Quem sabe, *gostar* de mim? O melhor de tudo é que, ao auxiliar os bailarinos, pareço assimilar os passos outra vez.

Depois de bebericar uma xícara de café e comer um pedaço de pão com geleia, volto e calço minhas botas de cano curto. Mamãe aparece na soleira do meu quarto e pergunta:

— Bom dia, filha! O que você vai querer para o almoço?

— Oi, mãe! Pensei em sairmos para almoçar, o que acha?

— Mas o dia está tão feio... – Ela faz um muxoxo ao observar os pingos de chuva baterem contra a janela.

— É só para fazermos algo diferente! Tem tanto tempo que não almoçamos fora: eu, você e o papai.

Minha mãe encara apreensiva no corredor e alisa a saia do vestido. A minha intenção é fazer meus pais ficarem mais próximos um do outro, conversarem fora desta casa. Sei que ambos não farão isso por si mesmos, então preciso atuar um pouco como o castiçal do seu relacionamento. E não tenho nenhuma ideia mais criativa no momento.

— Se o seu pai não se importar...

Vejo-a hesitante e me levanto de supetão. Sigo a passos largos até a sala com minha mãe no encalço. Meu pai está sentado no sofá lendo o jornal, como de costume, seus olhos me encontram assim que me aproximo.

— Pai, vamos sair – anuncio. – E o senhor vai junto.

— E eu não tenho opinião sobre o assunto? – questiona, mas seu sorriso é divertido.

— Não, não tem! Quero sair com os dois, sinto como se não ficássemos juntos há milênios! – Bufo, mas tento não soar tão agressiva.

— Como essa minha filha é dramática! – exclama ele ao se levantar do sofá.

— Isso foi um sim? – Esboço um leve sorriso.

— O que você acha? Sorte sua que estou animado hoje. – Ele sorri de volta e aperta meu ombro com carinho.

Solto gritinhos pela casa e dou um beijo estalado em cada um. Eles riem da minha empolgação e rezo para que meu ânimo seja contagioso.

Pouco depois estamos em um restaurante japonês que minha mãe sempre gostou muito, na rua Max Colin, sentados à mesa perto da janela. Ao fundo, escuto os acordes orientais e a moça que vem nos atender traja um quimono. Pedimos refrigerante e um dos combos de sushi tamanho família. Quinze minutos e o nosso pedido está servido.

Enquanto estou entretida espetando o sushi, constato que minha felicidade não se espalhou tanto quanto eu queria.

— O que foi, Isabel? Não gostou da comida? – questiona meu pai com o cenho franzido.

— Está um pouco diferente... – murmura ela enquanto apanha o frasco de molho shoyu.

— Pois para mim está ótimo! – ele retruca ao enfiar de um jeito nada delicado dois sushis na boca de uma vez só.

— Você sempre está satisfeito com tudo, Diego – minha mãe rebate, amuada.

— E o que tem de errado nisso? – Papai dá de ombros como se não entendesse o motivo de tanta grosseria.

Os dois se observam em silêncio. Parecem gladiadores prestes a começar uma briga e não quero escolher de que lado ficar. Aliás, devo escolher um lado ou me manter neutra? Embora a relação com a minha mãe esteja muito desgastada, sinto pesar ao vê-la tão cabisbaixa.

— É muita conformidade. – Ela semicerra os olhos, escrutinando cada movimento de papai.

— É melhor do que estar sempre azedo e insatisfeito – ele faz uma pausa – como você!

— Respeite-me, Diego! Ainda sou sua esposa!

Começo a notar os olhares das pessoas à nossa volta.

— Mãe, pai... – peço cautelosa e sem jeito. – Será que vocês podiam...?

Nem consigo terminar a frase, papai está com o olhar fixo em minha mãe e sua expressão é, para mim, indecifrável. Não consigo dizer se está furioso, triste ou decepcionado. Ou todas as opções anteriores.

— Achei que nós teríamos um almoço tranquilo em família, mas

nem isso conseguimos mais.

— Me perdoe se não consigo ser tão boa atriz quanto você, Diego. Não posso fingir que está tudo bem quando não está – ela responde entredentes.

— Então por que veio? — papai cospe as palavras de forma seca e insensível em cima dela.

— Porque nossa filha pediu.

— Mãe, minha proposta era que fizéssemos algo diferente – eu me intrometo na conversa. – Pensei que você tinha aprovado. Pai, o que está havendo aqui?

— Eu não queria falar sobre isso hoje, filha, muito menos agora. E também não quero estragar o seu bom humor...

— Acho que vocês não se importaram muito quando começaram a discutir na mesa, né, pai? – distribuo minha bronca aos dois.

— Acredito que não estamos no lugar apropriado para este tipo de conversa.

— Desembucha logo, Diego! Ela tem o direito de saber!

Minha mãe cruza os braços e seu pé bate impaciente debaixo da mesa. Meu pai larga os hashis sobre o prato e segura a minha mão.

— Filha, quero que saiba que estou fazendo isso para o bem da nossa família, como já disse antes. — Ele respira fundo. — A empresa está me pressionando para realizar a mudança mais cedo.

— Mas achei que teríamos mais tempo! O que aconteceu?

— Na verdade, Aline, seu pai se voluntariou para auxiliar a empresa em uns processos lá em São Paulo — acrescenta minha mãe. A cutucada dela quase atinge minhas costelas. Sei que só está tentando tirar meu pai do sério, mas não posso evitar ficar chateada com sua postura. — E eu não acredito que essa seja a melhor solução para os nossos... problemas. — Engole em seco ao admitir, enfim, enfrentarem um abalo no casamento. — O lugar da nossa família é aqui.

— Poxa, pai! Achei que tínhamos concordado que só nos mudaríamos depois do espetáculo... Por que você decidiu isso sem nem falar com a gente?

— Não aconteceu exatamente como sua mãe disse, filha. Você sabe que são tempos difíceis e a empresa pede proatividade. Não poderia me omitir quando consigo me mudar mais cedo.

— Você poderia, só não quis — retruco e meus olhos parecem cair sobre a toalha da mesa. — Acho que podemos ir embora. Perdi o apetite.

Levanto da cadeira e sigo para o estacionamento do restaurante

enquanto meu pai paga a conta. Mamãe se apressa em entrar no carro e eu paro, incomodada com a situação. Não sei o que dizer. Chuto algumas pedrinhas no chão de arenito e me curvo um pouco para a frente, desanimada. Levanto a face ao som dos pés de papai se aproximando. Ele coloca sua mão em meu ombro e sussurra:

— Sei que você não aceita isso agora, filha, e entendo sua irritação. Mas, quando tiver suas próprias responsabilidades e sua família, vai compreender meus motivos. — Meu pai bufa, transtornado. — Não queria que sua mãe tivesse trazido à tona esse assunto, era algo que eu pretendia contar a você em particular. — Seus olhos estão entristecidos e me arrependo de meu comportamento infantil. — Infelizmente, parece que eu não sou respeitado nessa casa. Nem pela minha própria esposa!

Meu sangue gela nas veias. Não quero brigar outra vez com meu pai sobre a mudança, até porque entendo não ser algo que se possa alterar de uma hora para outra, mas me decepciono ao saber que o tempo para pensar no que fazer está se esgotando e que parte disso é culpa dele. Mais do que nunca, preciso conseguir uma bolsa e encontrar uma maneira de me sustentar em Joinville sem a ajuda da minha família. Culpar meu pai e prolongar essa discussão em nada resolverá meu problema, tampouco tentar descobrir os fatos que ele ainda não está pronto para me contar. Afinal, duvido que minha opinião sobre os seus assuntos influenciará sua decisão. Então, não me resta

outra opção a não ser respeitar sua privacidade.

Entro no carro e encosto a cabeça no vidro. O sacolejar da rua Dona Francisca faz meus olhos pestanejarem e bocejo. Antes de me dar por vencida e cair no sono, imagino como seria maravilhoso conseguir uma bolsa para estudar na Academia. Com certeza, meu próximo objetivo deve focar nisso.



Capítulo 22

Apesar do passeio ter sido um fracasso no dia anterior, tento me animar um pouco. Deixo a preocupação com o casamento dos meus pais de lado e foco em me mostrar determinada a dançar outra vez. Abro a porta da sala do primeiro ano e fico próximo à janela, esperando a professora Marina chegar. Quando ela entra, anuncia:

— Hoje iremos começar na barra e depois passaremos para a coreografia. Em suas posições.

Os bailarinos se dispõem em fileiras nas barras espalhadas pela sala e aguardam seus comandos. Antes que a professora possa dizer alguma coisa, eu me aproximo e sussurro em seu ouvido:

— Professora, será que eu poderia me juntar à classe? – Sorrio. – Gostaria de fazer uma aula de balé, fugir um pouco do pilates e da fisioterapia, só para variar.

— Claro, querida! – aceita contente, logo virando-se para os alunos.
— Comecem com: *demi, demi*, revertam o braço, *gran pliè* e subam. Repitam segunda, quarta e quinta. Entenderam?

Todos assentimos. Posiciono-me no fundo da sala para não ser percebida, embora não consiga evitar um ou outro olhar curioso.

Ao flexionar minhas costas para trás fazendo um *cambré*, certo desconforto me faz provocar uma careta, mas ignoro. No balé existem dois tipos de dor: a boa, aquela que o faz se tornar um melhor bailarino, e a ruim, aquela que queremos ver distante, que causa medo, pois nos manterá ausentes dos palcos. Aprendemos desde cedo a diferenciá-las. E o desconforto que sinto hoje é apenas uma dor boa, o que me deixa aliviada.

— Sua estrutura está ótima, Aline – comenta Marina, ao passar do meu lado e avaliar meus movimentos. – Nem parece que voltou a dançar agora!

Chegamos à metade da aula. Os bailarinos empurram as barras para o canto da sala e se posicionam para dançar a coreografia do coro. A professora anuncia:

— Antes de começar, gostaria de chamar as bailarinas do terceiro ano, Priscila e Luana, que serão as principais desta peça. Hoje teremos um ensaio geral para nos dar uma ideia de como será a sensação. Sendo assim,

partiremos para o 2º ato. O que acham?

As bailarinas ficam animadas, pois Priscila é uma minicelebridade e Luana é uma bailarina fabulosa. Ambas entram na sala e tomam seus devidos espaços nos espelhos. Eu, por outro lado, fico na expectativa. Apenas vi a professora Marina ensaiando sua própria coreografia. Sei os passos de cor, mas será interessante vê-los de uma maneira mais *real*.

Ao iniciar a música, Luana e Priscila se movimentam na ponta dos pés, cada uma de um lado extremo da sala até se encontrarem no centro. Elas dão piruetas duplas e triplas alternadas e fico admirada com a fluidez dos passos de Luana. Estou tão absorta nos seus movimentos que demoro algum tempo para perceber que, de uma hora para outra, ela está caída no chão segurando a coxa e chorando. Rápido, um dos bailarinos sai correndo atrás do médico da Academia.

— Consegue se levantar? – questiona a professora.

Luana acena negativamente com a cabeça. Aproximo-me da bailarina, incerta, e logo depois o médico chega. Ele a examina de maneira superficial, depois solicita que dois bailarinos carreguem a colega. Ouço o médico sussurrar para Marina:

— Vamos torcer para que seja apenas uma distensão muscular. Mesmo assim, no mínimo, seis semanas. Comece a preparar a substituta.

Os alunos estão agitados, conversando uns com os outros. A professora se vira para mim e me puxa de forma delicada para perto da janela, longe dos ouvidos dos demais.

— Eu não preparei uma substituta para esta coreografia. Nem para Priscila, nem para Luana.

Franzo o cenho, intrigada. Ela nunca está despreparada para este tipo de situação, tão corriqueira para bailarinos. Aguardo ela relevar o que quer dizer.

— Você conhece bem a coreografia, Aline? – pergunta, e posso enxergar seu propósito intrincado nas palavras.

— Professora, eu não sei o que dizer. É isso mesmo que você está pensando?

— Sim, Aline, você tem a minha confiança. Não importa o que passou, sua evolução já me mostra que é a escolha certa para ser a substituta.

Fico sem fala. Abro a boca, mas não emito nenhum som. Em meus anseios mais profundos, uma oportunidade era o que eu mais desejava, mas será que estou pronta?

— Fui uma tola por achar que ninguém se machucaria – ela confessa. – Não podemos deixar passar essa impressão para o grupo, então me ajude. Confirme que você era a minha primeira escolha desde o início.

Abro e fecho a boca, sem saber ao certo o que dizer. Fui tomada de surpresa, mas, ao mesmo tempo, a felicidade transborda dentro de mim pela confiança que acaba de me ser presenteada.

— Ainda assim, Aline, não quero sobrecarregar você. Mais do que ninguém, você sabe os seus limites físicos. Podemos, paralelamente, preparar outra bailarina caso seu corpo demonstre algum desconforto enquanto dança.

— Acho interessante, só por precaução. Mas tenho certeza de que vou conseguir – respondo confiante.

— Muito bem, então! — Ela se vira para a classe. — Silêncio, por favor. Todos estamos tristes pelo que aconteceu à nossa colega, mas tenho um anúncio a fazer: prosseguiremos com Aline no lugar de Luana.

Alguns bailarinos e bailarinas batem palmas e me parabenizam; as seguidoras de Priscila, por outro lado, torcem o nariz para mim.

— Professora, tem certeza que esta é uma boa escolha? – questiona Priscila, sem conseguir se conter.

— Você duvida da minha capacidade de decidir o melhor para o espetáculo, Priscila? – rebate a professora com uma sobrancelha erguida.

— Não, de maneira alguma!

— Foi o que pensei, querida. Vamos recomeçar!

Tiro minhas sapatilhas de ponta da bolsa e as coloco. Posiciono-me

no canto direito da sala e aguardo a deixa da melodia. Subo na ponta dos pés e a dor tão conhecida dos meus dedos luta para sustentar meu corpo. Faço a primeira pirueta meio bamba e não consigo terminá-la na quarta. A música para.

— Desculpa! – digo nervosa.

— Mais uma vez!

— Professora, acho que não deveríamos forçar Aline dessa maneira... — começa Priscila com sua voz irritante, fingindo preocupação. — Afinal, ela acabou de se recuperar de uma lesão séria, não é mesmo?

— Pode ficar tranquila, querida. Não iremos além do limite de Aline. Se eu perceber que não conseguiremos seguir desta forma, serei a primeira a sinalizar.

A professora sorri tranquilamente e reinicia a música. Ela não percebe, mas eu vejo o olhar irritado de Priscila em suas costas.

Dessa vez consigo fazer as piruetas de maneira suave e a professora Marina me elogia. Continuamos por mais alguns minutos a primeira parte da música, então a aula acaba. Na saída, algumas bailarinas me dão tapinhas nas costas e pedem para ensaiar comigo.

Passo a arrumar minhas coisas e, quando dou por mim, somos apenas eu e Priscila na sala. Coincidência? É claro que não! Ela está com os

cotovelos encostados na barra e seus lábios estão fechados em uma linha fina.

— Parece que conseguiu o que queria, não é mesmo? – desanda a falar.

— Priscila, não vamos começar de novo, por favor.

— Você não merece dividir o palco comigo e sabe disso! Sou muito melhor! Você vai ser humilhada.

— Não precisa se preocupar. Você será a estrela e irá brilhar, como sempre quis.

— Deixe de ser ridícula! — exclama acenando com a mão. – Não estou preocupada. Só não acho certo você receber tratamento especial. É óbvio que conseguiu chegar onde queria bajulando a professora Marina. – Ela revira os olhos e me encara séria. – Vai ver, Luana se machucou por causa do seu mau-olhado.

Eu me controlo. Inflo os pulmões e deixo o ar sair de forma lenta.

— Que pena que não concorda com as decisões da professora, mas não posso fazer nada. ‘Tá incomodada? Vá falar com ela!

— Pare de ser tão certinha! Você me irrita! — E ao dizer isso, Priscila dá um tapa em meu rosto tão forte que o som reverbera pela sala. — Eu te odeio!

Coloco a mão na minha face e passo os segundos seguintes com a

boca aberta . A dor é tão forte que faz meus olhos arderem, mas mordo os lábios para não chorar. Escutamos o barulho de salto alto no piso frio do corredor e Priscila me olha com uma cara assustada, talvez por causa de sua própria atitude. Bufo frustrada, minha vontade é de gritar: “Quem você pensa que é para me bater? Por que me odeia tanto? Por quê?”. Porém apenas a observo correr porta afora. No espelho, vejo a marca na minha bochecha esquerda. Pondero se devo sair atrás dela em busca de satisfação e, quem sabe, esbofeteá-la em retorno, mas balanço a cabeça e ignoro a ideia. Abro minha bolsa em busca de uma base em pó para esconder a vermelhidão e passo alguns minutos trabalhando em meu rosto.

A sensação que tive ao tocar o assoalho da sala com minhas sapatilhas de ponta outra vez e a maneira como executei minhas piruetas anula todo o constrangimento com minha inimiga. Não me importo com Priscila. Ao menos não neste momento, quando por alguns instantes eu me admiro como uma bailarina de novo.



Capítulo 23

Assim que termino de maquiar meu rosto, guardo a caixinha da base de volta na bolsa. Como sou a última a sair da sala, lembro de fechar as janelas. Vejo Rafael sentado em um banco de madeira no pátio. Ele quase passa despercebido, se não fosse por seus cabelos castanhos esvoaçantes de que tanto gosto. Olha para cima como se percebesse minha presença – o que é bobagem, eu sei – e aceno de leve, sorrindo. Faço sinal para ele me esperar e termino de arrumar a sala.

Desço as escadas com cuidado, embora minha vontade seja de pular de dois em dois degraus. Meu corpo treme pela antecipação a fim de contar sobre minha participação no espetáculo. Atravesso a área comum da Academia até o pátio, já quase vazio devido ao horário, oito e meia da noite. Rafael continua na mesma posição, com um braço estendido sobre o banco de maneira relaxada.

— Você parece feliz – comenta ele.

— E de fato, estou. – Faço um pouco de mistério. – Tenho novidades!

Rafael aguarda em expectativa enquanto dou alguns pulinhos na sua frente. Sem me aguentar mais, exclamo:

— A professora Marina me chamou para ser uma das bailarinas principais do espetáculo!

Ele se levanta, mas não me abraça. Tenho vontade de me jogar contra seu peito, mas Rafael está com uma expressão diferente no rosto. Apesar de seus olhos não demonstrarem nenhuma alegria, ele diz:

— Eu sabia que você conseguiria, Line. Era só uma questão de tempo! Viu como eu estava certo?

— Foi uma mistura de sorte e azar, na verdade – digo. – A Luana se machucou, por isso fiquei com o papel. E sei que eu não deveria estar tão feliz, mas...

— Como está a Luana?

— Ela ficará boa em seis semanas.

— Você ficou muito mais tempo sem o balé, acho que merece um desconto agora.

De repente recorro da conversa que tive com papai no restaurante japonês e meu peito se retrai por causa da infelicidade. Como fui esquecer de um detalhe tão crucial? É muito provável que eu nem esteja aqui para dançar no espetáculo! Então decido que é a hora exata de relevar a verdade a Rafael e contar sobre a mudança. Giro meus calcanhares e fico de costas para ele, apreensiva. Quando me sinto mais confiante para encará-lo, viro-me outra vez.

— Preciso contar outra coisa para você. — Meu tom de voz é baixo e cauteloso. Rafael franze a testa, provavelmente estranha minha mudança brusca de humor. — Não existe jeito fácil de falar isso, então vou só despejar de uma vez: meu pai foi promovido no trabalho, o que é ótimo, mas isso implica nos mudarmos para São Paulo. Iríamos só ao final do ano, se a empresa não estivesse pressionando papai para antecipar a viagem. Em outras palavras, é quase certo que não poderei fazer parte do espetáculo, só me dei conta disso agora. — *E ficarei longe de você*, guardo estas palavras para mim. — Eu não queria ter escondido a viagem de você, mas não estávamos nos falando direito.

— Não tem problema, Line. Eu compreendo. — Ele sorri e aperta meu ombro. — Além do mais, eu já sabia sobre a viagem.

— Como assim já sabia? — indago intrigada.

— Sua mãe comentou com meu pai esses tempos.

— Não sabia que seu pai estava na cidade.

Fico surpresa com essa informação. Em outros tempos, Rafael ficaria superfeliz com a vinda do pai dele à cidade e teria comentado comigo. Eles sempre foram muito próximos. Sua frieza ao mencionar seu pai me deixa com uma pulga atrás da orelha. O que pode ter acontecido? Será que o pai dele está com problemas?

— Meu pai está na cidade resolvendo algumas coisas.

Ergo a sobrancelha devido à sua resposta evasiva. Como que percebendo minha desconfiança, ele continua:

— Acho que ele encontrou sua mãe no supermercado e ela contou as novidades. Mas, como eu soube, não é importante. Temos que pensar agora no que essa mudança significa para sua carreira e como encontrar boas escolas de dança em São Paulo.

— Do que você está falando?

— Estou aqui para o que você precisar, Line. Quero te ajudar ao máximo para que essa mudança não afete em nada todo o progresso que fizemos.

— Na verdade, eu pensei em conseguir uma bolsa e ficar aqui na Academia, ficar... perto de você. Mas, pelo jeito, isso nem passou pela sua

cabeça! – comento chateada. – Você não quer que a gente fique... próximo um do outro?

— Não é isso, Line. Eu só acho que você deve pensar bem se quer ficar longe de sua família. Sei o quanto é apegada aos seus pais, principalmente à sua mãe apesar das brigas.

Rafael está certo e seria uma adaptação difícil morar longe dos meus pais. Entretanto o que sinto por ele é mais forte do que qualquer outra coisa. Por Rafael, eu passaria por toda a dificuldade em me adaptar à vida adulta de uma hora para outra. E me entristeço ao constatar que ele não tem os mesmos pensamentos. Apesar de querer me ajudar e parecer estar preocupado com meu bem-estar, não consigo deixar de pensar que ele não nutre por mim os mesmos sentimentos. Ou pior, será que Rafael acha que não sou capaz de conseguir uma bolsa na Academia? Será que não me considera boa o suficiente?

Acima de tudo, minha vontade é questioná-lo sobre o seu comportamento e entender se ele não acha que sou a mesma bailarina de antes. Mordo minha língua para não o fazer. Não quero discutir quando supostamente deveríamos comemorar a minha conquista.

— Você tem razão – respondo e bagunço os seus cabelos com as mãos.

Ele sorri e me abraça apertado, escondendo o nariz em meu pescoço. Eu me arrepio com o seu contato mais próximo e inesperado, pois ele é sempre reservado.

Tenho muitas incertezas pela frente, mas, pelo menos hoje, quero imaginar que estou de volta ao segundo ano da Academia, antes do acidente. Quero imaginar que eu e Rafael somos os mesmos de novo: sem segredos, palavras não ditas e inseguranças.



Capítulo 24

Acordo ansiosa, pois combinei com Rafael de irmos juntos à Academia nesta manhã. Tomo um banho rápido para não me atrasar e visto uma calça de moletom rosa com uma camiseta de malha branca. Coloco a bolsa no ombro e, ao passar pela cozinha, encontro uma tigela com bananas, granola e mel a me aguardar. Não vejo as chaves do carro de papai penduradas, portanto, ele deve ter saído enquanto minha mãe está no banho como constato por causa do barulho do chuveiro.

Sento-me em frente ao balcão e tomo meu café despreocupada, já que ainda faltam vinte minutos para o horário combinado. Ao sair, passo a mão pelo coque seco devido a quantidade de gel e tiro um batom clarinho da bolsa para tentar dar um “ar saudável” ao rosto.

Às sete e meia em ponto, aguardo Rafael na esquina de casa. Impaciente, checo o relógio de cinco em cinco minutos. Troco minha perna

de apoio para descansar e a cada pessoa que desponta pela rua meu coração pula em expectativa, mas me decepção logo em seguida. Quando dou por mim, já são quase oito horas e Rafael ainda não apareceu. Suspiro chateada e me ponho a caminhar para não chegar atrasada na aula, apesar de morar muito perto.

Mantenho um passo constante e observo as ruas começarem a ficar movimentadas com pessoas se dirigindo para o trabalho e crianças indo para a escola. Durante os vinte minutos de caminhada, começo a enumerar os motivos para Rafael não ter aparecido e tento não pensar que ele se esqueceu do nosso compromisso ou algo pior.

Entro na sala. As bailarinas se ajeitam e a professora Marina se prepara para colocar a música. Hoje ensaiaremos todos juntos, de novo.

— Muito bem. Para a barra! – avisa a professora em um tom direto. Com o espetáculo se aproximando, não há tempo para relaxar.

Depois de alguns *pliès*, Priscila entra esbaforida, com o rosto corado e os cabelos um pouco bagunçados, o que não é de seu feitio. Franço a testa, intrigada.

— Priscila, você conhece a regra para quem chega atrasado.

— Mas, professora, eu tenho um bom motivo.

— E qual seria? – ela questiona contrariada.

— Eu estava na casa do Rafael.

Marina fica em silêncio por alguns segundos. Sua expressão desliza do autoritarismo para algo que me cheira a benevolência, como se pegasse o caminho mais curto.

— Tudo bem – responde por fim. – Mas que não se repita. Você sabe como isso atrapalha o progresso do ensaio.

Seus olhos suavizam e isso me incomoda. Por que a professora está pegando leve com a Priscila à beira do espetáculo? Ela deveria sofrer uma reprimenda na frente de todos. Sei que pareço infantil, mas o ciúme borbulha dentro de mim.

Priscila assente com a cabeça e se posiciona na barra. Diferente da professora, seu rosto não demonstra nenhuma emoção, o que me deixa ainda mais perdida. *Que droga!* O que Priscila estava fazendo na casa de Rafael? Será que foi por causa dela que ele não apareceu em nosso encontro? Justo agora que eu tinha deixado essa história dos dois de lado...

O resto da aula parece se arrastar e minha vontade é grudar Priscila na parede até obter todas as informações que quero saber. Quando a professora finaliza o ensaio, voo até minha bolsa para pegar meu celular. Envio rapidamente: “Gabriela, preciso de você urgente!”. Sinto-me aliviada quando recebo uma resposta imediata: “Estarei aí em cinco minutos, hoje

estou de folga do trabalho! Beijos!”.

Aguardo minha amiga em frente à Academia. Ela estaciona o carro, e eu despejo tudo o que aconteceu na aula de hoje.

— Isso não quer dizer nada, amiga – ela responde, fazendo um leve afago em meu ombro.

— Gabriela, você ouviu o que eu disse? – retruco exasperada. – A Priscila estava na casa do Rafael, e ele não apareceu para me buscar!

— Sim, eu ouvi. – Ela bufa ao revirar os olhos. – E você disse também que ele já explicou não ter nada a ver com Priscila, que são apenas amigos agora.

— Isso não quer dizer que seja verdade...

— Você sabe o que está sentindo agora, Aline? Isso se chama ciúme. E pode ser destrutivo em uma relação! Não adianta tirar conclusões precipitadas, você precisa conversar com ele antes. – Ela suspira e me olha diretamente. – Você gosta ou não gosta dele?

— Gosto – respondo e me encolho no banco do passageiro.

— Então vocês precisam conversar.

Permanecemos dentro do carro por algum tempo, e ela me conta que ainda não conseguiu se entender com Guto. Falar sobre a vida amorosa da minha amiga me faz ficar mais calma e esquecer um pouco do meu ciúme

ensandecido.

Almoçamos juntas e continuamos o passeio até a tarde. Contudo, apesar do dia animado, não consigo desviar meus pensamentos de Rafael durante a volta para casa. Quantas vezes ele me disse que eu podia confiar nele? E se fosse para sair com alguém, tinha que ser Priscila? Ela é chata, arrogante e cínica. Sem mencionar o fato de que ela me esbofeteou. Como ele pode escolher alguém assim? Depois de tudo o que ela aprontou comigo! E o que mais me deixa desconfiada é o fato de Rafael ter me dito ser apenas amigo de Priscila, mas sua cara amarrada durante nosso último encontro só me faz crer no contrário...

Em minha mente aparecem imagens dos dois juntos, beijando-se e rindo de mim. Sei que é idiota, mas não consigo evitar. Rafael deve ter dito algo de mim para ela, não? Ou talvez o que temos um com o outro, seja lá o que for, não significa muito para ele.

Despeço-me com um beijo estalado na bochecha de Gabriela e desço do carro. Sinto meu celular vibrar. É uma mensagem da minha mãe avisando que se atrasará para chegar a casa. Meus pés estão hesitantes, pois minha vontade é correr até a casa de Rafael e tirar alguma satisfação. Entretanto opto por chegar e deitar um pouco para esfriar a cabeça, como minha amiga aconselhou.

Quando ergo meu rosto, Rafael está encostado no poste da esquina e me observa de maneira fixa.

O que ele quer aqui?

*

Assim que o avisto, percebo que não estou preparada. Abro a bolsa e procuro as chaves de casa. Ele se apressa em minha direção ao perceber meu intento. Ouço quando chama meu nome daquele jeito carinhoso que me faz estremecer e sinto minhas mãos fraquejarem no trinco da porta. Suspiro pesadamente e olho para o chão, como se a resposta para os meus “problemas” pudesse estar no capacho onde se lê “bem-vindo”.

— Line! – chama mais uma vez, agora tocando meu ombro. – Quero conversar sobre hoje de manhã.

— Também quero – respondo ao fechar a porta de casa e guardar as chaves de novo. – Mas não aqui.

— Tudo bem, vamos para outro lugar – sugere indicando o caminho.

Solto o ar com força e ergo o queixo ao atravessar a rua em direção ao parque. Estamos próximos ao fim de tarde e o lugar está quase deserto. Caminhamos lado a lado até nosso destino, sem dizer uma única palavra.

Acredito que Rafael já notou meu estado de humor e está à procura de uma maneira de começar suas desculpas esfarrapadas. Balanço a cabeça diante do meu pensamento, prometi à Gabriela que seguiria seus conselhos e escutaria o que ele tem a me dizer.

Quando enfim chegamos ao parque, procuro pelo banco mais afastado das pessoas. Não quero correr o risco de que algum conhecido me veja conversando com Rafael e, depois, isso caia no ouvido de mamãe.

Sento e faço menção com a cabeça para que ele se acomode também. Entretanto Rafael mantém-se de pé e espera que eu diga alguma coisa, visto que me observa com atenção enquanto seus pés impacientes batem contra as pedrinhas soltas no chão. Quando enfim se dá por vencido, ele diz:

— Eu procurei você hoje na saída das aulas, mas não a encontrei.

— Combinamos de nos encontrar no início das aulas, e não ao final delas... – resmungo com a expressão fechada.

— Tive um contratempo – ele responde e suspira. – Você nem sabe qual foi o meu motivo e já age de maneira infantil. Por que é sempre assim?

Eu me assusto com sua atitude. De onde veio tanta hostilidade? Não consigo acompanhar as alterações de humor de Rafael. Em contrapartida, faço-o lembrar o motivo da minha cobrança:

— Não sabia que Priscila era um contratempo. Na verdade, não fazia

ideia de que ela ainda era alguma coisa para você.

Rafael ergue uma sobrancelha em sinal de confusão, mas não me deixo enganar por sua expressão dissimulada.

Meu mau humor aumenta, e quem pode me culpar? Qual a probabilidade de encontrar a última pessoa que eu desejo ver neste momento em frente à minha casa? Em minha cabeça, posso imaginá-lo com Priscila rolando no sofá da casa dele. Entretanto, ao invés de expressar minhas divagações, apenas informo:

— Priscila também chegou atrasada. Você não quer conversar sobre isso?

Sua postura fica tensa, e isso me deixa ainda mais convicta de que Rafael está me escondendo alguma coisa. Seu tom de voz aumenta uns dois ou três níveis:

— Se for para começar com esse ciúme bobo, eu vou embora e conversaremos em um momento que você estiver mais calma, pensando com clareza.

— Ela deixou claro que o motivo de ter se atrasado foi porque estava na *sua* casa! Onde está a verdade, Rafael? Antes eu podia acreditar nas coisas mais bobas que você me dizia.

— Então, por que mudou?

— Pra começar, aconteceu quando você me abandonou logo após o acidente.

Rafael emudece e percebo que o choquei. Ele contrai as sobrancelhas em um semblante sério e sua boca abre, sem emitir nenhum som. Após alguns instantes, porém, ele recupera a fala:

— Line, eu não estava em casa hoje pela manhã. Não me encontrei com ela. Eu sabia que Priscila foi à minha casa, mas não mencionei nada porque sabia que você ficaria assim...

Estou tão zangada que minha vontade é de esganá-lo até que confesse alguma coisa, qualquer coisa... Sei que no fundo, no entanto, estou apenas com dor de cotovelo por Priscila. Sinto-me traída.

Bufo e esfrego meu rosto com as mãos. Eu estou fatigada, e isso parece que só promove a discussão. Não aguento mais essa desconfiança, esse ciúme irritante... Eu não era assim, não pretendo virar uma dessas garotas loucas e controladoras. Sei que tenho a tendência de exagerar em algumas situações, e que o embate constante com Priscila às vezes (ou sempre?) me deixa cega, mas não consigo evitar me sentir chateada. Com esse pensamento, meus olhos passeiam pela expressão dura de Rafael à procura de algo que me dê uma resposta definitiva. Independentemente dela, sei que não suporto pensar nos dois juntos! Nunca suportei e não será a partir

de agora que o farei. Será que Rafael não entende?

— Você não entende? – questiono, admitindo meus pensamentos em voz alta. – Eu estou, sim, com ciúme de você.

— Você não precisa sentir ciúme de mim, Line – ele sussurra, aproximando-se e colocando uma mecha do meu cabelo atrás da orelha. – Não há motivo para desconfiança.

— Eu preferia que você tivesse me dito que Priscila esteve na sua casa. Não aguento mais suas omissões, cada uma delas parece mentira... Não gosto de pensar que você está me escondendo algo. – Deixo-me levar pelo calor de sua mão contra minha pele. – Uma parte de mim me diz que posso confiar em você, mas a outra...

— Não queria que você desconfiasse de mim, Line. – Ele parece entristecido e recolhe a mão, desanimado. – O que preciso fazer para você confiar em mim?

A verdade é que não tenho uma resposta para essa pergunta, então prefiro me abster de dizer algo que possa me arrepender depois.

— Está tarde, preciso ir para casa – digo. – Depois continuaremos nossa conversa, está bem?

— Acho melhor. Você precisa colocar seus pensamentos no lugar para conversarmos outra vez.

A sua última frase destroça algo dentro de mim. Nunca esperei ser tratada dessa forma por Rafael. Intimamente, queria que ele tivesse lutado para que eu continuasse ali, para que solucionássemos essa questão. Quem sabe eu tenha culpa por ter iniciado essa discussão estúpida? Levanto-me do banco e faço o caminho de volta para casa, sem me preocupar em verificar se Rafael está atrás de mim – porque certamente não está.



Capítulo 25

Apesar de todos os problemas, no domingo, acordo em paz depois uma boa noite de sono. Desejo aproveitar o tempo com minha família, porque durante a semana mal vi meu pai em casa e mamãe também não se dignou a comentar o fato em nenhum momento. Levanto da cama e estralo o pescoço para dar uma relaxada. Com o espetáculo se aproximando, os ensaios estão cada vez mais intensos e, apesar dos músculos mais fortalecidos, ainda sinto certa dificuldade em alguns movimentos.

Caminho até a cozinha e cumprimento dona Isabel:

— Bom dia, mãe!

— Bom dia, filha – responde sem tirar a atenção da panela. – Achei que não acordaria nunca! Está quase na hora do almoço.

— Desculpa, mãe. Estava muito cansada por causa dos ensaios...

— Não tem problema. Fico feliz que esteja dançando de novo. — Ela sorri, mas a alegria não atinge seus olhos.

— Onde está papai?

— Na sala — limita-se a responder.

Aquiesço com a cabeça e decido não perguntar mais nada. Sento-me à mesa da cozinha e pego uma laranja da fruteira. Enquanto a vejo cozinhar, puxo conversa sobre banalidades, como a novela das nove e a modinha que as garotas da academia têm adotado em suas roupas. Vinte minutos depois, ela avisa:

— O almoço está quase pronto. Chame o seu pai enquanto ponho a mesa, filha.

Caminho até a sala. Papai está assistindo à televisão. Eu o chamo. Ele se levanta e me dá um beijo na testa enquanto acaricia meus cabelos. Parece bem. Ao voltarmos, mamãe já está terminando de servir nossos pratos.

— Bom apetite — ela diz, mas não olha para o meu pai.

Intrigada, mastigo o arroz e a lentilha enquanto observo o comportamento deles. Minha mãe fala sem parar, estressada com algo que não consigo identificar, enquanto meu pai se limita a comer o que está em seu prato sem dar atenção ao universo à sua volta.

— Você não concorda, Aline? — questiona ela.

Enrubesco, pois quase não tenho opinião sobre o que ela estava dizendo. No entanto, como se fosse apenas uma pergunta retórica, ela continua a contar sobre alguma discussão com a vizinha da frente.

De repente meu pai suspira e esfrega os olhos.

— O que foi, Diego? – indaga mamãe. – Estou cansando você?

— Isabel, agora não, por favor.

— Por que não?

Meu pai me olha de relance e então se volta para ela.

— Preciso mesmo responder?

Interrompo o garfo em direção à minha boca. Estou chocada e aflita diante da situação, mas não sei o que fazer. Mamãe, por outro lado, levanta-se da mesa de supetão e pega seu prato, jogando-o com raiva dentro da pia.

— Isso custa dinheiro, sabia? – reclama meu pai.

— É só com isso que você se importa, não é mesmo, Diego?

— Eu me importo em colocar comida na mesa – retruca ao se levantar também.

— É claro! A comida! – Ela ri de forma irônica, olhando-o dos pés a cabeça, irritada.

— Acho que não fui bem eu que cansei da nossa relação, não é,

Isabel? Então não me venha com essa conversa de “se importar” agora!

Mamãe espreme os olhos, enfurecida. Ao invés de rebater a resposta de meu pai, no entanto, ela deixa a pia bagunçada e dispara para o quarto, algo improvável de a “senhora limpeza” fazer. Embora eu esteja bastante assustada, meu primeiro impulso é ir atrás dela.

— Agora não, filha – sussurra meu pai. – Ela precisa de um tempo sozinha.

Aceno com a cabeça, relutante.

— Desculpe por você presenciar isso. Faço de tudo para não brigar na sua frente. Devo ser um péssimo exemplo, não é?

Observo a expressão cansada de papai. *O que aconteceu aqui?* Não importa a hora ou o dia, meus pais parecem dois estranhos não apenas um ao outro, mas a mim também. Minha mãe quer arrumar briga a todo o momento, e meu pai, ao invés de tentar acalmar as coisas, só põe mais lenha na fogueira. Quando foi que ambos desistiram de conversar como duas pessoas civilizadas? Fico tentada a descobrir o que meu pai quis insinuar em seu desabafo. Será que ele ainda culpa mamãe por estar sempre tão ocupada comigo e com o balé? Ou ele se cansou da família que construiu?

Pensar nisso faz meu estômago embrulhar e deixo a comida de lado. Pondero se não é hora de tentar consertar as coisas de uma vez por todas. Até

mesmo a minha intenção de obter uma bolsa de estudos para me separar dos meus pais, quando tudo está a desmoronar, não parece correta.

Como que sem nada melhor para dizer, ele aperta meu ombro com carinho e se dirige para a porta da frente.

Fico na dúvida entre seguir meu pai ou acudir minha mãe. Concordo que ela precisa de um tempo agora, e a expressão abatida do meu pai faz com que eu fique com pena dele. A nossa família não deveria estar assim. Essa situação é completamente errada.

E o meu domingo termina bem antes de começar.



Capítulo 26

Mesmo depois de dez dias, o clima parece o mesmo. O silêncio dos meus pais me inquieta, mas as brigas são ainda piores. Por conta dessa situação, passo cada vez mais horas na Academia. Para piorar, Rafael não tem falado comigo desde a nossa “briga”. Na realidade, não o vejo desde então. Parte de mim deseja procurá-lo por todos os cantos e voltar a conversar, mas a outra decide que é melhor dar tempo ao tempo. Sinto sua falta, relembro do calor de sua pele contra mim, dos seus olhos nos meus, sempre tão expressivos...

Essa dubiedade de sentimentos me deixa confusa. Por um lado, ele é tudo que eu sempre quis, o meu primeiro e único amor, e tudo que desejo é colar meus lábios aos seus enquanto dançamos no parque. Por outro, parece que não conseguimos deixar o passado para trás, sempre existe algo para nos lembrar de que ele fugiu, de que Priscila ainda faz parte da sua vida... E então

minha insegurança completa o pacote. Será que sou correspondida? Às vezes penso que sim, e algumas vezes não faço a mínima ideia.

Saio de casa bastante cedo. Chego às sete e meia na Academia. As aulas passam no piloto automático, de tão acostumada que já estou com os movimentos e a coreografia. Sem Rafael para conversar, sinto-me invisível.

Ao final da última aula, sigo para o vestiário junto com as outras bailarinas. Arrumo meus pertences em minha bolsa e estou prestes a sair pela porta quando uma delas me chama. Uma menina baixinha, morena e de olhos claros. Não sei o seu nome, mas a reconheço, pois é uma das seguidoras de Priscila. Suspiro e espero pelo pior.

— Você foi ótima hoje! – Seu elogio me surpreende. – Se pudesse me ensinar como deixar meus movimentos mais limpos, adoraria treinar com você um dia!

Demoro um milésimo de segundo para compreender que ela está reconhecendo meu talento. É como se eu estivesse em um universo paralelo e tenho vontade de rir do meu próprio pensamento. É tão difícil assim aceitar um elogio?

— Obrigada – respondo meio incerta. – Sim, podemos treinar um dia.

— Que bom! – Ela sorri empolgada.

Seguro a alça da minha bolsa com mais força, inquieta. Não sei como agir com as outras bailarinas. Quase nunca converso com elas.

— Eu e algumas meninas vamos almoçar na cantina hoje. Quer vir com a gente?

— Tudo bem.

Depois de fazer um sinal, outras duas meninas aparecem atrás dela. Uma alta e loira, e outra da mesma altura que eu, com os cabelos ruivos.

— Eu sou Cristina. Essas são Natália – aponta para a loira – e Giselle.

— Cris, ela já deve saber nossos nomes... – sussurra Giselle.

Tenho vontade de desmenti-la, mas não faço isso. É óbvio que conheço o nome das meninas da minha classe, em especial das amigas de Priscila.

Ao chegarmos à cantina, encontramos outras bailarinas. Sentamos todas juntas na maior mesa, uma circular de madeira. Sinto-me estranha e deslocada entre Cristina e Natália, mas não me deixo abater. Cinco minutos depois, a conversa flui por entre técnicas de balé, professores chatos, pés machucados e a vontade de comer chocolate e tomar refrigerante.

— Meu mundo por um chocolate! – pede Natália de forma teatral.

— Quem me dera um chocolate! – concordo. – Minha mãe é

neurótica com esse tipo de comida...

— É uma chatice isso, né? Minha mãe também é assim! – reclama Giselle.

Cristina então me observa com cautela. Sinto que ela quer dizer algo e presto atenção em sua postura.

— Sabe, Aline, você não é como Priscila diz – ela sussurra para mim, sem deixar que as outras escutem.

Não respondo e apenas a deixo falar.

— Admito que antes você era meio chatinha, toda na sua, quieta e supercompetitiva. Mas quem aqui não é, né? – Ela sorri. – Ou esse ano você parece diferente, ou eu realmente não a conhecia antes. Você é muito legal.

— Obrigada, Cristina – murmuro de volta. – Você também é.

Começo a me sentir mais confortável até Priscila aparecer, colocando a bandeja de comida exatamente ao meu lado. O baque surdo do plástico de encontro à mesa me deixa em transe. A frustração perante minha incapacidade de me impor é tremenda. Alguma coisa trava dentro de mim e posso arriscar dizer que não demorará muito para esse limite arrebentar de uma só vez, como um elástico expandido ao máximo. Minha vontade é de derrubar sua bandeja e grudar as unhas em seus cabelos, se minha consciência não me prendesse ao meu assento. Agora que estou em outro

nível com as meninas, não quero causar nenhuma má impressão.

— Por que não me chamaram para almoçar? – indaga diretamente para Cristina.

— Você sabe que sempre almoçamos aqui, Pri. Não precisa dar piti! – Ela ri e as outras a acompanham.

— Não estou dando piti! – Priscila bufa. – Eu só acho que vocês deveriam ter me esperado.

— Deixa de ser chata e senta logo – retruca Natália.

— Quem está sendo chata são vocês – ela resmunga. Está prestes a se sentar quando parece notar minha presença. Ela pisca duas vezes seguidas, como quem não acredita no que está vendo. – O que *ela* está fazendo aqui?

Irrito-me com o tom de sua voz. *Quando essa implicância irá acabar?* Abro a boca para responder, mas Giselle me interrompe:

— *Ela* tem nome, Priscila. É Aline. – Seu aviso é seco, frisando estar do meu lado. Esse gesto faz com que eu me sinta parte de algo maior do que essa rixa com Priscila.

— E desde quando você defende essa aí? – questiona debochada. – São amiguinhas agora, é isso?

— Ai, Priscila! Chega disso, pelo amor de Deus! – exclama sem paciência. – Estamos todas na mesma turma, estamos todas ensaiando para o

mesmo espetáculo... O que custa deixar essa briga boba de lado?

— Ela pode ter enganado vocês, mas não a mim! – Priscila se revolta, seu rosto fica muito próximo do meu. – Ouviu, Aline? Você pode até se fazer de boazinha, mas eu sei do que é capaz.

— Do que você está falando, Priscila? – pergunto.

— Você faz qualquer coisa para atingir seus objetivos. Não se importa com ninguém!

— Isso não é verdade – retruco ao levantar a voz. – Chega de ficar me incomodando... Não aguento mais suas implicações infantis! Será que você não vê o quanto isso é ridículo?

— Você só está se fazendo de queridinha agora porque se sente culpada!

E Priscila sorri, satisfeita.

Começo a tremer. De repente, é como se meu corpo estivesse lutando com emoções que nem compreendo direito. Engulo as palavras maldosas e ciumentas de Priscila como se fossem um xarope ruim. Eu não sou capaz de explicar por que a palavra “culpa” causa esse efeito em mim.

— Não estou me sentindo muito bem – enfim me expresso.

Escuto Cristina pedindo para alguém buscar um copo de água com açúcar.

— Está tudo bem, Aline – sussurra ela, dando tapinhas em meu ombro. – Beba isso.

Ela me entrega o copo e bebo o conteúdo em um gole só. Minhas mãos estão tremendo levemente.

— Deixa de teatro, Aline! – Priscila me repreende. – Vocês não percebem que ela está enganando todas nós?

Escuto o exalar difícil da minha própria respiração. Priscila ri de maneira amarga, e sinto um aperto no estômago.

— Bom, eu me recuso a ficar na mesma mesa que essa garota estúpida. Quem me acompanha?

Nenhuma das meninas se levanta. Tenho vontade de agradecer, mas minha voz não sai. Penso no que Cristina disse sobre eu ser distante e competitiva. Será que este foi o motivo para eu não ter amigos na Academia durante todos esses anos? Sinto-me tão acolhida por essas meninas e tão agradecida por seu apoio. Não quero perder isso, mas duvido que Priscila irá “cedê-las” sem uma briga.

A bofetada que levei outro dia volta a queimar minha bochecha. Mudo meu olhar para a mesa e penso em me levantar para acabar de uma vez com essa situação desconfortável indo embora. Entretanto não ajo assim, não desta vez.

Priscila fica estática e sua boca abre e fecha devagar, sem saber o que dizer diante da “traição” de suas amigas.

— Melina, Roberta! – Ela encara ambas as garotas no outro canto da mesa. – Vocês não vêm?

Elas se levantam rapidamente para acompanhar Priscila, amedrontadas. Todas as outras permanecem sentadas, o que contraria minha adversária.

— Você me paga, Aline! – ela atira.

— Eu acho que ela já pagou até demais, Priscila – Natália responde com uma expressão furiosa. — Acho melhor você ir embora *agora*.

Priscila segue para outra mesa e não olha para trás. E eu, enfim, consigo respirar de novo.



Capítulo 27

São quatro da tarde e não quero ir para casa. Reflito sobre minhas alternativas: aturar o *bullying* de Priscila um pouco mais ou os berros de mamãe e papai quando voltar. Decido dar uma passeada e, quem sabe, visitar a livraria para espairecer. Não entendo ao certo o motivo, mas ainda estou com as palavras de Priscila martelando na minha cabeça de maneira obstinada. A culpa por algo que não sei o que é me corrói por dentro. Tento me desvencilhar dessa sensação inquietante, mas falho de maneira categórica.

Desço os degraus da frente da Academia quando meu celular toca. Tiro-o do bolso e leio a mensagem de Gabriela: “Te vejo daqui a pouco? Parece que não nos encontramos há anos... Beijos!”.

Bato a mão na testa, frustrada. Esqueci que teríamos “grupo de apoio”. Faz duas semanas que tenho me esquivado das reuniões por causa dos treinos, mas Gabriela sabe que não é apenas esse o meu motivo. Só que isso

não anima a minha ida até lá, embora saiba que não conseguirei deixar de comparecer.

Vinte minutos depois, chego de táxi à clínica da doutora Fátima. A leve brisa do fim de tarde, que adentra pela janela, acaricia meus cabelos. Sou informada pela recepcionista de que o encontro será no pátio da clínica, em meio às árvores. Vejo que todos estão acomodados no chão em uma roda improvisada e sento-me ao lado de Gabriela, que me cumprimenta com um abraço.

— Oi, amiga! Como você está? – pergunta ela.

— Estou bem – respondo, dando de ombros.

— Por que eu sinto que isso não é verdade?

— E por que você sempre acha que estou escondendo alguma coisa?

— Rolo os olhos, impaciente.

— Só porque você está com medo, não precisa ser grosseira, Line – Gabriela retruca e mostra a língua para mim.

Doutora Fátima me lança um sorriso e retribuo, embora já tenha me arrependido da minha escolha de vir. Ela faz sinal para que todos fiquem em silêncio e começamos a sessão. Como de praxe, pergunta se alguém quer iniciar. Ninguém se manifesta, o que é um verdadeiro milagre já que todos sempre estão ansiosos para falar, exceto eu.

— E então, Aline, hoje podemos contar com a sua participação? – indaga ela ainda com aquele sorriso no rosto. *Odeio ser pressionada por essa simpatia!*

— Acho que não... – respondo contida.

— Eu insisto, Aline – determina ela. – Já está na hora de você começar a participar mais ativamente das nossas sessões.

— Sobre o que você quer que eu desabafe?

— O que você desejar.

— Já disse que não quero falar.

— Não seja assim, Aline... – Gabriela me recrimina, baixinho. – Não é tão ruim quanto você pensa.

Algo dentro de mim estoura. Acho que os eventos do dia foram demais para mim e os efeitos colaterais decidiram dar as caras. Deslizo minhas mãos pelo rosto e tento conter as gotículas de suor que começam a se formar em minha testa.

— Aline? – insiste a doutora Fátima.

— Eu não sei! – grito e aspiro com bastante rapidez. – Eu não sei, está bem? – repito enquanto olhares assustados se viram em minha direção. – Um dia sou a bailarina perfeita, com a técnica perfeita, um talento nato e que não precisa de ninguém. No outro, não consigo acreditar em mim mesma,

nem mesmo nele... Eu não quero ser apenas uma amiga para ele...

Doutora Fátima e o grupo apenas me encaram.

— Rafael tornou-se meu mundo! – desabafo sem saber ao certo como expor o quão sufocada estou sendo por esse amor tão grande. – Ele é tão ou mais importante que o balé, mas nunca fomos mais do que amigos. O seu coração era *dela*. Sempre dela! Eu nunca passei do papel de melhor amiga, nunca fui vista como algo mais... Quero dizer, nosso relacionamento sempre foi confuso... A única pessoa a quem Rafael entregou seu coração foi *ela*, sempre *ela*! Não importa o quanto ele diga que estará sempre ao meu lado, ou que se importa comigo, ou que me ama, a verdade é que nunca me pediu para sermos mais do que amigos. Nunca namoramos ou nos beijamos, mesmo quando ele claramente deseja isso tanto quanto eu! E agora... – falo com urgência, estou desesperada para tirar de mim essa angústia que Priscila provoca.

— Quem é ela, Aline?

— Priscila. A pedra no meu sapato! Desde que voltei para a Academia, ela tem feito de tudo para me tirar do sério. E eu simplesmente aturo! Que tipo de idiota eu sou?

— Você não é idiota, amiga – sussurra Gabriela, fazendo carinho em meu ombro.

— Ela me bate, me xinga e faz eu ser a piada da turma! E sabe o que é pior? Antes do acidente, eu até tinha inveja de Priscila! Ela sempre foi cheia de amigos e, o melhor, tinha o amor de Rafael. O que mais uma garota pode querer? Só que então eles terminaram, e nossa amizade voltou a ser o que era antes, mas melhor. Mesmo que Priscila tentasse suas táticas de controle, elas não surtiam mais efeito. Era como se ele só tivesse olhos para mim. E eu sentia que queria o que eu queria: que fôssemos mais do que amigos... Eu o roubei dela, mesmo sem planejar. Pode soar maldoso, mas me senti feliz com isso. Era quase como se fosse uma competição silenciosa que tínhamos. Mas agora...

— O que aconteceu agora, Aline? – indaga a doutora Fátima.

— Eu só consigo me perguntar: “Para quê?”. Não vejo o objetivo em continuar essa competição infantil. O sentimento que sinto por Rafael em nada tem a ver com o balé, eu o amo. Sim, eu o amo de verdade.

Gabriela aperta minha mão com força e sorri apoiadora.

— Não quero mais perder tempo me isolando de tudo e todos. Eu percebi que o motivo de eu me sentir tão deslocada entre as outras bailarinas é totalmente minha culpa. O que me leva à última questão: Priscila disse que eu sou “a culpada de tudo”, e não consegui entender sua acusação. Passei tão mal ao ouvi-la que precisei ser acudida pelas outras meninas. – Faço uma

breve pausa, meu coração aos pulos enquanto as palavras fluem sem me preocupar em contê-las. – Consigo compreender um pouco neste momento: ela me culpa por ter roubado Rafael e por toda a mágoa que sente de mim. E é por isso que me trata dessa maneira. E talvez... talvez eu seja mesmo a grande culpada. Eu sou culpada por amá-lo. Rafael é tudo para mim, eu sou apaixonada por ele. Sempre fui. Somos amigos desde crianças, sempre ensaiamos juntos, fazíamos tudo na companhia um do outro... até ela aparecer e tentar roubá-lo de mim. Mas nunca conseguiu, não inteiramente. Nossa amizade sempre foi maior do que o namoro deles. Rafael nunca me deixou de lado, porque ele sempre me amou também. Mesmo que fosse apenas como amiga... Só que agora é diferente, sei que é. Ele e Priscila não deram certo, não durou muito tempo. Eu não quero me sentir culpada por esse sentimento tão especial que tenho dentro de mim.

— Não importa o passado, Aline. Priscila não tem o direito de te tratar assim! – exclama Gabriela, indignada.

— Gabriela está certa, Aline. Vocês duas precisam resolver essa questão. Não é saudável viver alimentando o passado e, muito menos, se submeter a esse comportamento destrutivo de Priscila – comenta a doutora Fátima.

Respiro fundo. As palavras saíram antes mesmo de eu conseguir me conter. Sinto-me muito melhor agora, e mais compreendida. A tensão que

estava sentindo se dissipava. E a culpa que até então transbordava por todos os meus poros se acalmou, embora eu ainda a perceba comigo. Será que este é o efeito de desabafar em uma terapia? Talvez devesse ter feito isso antes. Tanto tempo me consumindo, me corroendo... Se os eventos recentes serviram para alguma coisa, foi para eu perceber que o isolamento não traz nada de bom. Além disso, a doutora Fátima está certa: não posso mais viver desse jeito. Será que devo tentar resolver a situação com Priscila outra vez? Vejo que tenho medo e não posso deixá-lo me dominar.

— Obrigada, doutora Fátima – murmuro. Sinto-me meio sem graça por ter confiado todos os meus sentimentos a ela e ao grupo de apoio. Nunca fui de me abrir, afinal. – Você está certa, eu não aguento mais viver com essa culpa que mal percebo de onde vem. Eu preciso acabar com isso, acabar com essas brigas e me resolver com Priscila.

E amanhã será o dia, acrescento em pensamento, decidida.



Capítulo 28

A sessão termina por volta das seis da tarde. Gabriela me oferece uma carona, mas prefiro caminhar e refletir sobre o que disse para doutora Fátima e meus colegas de terapia. Em meio à vazão de pensamentos, contudo, um deles se destaca: Rafael. Mais precisamente, o fato de que estou apaixonada por ele. E mesmo com tantas questões mal resolvidas, eu só quero encontrá-lo e fazer as pazes.

Não muito distante da clínica, sentado no banco de metal em frente ao “Chá das Cinco”, um estabelecimento com diversas especiarias que minha mãe adora, está Rafael. Assim que me vê, ele se levanta com as mãos nos bolsos. Sua expressão é séria como da última vez, mas não desanimo.

— Temos que conversar, Line – avisa, sem rodeios.

Estremeço.

— Eu sei – respondo e me aproximo um pouco mais.

Ele assente, mas não diz nada, o que me deixa mais nervosa. Já falei muito por um dia! Decido, então, fazer como na sessão e apenas desabafar o que está em meu coração, por mais brega que isso possa soar aos seus ouvidos:

— Não quero mais brigar, Rafael. – Sinto-me meio hesitante e, sem saber o que fazer com as mãos, opto por escondê-las nos bolsos do meu casaco. – Sei que exagerei com a história de Priscila e peço desculpas. Não queria te magoar com as minhas desconfianças.

— Tudo bem, Line – responde ele. – Eu só estou cansado de ser acusado sem razão. Nunca te dei motivos para desconfiar de mim, até o acidente. Entendo que para você é difícil confiar em mim depois de tudo e foi insensível da minha parte...

Enfim, ele enxerga a verdade, mas prefiro ficar calada a iniciar uma nova discussão. Em minha mente, enumero os motivos das minhas desconfianças. Rafael pergunta:

— Amigos outra vez, então?

Observo-o com cautela. Em outro momento, ele já teria se aproximado e acariciado meus fios castanhos. Se não estamos mais brigados, por que ele continua com essa atitude distante? Sei que estou criando uma teoria de novo, mas não consigo evitar.

— Não somos amigos – digo um pouco tímida. – Não mais.

Ergo o queixo, tentando parecer corajosa.

— O que você quer dizer com isso? – questiona erguendo uma sobrancelha.

— Que já passamos dessa fase há muito tempo. Você não acha? – decido ser ousada e me aproximo mais do seu corpo.

Ele não responde. Um nó se forma em meu peito. Será que não sou correspondida? Engulo o questionamento como se fosse uma bola pesada que cai e bate em meu estômago vazio. Sei que provavelmente minha expectativa é de viver um romance de cinema, uma ideia idiota, mas não posso deixar de fantasiar nós dois, juntos.

Nesse momento, penso no que Gabriela faria e decido apostar todas as minhas fichas. Afinal, o que esperava já foi destruído mesmo.

— Rafael, você me ama?

— Claro que sim... – responde, um pouco vermelho.

Minha cabeça lateja e pisco para conseguir focá-lo novamente. Pressiono minhas têmporas. Em minha mente, tenho um lampejo do acidente. Seus olhos nos meus, seu sorriso doce... Ele disse que me amava também, não disse?

— Vou ser mais específica. Quero saber se me ama de verdade ou só

se sente culpado pelo acidente.

Ele arregala os olhos e suspira. Vejo-o apoiar o peso do corpo em uma perna e depois na outra, desconfortável. Espero uma declaração de amor, mas, ao invés disso, recebo uma resposta enxuta:

— Meus sentimentos por você são verdadeiros. Você é linda por dentro e por fora. Não há ninguém no mundo que me entenda melhor do que você.

Minha vontade é implorar que ele diga qual a natureza da sua afeição, pois ficou muito vago. Seguro minha língua. Não farei um papelão maior do que já fiz ao falar de amor, já que ele é sempre tão obtuso quando me refiro a nós. Meu corpo deseja as mãos de Rafael. Desejo colar nossos lábios e provar o gosto do céu. Preciso de tudo o que ele pode me oferecer. Infelizmente, não acredito que ele deseje poetizar nossa relação como eu. Estou prestes a falar que preciso ir para casa quando sou interrompida:

— Nunca consigo te agradar... – Ele parece genuinamente chateado, seu tom é de decepção. – O que devo falar para você não ficar mais magoada comigo?

— Se você não tem as palavras certas para dizer, não adianta eu responder por você. – Dou de ombros, incomodada.

— Não encontro palavras melhores para esse momento. – Ele parece

refletir antes de acrescentar: – Qualquer coisa que eu diga, parece que vai chateá-la outra vez.

— Eu não estou mais chateada – minto. – E não é sua culpa.

Minha frase encaixa-se entre nós como um pedido de paz. Rafael enfim me abraça e posso me aconchegar em seu peito como nos velhos tempos.

Acho que é verdade, não é mesmo culpa dele. Não escolhemos quem amamos. E não posso obrigá-lo a também gostar de mim. O amor tem tantos desdobramentos que, talvez, eu deva me contentar por Rafael me amar pelo menos como amiga. É difícil permanecer neste relacionamento morno, entretanto, quando toda a minha pele parece queimar envolvida em seu abraço. Será que ele não entende o que faz comigo? Será que não enxerga a imensidão do que sinto?

Eu o aperto com mais força. Percebo seu coração batendo contra o meu, em uníssono. Se estamos tão conectados, como ele pode não sentir o mesmo que eu?

— É melhor eu te levar para casa. – Rafael se solta de mim como um ímã que passa a repelir o outro de repente. – Sua mãe pode ficar preocupada.

Eu aceito. Caminhamos por vinte minutos em silêncio e, timidamente, enlaço minha mão na dele. Ele não reclama, mas também não

olha para o lado, apenas aperta meus dedos de leve. Vejo um sorriso se formar em seus lábios.

De repente, entendo o motivo da hesitação de Rafael: *mamãe*. Ele sabe que ela não nos quer juntos e estamos sempre nos encontrando às escondidas. Talvez seja hora de abrir o jogo com ela, mas logo declino. Ainda não é o momento. Só sei que preciso encontrar um, e logo.

Quando chegamos em frente à minha casa, despeço-me com um beijo no rosto de meu acompanhante.

— Tudo bem, Rafael, eu entendo. — Sorrio para ele.

Também não quero que ela saiba. *Ainda*.



Capítulo 29

Na manhã seguinte, acordo com a última sessão de terapia na cabeça. Misturada à conversa sincera que tive com Rafael, tudo o que está acima do pescoço fica tão inoperante quanto um peso de papel. Mas não é isso que me impele a levantar da cama. Quero resolver minha situação com Priscila de uma vez por todas, só não tenho ideia de como enfrentarei esse desafio. Talvez, por isso, meu primeiro impulso seja desistir de qualquer tentativa de aproximação.

Aproveito minha falta de coragem para ir ao supermercado com a minha mãe enquanto bolo alguma coisa. Trinta minutos depois, terminamos de fazer as compras da casa e voltamos para o estacionamento onde está acontecendo uma feira de adoção da ONG “Abrigo Animal”. Meus olhos captam a movimentação de um cãozinho caramelo com uma única listra branca no dorso. Ele pula de um lado para o outro dentro do cercado e abana

o rabo para todos que passam. De repente está me encarando e, por mais louco que isso possa soar, parece sorrir para mim. Quando o observo melhor, percebo que se trata de uma cadelinha vira-lata.

É isso!, penso assim que vejo aqueles olhinhos castanhos no meio da multidão de crianças querendo adotar um bichinho. Essa cachorrinha será a solução para todos os meus problemas.

Viro para minha mãe e aviso, sem nem pedir permissão.

— Mãe, vou levar aquela ali.

Ela ergue uma sobrancelha.

— Uma cachorra, minha filha? Desde quando você tem tempo ou vontade de cuidar de uma?

— Não é para mim – digo pensativa.

Minha mãe me observa curiosa.

— É para Priscila – acrescento decidida.

— Do que você está falando?! – Ela me analisa como se eu estivesse fora de mim.

— Agora não tenho tempo para te contar, mãe! – respondo impaciente. Minha mãe nem faz ideia do que anda acontecendo comigo ultimamente, de tão ocupada em alfinetar meu pai. – Me deixa na casa de

Priscila?

Mamãe acena com a cabeça, meio a contragosto.

— Prometo que mais tarde te conto tudo, ‘tá? – prometo para amenizar a situação.

Logo que nos aproximamos do cercado em que a cachorrinha se encontra, eu me agacho. Coloco a mão na grade e recebo uma lambida. Começo a rir e a pequenina late em resposta, saltitando igual a uma pipoca na panela.

— Pipoca! – batizo. – Esse será seu nome. – *A não ser que Priscila escolha outro*, adiciono em pensamento.

A moça do estande pede meus documentos. Por sorte, minha mãe sempre carrega um comprovante de residência na bolsa. Não entendo essa sua mania, mas hoje foi muito útil. Em questão de minutos, Pipoca está em meu colo com seus olhos castanhos grudados em meu rosto.

Mamãe me dá uma carona até a casa de Priscila e lhe digo que depois pegarei um táxi, assim pode adiantar o almoço.

Com Pipoca ainda em meu colo, toco a campainha. Priscila abre a porta e faz uma cara de nojo misturada à incredulidade assim que me vê.

— O que você está fazendo aqui? – questiona emburrada.

Sem rodeios, decido me posicionar.

— Eu vim para resolver nossa situação de uma vez por todas. Não aguento mais as nossas brigas bobas. Não há motivo para sermos inimigas. — Respiro fundo e acrescento: — Tudo o que eu mais quero é dançar. Depois do que passei este ano, só preciso de uma oportunidade para convivermos de forma pacífica.

Priscila ri, irônica, por não acreditar na minha “ousadia”. Eu não me deixo abalar. Estou sendo sincera em minhas palavras e não serei intimidada. Não quero mais que o passado seja um empecilho para mim. Nem com Rafael, nem com Priscila, nem com minhas novas amizades. Meu comportamento até hoje só me deixou isolada das pessoas e me fez parecer algo que nunca quis ser. Além disso, não aguento mais carregar culpa por amar alguém. Ninguém manda no coração! E se tudo entre ela e Rafael acabou, não devo ser culpada por isso.

— Como oferta de paz, trouxe a Pipoca de presente para você.

Pipoca treme em meu colo, temerosa. Ela se aninha ainda mais em meu colo, parece captar o momento.

— Eu te odeio, Aline. Será que você ainda não entendeu isso? — Priscila indaga, irritada. — E não quero essa cachorra estúpida! Logo se vê que é uma vira-lata, deve estar cheia de carrapatos e doenças!

Não me intimido. Conversar com Priscila é sempre uma batalha.

— Eu entendo que posso ter feito coisas que a magoaram no passado. Não foi minha intenção. Juro! – insisto. – E também entendo que minha situação com Rafael não ajudou muito, mas...

— Não se atreva a falar de Rafael! – Priscila me interrompe, alterada. – Como tem coragem? Você é a culpada de tudo! – Seus olhos estão cheios de lágrimas e não consigo interpretar sua emoção.

— Por que você sempre repete isso, Priscila?

— Você sabe muito bem, nem venha se fazer de inocente para cima de mim! As outras bailarinas podem acreditar no seu showzinho, mas eu não!

Abro a boca para retrucar, mas sou cortada outra vez:

— Vá embora agora e leve essa coisa nojenta com você! – Sua cara de nojo é clara. – O que a fez pensar que eu queria um cachorro?

Pipoca treme ainda mais com os gritos de Priscila, mas ao mesmo tempo parece aliviada em permanecer comigo.

Priscila bate a porta na minha cara e fico com o nariz quase colado à madeira durante alguns segundos. De repente chega a vergonha por ter sequer cogitado a possibilidade de construir uma relação normal com ela. Um mal-estar idêntico ao confronto da cantina volta a me assolar. Quanto mais eu tento entender por que Priscila me acha tão culpada de alguma coisa, mais me sinto mal. É como se eu fosse a culpada, de fato. Sei que é bobagem. Se ela

quer dizer que influenciei o término entre ela e Rafael, isso indica de forma clara que ainda está apaixonada por ele.

Enquanto caminho até o ponto de táxi, Pipoca lambe meus dedos. Eu sorrio. Se ao menos esse carinho pudesse dissipar todas as minhas dúvidas e incertezas...

Entro no carro. Cogito a possibilidade de voltar atrás e exigir que Priscila converse comigo como uma adulta, mas encerro a possibilidade antes mesmo de se tornar mais vívida. Tentarei de novo outro dia.

Coloco Pipoca no assento ao lado. Ela late feliz, abana o rabo e se aconchega em minhas pernas. Deixo o motorista me guiar para a segurança da minha casa enquanto observo os olhinhos castanhos se fecharem de maneira lenta com o balanço do carro. Não tenho coragem de devolvê-la. Minha mãe vai surtar, mas acabará aceitando sua presença.

Talvez o dia não tenha sido tão fracassado. Posso não ter feito as pazes com Priscila, mas acabei ganhando uma nova amiga. E de nome bem engraçado.



Capítulo 30

Uma hora depois de o sol se pôr, na noite seguinte, começo a me arrumar no vestiário a fim de ir logo para casa. Estou louca para brincar com Pipoca e experimentar nela as roupinhas que comprei em um *pet shop* durante o almoço.

Visto uma camiseta com os dizeres “Crazy Ballet Dancer”, que ganhei de Gabriela em uma das sessões de terapia. Ao terminar de arrumar meu cabelo em uma trança lateral meio frouxa, prestes a seguir para a saída, noto Priscila caminhar ao meu encontro.

Meu estômago se contorce. Nem me dou ao trabalho de esconder meu desagrado ao escutá-la chamar meu nome.

— Aline.

Solto um longo suspiro.

— Já estou de saída – aviso. – Não precisa se preocupar, o vestiário será só para você e seu ego precioso.

Priscila dá um sorriso torto e acena de leve com a cabeça.

— Entendo que pense assim. Ontem não estive no meu melhor comportamento.

Olho desconfiada para ela.

— E quando você está, Priscila?

— Tem razão, Aline. E é por isso que vim aqui – responde vestindo o casaco.

— O que você quer? – indago levando a bolsa ao ombro, então cruzo os braços.

— Sei que você pode não acreditar, mas estou aqui para me desculpar. – Ela senta-se no banco em frente ao seu armário e me observa com um olhar fixo.

Não faço ideia do que está por vir. Eu me preparo para mais xingamentos, provocações e cutucadas, mas, mesmo sabendo disso, sinto que preciso ouvi-la. A trancos e barrancos, afinal, ela também me ouviu ontem.

— Tudo bem, pode começar.

— Na verdade, era isso. Eu vim me desculpar e pronto. – Ela ergue o

queixo. – Não preparei um discurso nem algo parecido. Por que não aceita as desculpas assim mesmo?

Eu não podia esperar mais de Priscila. Nada além de um seco pedido de desculpas? Depois de todos esses meses, eu esperava algo não tão sucinto e até mais meloso. Forço-me a grudar os lábios antes que as palavras que gostaria de dizer estraguem o momento, só que meu silêncio incomoda mais do que elas.

— Por que precisa ser tão de lua assim? – pergunto, farta de suas mudanças de humor e opinião.

— Eu, de lua? Não vim aqui para ofendê-la, mas sabia que você era do tipo rancorosa, Aline. Não adianta me desculpar, porque você é orgulhosa demais para aceitar isso.

Não me contenho mais.

— Você não sabe como é minha vida fora da Academia, Priscila, então não haja como se conhecesse muitas coisas sobre mim.

Ela me observa. E com seus orbes verdes sobre mim, dessa maneira despretensiosa, sinto que tem algo por trás. O efeito de ardência surge, especialmente no lugar em que ela me esbofeteou. Toco de leve minha bochecha quase que de forma inconsciente e olho para os lados: estamos sozinhas como daquela vez, só que me sinto mais preparada.

— O que você pretende, Priscila? – Livro minhas mãos da bolsa que agarrava até então.

— Já disse, só vim pedir desculpas.

— E por que não aceitou quando eu fui fazer justamente o mesmo ontem?

— Ontem não era um bom dia. – Ela dá de ombros, como se sua resposta fosse extremamente convincente. – Por que você complica tanto as coisas, Aline?

Tenho vontade de rir, pois presumo que a complicada nessa história não sou eu. Priscila é uma incógnita para mim. Mesmo depois de analisá-la da cabeça aos pés, ainda não sei o que pensar. Já aceitei o fato de que nunca poderei ser eu mesma com Priscila, somos muito diferentes. Quando estou na presença dela, meu corpo todo fica em estado de alerta e sinto todo o estresse de um ensaio completo voltar.

Balanço a cabeça e afasto os pensamentos pessimistas, acho que nunca teremos uma conversa civilizada. E aposto que Priscila está armando mais uma de suas novelas que só saberei o desenrolar no “próximo capítulo”, mas não quero especular sobre isso agora. Penso apenas no espetáculo do Festival de Dança que se aproxima e respondo:

— Não quero complicar nada. É melhor para todos se pararmos com

essas bobagens de uma vez.

— Ótimo! – Levanta-se satisfeita. – Não precisamos apertar as mãos nem nada do tipo, né? – questiona ao erguer uma sobrancelha.

— Não.

Estranho quando Priscila sai do vestiário sem nem ao menos se trocar, mas não me demoro nesta questão. Na realidade, nem adianta perder meu tempo para pensar na conversa que acabamos de ter. É provável que Priscila só esteja fazendo isso para ganhar suas seguidoras de volta e não devo me animar muito.

Não é nem um pouco difícil acenar um “até logo” para ela, com um sorriso que não me pertence, quando estou saindo. Ela sorri tão desconfortável quanto eu. É uma troca silenciosa de falsas promessas, que possivelmente terá repercussão mais tarde.



Capítulo 31

Menos de vinte e quatro horas depois, Priscila está sentada no banco de madeira fora da Academia, sozinha, próximo à porta da frente. Ela me vê e sorri. Fico ressabiada com sua expressão meiga, mas a cumprimento e não paro para conversar. Quero ir logo para o vestiário trocar de roupa e iniciar o aquecimento. Devo estar preparada para a apresentação do Festival, que será no final de semana.

Cristina, Giselle e Natália aparecem correndo, vindas do interior da Academia, esbaforidas. Elas têm uma expressão estranha no rosto. Cristina, aparentemente a que se tornou a líder do grupo após o “rompimento”, se adianta à frente de Priscila.

— Como você pôde fazer uma coisa dessas? – grita horrorizada. –
Eu nem te reconheço mais!

Atordoada com o comportamento dela, faço menção de entrar na Academia quando Natália me puxa pelo braço.

— Não entre aí, Aline! – exclama aterrorizada. – Acho que você deveria voltar para casa.

— Concordo... – sussurra Giselle, incerta. – Deixe que nós cuidamos disso.

— Pois acho que ela vai amar a minha obra de arte! – provoca Priscila, correndo para dentro da Academia.

— Aline, não vá até o vestiário... – avisa Cristina. – Você não precisa passar por isso.

Confusa, eu me desvencilho do braço de Natália e corro exatamente para onde elas não querem que eu vá. Quando chego, deixo minha bolsa cair em um baque surdo no chão. Balanço a cabeça tentando afastar as imagens e pisco diversas vezes para me forçar a acreditar que estou num pesadelo.

Em todas as portas do vestiário, no chão, nos bancos... Para qualquer lugar que eu olhe, há fotos minhas só de calcinha e sutiã. Distingo de imediato que são minhas roupas íntimas do dia anterior e uma onda de repulsa atravessa meu corpo quando enxergo as minhas próprias cicatrizes nas imagens.

Como pude ser tão estúpida?

Os sinais estavam todos lá, avisando-me que Priscila não queria pedir desculpas. Era apenas mais uma parte de seu grande show para se tornar a “Rainha da Academia” outra vez, e eu cáí direitinho, fui seu bobo da corte.

Abraço meu corpo instintivamente, com vergonha. Nunca me senti tão exposta e humilhada em toda a minha vida.

Expressar meus sentimentos na sessão de terapia foi moleza comparado a ter minhas cicatrizes às vistas de todo mundo. Onde mais teriam essas fotos? Será que ela também as pendurou no vestiário masculino? Pior, será que colocou essas fotos na internet?

Rafael viu?!

Começo a hiperventilar, apavorada. Não posso nem imaginar a possibilidade de Rafael ter visto estas fotos. Minha intimidade completamente exposta quando nem sequer um beijo trocamos. E mesmo que isso tivesse acontecido, Priscila não podia me expor dessa maneira. Sinto-me nua diante dos olhos de todos os meus colegas, humilhada por ter acreditado que Priscila poderia genuinamente mudar e querer começar do zero.

O que Rafael pensará de mim? O que pensará dessas fotos? Do meu corpo? Parecem perguntas bobas, afinal, Rafael já me viu inúmeras vezes de biquíni, mas não é a mesma coisa. Essas fotos revelam o pior de mim, fazem

com que eu me sinta inferior. Sinto um aperto na boca do estômago ao pensar nele vendo meu corpo sob esses cruéis ângulos, analisando-me de cima a baixo, por mais que racionalmente eu não acredite que ele faria isso. Rafael não é assim.

Ouçõ as risadinhas abafadas de Priscila e seus passos indicam que está indo embora.

— Tirem daqui! – clamo, puxando as fotos das paredes de maneira cega. – Tirem todas elas! – agora estou aos berros, enquanto pego algumas fotos espalhadas no chão ao meu redor e as rasgo. Estou desesperada e não consigo conter meu tom de horror.

— Aline, deixa que a gente faz isso... – sussurra Giselle. – Não precisa se sentir mal, Priscila foi uma idiota.

— Ela é que deve ficar envergonhada, não você – acrescenta Cristina.

Não escuto o que estão dizendo. Melhor, não quero escutar. O pavor dá espaço para a fúria que me consome e começa a transbordar. Giro meu corpo e corro atrás de Priscila. Puxo-a pelo rabo de cavalo e a faço me encarar de frente enquanto gemo de dor.

— Não deve ser fácil ser você – diz ela, por trás de sua careta. – O seu corpo é horroroso! E as cicatrizes então? Ninguém merece! Ou melhor,

talvez você mereça.

Mordo os lábios com força. Não consigo pensar com clareza e, quando dou por mim, estou puxando seus fios de cabelo com mais intensidade, arrastando-a até a parede.

— Difícil é ser você, Priscila! Uma cínica, invejosa, que não consegue ter vida própria! – cuspo com ódio e veneno misturados em minha saliva. – Você é uma pessoa horrível, não importa o quanto se ache bonita. Você acha que alguém gostará de você depois de ter feito isso comigo? Acha que *Rafael* vai gostar de você?

Seu rosto perde a cor no momento seguinte.

— É por isso que ele terminou com você! Rafael viu quem você realmente é. E por mais que você ache que eu sou mimada, que minha técnica não é tão boa e que as pessoas têm pena de mim, ao menos ele me escolheu ao invés de você!

Antes que Priscila possa rebater meus comentários, empurro-a contra a parede. Desconto no golpe todas as minhas frustrações, incertezas e melancolias. Estou tão atordoada que não prevejo Priscila, nervosa e ofegante, me empurrar de volta. O empurrão é tão forte que não sou capaz de parar e, à beira da escada, sinto quando os meus pés perdem a segurança dos degraus e tropeço, rolando até bater com as costas no cimento. Abro os olhos

devagar e levo a mão à minha lombar. Uma dor lancinante espalha-se pelo local. Os olhos de Priscila estão retesados em puro pavor e, ao invés de me auxiliar, ela me deixa ali, caída no chão.

Não consigo parar de pensar no que o balé se tornou para mim. Por que ele parou de me trazer alegria? Quando foi que tudo se transformou em uma competição tão cega?

Relembro quando ganhei minha primeira sapatilha de mamãe, aos três anos, e de como ela praticamente enfiou o balé em minha vida. Ela me mostrou que a dança era fantástica e que eu seria uma princesa, sempre linda e intocável. Quando conheci a professora Marina, então, o balé virou uma diversão. Ela sempre soube incentivar o melhor de mim e isso me alegrava. Com a chegada de Rafael, não teve mais volta, o balé resumia minha paixão e meu objetivo. Larguei meus livros e minhas bonecas. O balé sempre foi a minha vida. Mas em que momento dancei apenas por mim?

Fico dividida entre encontrar respostas para minhas indagações ou tentar me levantar. Opto pela segunda opção. De nada adiantaria eu querer mudar as coisas agora. Não com o Festival de Dança tão perto de acontecer. Além disso, acredito que já perdi toda a minha dignidade com aquelas fotos e não preciso me afundar ainda mais permanecendo estatelada na escada.

Infelizmente tento me mover, mas não consigo. A dor é forte

demais. Receosa do que isso possa significar, permaneço parada, esperando alguém vir à minha procura. Em meus pensamentos, rogo por Rafael. Que ele me procure, que não me abandone de novo, que venha ao meu socorro, pois só em sua presença me sinto completa.

Vejo sua silhueta se aproximando, como se respondesse às minhas preces, antes que meus olhos se fechem.



Capítulo 32

Acordo em um quarto de hospital. Lembro vagamente de Rafael me trazer aqui, mas não o vejo ao meu redor. Noto que estou recebendo medicação intravenosa que deve ser para dor, já que a sucessão de fogos de artifícios em minha lombar parou. Em meio às minhas divagações, vejo meus pais se aproximarem.

— Filha? – chama meu pai ao pé da maca.

— Oi, pai. Oi, mãe.

— Como você se sente, querida? – pergunta minha mãe, chorosa.

— Estou bem, mãe. Só quero ir para casa – respondo com dificuldade, entorpecida. Minha voz sai meio grogue devido aos remédios.

Minha mãe beija minha testa e assente, então chama o doutor Edilson. O rosto dele está mascarado de tranquilidade, mas fica notável a sua

preocupação quando entra no quarto.

— Aline, precisamos conversar – começa ele. – Mas, antes, gostaria de ter uma palavrinha com seus pais. – Faz um sinal para ambos o seguirem para o lado de fora do quarto.

Tento me mexer o mínimo possível para não voltar a sentir dor. Tenho receio de que qualquer estímulo possa piorar a situação, considerando o que enfrentei antes.

Não deve ser nada demais... Ou deve?

Começo a ficar nervosa enquanto eles conversam lá fora. Será que não foi apenas uma lesão corriqueira? Será que novamente foi algo grave? Será que estou com outra compressão?

Uma chuva de “serás” cai em minha cabeça e só cessa quando os três retornam para o quarto.

— Aline, querida... – começa a minha mãe com cara de choro.

Lágrimas embaçam minha vista só de notá-la assim.

Meu pai suspira e começo a me preocupar. Olho para o doutor Edilson, ávida por mais informações.

— Aline, pode ficar tranquila – ele diz, por fim. – Foi só um susto e nada grave aconteceu.

Ao ouvir essas palavras, é como se eu pudesse respirar de novo. Na verdade, é o que faço, pois nem percebi ter trancado meus pulmões. Sorrio lentamente.

— Contudo, é importante ressaltar que algo grave *poderia* ter acontecido. Sua lesão ainda é muito recente e você não deve correr riscos desnecessários. Dançar é uma coisa, cair de uma escada é algo muito diferente. Você precisa tomar cuidados extras, Aline.

— Aline não é assim tão avoada – comenta meu pai observando-me com interesse.

— Foi um acidente – respondo, dando de ombros. – O que mais posso dizer? Não irá se repetir. Tomarei mais cuidado.

— Acredito em você, Aline, mas infelizmente precisará ficar de repouso em casa por uma semana. Apesar de não ter sido nada grave, você precisa descansar a musculatura e sarar por completo.

Apesar da recomendação, não me sinto tão triste quanto achei que estaria. Perderei o Festival de Dança, para o qual estava me dedicando, mas essa é a menor das minhas preocupações. Só quero ir para casa e esquecer esse episódio infeliz. Não há nada que se possa fazer.

— Bom, vou deixar você descansar mais um pouco. No final do dia, receberá alta.

Assim que o doutor Edilson deixa o quarto, minha mãe se adianta, nervosa.

— Aline, o que aconteceu?

— Filha, você nos contaria se alguém tivesse feito isso, não é mesmo? – meu pai questiona.

Eu recuo, inibida. Depois dessa história toda, meus pensamentos andam desordenados e não consigo classificar minhas prioridades. Recordo a expressão de pavor de Priscila e a nossa briga. Meu primeiro impulso é despejar tudo para meus pais e obter ajuda para tirá-la do meu caminho. Priscila quase destruiu meu sonho e não consigo compreender seu motivo para ter tanta raiva de mim. Tudo o que eu desejo é apresentar minha coreografia no final do ano em paz, mas tenho medo de que Priscila dificulte ainda mais as coisas e eu não consiga ensaiar como devo.

Mordo os lábios, na dúvida entre contar ou não aos meus pais o que aconteceu. É óbvio, dançar é muito importante para Priscila e minha confissão com certeza atrapalhará seus planos. Pagar com a mesma moeda parece cruel para mim. E por mais que não esteja tão decepcionada com a perda do Festival, uma parte de mim ainda é a bailarina de antes, competitiva, e quer vencer Priscila do jeito certo: na dança. Por isso, opto por não contar nada aos meus pais.

— Eu caí. Fui descuidada. Desculpa por ter preocupado vocês.

Começo a sentir sono outra vez e mal escuto minha mãe dizer que preencherá a papelada para eu ganhar alta. Em seguida, meu pai comenta que trará o carro para um local mais próximo. Eles saem do quarto e me deixam em um estado semidormente.



Capítulo 33

Duas semanas depois, estou de volta à Academia. Nos corredores, as bailarinas do primeiro ano não param de comentar sobre o Festival de Dança. Fico feliz que a apresentação foi tão positivamente apreciada e assumo que Natália, que me substituiu, foi uma ótima escolha para o papel. Foi gentil da parte dela, meio encabulada por “tomar o meu lugar”, me enviar diversos SMS durante minha semana de hibernação.

Alguns minutos depois de chegar, já com a roupa no corpo e com medo de encontrar Priscila nos vestiários, entro na sala designada para a aula dos bailarinos mais avançados, que estão no último ano de estudo. Natália, Cristina e Giselle se adiantam para me receber com beijos e abraços. Alguns outros bailarinos também se aproximam para perguntar como estou me sentindo e comentam que estão felizes com o meu retorno. Fico um pouco constrangida com toda a atenção, mas feliz.

Será que é um sonho?

Percebo que não quando avisto Priscila encostada perto da janela, com o rosto virado para fora. Tenho a impressão de que não quer me encarar e grande parte de mim deseja que ela se sinta envergonhada e diminuída por sua atitude. Mas não perderei meu tempo com ela nesse momento. Meu dia começou com boas vibrações e não quero estragar minha volta.

Sento-me no chão, perto das meninas, para bater minhas sapatilhas e deixá-las mais confortáveis para a aula quando todos somos surpreendidos pelo alarme de incêndio. Ainda estáticos, esperamos para ver se algum professor aparece para avisar que é apenas uma falha do sistema. Mas não é, pois ninguém chega.

A confusão se instala. Escuto gritos estridentes vindos do corredor e passos apressados em busca da saída.

— Saiam todos! – alguém orienta, nervoso. – Rápido!

— Está pegando fogo! – uma garota grita, sua voz estridente em desespero.

Agarro a minha bolsa em um movimento mecânico e sou puxada por Natália para fora da sala. Cristina e Giselle nos seguem logo atrás, orientando-se pelas placas indicativas da saída mais próxima: as escadarias da Academia.

Corremos apressadamente até estarmos fora de perigo junto aos outros bailarinos do primeiro e segundo anos.

Procuro nos arredores, mas não vejo o rosto que mais me importa.

Rafael.

— Não posso! Tenho que voltar! – digo desesperada.

— Não podemos voltar! – rebate Cristina sem me entender.

— Por favor, se afastem, meninas! – pede um dos bombeiros que chegaram prontamente ao local. – Vamos até o pátio central e ao jardim procurar os alunos remanescentes.

— Por favor, alunos do primeiro ano, se aproximem para uma chamada... – orienta uma das professoras, tentando contabilizar os alunos de maneira improvisada.

Rafael tem as aulas do terceiro ano com outro professor, mais condizente com os seus desejos profissionais por ser especialista em coreografias. Entretanto o lugar fica no canto extremo da Academia. Minha cabeça começa a girar e meus pensamentos gritam que preciso encontrá-lo, que ele precisa de mim.

— Aline, precisamos nos afastar um pouco... – pede Natália, ainda assustada.

— Preciso achar o Rafael! – comento nervosa.

— Aline, fique calma... – Cristina toma minha mão.

— Não! Preciso encontrá-lo! Ele precisa de mim! – acrescento desesperada.

Elas me observam com olhos arregalados. Como alguém pode não se importar com Rafael além de mim?

— Aline, sei que você está assustada, mas acho que devemos... – começa Giselle, mas não a deixo terminar.

— Não! Ele está na ala esquerda...

— Aline, é de lá que está vindo a fumaça – avisa Cristina, preocupada. – Os bombeiros estão cuidando disso e...

Eu me desvencilho delas e corro para o lado contrário de onde todos estão indo. Escuto-as gritando meu nome, mas ignoro. Pergunto a todos que passam se viram Rafael. Só então me dou conta de que não faço a mínima ideia de quem são seus companheiros de sala. Quero bater minha cabeça na parede por ser sempre tão autocentrada e não prestar atenção aos mínimos detalhes, como ele.

Continuo correndo até a sala da ala esquerda. Quanto mais perto chego, mais sinto o cheiro da fumaça, então cubro minha boca e nariz com a manga do *collant*. Corro o mais rápido que consigo, porém não tanto quanto eu gostaria logo depois de uma semana de repouso. Não me deixo abater. A

adrenalina enche meus braços e pernas impulsionando-me a continuar.

A fumaça está cada vez mais densa e continuo às cegas. Toco a madeira quente e percebo que finalmente atinjo a porta. Escancaro-a com força, mas não há ninguém dentro da sala. As lágrimas começam um caminho sem volta pelo meu rosto e sinto o gosto salgado em meus lábios. Limpo a pele com as costas da mão e paro um minuto para raciocinar. As gotas de suor continuam aparecendo devido ao calor cada vez mais forte por causa do rápido alastramento do fogo. Sei que não tenho muito tempo. Preciso tomar uma decisão, e rápido. A angústia me domina e mordo os lábios, agitada.

Rafael, onde você está?

Pondero entre seguir em frente ou virar à direita; entre continuar procurando na ala esquerda ou acreditar que Rafael foi esperto o suficiente para escapar sem que eu tenha percebido. Tento me colocar no lugar dele e encontrar a saída mais próxima. Lembro-me, então, da escada perto da sala dos bailarinos do primeiro ano que desemboca direto no jardim e me dirijo para lá. Tenho que acreditar que, assim como o bombeiro informou, alguns alunos correram para o pátio central e para o jardim.

O ar está denso quando finalmente chego ao meu destino e mal consigo respirar. Tenho um vislumbre de uma equipe de bombeiros a postos e

outra do lado de fora lançando água para dentro do fogo. Mas, não estou pensando com clareza.

Estou pronta para descer as escadas quando Priscila para na minha frente.

*

No instante em que avisto Priscila, a impaciência me domina. Rafael é tudo o que me importa agora e não preciso de um embate com ela em meio a um incêndio. Na escada, consigo tomar um pouco de ar.

Priscila se adianta e me pega pelo braço, puxando-me para longe da fumaça e para saída que está sendo sinalizada por um dos bombeiros.

— Você é louca ou o quê, Aline? – questiona irritadiça como sempre. – Ouvi as meninas dizerem que você saiu correndo para entrar no prédio. Quer morrer?

Por um segundo, chego a ver preocupação em seu semblante. Sei que estou enganada devido ao desprezo que emana de sua voz.

— E o que você tem a ver com isso, Priscila? – rebato e empino o queixo.

— Então eu estava certa, é só mais uma cena que você quer aprontar! Por que você simplesmente não desiste? Chega dessa história de...

— Priscila, não tenho mais tempo para discutir com você –

interrompo me desvencilhando, pronta para continuar meu caminho, mas ela não me deixa. – Você quer dançar, eu quero dançar. Nunca seremos amigas e aceito isso! – Estou prestes a empurrá-la para seguir até o jardim, mas seu corpo ainda bloqueia minha passagem.

— Você e esse seu novo jeitinho irritante de querer ver o melhor nas pessoas! Por que não me dedurou? Quer me chantagear, é isso?

— Esse é mais o seu estilo – grito tossindo. – Não precisa ficar preocupada, não contarei a ninguém sobre o *episódio*. Sei o quanto você é talentosa e merece estar aqui, mas provarei que eu sou melhor do jeito certo!

Bufo, incapaz de resistir à provocação.

— Voltamos à nossa competição de sempre?

— Nunca saímos dela, Priscila. Eu realmente gostaria que convivêssemos pacificamente, como éramos nos primeiros anos na Academia, quando não existiam preocupações com carreiras...

— E quando você não tinha roubado meu namorado! – completa Priscila. Ela me faz lembrar do motivo pelo qual devo sair logo deste prédio. Eu me apresso.

— Olha, eu entendo que você ficou chateada comigo por isso, apesar de eu não ter roubado ninguém de você. Simplesmente aconteceu. E eu realmente preciso...

Estou prestes a explicar que devo encontrar Rafael quando meu olhar se prende no objeto ao redor de seu pescoço: a corrente que presenteei a ele antes do acidente.

Agarro a corrente com força. Ao mesmo tempo que mãos fortes me puxam, é um bombeiro querendo me tirar de dentro do prédio. Me desvencilho com fora e confronto Priscila, mas nisso já estamos no gramado, fora de perigo.

— Onde você encontrou isso? – Puxo o objeto com força e faço com que ela tombe para a frente.

— Do que você está falando, sua louca? – Ela me empurra, transtornada.

— Da corrente que dei para o Rafael!

— Eu achei essa correntinha no chão esses dias, Aline – ela responde com um olhar estranho. – Não é do Rafael.

— Claro que é! – esbravejo angustiada. – Eu dei para ele! Por que você sempre quer me fazer mal?

Estou à beira de lágrimas.

— Aline, eu estou falando a verdade... – murmura como se eu estivesse louca.

Por que Priscila está usando a corrente de Rafael?

Se ela está segura do que diz, não consigo compreender. Como Rafael pôde ter sido tão desleixado com um presente que escolhi com tanto amor? Entretanto essas coisas acontecem e não devo culpá-lo por isso, por mais chateada que eu fique. Noto que é exatamente isso o que Priscila deseja que eu faça: confrontar Rafael e gerar uma briga desnecessária.

Estou farta das armadilhas emocionais de Priscila para me separar dele. Preciso admitir que uma parte de mim quer entender o motivo dessa corrente ter ido parar no pescoço dela, contudo, a parte que deseja encontrar Rafael logo está muito mais forte. Preciso saber se está protegido.

— Estou cansada de ser punida porque eu e Rafael somos apaixonados um pelo outro, Priscila. — Eu a empurro para longe de mim. — Nós vamos continuar juntos, não importa o que você apronte! Acho muito baixo você ter roubado a corrente das coisas dele, pois sei que ele nunca teria perdido algo que eu dei com tanto amor.

Priscila abre a boca para responder, mas eu a impeço. Percebo o quanto estou sendo idiota em ficar discutindo com ela enquanto Rafael pode estar em perigo.

— Não tenho tempo agora, Priscila. — Ela me puxa pelo braço, mas me desvencilho. — Preciso encontrar Rafael e você deveria sair daqui antes que a fumaça comece a nos sufocar.

Tapo meu nariz e lábios com as mãos, meu coração se aperta de temor por Rafael.

*

Passo os minutos seguintes à procura de Rafael em meio aos alunos que se encontram no jardim e no pátio central. Não o encontro. Os bombeiros nos apressam a sair do local e fico ainda mais aflita.

As meninas estão em frente às escadarias da Academia e me abraçam, tentando me confortar.

— Aline, você só está traumatizada... – diz Giselle ao alisar meus cabelos.

— É! Foram muitas emoções em tão poucos dias... – Natália anui com a amiga.

— O que você acha de irmos para minha casa, tomar um café e relaxar um pouco? – sugere Cristina. – As aulas foram suspensas.

Agradeço o convite, mas aceno negativamente com a cabeça. É visível que elas não conseguem entender a minha frustração e preocupação por não encontrar Rafael. Isso só me deixa ainda mais nervosa.

— Preciso encontrá-lo – respondo sucinta.

As meninas se entreolham e aceitam, suspirando.

— Então vou te dar uma carona até em casa, para você descansar – diz Cristina ao me abraçar pelos ombros. – O que você acha?

Saco meu celular da bolsa e mando um SMS para ele: “Rafael, cadê você? Estou muito preocupada! As meninas estão me levando para casa. Por favor, entre em contato comigo!”.

Embora eu quisesse resistir à ideia, aceito ser melhor voltar para casa, pois Rafael não está aqui. Disso tenho certeza.

— Tudo bem – afirmo ainda relutante.

Em casa, informo às meninas que descansarei e tentarei dormir um pouco. Natália me faz prometer que, se acontecer qualquer coisa, devo telefonar para ela. Não entendo essa superproteção, mas talvez seja porque me desacostumei ao que as amigas fazem umas às outras. Vou para meu quarto, agora de volta ao segundo andar, e caio no sono.

Acordo com minha mãe entrando como um furacão.

— Aline! – Ela me abraça apertado. – Por que não me ligou? Só agora fiquei sabendo o que aconteceu na Academia! Você está bem? Precisa que eu te leve ao médico? Acho melhor irmos ao hospital...

Enquanto ela dispara uma sequência de perguntas e respostas juntas,

eu apenas a observo atordoada. Espero um momento de respiração profunda dela para falar:

— Mãe, estou bem. Foi só um susto, ok? Só fiquei cansada. Foi um pouco puxado...

— Ah, eu imagino! Pobrezinha! Seu pai está a caminho de casa também, mas estava em Pomerode a trabalho, não sabe a que horas conseguirá chegar... Vou avisá-lo que está tudo bem... — Outra vez ela começa a tagarelar e questiona: — Quer comer alguma coisa?

— Na verdade, mãe, acho que só quero voltar a dormir — respondo ao ver que já é noite do outro lado da janela.

Ela balança a cabeça, compreensiva, e me dá um beijo na testa. Segundos depois, fecha a porta do quarto atrás de si.

Quando estou prestes a cair no sono outra vez, escuto o som seco de algo batendo contra o vidro da janela. Levanto-me, ando até ela e abro a fechadura. Rafael está no jardim, sorrindo. Afasto-me e espero enquanto ele sobe pela árvore até entrar em meu quarto. Cruzo os braços em frente ao corpo e franzo o cenho, deixando minha irritação aparente.

— Onde é que você estava, Rafael? — indago sem rodeios.

Ele abre os braços e aceito abraçá-lo, embora irritada.

— Fiquei tão preocupada! — confesso fungando.

— Tive que sair na pressa... – Ele dá de ombros, um pouco encabulado.

— E não podia ter respondido minhas ligações ou minhas mensagens?

— Na confusão, acabei perdendo meu celular, Line.

— Você podia ter dado um jeito de me ligar, feito qualquer coisa... Será que não entende o quanto me preocupo com você? O que tinha de tão importante a fazer?

Rafael me observa, em silêncio, o que me deixa ainda mais exasperada. Ele passa os dedos pelo meu rosto como se quisesse gravar minha silhueta. O gesto é carinhoso, mas suas palavras me confundem. Decido continuar a conversa.

— Bom, se você não quer me responder... – murmuro, tentando não soar desesperada.

— Não é que eu não queira, Line... é complicado. – Ele se encolhe, incomodado.

Não aguento as evasivas de Rafael. Parece que ele guarda algum segredo escondido, embora nunca tenha sido esse tipo de pessoa. Nunca escondeu nada, muito menos de mim. Não quero brigar novamente, mas não consigo evitar a lembrança da correntinha no pescoço de Priscila. Será que

ela é o motivo de todos esses conflitos entre a gente? Fico nervosa em pensar que, talvez, meus sentimentos não sejam correspondidos e por isso fico tão irritada ao não compreender Rafael. Antes, éramos tão únicos e em sintonia.

Aperto as mãos uma contra a outra e me sento em minha cama. Fico na dúvida entre abordar essa nova descoberta agora ou deixar para lá, como faço com tudo de confuso que acontece entre nós. Respiro fundo. De nada adiantará colocar mais lenha na fogueira. E de fogo, já estou cheia por hoje.

Rafael se aproxima e toca meus cabelos com leveza.

— Não quero que se preocupe comigo. Você precisa focar nos ensaios, em sua carreira.

— Dane-se o balé, Rafael! – exclamo contrariada. – Estou cansada dele, estou cansada de você!

— Line, não seja assim.

Ele parece estar sofrendo, mas não vê que eu sofro também?

— E como você quer que eu seja? Um robô, é isso? Porque só mesmo uma máquina para não ficar triste com suas atitudes, Rafael! Não consigo te entender!

— Eu quero explicar, eu juro...

— Você só diz isso, mas nunca explica de verdade. Estou cansada de seus sumiços, de sua falta de empatia comigo e principalmente da

desconfiança que você me provoca.

— Já disse que não precisa desconfiar de mim, Line.

— São só palavras, Rafael. Suas atitudes são completamente diferentes do que você diz.

— Não são tão diferentes assim... Não entendo por que você precisa controlar tudo! Por que não pode simplesmente respeitar minha privacidade e seguir em frente?

— Olha, Rafael, estou cansada e acho que você consegue entender isso, não é mesmo? Tente se colocar no meu lugar! Antes você confiava em mim para tudo, não era assim tão misterioso, cheio de segredos e histórias incompletas. Você mudou muito.

— Será que não percebe que você também mudou, Line? – questiona com um meio sorriso. – Você nunca foi atenta a esses detalhes antes, não é mesmo? – E ri como se falasse algo muito engraçado. – Tudo para você girava em torno do balé, da sua rotina de exercícios, da sua dieta... Sentimentos e emoções nunca fizeram parte do seu cotidiano. E agora, até novas amigas você tem!

Ele agarra minha mão, carinhoso, mas não quero desviar do que importa.

— Não tente mudar de assunto, Rafael! Sei que está tentando fazer

com que isso seja sobre mim, e não sobre você. Não vou cair nesse jogo! – digo incomodada. – Sempre acabamos falando só de mim! Quer saber, Rafael? Cansei de conversar. Por favor, vá embora.

Viro-me de costas, mas não perco seu olhar de decepção. Rafael assente e se pendura novamente na árvore para descer até a rua. Quando vou fechar a janela de novo, seus olhos me observam atentamente. Meu corpo se arrepia, ele parece ver atrás da minha alma.

— Line, gostaria que você não duvidasse tanto de mim. Infelizmente, estou vendo que isso não é possível. Nada do que eu te digo é suficiente.

E minha cabeça dá um nó. Como pode alguém demonstrar tanta certeza de que sente algo por mim em uma situação e, em outra, ignorar em absoluto meu coração?

— Eu vou ter que ir embora – ele acrescenta com a voz baixa. – E não digo apenas hoje.

— Do que você está falando, Rafael? – retruco assustada. – Como assim “ir embora”? Você não pode jogar uma bomba dessas e esperar que fique tudo bem!

Arregalo os olhos diante de sua passividade.

— Sim, eu sei. – Ele encontra meu olhar e volta ao telhado da minha

casa, buscando por minha mão. Aperto-a com urgência e desespero.

— Para onde você vai? Quanto tempo ficará? Isso é sobre sua carreira? É por isso que não queria falar comigo sobre como estão indo as aulas? – questiono sem lhe dar uma folga para me responder. – Não consigo entender nada, Rafael! Você está me assustando!

Rafael me lança um olhar repleto de tristeza, e eu noto que o problema não é específico dele. Talvez algo mais... familiar. Como estou afastada de seus pais, fico sem entender direito. Aliás, tão afastada que qualquer questionamento nesse sentido soará como se eu fosse uma intrometida. Além disso, com esse clima de “briga” no ar, não tenho nem como questioná-lo sobre nada.

Minha vontade é mostrar que podemos ficar juntos, mesmo que nossas carreiras nos levem a lugares diferentes.

— Eu sei que gostaria de escutar que está tudo bem e que aceito essas suas meias respostas por enquanto, mas não estou certa se consigo fazer isso, Rafael. Estou cansada de ter você pela metade quando me dou por inteiro.

— Line, eu queria muito te dar todas as respostas que você deseja, mas eu não as tenho no momento.

— E quando você terá?

— Logo, eu te prometo.

Suspiro, cansada. Não é a resposta que eu esperava, mas o que fazer quando Rafael diz não poder me oferecer mais do que isso? Ao menos, não agora. Fico dividida entre deixá-lo ir embora e ruminar todas essas novidades no silêncio do meu quarto ou tentar abstrair tudo e aproveitar que o tenho à minha frente. Rafael, mais rápido do que eu em decidir, me abraça outra vez e traz minha cabeça para o seu colo.

— Mais uma vez, Line, me aceite pela metade – ele suplica, suas mãos segurando meu rosto com delicadeza. Deposita um beijo na ponta do meu nariz fazendo-me sorrir, mesmo contra a minha vontade. É inevitável. – Só mais uma vez.

Eu concordo porque sou fraca, porque o amo... Não quero, mas concordo. *Só mais uma vez.*

Suspiro e desisto de refletir sobre o enigma que Rafael se tornou para mim. Não faço a mínima ideia de como decifrá-lo.



Capítulo 34

Dias depois, estamos ensaiando para o espetáculo de final de ano que se aproxima. As sessões duram três horas todos os dias e, além de contracenar com Priscila, também revemos as partes em que os bailarinos do terceiro ano aparecem. Raras são as vezes em que utilizamos o coro, pois, sendo do primeiro ano, estes bailarinos só farão parte do Ato Um. Apesar disso, essa é minha parte preferida já que encenarão a coreografia que Rafael e eu fizemos.

Olho para o relógio, faltam poucos minutos para terminar a aula. Iniciamos o alongamento e meu estômago começa a formar borboletas com a expectativa de encontrar Rafael, conforme combinamos.

— Gostaria de uma salva de palmas para o grupo que tem se esforçado muito nos ensaios para fazer um belo espetáculo – diz a professora Marina, ao final do ensaio, pedindo a atenção de todos. – Tanto os bailarinos

que farão parte da coreografia na qual Aline e Priscila serão as principais como os do coro, que apresentarão o Ato Um.

Alguns bailarinos assoviam e outros aplaudem. Depois de alguns segundos, a professora Marina pede silêncio e se vira para mim.

— Gostaria também de parabenizar, em especial, nossa colega Aline que, apesar de não ter conseguido nos presentear com sua companhia no último espetáculo, se apresentará conosco depois de tanto tempo fora dos palcos. Também gostaria de elogiar seu desempenho e rápida recuperação, acho que todos nós estamos impressionados com sua evolução, não é mesmo?

Giselle, Natália e Cristina assentem com os polegares para cima, felizes e batendo palmas. Os outros também me parabenizam e me sinto uma bailarina de verdade. Meu talento faz parte de mim e tenho uma identidade outra vez.

Despeço-me das meninas e sigo para o vestiário quando Priscila passa a caminhar ao meu lado.

— Isso foi patético, Aline, até mesmo para você.

Rolo os olhos para cima.

— Tudo bem, Priscila, vou fazer o seu dia. – Torço o nariz. – O que foi patético?

— A professora Marina só te elogiou por causa da sua “situação” — responde ela, abrindo aspas com os dedos. — Todos estão com pena de você, ainda mais depois da ceninha que aprontou no incêndio.

Abro a boca para retrucar, mas Priscila vira as costas e volta pelo caminho que veio, provavelmente em direção a alguma das salas vazias no fim do corredor para ensaiar. Suspiro incomodada. Como sempre, Priscila fala o que quer para mim e me deixa sem entender nada. E pior, ela consegue me afetar, mesmo quando eu tento disfarçar. Só engano a mim mesma fazendo isso. É patético.

Cogito a ideia de esquecer sua provocação, como faço na maioria das vezes, mas não consigo. Ao invés disso, dou meia-volta e a caço. Entro na sala que ela costuma usar e, como eu esperava, a encontro se alongando na barra. Ela se vira, irritada por ter sido interrompida, e sua expressão fica ainda mais raivosa ao ver quem é a responsável. Sua atitude não me intimida, ergo o queixo.

— Chega de enrolar, Priscila, essa história já foi longe demais. O que você quis dizer no corredor?

— O que você quer, Aline? Se não percebeu, eu estou treinando agora. Diferente de você, preciso me esforçar para conquistar o que quero. — Vira-se outra vez para a barra a fim de me ignorar.

Caminho até ela e a seguro com força pelo braço. A expectativa faz os fios de cabelo da minha nuca se arrepiarem. Pressinto que algo ruim está prestes a acontecer. Ou será coisa da minha cabeça?

Ela puxa o braço com força, mas agora tenho sua atenção.

— Eu me esforço, Priscila, só que o seu ciúme te cega.

— Isso não tem nada a ver com ciúme! – ela esbraveja ao colocar as mãos na cintura.

— Então, o que é?

— Não suporto ver você simular que enlouqueceu e todos acreditarem.

Franzo o cenho, ainda mais confusa. Priscila parece notar a minha surpresa.

— O que foi? Vai dizer que você ainda não sabe? – ela questiona com um sorriso malicioso no rosto.

— Se você não for mais clara, não tem como eu responder – rebato contrariada.

Priscila se diverte às minhas custas. Minhas bochechas enrubescem de ódio enquanto ela apenas sorri cada vez mais. Ela parece ponderar se deve ou não me contar o que está em sua mente. Então, depois de alguns instantes, despeja:

— O acidente só aconteceu porque você surtou quando descobriu que sua mãe estava traindo o seu pai.

O quê?

— Isso é ridículo! Minha mãe nunca faria isso! Pare de falar asneiras, Priscila! – disparo inconformada.

— Então não quer saber quem é o amante da sua mãe? — ela indaga, divertida.

Minha respiração fica em suspenso. Meus dentes travam e a dúvida me consome. Não tenho certeza se devo seguir por esse caminho, mas, quando dou por mim, me pego em questionamento.

— E como você saberia quem ele é, Priscila?

— Porque eu vi os dois conversando essa semana.

Fico em silêncio, o que dá brecha para Priscila me provocar uma vez mais.

— Você nunca ouviu falar em estresse pós-traumático, não é? Você deve ter bloqueado isso da sua memória. E não te culpo, *mesmo*, é quase uma tragédia grega... – Ela se vira para o espelho e arruma as madeixas em seu coque.

Tenho vontade de puxá-la pelo cabelo. Como ela pode dizer essas coisas de uma maneira tão despretensiosa? Tão desprovida de emoção? E

sobre minha família?

— Para você, aposto que está mais para uma comédia – digo entredentes.

— Tenho que admitir que sua infelicidade me deixa alegre – ela responde, rindo sozinha.

Decido dar um basta nessa situação. Por mais que tenhamos um relacionamento estremecido, eu admiro minha mãe com todas as minhas forças. Sempre admirei. Ela é uma mulher incrível e não permitirei que Priscila diga calúnias sobre a fidelidade dela.

Quando estou perto da porta, o inferno ergue a mão retorcida através de Priscila e lança sua verdade maldita sobre mim:

— Sua mãe está de caso com o pai de Rafael. Ouvi eles dizendo que seria melhor não contar nada a você, ainda mais depois do acidente... – ela murmura, meio sem jeito pela primeira vez na vida. – Acho que se sentem culpados por tudo o que aconteceu e tal. Sabe como é, adultério traz um pouco de culpa, né? – Dá de ombros e, então, seu tom se torna ácido: – Assim como você se sente culpada porque...

Não escuto mais nenhuma palavra. O mundo parece estar em suspenso e meu corpo entra em estado de choque. Minha paralisação dura apenas alguns milésimos de segundo quando, no momento seguinte, avanço

sobre Priscila e a jogo contra a barra. O movimento faz com que a madeira bata no espelho com tanta força que o estilhaça. O estrondo é alto, mas não me importo se alguém escutar.

Ela me empurra de volta. Caio no chão e uma luz acende dentro de mim. É como um pequeno estalo, que vai desanuviando a mente e fazendo-nos relembrar memórias antes esquecidas. São apenas *flashes* do passado.

— Você não tem nada a dizer? — Priscila retoma minha atenção. — Pois eu tenho... Você precisa se tratar, Aline! Não que eu esteja preocupada nem nada, mas ninguém merece isso, nem mesmo *você*.

Levanto em um salto e vocifero, quase cusbindo de raiva:

— Não quero escutar mais nada que venha de você! Você só destila veneno, não sei como consegue conviver consigo mesma. Aposto que essa é sua maneira de se sentir melhor porque, por dentro, você é puro lixo. Ouviu bem? Isso é o que me deixa feliz. Você se olha no espelho e tem nojo do que vê. Eu não. Então some da minha frente de uma vez antes de que eu te faça parar no hospital!

Priscila demonstra estar assustada com minha ameaça aos gritos. Ela recolhe suas coisas e não demora quase nada para sair.

Quando finalmente deixo a sala, corro para o jardim à beira das lágrimas. Sento em um banco de madeira e abraço os joelhos, me

encolhendo. Fecho os olhos como se dessa maneira eu pudesse escapar da realidade. Como pude esquecer desses detalhes por tanto tempo? Como minha mãe foi capaz de fazer isso com meu pai, comigo, com a nossa família? Será que meu pai já sabe? Será que é por isso que o relacionamento deles está assim? Minha cabeça rodopia e para no único nome ao qual posso recorrer.

Rafael.

Não consigo lembrar de muita coisa daquela noite. Ele viu o mesmo que eu vi? Será foi isso que o deixou tão estranho na última vez que nos encontramos? Como vou encará-lo hoje depois do que descobri? Como vou encarar meu pai? Isso sem contar que não tenho a mínima vontade de ver minha mãe.

Olho meu celular e está quase no momento de encontrá-la. O que eu faço? Meu coração se divide ao meio entre contar para Rafael e decidir juntos o que fazer ou guardar este segredo para mim e poupá-lo do sofrimento. Sei que se fosse ao contrário, no entanto, *eu* gostaria de saber. Rafael com certeza me contaria.

Ou não?



Capítulo 35

Aguardo no jardim da Academia o que parece ser uma eternidade até Rafael surgir. Ele está com os cabelos molhados, provavelmente porque recém saiu do banho, e as mãos nos bolsos. Exibe um sorriso nos lábios, mas a tristeza em seus olhos é igual à última noite em que nos encontramos.

Meu coração palpita de maneira frenética. Isto não está certo. Não pode ser real. Minha mãe, meu pai e eu somos uma família. E famílias de verdade, ao menos na minha concepção, não deveriam passar por isso. Infelizmente não posso fingir não ver. Preciso encarar a realidade de frente, e isso implica conversar com Rafael. Tenho de descobrir se ele já sabia da traição entre minha mãe e o pai dele. É muito importante para mim.

Ele me cumprimenta com um beijo na testa e me abraça com força. Sinto o cheiro de seu sabonete e aproveito o calor de seus braços. Não quero sair desse abraço em nenhuma hipótese, mas preciso. Senta-se ao meu lado e,

como se percebesse haver alguma coisa errada, franze o cenho ao meu observar.

— Line, o que aconteceu? Você está pálida! – Nervoso, envolve minhas mãos com carinho.

Não profiro uma palavra. Tento me conter, mas é fatigante. Já passei por situações complicadas antes, como aprender uma coreografia pouco antes de uma apresentação ou dançar com uma lesão na coxa, mas sempre acabei por “vencer” no final. Bailarinos são assim. Obrigam-se a levantar a cabeça e interromper a chuva de preocupações para entregarem-se totalmente à dança. Mas não estou em um espetáculo, muito menos em um pesadelo. Não estou falando sobre problemas físicos, e sim emocionais.

— Aline, desembucha! – pede. – Assim você me deixa cada vez mais preocupado! Foi a Priscila de novo?

Suspiro cansada. Relembro a conversa com Priscila, se é que podemos chamar assim, e tenho vontade de chorar. Além de sempre me criticar e atazanar minha vida, tinha que ser justamente ela a trazer notícias tão graves para mim?

Respiro fundo e retomo a coragem.

— De certa forma, foi – digo com cautela. – Rafael... preciso fazer uma pergunta.

— Claro. – Ele aperta meu ombro, confortando-me sem nem saber o motivo.

Permito-me aproveitar esse momento antes de falar o inimaginável. Sei que tudo irá mudar em questão de segundos assim que a verdade vir à tona, mas não posso esconder um segredo desses. Não de Rafael.

Agora entendo que Rafael saiu da cidade por causa disso, e eu o culpei durante todo esse tempo. Entendo que, na verdade, ele estava obedecendo ao pai. Outras questões ainda estão sem resposta, como: Por que ele teria que ir com o pai? Ou por que não poderia ter ficado com a mãe quando sempre morou com ela? Talvez por culpa de descobrir a traição antes dela?

Dói pensar que Rafael sabia de tudo. Não quero acreditar nisso.

— Qual foi o motivo para você ter sumido logo depois do acidente?
– questiono ao me afastar um pouco para observá-lo melhor.

— Line, será que não podemos parar de voltar aos mesmos assuntos toda hora? – Ele suspira, desanimado. – Eu já disse tudo o que podia. Por que você não consegue aceitar isso?

Suas palavras me rasgam por dentro. Eu ainda tinha a esperança de ser a única a saber. Afinal, nunca esconderia isso de Rafael. Aparentemente, ele não pensa da mesma maneira que eu. Guardou esse segredo tão horroroso

de mim e ainda por cima foi embora.

A raiva me consome.

— Não, Rafael. Na verdade, você não disse o que podia. Nunca quer falar nada! – Eu me exalto, sei que estou com as faces vermelhas. – E infelizmente não posso esperar mais. Você precisa me dizer agora: você sabia ou não que minha mãe estava tendo um caso com seu pai?

A expressão em seu rosto é penosa. Ele parece estar sendo torturado por suas reflexões. Nossas mãos, que até então estavam unidas, se despedem. Abraço meu tórax com força, minha coragem se desfaz em mil pedacinhos como se fosse tão frágil quanto uma teia de aranha ao vento.

Rafael não tenta florear ou me convencer do contrário.

— Sim.

No começo, ainda consigo achar que a situação pode ser revertida, que tudo pode melhorar. Primeiro, porque não sei desde quando ele tinha conhecimento disso. Depois, porque ainda estou aqui, imóvel e isso significa que algo me prende a ele. Meu amor me prende a Rafael.

Após alguns segundos, o verdadeiro motivo pelo qual ele desapareceu durante tanto tempo começa a fazer sentido em minha mente.

— Você bateu o carro porque viu os dois juntos – digo, sem esperar uma resposta. – Eu me recordo agora. Como pude esquecer esse detalhe?

— Você estava fragilizada – ele sussurra, incerto.

— Acho que às vezes nos lembramos apenas do que queremos... – murmuro para mim mesma, ainda tentando processar toda essa informação. – É por isso que não me contou antes?

Achou que eu não aguentaria a verdade?

— Sim.

— Não precisava ter desaparecido! – exclamo com um pouco mais de raiva. – Eu precisava de você!

— Eu não sabia como te encarar depois de tudo.

— Não somos nossos pais. Você não tem culpa pelo que ele fez, assim como eu não tenho culpa pelo que minha mãe fez.

— Eu sei disso.

— Então você deveria ter me contado, Rafael! Você deveria *ter ficado* e me contado! Eu daria conta, sou forte.

— Eu sei que você é, Line. Talvez eu é que não seja tão forte como você me enxerga. Eu não tenho todas as soluções. Não posso resolver todos os seus problemas.

— Agora quer dizer que eu sou dependente de você, é isso?

— Você não acha que é? Ao menos um pouco?

Rio por entre as lágrimas que se formam. Rafael pousa gentilmente sua mão em meu ombro, mas me desvencilho. O que eu considerava amor, Rafael classifica como dependência.

— Sabe, eu achava que um procurar o outro para conselhos, para desabafar ou simplesmente para conversar significava amizade, amor – comento sentindo as lágrimas rolarem pelo meu rosto.

— Você distorceu minhas palavras, Line – corrige delicado. Tenta pegar em minha mão, mas o impeço outra vez. – Você sabe que não é isso que estou falando. Você quer que eu tenha uma bola de cristal e responda todas as suas dúvidas em um passe de mágica, mas não posso resolver suas angústias e vontades em seu lugar.

— E as suas vontades, Rafael? – questiono. – Elas não entram em nossa conversa? Porque, para mim, uma delas é o foco agora: sua vontade de ir embora outra vez e me largar aqui por não aguentar mais a minha “dependência”.

— Se ao menos você soubesse, Line... Se soubesse que tudo o que eu faço é por você e nada mais. Só quero que você seja feliz.

Rafael se aproxima para me abraçar e, por um momento, me deixo levar. Quero sentir o seu abraço seguro que me traz paz e tranquilidade, mas não devo. Não agora.

Levanto-me e viro de costas ao cruzar os braços. Por que Rafael diz tanto que quer me ver feliz? Isso soa como se desejasse me ver sozinha! Não consigo raciocinar direito. Entendo o instinto de proteção que Rafael tem em relação a mim. E também consigo compreender sua insegurança em me contar sobre nossos pais quando eu ainda estava em recuperação. Mas e depois? Rafael e eu não tínhamos segredos. Por que parece que agora tudo está tão diferente?

Quanto mais próximos penso que estamos, a realidade vem e me estapeia na cara para me mostrar o abismo que há entre nós. Existe todo um lado de Rafael que eu desconheço. Será que ele já conversou com o pai dele? Será que eles permaneceram amigos? Será que é por isso que nunca mais vi a mãe de Rafael? Sei que eles não estão mais casados, mas, mesmo assim, é uma situação desconfortável.

O pior de tudo, entretanto, não é o sentimento de traição, de meias palavras e de verdades omitidas. O verdadeiro horror é o desgosto que estou sentindo em saber que Rafael foi o culpado pelo acidente, pelo *meu acidente*, e por todas as dificuldades que se sucederam a partir dele.

Ao mesmo tempo, sei que não posso pensar assim. É egoísta da minha parte lançar sobre seus ombros uma carga tão pesada. Afinal, foi um *acidente*, nada intencional. É difícil pensar que Rafael guardou tudo isso dentro dele, que ele esteve sofrendo em silêncio... como eu estou agora. Sinto

uma tristeza que não cabe em mim.

Como será daqui para a frente? Como lidar com essa situação tão insustentável onde nossos pais nos traíram desse jeito, sem pensar nas consequências ou no quão profundamente nos prejudicariam?

As palavras de Rafael ainda me rasgam, porque nunca quis que ele me visse como alguém dependente de sua presença. Tudo o que eu queria era deixá-lo perceber o quanto o amo.

Minha cabeça parece uma salada de frutas com emoções e pensamentos misturados. Não consigo distinguir o certo do errado, como devo me portar, o que realmente devo sentir.

Observo Rafael na tentativa de encontrar algum vestígio da pessoa que eu amo, mas é impossível. Suas palavras de “dependência” e “ir embora” ainda soam como alarme para mim. Por mais que seus olhos sejam tão vívidos e expressivos que me fazem querer ampará-lo, não o reconheço. Somos completos estranhos e isso machuca.

Quero abraçá-lo e ao mesmo tempo quero ir embora correndo. Sou uma antítese ambulante, e não sei como me comportar. Não sei o que fazer ou o que quero que Rafael faça.

Ele não tenta consertar a situação, desmentir ou implorar pelo meu perdão. Ele permanece estático no banco de madeira apenas a me observar.

Sua atitude me faz pensar que pode haver algum motivo muito maior, além de me preservar, para ele não ter contado sobre o relacionamento entre nossos pais. Ainda existe nas entrelinhas algo que não pude ler sobre seu motivo para ter fugido de mim. O que estaria, agora, por trás da sua vontade de ir embora?

Talvez seja a culpa o consumindo, ou talvez ele ache que eu o culpo. Não posso dizer quando nem tenho certeza do que penso ou sinto.

Enfim, ele quebra o silêncio para me questionar o que vou fazer, mas já é tarde demais. Sem conseguir encará-lo, apenas aviso:

— Rafael, eu preciso de um tempo para pensar.



Capítulo 36

Quando giro a chave da porta, decido que o mais importante nesse instante é buscar um pouco de paz. Devo deitar em minha cama e repassar os acontecimentos, sem interrupções.

Ao entrar na sala, escuto as panelas sendo remexidas com violência na cozinha. Pensei que meus pais chegariam mais tarde hoje, já que papai está muito ocupado com o novo projeto e minha mãe anda ausente. Surpreendo-me quando vejo que ambos estão em casa. Meu pai está lendo o jornal e o clima de tensão é evidente. Ou talvez seja apenas para mim, já que ele continua lendo com aparente tranquilidade, apesar dos sons incômodos que minha mãe faz intencionalmente.

Cumprimento meu pai, que me dá um beijo na testa e pergunta sobre o meu dia. Engulo em seco e uma bola se forma na minha garganta. Tento sorrir da melhor maneira possível para não o preocupar.

— Foi bom. A professora Marina elogiou o meu progresso e os ensaios estão cada vez melhores! – digo sem animação alguma.

Existe um nó em meu estômago. Parece que estou no palco proferindo frases ensaiadas. Torço para que minha falsa animação soe verdadeira aos ouvidos dele.

— Quando quiser conversar sobre o que está preocupando você, pode contar comigo. – Ao me ver franzir o cenho em surpresa, ele acrescenta: – Não pense que só porque estou fora boa parte do tempo, e porque não entendo quase nada de balé, nós não podemos ser amigos. – Ele sorri, mostrando-se sempre um grande apoio para mim.

Isso acaba comigo. A culpa me domina por ter desperdiçado tempo e energia para deixar minha mãe orgulhosa. Denuncio meus verdadeiros sentimentos com uma expressão de tristeza que é impossível esconder.

— Não precisa ficar triste, filha. – Ele se aproxima e põe a mão em meu ombro. – É natural que você, como menina, quase uma mulher, tenha mais afinidades com sua mãe. Não estou dando uma de ciumento, não, mas entendo que ela pode ser um pouco intensa às vezes.

— Só às vezes? – questiono sem me conter.

— É, talvez um pouco mais. – Meu pai ri, contido.

Suspiro alto por não poder dizer nada quando diversas coisas querem

escapular de dentro de mim. Reluto em refreá-las porque meu pai parece o único disposto a tirar um pouco do peso em minhas costas, entretanto, não quero vê-lo sofrer. Entendo que precisarei contar o que sei mais cedo ou mais tarde, mas, pelo menos essa noite, quero deixá-lo dormir em paz.

— Pai, estou cansada. O treino foi superpuxado! – comento soltando um falso bocejo. – Vou para meu quarto, ‘tá? Obrigada por tudo! Te amo.

— Quem é você e o que fez com a minha filha? – ele brinca e me abraça forte.

— Desculpa por não dizer isso mais vezes, mas realmente te amo – sussurro em seu ombro.

— Que isso, filha?! – ele diz, relaxado – Eu também te amo. Não precisa se desculpar. Fico feliz que você esteja assim, diferente...

— Diferente como?

Ele parece encabulado em responder, mas mesmo assim o faz:

— Parecida comigo. – E dá de ombros, feliz.

— O que quer dizer com isso? – questiono semicerrando os olhos, interessada.

— Não te vejo tão neurótica com o balé, parece conseguir se preocupar com outras coisas também. Isso me deixa feliz.

Compreendo que, na verdade, ele quer dizer que estou menos parecida com mamãe. E especialmente hoje, isso faz com que eu me sinta melhor.

Depois da nossa conversa, subo as escadas mais leve e me jogo em minha cama a fim de ter uma reparadora noite de sono. Contudo, meia hora depois, mais uma vez meus planos não dão certo quando minha mãe abre a porta do quarto sem bater, como faz sempre.

— Oi, filha! Seu pai me disse que chegou há algum tempo. Por que não foi me cumprimentar?

Apoio os cotovelos em minha colcha de retalhos costurada por ela com várias fotos de família e me sinto mal. É como se estivesse, literalmente, em cima de uma mentira. Essa colcha é de quando eu completei quinze anos e não consigo evitar a nostalgia de pensar quanta coisa mudou em tão pouco tempo.

— Você está um pouco pálida, filha. Aconteceu algo na Academia hoje? – Ela se aproxima. – Foi aquela menina de novo? A Priscila?

Prefiro omitir o fato de que Priscila tem conhecimento do caso entre mamãe e o pai de Rafael. Mesmo depois de tudo, vejo-me tentando preservá-la do embarço. A dor de ter que enfrentá-la é muito grande. Não consigo. Não só para preservá-la, mas para preservar a mim também. Não quero

destruir a imagem de “mãe perfeita” que ela criou para si. *Não ainda*. E não sei se algum dia estarei pronta para isso.

Balanço a cabeça e suspiro.

— Aconteceu – respondo apenas.

— O que houve?

O fato de ela não falar nada, por mais que nem tenha ideia de se tratar de um segredo seu, me faz considerá-la dissimulada. Como ela pode me olhar todo dia e omitir algo tão monstruoso? Como ela pode olhar meu pai e fingir ser uma boa esposa? Não entendo essa dinâmica familiar tão às avessas, tão contrária a tudo o que eu aprendi ser certo.

— Acho que a senhora sabe o que é, mãe – murmuro agoniada. – Mas vou evitar o suspense: quando estava planejando me contar sobre o seu caso com o Fabiano, pai de Rafael? – Ergo o queixo tentando parecer mais confiante do que de fato estou.

Minha mãe nem tenta se fazer de desentendida, e eu agradeço mentalmente por isso. Não suportaria lidar com uma dona Isabel em modo de atuação. Ela abaixa a cabeça com vergonha e, numa tentativa de aproximação, senta-se ao meu lado na cama. Escuto sua respiração pesada.

— Então é isso. – Ela repentinamente se levanta e não me encara.

— Sim – respondo, curta e grossa.

— Pensei que não chegaríamos a esse ponto. – Ela suspira abraçando o próprio corpo como se tentasse se proteger.

— Pois pensou errado – rebato irritada. – Por que não me contou?

— Não há nada para contar. – Ela dá de ombros ao se virar para me encarar. Suas olheiras são evidentes, as lágrimas prestes a cair também.

— Não? – questiono, erguendo uma sobrancelha.

— Não mais – ela responde rápido. – Foi um caso passageiro. Percebemos a besteira que estávamos fazendo e terminamos.

— Perceberam, é? – Eu rio sem humor. – Então por que foram vistos conversando há alguns dias?

— Nós esbarramos um com o outro na sua Academia. O Fabiano estava lá para fazer uma doação em nome do Rafael.

— E o que isso tem a ver com a senhora?

— Ele queria saber se cheguei a te contar e, confesso, ele propôs retomarmos nosso caso, mas eu neguei. Quero que você saiba disso. Está tudo acabado! – garante voltando a se sentar ao meu lado.

— Achei que você amasse o papai – murmuro, minhas lágrimas ameaçam transbordar.

— E eu amo, filha – ela responde, mas não é o que eu quero ouvir. –

No entanto, quando somos adultos, as coisas não se resumem a isso...

— Não venha com essa conversa para cima de mim! A idade nada tem a ver com nossos valores morais! – acuso fora de mim. Levanto-me e fico o mais longe possível dela. – Você e papai me ensinaram a nunca mentir, sempre disseram que a família vem em primeiro lugar. Bom, no seu caso, você me ensinou que o balé deve ser a prioridade – acrescento com desdém.

– Não seja injusta! Nunca te ensinei isso! – diz horrorizada. – E você não tem o direito de falar assim comigo! Ainda sou sua mãe.

Ela franze o cenho. Sei que quer parecer forte. Fico irritada ao notar o quanto sou parecida com ela, até mesmo em minhas reações. Não quero nenhuma semelhança, não quero nada que venha dela.

— Minha mãe? Minha mãe teria me ajudado quando precisei, minha mãe não seria culpada por todos os meus problemas! – cuspo as palavras com ódio.

— Eu não... – Mamãe fica sem ação, não sabe o que dizer, e nem deixo.

— Por que acha que não tenho amigos? Por que acha que enfrento tantos problemas para me abrir e conversar sobre meus sentimentos? – desato a falar.

— Não sabia disso, filha – ela murmura, incrédula.

— Claro que não sabia! Só está preocupada com o fato de eu conseguir ou não atingir o seu sonho. – Rolo os olhos, indignada.

— Pensei que você gostasse do balé.

— Não é uma questão de gostar ou não. Eu nunca tive escolha! Eu só queria te deixar orgulhosa, não entende? Só queria que fôssemos amigas, mas nunca consegui te atingir.

— Não é verdade, filha. Eu tenho o maior orgulho de você!

Agora suas lágrimas já correm soltas, mas não acredito em nada do que vejo. Alguém que mentiu por tanto tempo não tem credibilidade nenhuma comigo. Mas isso dói, e eu choro também.

— É tarde demais! Você destruiu tudo! E o pior é que agora só me resta o balé mesmo, porque até o Rafael você conseguiu tirar de mim.

— Filha, eu sinto muito. Não há palavras para expressar o meu arrependimento. Nunca foi minha intenção magoar você, mas foi exatamente o que fiz. Na minha intenção de fazer o melhor para todos, e principalmente por você, acabei tornando tudo uma bagunça ainda maior.

Ela tenta me alcançar, me abraçar, retomar nossa conexão de alguma forma, mas não deixo. Eu me afasto. Estou com raiva, mágoa, ódio e tristeza misturados no meu peito. E meu estômago se revira, inquieto. Estou enjoada.

— Devia ter pensado nisso antes! Agora entendo por que você não

queria que eu falasse nele. A culpa te consumia só de ouvir o nome de Rafael, não é mesmo?

— Não sabia que você queria conversar sobre ele, filha. Depois do hospital, achei que seria melhor assim... – ela diz, meio incomodada.

— Pois não foi. Seria bom poder conversar sobre tudo o que aconteceu comigo ao longo deste ano, mas agora que conheci esse seu outro lado...

— Eu sempre preferi deixar a história do acidente fora das nossas conversas. Nunca quis relembrar tamanha tragédia. Se você quer reviver isso, eu entendo. Mas, caso contrário, não precisamos nem tocar no assunto! – Ela tenta sorrir, mas seu rosto só demonstra cansaço, culpa e confusão.

De repente, eu entendo. Minha mãe não está preocupada comigo, está preocupada consigo mesma. É a realidade: mamãe quer se desligar por completo do passado, do pai de Rafael, do acidente e da culpa que sente em relação a mim ou ao que quer que seja. Na verdade, não estou muito interessada em tentar desvendar as emoções dela por trás de sua máscara com o batom rosado e o sorriso falho.

Ela tenta me abraçar, mas desvio. Eu a culpo por tudo, por ter encontrado seu amante no mesmo restaurante onde Rafael me levou, por não honrar seus votos com meu pai, por quase arruinar minha carreira, ou melhor,

por me impulsionar *a ter* uma carreira... E talvez essa tenha sido a semente do relacionamento conturbado. Sou eu quem a alimenta. Eu é que aceito seu controle, suas intromissões. Ela tira meu ar e eu me deixo sufocar, sozinha.

Sinto-me idiota, pois, no fundo, eu quero deixar tudo para trás, eu quero esquecer o que descobri e voltar a ter minha mãe como melhor amiga. Quero ter um relacionamento de verdade dessa vez, sem mentiras. Fico tentada a acreditar ser possível reconstruirmos nossas vidas, mas infelizmente já tenho a resposta: não consigo evitar odiá-la. Sim, eu a odeio nesse momento.

Suas lágrimas me parecem como ondas, são tão grandes que me acertam em cheio no coração e me empurram para baixo, afogando-me em tristeza e decepção.

— Filha, por favor, vamos voltar ao que éramos – ela suplica ao apertar com força minha mão.

— Não há mais volta – digo tentando ser firme, mas minha voz soa quebrada aos meus ouvidos. – Você não é mais minha mãe.



Capítulo 37

Acordo antes de meus pais e chego a casa quando já estão dormindo. Hoje, no entanto, sinto-me diferente dos outros dias. Algo em meu estômago se contorce e fico nauseada quando me levanto. Resolvo caminhar até a Academia e não consigo esquecer a sensação de que alguma coisa no relato de Rafael está fora de lugar.

Assim que chego, lavo o rosto com água gelada, por volta das sete da manhã, e encontro alguns bailarinos se aquecendo, conversando ou tentando relaxar com fones de ouvido antes da aula. Eu gostaria de poder relaxar também, mas não consigo. Tenho constantes pesadelos com Rafael, o pai dele e a minha mãe na noite do acidente. Quando acordo, não me recordo de muita coisa, sou acometida por emoções adversas como culpa, tristeza e solidão. Para espantar esses sentimentos negativos e meus problemas até então insolúveis, minha única alternativa é fazer o que sei de melhor: focar na

dança.

Cristina, Giselle e Natália chegam à sala pouco depois e me cumprimentam de maneira efusiva. Eu, por outro lado, não consigo nem chegar próximo disso.

— Vamos até o vestiário buscar a sapatilha da Gi, ela esqueceu. Quer vir junto? – pergunta Natália.

— Não, obrigada. – Tento ser educada, mas, como antes, parece que perdi o tato com as pessoas.

— Ah, vamos lá! Chega de tanto balé, você tem se esforçado a semana inteira e hoje é sexta-feira! – exclama Giselle, empolgada, agitando os braços de maneira eufórica.

— Já disse que não, obrigada – retruco incomodada.

— O que aconteceu, Aline? – questiona Cristina, a mais discreta de todas. – Precisa de alguma ajuda? Quer conversar?

— Se eu quisesse conversar, já teria dito, não é mesmo? – respondo ríspida. – Só quero ficar sozinha no meu canto.

As três me olham espantadas. Natália está prestes a dizer alguma coisa, mas Cristina faz um sinal negativo com a cabeça e todas se afastam de mim.

Em seguida, com todos os bailarinos posicionados em seus lugares, a

professora Marina entra na sala.

— Bom dia a todos. Gostaria de avisar que a Priscila não poderá participar do ensaio hoje, por isso faremos o Ato 3, quando todos os bailarinos entram no palco e contracenam entre si, ok?

Fico intrigada. Priscila não é de faltar aos ensaios. Não consigo evitar pensar que ela está tramando alguma coisa contra mim.

Começamos o ensaio e eu me coloco entre duas bailarinas que não conheço além dos nomes. Apesar de eu continuar sendo a solista, essa é uma cena em equipe na qual todos devem aparecer.

Giro entre eles, dando balanço à cena. Meus pés parecem mal tocar o chão e fecho os olhos, concentrando-me nas piruetas. Meus braços permanecem estendidos o tempo inteiro, como se eu fosse um pássaro abrindo as asas. Ao meu redor, as bailarinas dançam na ponta dos pés repetindo uma sequência de giros, mas estão fora de ritmo.

Cinco minutos depois, tenho vontade de gritar com eles. Como podem ser tão desleixados? Soltam risadinhas fora de hora, ficam se olhando no espelho, arrumando o cabelo, fazendo a contagem errada.

Sem pensar, dou um passo à frente dos demais a fim de mostrar como a coreografia deve ser feita. Dou piruetas, faço linhas longas com os braços, meus movimentos estão limpos, na contagem certa e perfeitamente

alinhados. Estou até satisfeita comigo mesma quando me dou conta de que a música para de repente.

— Aline, não estamos em um solo neste momento – ralha a professora de modo sério.

As outras bailarinas me observam com olhares ciumentos, irritados e desdenhosos. Paro de dançar, dou um passo para trás e tento me recompor. Sinto-me encurralada e sufocada, minha vontade é sumir. Sem querer, piso no pé da bailarina atrás de mim e a ouço reclamar alto. Sussurro um pedido de desculpas.

— Muito bem, do início – recomeça a professora Marina. Ela se volta para mim. – Aline, acho melhor você ficar na barra hoje.

Por dentro, o ódio está fervilhando, mas mantenho a compostura. Não quero que ninguém perceba o quanto estou afetada. Aliás, não quero que ninguém saiba o verdadeiro motivo do meu descontrole. Só de pensar sinto minhas bochechas corarem. Tenho raiva por minha mãe não ter pensado nas consequências e estou inquieta, pois me vejo incapaz de achar uma solução. Com tantas emoções em conflito, não consigo mais permanecer aqui.

— Professora, na verdade, gostaria de pedir permissão para ir à enfermaria. Não estou me sentindo bem.

A vergonha me assola e suspiro de alívio quando ela acena com a

cabeça, sem me questionar. Pego minhas coisas e sento-me no banco do outro lado do corredor, tento fazer passar a sensação de haver algo fora de lugar. Sei que não é relacionado ao balé, mas só consigo pensar nisso.

Afinal, estou novamente fora do círculo dos bailarinos da Academia e, dessa vez, só posso culpar a mim mesma.

Por que fiz isso?

Não tenho a mínima ideia. As meninas não mereciam o meu destrato e não havia a necessidade de ser rude com nenhuma delas, especialmente quando só têm se mostrado atenciosas comigo.

E quanto à Gabriela?

Não retorno mais suas mensagens. Além disso, não tenho a mínima necessidade de provar meu desempenho para ninguém. O que estou tentando compensar? É como se eu quisesse me punir de alguma maneira, e nem sei motivo. Não fui eu quem traiu o marido, destruiu o relacionamento com a filha e tornou impossível o namoro dela com o amor de sua vida. Foi minha mãe! Mas por que me sinto tão mal? É como se tivesse uma mão me espremendo até não sobrar nada de bom em mim.

Balanço a cabeça para meus pensamentos adolescentes. Estou outra vez de volta aos velhos hábitos: mimada, dramática e autocentrada. A bailarina perfeita que arranca aplausos, mas não encanta corações. Não quero

ser essa pessoa.

Quando a aula acaba, as meninas saem da sala e cochicham enquanto me observam. Pondero se devo ir até lá agora ou esperar passar o final de semana, mas é melhor falar com elas logo antes que eu perca a coragem de resolver pelo menos um de meus problemas. Um que eu consigo controlar.

Caminho até elas e imediatamente cessam a conversa.

– Me desculpem pela maneira como tratei vocês antes e por ter me comportado como uma idiota durante a aula. Achei que focar no balé me deixaria fugir dos problemas, mas é impossível escapar.

Giselle suaviza a expressão e Natália faz um carinho no meu ombro.

— Tudo bem. É como o ditado: às vezes, a melhor solução aos problemas é enfrentá-los – reflete Cristina.

— E quando o problema é justamente não saber o que enfrentar? – declaro mais para mim mesma do que para elas.



Capítulo 38

As semanas seguintes passam em um piscar de olhos. Observo o calendário na geladeira da cozinha. É o dia do espetáculo! São seis da manhã e, embora meu estômago comece a dar sinais de vida, não tenho vontade de comer muita coisa. Estou nervosa.

Estamos liberados de qualquer aula, ensaio ou atividade física de maneira que tenho o dia inteiro para mim, até as nove da noite. Minha vontade é ficar no quarto, ouvindo música em meu *iPod* e repassando os passos em minha cabeça. Entretanto não vejo nem falo com Rafael desde a nossa última conversa, e isso me incomoda muito. Todos assistirão aos bailarinos do coro dançarem os passos coreografados por nós dois. É um momento tão importante, especialmente para Rafael cujo sonho é ser coreógrafo. Não quero vivenciá-lo de mal com ele.

Olho mais uma vez para o relógio e decido ir até a casa dele, não

muito distante da minha. Além do mais, a mãe de Rafael e ele costumam acordar cedo, então não incomodarei. Assim, pego minha bolsa dentro do quarto e desço as escadas de forma rápida, ansiosa para reencontrá-lo.

Quinze minutos depois, estou em frente à casa de Rafael. O jardim tem a grama alta e as cortinas estão fechadas, diferente do habitual. Chego próximo à campainha para tocá-la, mas nem dá tempo. Escuto a voz de Rafael chamando-me do lado de fora. Ela parece vir de trás da casa, o que acho estranho. Ele desponta e se aproxima de mim.

— Line! O que você está fazendo aqui?

— Vim te visitar – respondo parecendo calma e confiante. – Não está feliz em me ver?

— Claro que estou! Só achei que não a veria tão cedo, depois da maneira como terminamos aquela discussão. Parece até que adivinhou que eu estava ansioso para falar com você.

— E por que não me procurou?

— Achei que seria melhor esperar você se acalmar para conversarmos – responde meio sem jeito, as mãos escondidas dentro dos bolsos. – Fiquei receoso de continuarmos assim, no dia do espetáculo. – E ele me conduz pelo jardim, cada vez mais longe da porta.

— É por causa disso que vim, Rafael. Não quero que continuemos

nessa situação, especialmente hoje. Não gosto quando estamos brigados.

— E quem disse que estou brigado com você?

— Desculpe, é que eu estou um pouco chateada com as suas esquivas. Essa é a questão.

— Eu entendo seus motivos, Line, mas há certas coisas que você ainda não está preparada para saber.

— Dessa vez não vou apenas aceitar esse mistério todo, Rafael! – retruco agitada. – Preciso de algo mais concreto. Preciso que a gente converse de verdade!

Ele assente com a cabeça e se apoia na árvore do quintal, como se à espera de alguma iniciativa da minha parte. Acho seu comportamento esquisito.

— Não vai me convidar para entrar? Vamos conversar aqui, no meio do quintal? – instigo incomodada.

— Eu não tenho a chave comigo.

— A essa hora da manhã? E a sua mãe?

— Ela não está.

— Você dormiu fora de casa?! – pergunto, sua roupa parece asseada demais para isso.

— Não.

— Então, Rafael, se não quer que eu entre na sua casa, basta me dizer! Prefiro que fale verdade do que invente desculpas esfarrapadas.

— Line, não é que eu não queira você na minha casa. Nós não podemos entrar.

— Do que você está falando, Rafael? – questiono, intrigada e raivosa ao mesmo tempo. – Por que não podemos entrar na sua casa? Desde quando não tenho permissão para isso?

— Não se trata de permissão, Line, mas de não podermos mesmo. Há tantas coisas que você precisa saber...

Suspiro frustrada. Nos últimos tempos, não entendo o que Rafael quer dizer. Preciso respirar por um instante e me concentrar, pois meus sentidos ficam embaralhados por alguns momentos e sinto uma forte pontada na cabeça.

Ele dá de ombros.

— E quando é que você vai me contar? Eu me sinto perdida no meio de tantos segredos e mistérios. Você não acha que já temos segredos demais? Primeiro, você some! Depois, descubro que foi tudo por causa da traição da minha mãe... Esses segredos vão acabar nos destruindo.

Ele me observa, aflito. É como se quisesse me dizer algo, mas não

pudesse. E mais, sinto que eu já tenho a resposta. Embora pareça loucura.

— Sabe, Rafael, sempre confiei em você. Nunca me deu motivos contrários para isso, até esse ano. Até sofrermos o acidente e tudo mudar.

— Você tem razão, Line. Muitas coisas mudaram, mas meus sentimentos por você não. Será que isso não importa?

— É uma piada, não? Claro que mudaram! Você some durante dias e reaparece como se nada tivesse acontecido, então simplesmente diz que não tem mais um celular... Quem não anda com um celular hoje em dia? Sua mãe sempre foi neurótica com isso! Além do mais, você nunca responde às minhas perguntas, sempre se esquivava, me dá meias respostas... Já cheguei a achar que fosse por causa da Priscila!

— Já disse a você que eu e Priscila não temos nada – ele grita nervoso, tão atípico de seu temperamento calmo. – Nada!

Rafael desvia os olhos, sem jeito. Toco no seu rosto e o trago de volta para mim.

— Eu preciso de respostas, Rafael! Não consigo mais viver desse jeito. Você anda muito estranho e misterioso. Por que há tantos segredos entre nós? Até hoje você nem sequer me disse o verdadeiro motivo para ter ido embora depois do acidente...

Minhas mãos acariciam seu rosto de forma apressada, com

desespero. Quero sentir que ainda possuímos uma conexão, algo que não me cause tanta dor.

— Já disse. Eu estava com vergonha de tudo... – sussurra com a cabeça baixa.

— Não pode ser só isso, senão você não teria voltado!

Rafael sorri de forma triste. Ele beija as palmas das minhas mãos e as segura contra o peito.

— Eu estou orgulhoso de tudo o que você conquistou, Line. Olha quanta coisa aconteceu esse ano, quantos obstáculos você teve que superar... E, mesmo assim, conseguiu se tornar uma bailarina ainda melhor, conseguiu perceber que existem outras coisas além do balé. Você até fez amigas!

Ele me abraça forte e sinto seu cheiro reconfortante.

— Não mude de assunto – peço, embora esteja tentada a esquecer de tudo e ficar apenas no seu abraço.

— Não estou, foi por isso que eu voltei.

Ele me olha profundamente e, mais uma vez, não entendo suas nuances.

— O que você quer dizer com isso? Na maioria das vezes que conversamos, você só me deixa mais confusa. Não costumávamos ser assim.

— Eu te entendo, Line. E sei o quanto isso deve ser angustiante para você, mas algumas coisas não podem ser ditas. Não ainda. Por favor, me dê um pouco mais de tempo.

Mordo os lábios, indecisa.

— O dia de hoje é muito importante. Eu só quero que você se concentre e dê o seu melhor. Hoje é a sua grande chance de recuperar sua carreira – ele acrescenta, beijando-me a testa de um jeito delicado.

– Eu não vejo mais o balé com tanta importância assim... – confesso, antes que possa até mesmo pensar no que estou dizendo.

Sou surpreendida por minhas próprias palavras.

— Não é verdade. – Ele sorri compreensivo. – Você só está confusa. Só precisa redescobrir por que você ama o balé.

Entendo sua opinião, é provável que esteja certo. Eu preciso redescobrir minha identidade como bailarina e os motivos que me fazem querer tanto essa carreira. Não por ele nem pela professora Marina, muito menos pela minha mãe, mas por mim.

Quando vejo, estamos de novo fugindo do tópico principal. Rafael tem esse poder sobre mim! Embora eu queira muito as explicações para todas as minhas perguntas, observo sua expressão de angústia e percebo que, por algum motivo, seja lá qual for, ele ainda não pode me contar tudo o que

anseio saber. Isso vai durar até quando? Que motivos misteriosos são esses? Tento evitar pensar o pior, que algo muito errado está acontecendo na vida dele a ponto de não querer dividir comigo. Assim, dou um longo suspiro.

— Quanto tempo mais?

— Te contarei tudo o que deseja saber depois do espetáculo.

Fico indecisa por alguns segundos, mas aceno positivamente com a cabeça.

— Eu te amo, Line. Prometo que farei valer a pena sua paciência.

Fico emocionada com a sua declaração e sorrio, meio encabulada. Meu coração se aquece quando escuto as palavras que tanto queria ouvir. Na verdade, não entendia a dimensão dos meus próprios sentimentos até ouvi-los na voz dele. E só então, quando solto o ar devagar, vejo o quanto a espera foi longa. O quanto eu sonhei com o momento em que Rafael finalmente admitiria ter sentimentos românticos por mim. Foi muito melhor do que meus sonhos ouvi-lo dizer que *me ama*. Nada, nunca, me fará esquecer disso.

Rafael se aproxima ainda mais e afasta meus cabelos do rosto. Ele beija minha testa e me abraça forte, tão forte que seu coração bate junto ao meu. Aos poucos seus lábios traçam um caminho suave até chegarem aos meus, e neles demoram-se um instante antes de enfim selá-los com um beijo. Sinto o seu sorriso contra minha boca e sorrio também.

Rafael já fez a espera valer a pena.



Capítulo 39

Depois de passarmos o resto do dia juntos, Rafael se oferece para me acompanhar até minha casa, mas digo que prefiro voltar sozinha. Não quero correr o risco de dar de cara com a minha mãe e enfrentar uma situação embaraçosa justo hoje. Relutante, sigo meu caminho. Por mim, continuaria a beijá-lo por mais tempo, mas meus pais estranhariam se eu não aparecesse logo para começar a me arrumar para o espetáculo.

Chego a casa pouco antes das quatro da tarde e estranho as luzes da sala apagadas. Meus pais deveriam estar agitados, assim como eu, para o grande momento. Ao menos era o que eu esperava. Tudo o que escuto, entretanto, são cochichos vindos da cozinha.

Os dois juntos? Que verdadeiro milagre!

Eu me aproximo na ponta dos pés e paro um pouco antes de chegar à

porta.

— Está na hora de contar a ela, Isabel – meu pai se pronuncia.

— Eu não sabia que tinha chegado a esse ponto... – Minha mãe se desespera, sua voz soa estrangulada. – Na verdade, achei que Aline havia esquecido! Eu devia ter entendido... eu devia... – Seus murmúrios são pouco inteligíveis.

— Com todo respeito, não adianta pensar sobre isso agora, dona Isabel. O que importa é vocês contarem a ela.

Priscila?

Meus músculos tensionam. O que Priscila está fazendo na minha casa conversando com meus pais? A ousadia dessa garota não acabará nunca?

— Não concordo – retruca minha mãe, na defensiva. – Não hoje.

— A senhora sabe o que é melhor para ela. Não quis me intrometer, só achei que vocês deveriam saber o que estava acontecendo – responde Priscila.

— É claro, querida. Eu agradeço por sua atitude. Vamos, eu acompanho você até a porta – diz minha mãe carinhosa. *Compreensiva*. Ela nunca é assim comigo!

Não há tempo para sair. Escuto passos em minha direção e os três se deparam comigo. Suas expressões são de espanto, vergonha e preocupação.

Não sei distinguir ao certo o motivo. Na verdade, não estou entendendo nada dessa situação.

— Bom, acho que agora vamos ter que contar, né? – indaga Priscila ao olhar para os meus pais.

Papai e mamãe se unem a mim, e sinto a mão dele em meu ombro. Seu semblante é sério.

Nem consigo imaginar o que pode ser. Minha cabeça dói e quero fugir dali. Algo me diz que não devo escutar o que têm a dizer. Meu corpo está tenso e minha mente encena milhões de cenários possíveis: todos envolvendo a traição da minha mãe.

Eu foco em Priscila. Por que ela veio me humilhar desse jeito? Pior: humilhar meu pai e até mesmo a minha mãe! Não posso acreditar que ela chegou a esse ponto. Gostaria que meus pais não a tivessem recebido em nossa casa.

— O que você está fazendo dentro da minha casa? – elevo o tom de voz, desvencilhando-me do meu pai.

— Acho que nós precisamos conversar – ela responde. – Eu sinto tanto, Aline... Eu não sabia. – Seus olhos estão marejados e não compreendo o motivo. – Eu não fazia ideia de que você não se lembrava... E mesmo que se lembrasse, nada justifica meus atos. Eu realmente sinto muito...

Priscila parece tão perdida quanto eu. Minha mãe coloca a mão em seu ombro, consolando-a, mas só por alguns segundos.

— Eu e você não temos nada para conversar! – grito.

— Sei que você deve estar confusa, Aline. E nem cabe a mim dizer nada, mas preciso que você saiba que sinto muito por tudo o que fiz. – Ela funga e as lágrimas enfim rolam por sua face. O tom ameno não combina com seu temperamento difícil.

Fico intrigada, mas não o bastante para me deixar levar pelo seu jogo. Já acreditei muitas vezes nessa “Priscila querida” para me enganar de novo. Esta é provavelmente apenas mais uma de suas artimanhas para tentar me derrubar.

Vejo minha mãe se adiantar para falar alguma coisa, mas a interrompo:

— Eu não quero escutar nada que você tenha a dizer, Priscila! Chega de ouvir suas mentiras, suas maldades e de cair nesse seu joguinho sujo!

— Eu vim pedir perdão, Aline, por tudo o que te fiz. Eu estava magoada e sofrendo... – Ela olha para a minha mãe em busca de apoio, o que me deixa ainda mais confusa. – Eu não tinha ideia de que você...

Estreito meu olhar em direção à Priscila. Por mais que tente compreendê-la, parece que ela está falando grego. Aliás, parece que todos ao

meu redor estão. Sinto-me ultrajada por tê-la em minha casa e quero empurrá-la porta afora, mas meus pensamentos estão descontrolados. Minha mente parece se defender de uma nova confusão quando viaja até Rafael, até o nosso beijo... *Nada mais importa*. Minha vontade de descobrir por que meus pais conversavam com ela desaparece.

— É tarde demais – digo indiferente.

Priscila me olha desapontada.

— É tarde demais, Priscila – repito firme. – Não aceito seu perdão. Você transformou minha vida em um inferno durante todo esse ano, por mais que soubesse de tudo o que passei, do acidente...

— É por causa desse maldito acidente que tudo aconteceu! – ela exclama, desesperada.

Neste instante vacilo, minha curiosidade querendo tomar o melhor de mim, entretanto teimo em minha decisão.

— Não acredito que você veio à minha casa justo *hoje* com boas intenções. O que esperava conseguir? Quer me fazer desistir do espetáculo para não precisar competir comigo?

— Eu não espero que você acredite, Aline. – Seus ombros caem, seu olhar está perdido. – E eu sinto muito por levar você a esse limite.

Minha mãe a acompanha até a porta enquanto meu pai continua ao

meu lado como uma estátua. Quando dona Isabel regressa, pergunto aos dois:

— Alguém vai me explicar o que está acontecendo?

— Sim, filha, precisamos conversar – responde papai.

— Não agora – mamãe censura. – Você precisa começar a se aprontar ou iremos nos atrasar para o espetáculo. Nada é mais importante do que você se apresentar, filha.

Não levo em conta o que ela diz. Na verdade, estou tão chateada que quase não consigo ficar perto deles. Mas Rafael me pediu o mesmo. E se ele deseja que eu me concentre no espetáculo, é o que farei. Todo o resto pode esperar.

Não pela minha mãe.

Por ele.



Capítulo 40

Respiro fundo quando chego ao meu quarto. Massageio minhas têmporas e me concentro no que preciso fazer: me arrumar para o espetáculo.

Pego o gel em minha estante e ajusto meus cabelos em um coque apertado. Preparo minha pele com um pouco de base, corretivo e pó compacto, então completo com rímel e *gloss* labial. O resto da preparação será feita nos bastidores. Pego minha bolsa prestes a avisar que estou pronta, mas Pipoca entra no quarto. Ela late para mim pedindo carinho. Agacho-me e acaricio o seu pelo macio quando sua cabeça descansa em minha mão. Ela lambe meus dedos e esse pequeno gesto me acalma um pouco. Ouço três batidas na porta e, em seguida, papai entra em meu quarto.

— Filha, preciso falar com você – anuncia pesaroso. Seu olhar é triste e noto em seu semblante certa... culpa?

— Está tudo bem, pai? – questiono preocupada.

— Vai ficar, filha – ele diz me abraçando.

— O que você quer dizer?

Estou aflita com o que essa conversa revelará e ansiosa para ir ao espetáculo. Um misto de emoções se forma em meu estômago.

— Não irá demorar muito, prometo – afirma como se lesse meus pensamentos.

Sua expressão me faz entender que cada minuto será muito importante a partir de agora. Meu coração se aperta e Pipoca deita em meus pés enquanto me sento na cama. Ela parece sentir o mesmo que eu: *tudo vai mudar*.

Papai se acomoda ao meu lado e acaricia minhas costas.

— Em primeiro lugar, quero pedir desculpas por não ter conversado com você antes... E sei que o momento não poderia ser mais impróprio, só não posso esperar mais. Você precisa saber de algumas coisas, e deve ser agora.

— O que aconteceu, pai? – questiono apreensiva.

— Não precisa se preocupar. – Ele me encara tranquilizador. – Aline, não há jeito fácil de falar isso e você sabe que não domino bem as palavras... Sua mãe e eu temos passado por momentos muito difíceis no

casamento. Já faz algum tempo que não somos os mesmos e esse ano alcançamos o ápice de nossos problemas conjugais. Peço perdão por você estar no meio das nossas brigas e por diversas vezes termos nos comportado como adolescentes briguentos. Até os pais erram e deixam as emoções tomarem conta.

Eu aceno de leve com a cabeça, mas não digo nada.

— Quero deixar claro que nossa decisão não tem a ver com você e de forma alguma é sua culpa, pois sei que tende a se achar responsável por tudo – ele suspira. – Eu também quero esclarecer que eu e sua mãe tentamos muito, principalmente depois do acidente, mas não era para ser.

Engulo com dificuldade e faço a pergunta que queima em minha garganta:

– Papai... vocês vão se separar?

— Sim, nós vamos, filha. – Ele abaixa a cabeça.

Sinto-me triste e com raiva ao mesmo tempo. Triste por papai, que com certeza ainda deve amar minha mãe, e com raiva dela por nos fazer passar por isso com suas ações imprudentes, especialmente a traição. Sem me conter, reclamo:

— Isso é culpa dela! Se não fosse por... – Levo a mão à minha boca antes de deixar escapar algo que papai pode ainda não saber. Por um

momento, imagino que ele não tem ao menos a ideia do porquê o casamento não deu certo.

— Um casamento é feito por duas pessoas, filha. A culpa não é só de sua mãe, é minha também. É por isso que decidi vir falar com você agora.

Mordo os lábios.

— Eu percebi a maneira como você tem se distanciado da sua mãe e por vezes a tratado muito mal. Não quero que essa situação continue, Aline. Sua mãe não merece o seu desprezo.

Se ele soubesse... Engulo em seco. Não posso dizer o que descobri. Meu pai já parece tão triste, não quero deixá-lo ainda mais para baixo e desapontado.

— Sei o que está pensando. – Suas palavras me surpreendem. – Sua mãe me contou sobre a discussão de vocês e quero esclarecer que eu já tinha conhecimento de tudo o que aconteceu entre ela e o pai de Rafael.

Abro a boca, estupefata. Por essa eu não esperava. Isso me entristece. Imagino a dor de papai, que deve ser muito maior do que a minha.

Percebo que ele fica desconfortável ao mencionar o pai de Rafael, até se ajeita na cama, nervoso. Preciso de um minuto para processar a informação de que ele já sabia de tudo.

— Há quanto tempo?

— Eu já desconfiava muito antes do acidente, mas ela mesma me contou alguns meses atrás. — Ele dá de ombros, como se vencido pelo cansaço. — Nós continuamos juntos por você e também por nossa família. Não se joga um casamento de vinte anos pela janela... — Ele sorri sem jeito. — Sua mãe está muito arrependida e todos somos humanos, filha. E não quero que você fique com a imagem de que sua mãe é a vilã da história, pois isso não é verdade.

— Como você pode dizer isso? Então quer dizer que trair não é cometer um erro?

Estou com raiva. Sei o que ele está fazendo. Quer eximir minha mãe da culpa, como sempre fez. Quer justificar todos os seus atos impensados e insensíveis.

— Eu também errei. Fui negligente com sua mãe... Tantas coisas aconteceram, mas não cabe a essa conversa. Nosso casamento diz respeito apenas à sua mãe e a mim. Você consegue entender isso?

Dou-me por vencida. Sei que nunca conseguirei convencê-lo do contrário. E não é o meu papel, afinal. Se ele quer perdoá-la, isso é algo pessoal, mas não pode esperar que eu faça o mesmo tão facilmente. Ainda não consigo encontrar forças para digerir o fato de que ela destruiu nossa família.

— Sim, papai.

— Sei que vai demorar para você e sua mãe se ajustarem outra vez, mas queria contar sobre o divórcio por mim mesmo. Principalmente porque mês que vem me mudarei para São Paulo em definitivo, a empresa não pode esperar mais.

— Como assim você se mudará? E nós?

— Filha, sua mãe continuará nesta casa. Não há razão para ela ir a São Paulo. Quando eu aceitei este emprego, já havia planejado tudo. Não foi só pelo dinheiro. Eu preciso mudar de ares, entende?

Eu me controlo para não chorar. Além de a minha família ter acabado, papai se mudará para outra cidade e não o verei mais todos os dias. Sinto vontade de vomitar.

— E, filha, não queremos que você faça nada que não esteja confortável, tampouco que sintamos impondo alguma coisa. Por isso, sua mãe e eu decidimos que você pode escolher se quer continuar aqui ou ir para São Paulo comigo. Ninguém ficará chateado com a sua decisão. É uma escolha somente sua.

— Não sei o que dizer...

— Não quero que pense nisso agora. Mais uma vez, peço desculpas por jogar a bomba no dia do seu espetáculo, mas era preciso. – Ele me abraça

desajeitadamente e acrescenta: – Bom, vou deixar você terminar de se arrumar. Sua mãe já foi na frente de táxi e estarei esperando você lá embaixo, ok?

Quando papai fecha a porta atrás de si, sinto que enfim posso respirar de novo. Se antes eu achava que precisava lidar com muitas informações, agora eu tenho certeza de que sempre há mais para somar. A insegurança me atinge em cheio. Nós éramos um tripé, meu pai, minha mãe e eu. E agora, o que somos? Não precisamos mais um do outro para viver, é isso? Será que é ingenuidade minha achar que ficaríamos juntos para sempre?

Levanto Pipoca, que estava aninhada aos meus pés, e a abraço como a um bichinho de pelúcia. Sinto as lágrimas queimarem meus olhos, mas não quero borrar a maquiagem e muito menos me apresentar com o rosto inchado durante o espetáculo. Realmente, que belo dia meu pai escolheu para conversar comigo! Por que ele achou que não podia esperar mais? Tenho vontade de sumir, embora seja uma atitude muito infantil. Não quero mais descobrir segredos e fatos acobertados, ao menos não por enquanto. Quanto mais descubro, mais percebo nunca saber de toda a história. Para completar, preciso escolher entre morar com papai ou mamãe.

Por mais que eu não esteja em uma relação muito boa com dona Isabel, ela sempre foi minha base. Por outro lado, nunca pensei seriamente sobre meus sentimentos em relação ao meu pai. Era alguém sempre tão

presente. Como seria sem ele em minha vida todos os dias? Como fazer uma escolha racional quando estou mergulhada em emoções e dúvidas?

Sinto uma pontada nas têmporas.

Flashes de uma noite chuvosa perpassam a minha mente.

Um casal dentro de um carro.

Quem são?

Balanço a cabeça tentando clarear o que vi. Penso em Rafael e no fato de que não posso tomar qualquer decisão até conversarmos após o espetáculo, somente então entenderei suas razões por completo.

Minha cabeça pesa por causa de uma cefaleia não tão inesperada assim, sobretudo por ter contido o choro. Isso não me impede de ser invadida por uma náusea que me mantém sentada na cama. De maneira forçada, fecho os olhos. Como se colocada em um ciclo de lembranças, voam-me lampejos do dia do acidente.

Vejo o sorriso de Rafael.

Minha mãe abraçada ao pai dele.

E minhas mãos... segurando o volante?



Capítulo 41

São pouco mais das sete da noite quando chegamos à Academia de Balé Marina Ribeiro. Papai e eu não nos comunicamos muito no caminho. Ao menos durante esta noite, quero esquecer tudo o que conversamos e me concentrar na dança. Esta apresentação é muito importante não só para a minha carreira, mas para a minha superação.

Papai me deixa em frente ao camarim e se despede com um beijo em minha testa. Comunica que procurará um lugar para se sentar. Aceno de leve com a cabeça e abro a porta. O local é uma confusão de vozes, cores, gritos efusivos e garotas focadas no alongamento. Nossa apresentação é a última da noite, dividida em três atos: somente o coro, todos juntos e apenas eu e Priscila. Esta que, aliás, ainda não vejo por aqui. Suspiro aliviada. Não quero encontrá-la agora.

Sento-me em uma das cadeiras diante do espelho e a professora

Marina aparece para me cumprimentar. Ela ajuda a me maquiar e pede para trazerem meu figurino.

Em questão de minutos, estou pronta para o espetáculo. A profusão de cores e vozes começa a me deixar agoniada, sinto uma leve dificuldade para respirar. Penso em ir ao lado de fora para pegar algum ar fresco. Quando abro a porta, dou de cara com a minha mãe.

— Filha... — Ela me dá um sorriso sem graça.

— Oi, mãe... — O cumprimento é espontâneo. É a primeira vez que a chamo assim desde que descobri tudo.

Não consigo evitar. Parece mais forte que eu a vontade de me aproximar dela, de saber como ela está. Depois de tudo que passamos juntas, de todo apoio que ela me deu para que eu voltasse a andar e a dançar balé, mesmo do seu jeito torto... Como posso esquecer seu empenho a meu favor do dia para a noite? A dor em meu peito é grande, mas a saudade compete por espaço.

Vejo seu sorriso aumentar, indicando que ela também percebeu meu descuido ou o que quer que tenha sido. Não prossigo com a conversa, não por birra, mas porque não estou certa de como continuar nosso diálogo. Não depois de todas as novas informações que recebi de papai. Ela, contudo, não espera uma aprovação de minha parte.

— Vim desejar boa sorte, filha. Não que você precise, sei que vai se sair muito bem...

— Obrigada.

— Também quero aproveitar para explicar que sinto muito por toda a dor que lhe causei. Nunca foi minha intenção. Às vezes magoamos quem mais amamos sem querer.

— Acho que tudo isso poderia ter sido evitado.

— Talvez. Já pensei nisso muitas vezes ao longo desse ano, mais do que consigo contar. Infelizmente não sou capaz de voltar no tempo, por mais que eu quisesse, não é mesmo?

— Não, você não é.

Ela aperta uma mão contra a outra e lembro-me da minha própria mania de fazer isso quando estou desconfortável.

Como eu gostaria de poder mudar tudo que aconteceu neste ano! Ao menos mudaria boa parte das coisas. A vida não é justa, mas ninguém disse que seria. E mesmo assim, me pego desejando que fosse. Que minha família estivesse inteira outra vez. Que tudo fosse como antes, mesmo com os defeitos de minha mãe e a presença silenciosa de meu pai.

Nada nunca será como antes, no entanto.

— Sei que seu pai já lhe contou sobre a mudança. Por mais que

estejamos um pouco distantes agora, gostaria muito que continuássemos morando juntas.

— Eu ainda não refleti sobre isso. Foi tudo tão rápido... – respondo.

— Leve o tempo que precisar. Só quero que saiba que eu a amo muito.

Meu coração se aperta. Outra vez, a saudade. Eu sei que a amo também, mas não quero admitir. Não agora.

— Nunca imaginei que você pudesse estar passando por tanta coisa... – mamãe confessa com os olhos cheios de culpa, remorso e tristeza.

— Como assim?

Não há oportunidade de continuarmos, pois uma pessoa da produção se adianta e me chama para aquecer. Isso parece tirar um peso das costas da minha mãe, que se aproxima e me abraça desajeitadamente.

— Está na hora – diz tentando sorrir.

Eu a abraço de volta e apoio meu rosto em seu ombro. Quero colocar para fora tantas coisas, mas me faltam palavras. Tento transmitir nesse abraço todos os meus sentimentos bons e esconder os ruins, por enquanto. Talvez meu pai esteja certo e o que aconteceu no casamento deles só diz respeito aos dois, por mais difícil que seja aceitar isso.

De fato, minha mãe nunca quis me magoar. Ela queria talvez

machucar papai, embora trair nunca seja uma atitude correta. Como ele mesmo expôs, no entanto, eu não sei o que aconteceu entre ambos como um casal e talvez eu nunca chegue a descobrir. Então, como posso formar um julgamento correto? Quem sou eu para julgar, em primeiro lugar? Tudo o que fiz até agora foi isso: rotular minha mãe de um jeito e tentar bani-la da minha vida. Não posso mais, não consigo. Eu preciso dela. Toda garota precisa de sua mãe. Tenho vontade de desabafar sobre minhas dúvidas e até mesmo ouvir seus conselhos sobre o que devo fazer em relação a quem escolher entre ela e papai, mas sei que não é uma boa ideia.

Mamãe não conseguirá ser imparcial nesse assunto, ela já se certificou de dizer que nos quer morando juntas. Então, ao me soltar de seu abraço, apenas falo:

— Irei pensar sobre tudo isso após o espetáculo, certo?

Ela assente.

— Se enxergar Rafael, não o deixe partir. - Após essa frase, a mãe de Rafael me dá um beijo no rosto e me deseja boa sorte mais uma vez.

Meu coração se despedaça um pouco ao vê-la partir porque algo dentro de mim ainda insiste em sentenciar que nada será como antes, e que ainda há muitas coisas que precisamos esclarecer. Desviando dessa reflexão, entro de novo no camarim e começo a meu alongamento.



Capítulo 42

Os bailarinos do coro se preparam para o Ato Um. Eu e Priscila aguardamos lado a lado. As bailarinas iniciam com arabesques e são erguidas no ar pelos seus pares. Minha respiração fica em suspenso por vários instantes durante o resto da apresentação, observando cada passo, cada giro, cada movimento milimetricamente calculado. A graciosidade delas misturadas à virilidade dos bailarinos provoca uma comoção na plateia que irrompe em aplausos ao final da dança. Meu coração se enche de felicidade e orgulho por ver que as pessoas gostaram da coreografia feita por mim e Rafael, o que me dá amplo espaço para me apresentar.

Subo ao palco e respiro fundo. Ao finalizar o Ato Dois, escuto mais aplausos e me encho de contentamento. A cortina se fecha para os bailarinos do coro descenderem do palco e, enfim, chegamos ao momento que tanto

esperei: eu e Priscila dançaremos juntas a última parte. Agora sim, o espetáculo começou para mim.

Ela me encara e não consigo decifrar seu olhar, entretanto não me importo. Hoje dançarei por mim e mais ninguém. Nada me abalará.

Fico na ponta dos pés e, em segundos, a melodia conhecida do violoncelista Yo-Yo Ma enche o ambiente. Com o olhar, procuro Rafael no meio da multidão e o encontro ao lado da primeira fileira, em pé junto a outras pessoas, sorrindo para mim diante do auditório lotado. Seu sorriso me enche de confiança e me sinto segura para mostrar a todos a minha recuperação. Quero provar que não sou a mesma bailarina de antes, sou melhor.

Priscila inicia seu solo, deslizando pelo palco com a atenção cravada em mim. Seus gestos são duros e incertos. Ela não está em seu melhor momento. Parece incomodada.

Minha vez chega e deslizo pelo palco com um braço livre, desenhando as curvas delicadas coreografadas pela professora Marina. Entretanto, ao vislumbrar Rafael outra vez, é como se meu corpo criasse vida própria e, quando dou por mim, inicio uma coreografia completamente diferente que pulsa em minha memória. Tenho novos *flashes* de mim e Rafael na noite do acidente. Ele me ensinava os passos, mas as imagens passam tão,

tão rápido que não consigo vislumbrá-las.

Deslizo pelo palco, dou piruetas e *pliès*, faço arabesques em completa sintonia com a música. Meus braços estão em perfeito alinhamento e meu corpo flui através do som do violoncelo. Tenho certeza de que nunca, em todas as minhas apresentações, dancei tão bem.

A música toca uma nota mais longa e me preparo para o grande final. Não consigo compreender como meu corpo conhece essa sequência rápida de giros, mas estou certa que veio do meu coração. Os aplausos chegam até mim quando percebo que estou de olhos fechados. Abro-os. Quem está sentado levanta de sua cadeira. Todos continuam aplaudindo por muito tempo depois de as cortinas se fecharem.

Agradeço os beijos e abraços de Giselle, Natália e Cristina. Depois me desvencilho para trocar de roupa e retirar a maquiagem do espetáculo. Quero encontrar Rafael logo.

Priscila me observa outra vez e, quando estou prestes a seguir para os camarins, segura meu braço. Fico desconfortável. Relembro o episódio de poucas horas atrás, seus olhos ainda estão marejados, mas ela consegue disfarçar bem.

— Você foi ótima, Aline! – ela elogia, se adiantando.

Quero ser rude. Fazê-la sentir na pele o que enfrentei ao longo do

ano com as suas maldades. Por outro lado, essa não sou eu.

— Você dançou muito bem, Priscila – retribuo contida. – Parabéns.

É o máximo que consigo dizer.

— Ainda bem que meu solo foi o primeiro. – Ela sorri sem jeito. – Acho que ninguém prestaria atenção em mais nada depois da apresentação que você fez.

O seu reconhecimento me causa estranhamento, tão distante do comportamento habitual. Será que é o clima de final de mais uma etapa que está fazendo isso com ela? Balanço a cabeça, sem entender.

— De onde você tirou aquela coreografia? – ela pergunta.

Paro um minuto para pensar, mas não sei a resposta.

— Não tenho certeza...

Sinto outra pontada em minhas têmporas, mas ignoro.

— Bom, não importa. Estava linda! – ela diz, ainda sorrindo. – Você é uma ótima bailarina e só me provou o quanto é profissional não se rendendo aos meus comentários ao longo deste ano. Você não merecia ser tratada do jeito que tratei.

Seu semblante fica sério. E eu também fico. Sua admissão é mais do que eu esperava. Era o que eu precisava para ter um fechamento de todo esse

terror psicológico que passei.

— Não, eu não merecia – respondo contida.

— Tudo o que fiz foi por puro ciúme... Eu não superei perder Rafael.
– Suas lágrimas estão prestes a despencar, seus olhos parecem um abismo sem fim. – Ainda mais pelo jeito como tudo aconteceu depois.

Não entendo o que ela quer dizer, e isso me deixa irritada. Não, mais que isso, me deixa triste. Quero saber por que suas palavras me afetam.

Sinto uma mão pousar em meu ombro e, quando me volto para trás, Gabriela está à minha espera com um sorriso no rosto. Não posso mais me estender nessa conversa, assim como Priscila tem a mesma convicção.

— Bom, não importa mais o que aconteceu – Priscila se adianta. – Agora sei disso. Só queria pedir desculpas e recomeçar. Você aceita?

Com tudo o que vem acontecendo comigo, com a minha família, não preciso de mais uma inimiga. Chega dessas intrigas de criança. Tenho coisas mais importantes a resolver e parece bobagem me prender a tudo que houve ao longo das aulas. Por mais que tenha doído, talvez seja melhor esquecer.

— Olha, Priscila, não entendo metade das coisas que você me fez e, sinceramente, é muito difícil esquecer tudo – respondo cautelosa. – Mas perdoo você. Não acho que possamos recomeçar, é tarde demais. A amizade não é mais uma opção para nós, não depois de tudo o que fez.

Priscila assente em silêncio.

— Acho que é hora de cada uma seguir o seu caminho – complemento.

Ela faz o que digo e vai embora. Gabriela pula em meu pescoço distribuindo felicidade. Sua prótese adesivada engancha em meu quadril e quase desabamos. Ela sorri e aperta ainda mais o abraço. Não tenho certeza de como Gabi chegou aos bastidores, se nem mesmo meus pais conseguiram, mas não duvido de nada quando se trata dela.

— Você foi maravilhosa! – grita assim que me solta. – Nunca fui muito fã de balé, mas essa noite mudou minha opinião. Sério mesmo!

Nem tenho palavras para agradecer a sua presença. Talvez percebendo isso, ela continua:

— Foi um show de superação, amiga. Estou orgulhosa de você. – Sua voz sai lacrimosa, o que quase me dá vontade de chorar também. – Onde está Rafael?

— É o que estou tentando descobrir...

Só então percebo que há alguém próximo a ela: Guto. Sorrio de forma discreta para minha amiga e opto por deixar nosso papo para mais tarde. Ela, por sua vez, mostra a língua para mim e dá um beijo no rosto de Guto.

— Deixarei você achar o gato. Vou lá atacar os salgadinhos e nos falamos depois! — Ela me abraça mais uma vez e desaparece no meio da multidão.

Vejo Priscila ao longe com suas amigas e só então consigo refletir sobre o que acabou de acontecer. Na realidade, ainda não entendi direito sua mudança brusca de comportamento, mas enfim me sinto livre para respirar — e dançar — em paz. Talvez ela não seja uma má pessoa e, em sua mente, os motivos para tanta maldade fizessem sentido. Acho que ela foi sincera ao dizer que gostaria que fôssemos amigas. A questão é que não consigo mais fazer o que os outros esperam de mim. Preciso tomar minhas próprias decisões sem machucar as pessoas que amo ou colocar as preocupações acima do que realmente importa. E essa é uma das minhas primeiras decisões: quero longe de mim qualquer coisa ou qualquer pessoa que tenha me feito mal. E o contrário também é verdadeiro: quero quem me faz feliz ao meu lado. Quero Rafael.

Desejo encontrá-lo, saber o que achou da coreografia. Quero falar sobre a conversa com meus pais, com Priscila. Quero ouvir outra vez que *ele me ama*. Preciso de sua presença. Ele é meu porto seguro. Meu apoio. Quando tudo está caindo aos pedaços, sei *agora* que posso contar com ele. Rafael não vai mais fugir de mim. E meu corpo arde em antecipação pelo nosso encontro.

As pessoas começam a se deslocar para o singelo coquetel de encerramento do espetáculo quando escuto alguém chamar o meu nome.

— Aline, aí está! – a professora Marina exclama. – Procurei por você nos camarins...

— Desculpe, professora. Sei que eu não tinha o direito de mudar a coreografia, mas...

— Não, você não tinha – ela responde séria –, mas nunca a vi tão feliz. Estava linda!

Ela me abraça e eu me sinto ainda mais feliz. Logo me avisa que preciso retirar o figurino, se quiser realmente sair dos bastidores. Minha ansiedade em encontrar Rafael apenas cresce.

Para onde ele foi? Sei que assisti ao espetáculo, seu olhar atento me deu a força e energia que precisava para a minha performance, mas sua ausência começa a me deixar insegura.

Suspiro e observo ao meu redor. As pessoas estão sorrindo, gargalhando, conversando e parabenizando umas às outras. Há quem se despede, porque concluiu sua formação na Academia. E há quem pede recomendações para melhorar sua técnica no palco. A cena que encontro agora me enche de esperança e me faz crer que estou construindo o lugar ao qual pertença.

Quer saber?

Posso lidar com o desaparecimento de Rafael mais tarde. Agora devo desfrutar desse momento de conquista.



Capítulo 43

Depois de trocar de roupa e retirar a maquiagem do espetáculo, começo a atravessar o gramado do pátio central para chegar ao banco onde Rafael costuma se sentar. Meu coração está ansioso. Ao mesmo tempo que explode de alegria também tenta esconder certa tristeza. É um misto de emoções que eu não estou sabendo como lidar. No canto extremo do pátio, encontro meus pais, deslocados, perto da mesa de doces. Mamãe abraça o próprio corpo enquanto papai observa o movimento das pessoas por entre o pátio central. Dois estranhos. Mordo os lábios, indecisa. O que mais desejo nesse momento é encontrar Rafael. Minha família, entretanto, precisa de mim.

Respiro fundo e dou meia-volta até meus pais, que me recebem com sorrisos largos.

— Filha, você estava maravilhosa! – Mamãe me abraça apertado.

— Estou orgulhoso! – Papai coloca a mão em meu ombro.

Neste momento, chego a pensar que somos uma família de novo. Sem querer parecer indelicada, converso por alguns instantes com eles sobre o espetáculo e como mudei a coreografia no último momento. Também pergunto o que acharam do primeiro ato. Sem mais aguentar, aviso:

— Preciso procurar Rafael. Ele disse que viria e não consigo encontrá-lo.

Meus pais se entreolham.

— Aline, nós precisamos conversar sobre isso – papai responde, sua expressão é de pura tensão.

Suspiro alto, agoniada.

— Eu já sei o que vocês vão dizer.

A expressão deles passa de surpresa para pesar, não entendo o motivo.

— Acho que você não sabe, filha – diz mamãe aflita.

— Mãe, sei que você não aprova o nosso namoro, só não entendo o porquê! Quero dizer, deve ser esquisito depois do seu envolvimento com o pai dele. E peço desculpas se nosso namoro magoa você, pai – acrescento erguendo o rosto –, mas eu amo Rafael e não posso perdê-lo.

— Filha, esse não é o problema – ele interpõe, angustiado. Sua expressão é compassiva. – Por favor, vamos nos sentar em algum lugar e conversar.

— Pai, não adianta negar. Entendo que é uma situação difícil, mas acredite em mim quando digo que não posso evitar. Eu o amo! – Minha mãe espreme os lábios e meu pai passa a mão na cabeça de forma estranha. – O que eu mais gostaria é que tudo fosse como antes. Infelizmente, no fundo, eu sei que já passamos desse ponto há muito tempo. Se o fato de não namorar com Rafael fizesse vocês ficarem juntos, eu esqueceria. Eu juro! Mas já sou grandinha para saber que não é o caso.

— Aline, escute seu pai. – Mamãe aperta minhas mãos com força, está desesperada. – Precisamos muito conversar com você e não pode passar de hoje, mas este não é o local mais apropriado para isso... – Ela olha para os lados, incomodada.

— Hoje não é um dia apropriado para nenhum tipo de conversa séria, mãe – bufo contrariada. – Sinceramente, já achei desnecessário deixarem para me contar sobre o divórcio pouco antes do meu espetáculo...

Sei que estou sendo infantil, afinal, nunca há um momento certo para uma notícia dessas. Tudo o que quero agora, no entanto, é encontrar Rafael e, de certo modo, a aprovação dos meus pais conta muito para mim.

— Você já não está mais desestabilizada como antes e aguentou a notícia com maturidade – meu pai retruca, o que não é de seu feitio.

Minha mãe o olha de soslaio, e ele dá de ombros agoniado.

— Eu *tive* que aguentar, né? – resmungo.

Ela comprime o rosto em uma expressão de súbita vergonha ao passo que papai parece cada vez mais abalado. E não consigo entender por que meu namoro com Rafael faz tão mal a eles. Será que estou sendo egoísta com papai por querer ficar com o filho do sujeito que acabou com seu casamento?

Balanço a cabeça. Preciso saber o que Rafael quer me contar. Continuo à sua procura por entre os rostos conhecidos, apesar de me manter junto aos meus pais.

E se ele fugiu depois do espetáculo? Eu não quero acreditar que Rafael tenha desaparecido em um dos momentos mais importantes da minha vida, mas um universo de questionamentos se mistura em minha mente. Por mais que eu deseje entender toda essa história sem sentido que se tornou minha relação com Rafael, meus pais e todas as outras pessoas em minha vida, começo a pensar que seu sumiço tem a ver com a promessa que ele me fez de me contar tudo esta noite. Além disso, as palavras de papai só me deixam mais confusa. Se a traição da minha mãe não é o problema, que outro

motivo ele teria para não aprovar nosso namoro?

Respiro fundo em agonia. Não posso acreditar como tantas coisas aconteceram em tão poucas horas, e justo no dia do meu espetáculo. Sei que pode parecer egoísmo – e talvez até seja –, mas só queria que hoje fosse perfeito. Agora meus pais vão se divorciar, não aprovam meu namoro e Rafael, por sua vez, não está aqui para me confortar.

Mordo os lábios e, antes que qualquer outro mísero músculo se contraia, Liliana, a mãe de Rafael, aparece com os olhos marejados e sorrindo para mim.

*

Antes que eu possa cumprimentá-la, Liliana me abraça forte. Compactuo com o gesto. Há muito tempo não a vejo. Nesse instante, me bate uma saudade das vezes que sentávamos na varanda de sua casa conversando sobre a novela e outras frivolidades. Fico ainda mais ansiosa ao pensar que, se ela está aqui, Rafael também deve estar.

Ela sorri de maneira simpática para papai, que retribui. Em seguida olha para mamãe com uma expressão fria. Apesar de ter se separado de Fabiano há anos, entendo que não deve ser nada interessante jogar conversa

fora com a amante do seu ex-marido.

— É tão bom ver a senhora de novo! – digo feliz.

— A apresentação foi belíssima, querida – ela responde, ainda abraçada a mim. – Rafael, com certeza, ficou muito orgulhoso. Desculpe por não aparecer antes, mas depois do que aconteceu precisei de um tempo longe.

Suponho que se refira à minha mãe e ao seu ex-marido, Fabiano, então decido não tocar no assunto.

— A senhora sabe para onde Rafael foi? Estou procurando por ele desde que o espetáculo terminou!

Minha mãe se adianta até Liliana, que a encara com uma expressão fechada. Assim que mamãe acena com a cabeça, contudo, uma manifestação de compreensão perpassa o rosto de Liliana apenas por alguns segundos, antes de ela retomar o sorriso. Fico intrigada.

Meu pai se apoia de uma perna para a outra, incomodado.

— Liliana, sei que você e Aline têm muito papo para colocar em dia – ele parece sem jeito –, mas estávamos conversando em particular quando você chegou. É um assunto delicado...

Liliana franze o cenho, confusa.

— Desculpe não poder dizer mais agora... – acrescenta envergonhado. – Não podemos esperar mais para conversar com Aline.

— Claro! – ela responde, ainda sem entender. – Eu vou dar privacidade para vocês.

Não gosto do que está acontecendo. O que papai quer dizer com isso?

Liliana me dá um beijo no rosto e se afasta. Não acredito que meu pai armou essa cena na frente da minha futura... *provável sogra*. O pensamento me faz sorrir mesmo em meio ao caos. Sei que estou fantasiando, mas não consigo deixar de lembrar a declaração de Rafael.

— Pai, que falta de educação! – recrimino. – A mãe de Rafael mal conversou com a gente! Sei que o nosso namoro não é o melhor dos mundos, mas...

— Filha, seu pai não quis ser indelicado com Liliana, mas precisamos te contar algo muito sério. – Os lábios da minha mãe tremem, ela parece prestes a chorar.

— Meu Deus, mãe! – digo nervosa. – O que é que está havendo? Vocês estão me deixando assustada!

Sinto uma pontada. A dor de cabeça me atinge com força e fico desorientada por alguns instantes.

— É sobre o acidente, Aline – começa meu pai devagar, como se estivesse com receio de alguma coisa. – Você se lembra dessa noite?

— Claro que eu lembro – respondo de forma automática.

Entretanto sou outra vez acometida pelos flashes que tive antes da apresentação. Vislumbres do rosto de Rafael, de minha mãe e do pai dele, das minhas mãos segurando o volante.

Balanço a cabeça tentando raciocinar em meio à enxaqueca que retornou. Rafael estava dirigindo naquela noite, não eu. Então por que não consigo tirar essa imagem da minha mente? Será que é isso o que Rafael deseja me contar? Não me lembro exatamente do que aconteceu.

Agora, mais do que nunca, quero encontrá-lo e dizer que não me importo com o desenrolar dos fatos daquele dia. Depois do espetáculo de hoje, estou confiante de que conseguirei uma bolsa e poderemos ficar juntos, meus pais querendo ou não. Além disso, o que foi toda a troca de olhares entre mamãe e dona Liliana? A mãe de Rafael nunca impediria o nosso namoro, ela sempre disse que preferia a mim quando o via com Priscila.

A chuva forte daquela noite.

Uma mensagem no celular.

Meu pé pisando fundo no acelerador.

Minha cabeça dói. Travo a mandíbula tentando conter o latejo em minhas têmporas. Os *flashes* vêm cada vez mais fortes e não aguento mais toda essa aura de mistério à minha volta.

Quero acabar com essa tortura. Abro as pálpebras lentamente e, enfim, vejo Rafael sorrindo para mim. Parado, com as mãos nos bolsos, em meio às pessoas. Sorrio de volta, feliz. Meu desejo de estreitá-lo em meus braços se agiganta e quase grito o nome dele.

Entretanto, sem que eu possa fazer qualquer coisa, sinto a pontada em minhas têmporas ainda mais forte e pressinto que vou desmaiar. São apenas alguns segundos até meus joelhos dobrarem e constatar que estou caindo. Rápido, meu pai me segura e impede que eu bata minha cabeça no chão.

Antes de perder a consciência, eu me lembro de tudo.



Capítulo 44

Ainda não são nem oito da noite, mas minhas pálpebras pesam como se estivessem cheias de areia. Acabei de colocar os pés para fora do restaurante onde comi o melhor café colonial do universo e já estou arrependida: não deveria ter exagerado. Demoraremos algum tempo até chegarmos a casa, mas não quero cair no sono em nosso “primeiro encontro”. Rafael olha para mim e sorri, jogando as chaves para eu dirigir. Ele bebeu um pouco e prefere que eu dirija sempre que isso acontece. Fico feliz por ele ser tão responsável.

Rafael espera com as mãos no bolso da calça jeans rasgada enquanto destranco as portas com o controle. paro um minuto para pensar em como sempre acho engraçado vê-lo fora das roupas de balé, é provável que ele pense o mesmo de mim. Sorrio de volta e aproveito para observar as expressões suaves de seu rosto. Sinto-me confiante esta noite para, enfim,

fazer o que sempre quis: declarar meus sentimentos por ele. Talvez seja pelo fato de que entraremos para o terceiro e último ano da Academia de Dança Marina Ribeiro, ou por estar muito decidida, mas hoje, de maneira especial, tenho vontade de gritar para o mundo inteiro o quanto estou feliz e apaixonada. Sim, eu estou apaixonada por meu amigo Rafael Carvalho.

Eu abro a porta do carro e me ajeito sobre o assento. Enquanto ele se acomoda, giro a chave na ignição e me perco outra vez em seu rosto. Gosto da maneira como seus cabelos castanhos, volta e meia, cobrem seus olhos castanhos. Eu também gosto de como se formam covinhas suaves quando ele sorri para mim. Rafael sempre foi o meu melhor e único amigo. Tento, mas não consigo puxar na memória o dia em que seus pequenos gestos passaram a fazer meu coração palpitar e minhas mãos suarem, mas é o que acontece agora.

O carro acelera e sinto um solavanco. Dou uma risadinha e peço desculpas. Esqueci-me de desengatar o freio de mão. Gosto de pensar que ele está nervoso também, pois faz com que eu me sinta mais confortável. Eu contorno o estacionamento e meus olhos ficam ligeiramente mais atentos, afinal, estamos entrando na BR 101, Km 25.

Estamos há uns quinze minutos na estrada e sou ao pensar no melhor momento para “jogar a bomba”. Antes que eu possa dizer alguma coisa, no entanto, Rafael suspira nervoso e exclama:

— Não acredito nisso!

Escuto um apito insistente que parece vir do painel do carro e vejo que estamos quase sem gasolina.

— Não tem problema, Aline – ele diz. – Vi a placa de um posto há uns dois minutos daqui. Dá tempo de chegar, não dá?

Eu aceno com a cabeça e dirijo em silêncio, preocupada. Acho que isso deve ser um mal de bailarino: somos todos perfeccionistas e não admitimos erros de percurso.

Ao chegar ao posto e pedir ao frentista para encher o tanque, nos tranquilizamos outra vez. Ele encontra meus olhos castanhos ao confessar:

— Adorei a noite de hoje, Line.

Prefiro ser chamada de Aline, mas ouvir Rafael me chamar dessa forma me faz sentir especial.

— Eu também, Rafael. Sabe, eu queria te dizer uma coisa...

Contorço minhas mãos uma na outra, nervosa. Sempre faço isso quando não encontro as palavras certas. Repassei tanto esse momento na minha cabeça e agora parece que não consigo desembuchar. Engasgo e engulo o que parece ser uma bola que se formou na minha garganta para, então, como que possuída, falar de uma só vez:

— Eu te amo.

Rafael vira o rosto e me observa de maneira sutil. Somos interrompidos quando a bomba de gasolina apita avisando que o tanque está completo e o frentista pergunta pela forma de pagamento. Rafael resolve rapidamente os trâmites e fecho os vidros para recuperar o silêncio do carro. Ele me olha e acho que dirá o mesmo, mas então a música tema do filme “Jaws” substitui suas palavras indicando que recebeu uma mensagem.

Ao lê-la, Rafael fica transtornado. Seus olhos se espremem e sua respiração se torna agitada. Fico preocupada e coloco a mão em cima da sua.

— O que aconteceu? – questiono, mas o vejo apenas balançar a cabeça.

Fico preocupada e, quando está prestes a guardar o telefone no bolso, sou mais rápida. Roubo o aparelho da mão dele. Sei que não deveria fazer isso, mas tenho um mau pressentimento.

— Aline, é melhor você não olhar... – ele pede com a voz estrangulada.

Quando abro a mensagem, mordo os lábios com raiva. A remetente é Priscila, sua ex-namorada e nossa colega na Academia.

Eu me preparo para uma mensagem irritante com o pretexto de ser sobre balé, mas, quando acesso o conteúdo, percebo que não poderia estar mais enganada e me arrependo imediatamente. É a foto de uma mulher e um

homem aos beijos. Não teria problema algum, se o casal protagonista não fosse...

Minha mãe e o pai de Rafael.

Levanto meu olhar, sua expressão é muito similar à minha: de puro horror! Rafael toca meu ombro, mas me desvencilho.

Piso fundo no acelerador. Não consigo acreditar no que está acontecendo. Como minha mãe pôde fazer uma coisa dessas? Será que conto para meu pai? Só fico um pouco mais aliviada por Rafael saber tanto quanto eu, ou seja, *nada*.

Tenho vontade de chorar quando, ao clima melancólico, soma-se o som de gotas de chuva batendo contra o para-brisa. No início eram tímidas, depois se tornarem mais fortes e formaram um temporal. As árvores balançavam forte por causa das rajadas de vento. Poderíamos ter um final de noite mais desastroso do que esse?

— Aline, desacelera, por favor... — Sua voz sai em um chiado, ele está nervoso.

Não respondo. Estou com muita raiva.

— Troca de lugar comigo, Aline!

Rafael nunca grita com ninguém, mas está gritando comigo. Eu não quero escutar.

Balanço a cabeça com força. Quero fazer as imagens sumirem da minha mente e acelero ainda mais o carro, depositando toda a minha raiva no pedal. Diversos pensamentos me atingem, mas um é insistente: como Rafael e eu poderemos iniciar qualquer tipo de relacionamento agora? Meu mundo virou de cabeça para baixo.

De repente, observo os carros cada vez mais turvos à minha frente, mas minha irritação é tão grande que não consigo diminuir o ritmo. Suspiro e as lágrimas embaçam minha visão. Tiro a mão direita para limpar meus olhos, impaciente, e então Rafael me encara.

— Line, por favor, vamos conversar sobre isso. Acharemos uma solução. Apenas pare o carro!

É um pequeno gesto despretensioso, como tudo em Rafael, mas bastou para me fazer esquecer dos problemas e sorrir tristemente. Ele está certo. Estou agindo feito louca. Esse milésimo de segundo também foi o bastante para eu me descuidar da estrada e não perceber um Renault fazer uma ultrapassagem perfeita. A imperfeita sou eu, que acelero ao invés de reduzir.

É tudo tão rápido que não há tempo para pensar. No acostamento há pedaços caídos de tronco devido às fortes rajadas de vento, a única opção é desviar para a pista da esquerda. Então giro o volante com força para essa

direção, sem me dar conta de que também há outros troncos nesse caminho. O carro aquaplanea enquanto piso no freio tentando ao máximo evitar a colisão.

Ouçoo o baque da madeira na roda dianteira esquerda. De forma inevitável, a direção do carro sai do meu controle. O volante passa a ter vida própria e chego a torcer o punho com a reação dele à minha tentativa desesperada de guiar o carro. O tronco é maior do que eu supunha, e não há muito a ser feito. Antes mesmo que eu pense em qualquer coisa, meus cabelos chicoteiam para o lado. O carro está girando.

O impacto é forte. Bato com força minha cabeça contra a janela e ricocheteio o pescoço. Percebo uma dor lancinante no crânio e o resto do meu corpo parece adormecido. Ouço sons de vidro se estilhaçando e a última coisa que posso ver é a cabeça de Rafael batendo contra o *airbag* em um estrépito seco, de lado, seu olhar continua sobre mim. Ao fundo ainda escuto o piano, melancólico, como se lamentasse por nós.

— Line, eu... — Rafael não completa a frase enquanto suas pálpebras vão se fechando, devagar.

A última imagem que lembro é de Rafael respirando com dificuldade. Antes que eu possa lhe responder qualquer coisa, minha vista vai escurecendo.

E então, eu acordo.



Capítulo 45

Sinto-me um pouco zozza e desorientada quando acordo, mas logo constato que estou em meu quarto. Minha mente tem fragmentos de memória que me explicam como cheguei até aqui. Lembro de papai segurando minha cabeça e evitando a colisão com o chão. Também me recordo do rosto pálido de minha mãe na cabeceira da minha cama, onde ela se encontra agora cochilando.

Permaneço deitada e fecho os olhos outra vez, rezando para que não seja verdade, mas a realidade me atinge em cheio: Rafael está morto! Isso não é o pior nem o mais doloroso. O que me parte ao meio e contrai meu estômago é saber que *eu sou a culpada*. Eu amo Rafael com toda a minha alma e, mesmo assim, fui responsável pela morte dele.

Levanto-me devagar e me recosto contra a cabeceira da cama. Com o ranger da madeira, mamãe acorda. Seu rosto está cansado, as olheiras

denunciam que ela deve ter pegado no sono há pouco. Quanto tempo fiquei inconsciente?

Quando estou prestes a me levantar, mamãe me impede e repousa as mãos sobre a minha.

— Aline, você recém acordou, não se levante agora. – Ela sorri fracamente. – Quer alguma coisa para comer?

Não consigo proferir uma palavra. Seus olhos estão apreensivos. Minha voz sumiu. A dor me dilacera por dentro. Não posso acreditar. Não *quero* acreditar. E talvez por isso mesmo passei o ano inteiro vivendo uma ilusão. Como Rafael pode não estar mais aqui? Como eu estou quando ele *nunca mais* virá ao meu encontro?

Lágrimas rolam e não consigo contê-las. Quero derramá-las até que a dor tenha se exaurido do meu corpo, mas isso não é possível. Nunca será. Rafael é o grande amor da minha vida. E eu o perdi.

— Acho melhor chamar o seu pai... – ela diz mais para si mesma do que para mim.

Mais uma vez, as imagens se passam pela minha mente. E são como pontadas em meu estômago que me deixam enjoada.

— Mãe, eu me lembrei de tudo – consigo, enfim, dizer.

Seus lábios se abrem, mas ela logo se recompõe. Parece pensar na

melhor maneira de iniciar essa conversa. Não há um jeito fácil, quero lhe dizer. Muito pelo contrário, prevejo que esse será um dos diálogos mais difíceis da minha vida.

— Foi você quem simulou o recado dele no hospital – defino.

— Sim.

— Por que fez isso? Por que quis que eu acreditasse que Rafael estava vivo? E pior, que ele não queria ficar comigo? – questiono ao refrear as lágrimas.

Preciso compreender tudo antes de desabar de uma vez.

— Os médicos falaram que você estava muito debilitada, filha. Que talvez pudesse demorar para acordar... – Ela remexe as mãos, nervosa. – E quando você voltou a si, parecia não se lembrar de nada do que aconteceu. Achei que seria melhor não a traumatizar tão de repente.

— Por que continuar com a farsa quando eu melhorei? – grito desesperada.

— Eu não sabia que estava “continuando com a farsa”, filha – ela responde penalizada. – Você tem que entender isso, por favor. Eu pensei que você já tivesse se lembrado e não quisesse falar sobre o assunto. Pelas coisas que você dizia e...

— Você devia ter conversado comigo! – grito aos prantos agora. –

Estava tão focada na minha carreira, em me fazer voltar a dançar, que não se preocupou com meu emocional. Estou há quase um ano falando com um Rafael que não existe! Eu estou *louca*!

— Você não está louca, querida. — Ela se aproxima, mas me esquivo.
— Os médicos explicaram que esse tipo de alteração é normal. Você estava com estresse pós-traumático que acabou evoluindo para um estado de ilusões... — Ela faz uma pausa e respira fundo, angustiada. — Mas podemos tratar isso! Sinto muito por não termos percebido antes e te poupado de todo esse sofrimento... Nós iremos resolver, te prometo!

Minha mãe está à beira das lágrimas.

— Por favor, não se atreva a chorar agora! — exclamo. — Você não tem esse direito!

Sua expressão é de confusão. E só então me dou conta de que ela não me viu naquela noite, então não tem o conhecimento de que Rafael e eu descobrimos seu encontro com o pai dele. Ela não sabe de toda a sucessão de acontecimentos depois disso.

— Eu e Rafael recebemos uma foto no dia do acidente. Priscila foi quem enviou, querendo acabar com o nosso relacionamento muito antes de começar. Aparentemente, ela conseguiu. Agora eu entendo o motivo de ela sentir tanta raiva de mim e o seu pedido de desculpas depois do espetáculo...

— Que foto era essa? – mamãe indaga.

— Uma foto de você e Fabiano se beijando.

Ela cobre o rosto com as mãos, em puro horror e vergonha.

— Você deve imaginar como fiquei depois de ver essa foto, como Rafael ficou... A culpa foi minha. Transtornada, comecei a dirigir de forma imprudente na chuva. Ele pediu para eu parar diversas vezes, mas não ouvi... A culpa foi toda minha! – digo, por fim, desesperada.

Minha mãe me abraça forte e repousa minha cabeça em seu peito. Eu permito.

— Foi um acidente, Aline. Uma tragédia. Não foi culpa de ninguém. Você não deve carregar esse peso, Rafael não gostaria disso.

— Não posso acreditar que ontem conversei com Liliana como se nada tivesse acontecido... Ela deve me odiar!

— Ela não te odeia, filha.

— Como você sabe?

— Porque ela passou aqui quando você estava dormindo e expliquei o que estava acontecendo. Liliana foi muito compreensiva. Não quer que você se culpe pelo acontecido, foi um acidente. Ela também disse que voltará para visitar você com mais calma. E vocês duas poderão conversar melhor.

— Não foi um acidente, foi minha culpa. Eu provoquei tudo.

Minha mãe fica em silêncio e me contorço.

— E o motorista do outro carro? – pergunto.

— Decidiu não prestar queixa devido aos acontecimentos trágicos entre vocês...

Assinto com a cabeça, aliviada por saber que não machuquei ou matei outra pessoa. Talvez seja melhor eu não pressionar ainda mais minha mãe. Já sei mais do que eu gostaria e, por saber demais, toda essa história aconteceu.

A explosão de emoções é o bastante para mim. Quero juntar todas as peças desse quebra-cabeça horroroso que é a minha vida, mas não consigo. Ainda dói muito. Só a certeza de que Rafael está morto já me faz perder a vontade de prosseguir. Acho que nunca mais conseguirei respirar. Não posso viver em um mundo onde Rafael não existe.

Passo a mão pelo rosto, exasperada.

— Eu estava vivendo uma mentira.

— Sinto muito por não ter contado antes, por não ter te procurado para conversar. Era meu dever como mãe, e eu falhei.

— Há quanto tempo vocês sabem de tudo?

— Desde que Priscila nos visitou aquele dia.

— Priscila?

— Sim, ela foi a primeira a desconfiar e apareceu chorando. Agora entendo o motivo, ela própria deve se sentir responsável por tudo que aconteceu. A decisão de não contar a você antes do seu espetáculo foi unânime, não queríamos prejudicar o que conquistou este ano.

Concordo com minha mãe nesse ponto. Pelo menos ainda tenho a chance de conseguir uma bolsa, apesar de agora não saber se quero isso. O motivo da minha escolha era Rafael e agora...

— Talvez fosse bom você conversar com Priscila.

— Quem sabe um dia... Agora não conseguirei nem a encarar.

Mamãe comprime os lábios em concordância.

Não acredito que a perdoei. Eu acreditei que a estava perdoando por uma rixa boba de escola, mas era *muito* mais. Meu primeiro impulso é culpar Priscila. O que ela fez foi... Não, não está certo. Não posso me eximir da responsabilidade. *Eu* provoquei o acidente. Minhas escolhas levaram Rafael à morte.

Claro, é impossível não pensar que tudo seria diferente se Priscila não fosse tão maldosa e focada em me afastar de Rafael. Assim como ela me culpou durante um ano inteiro, eu ainda vou culpá-la por muito tempo. Por

que expor nossos pais dessa maneira? Por que mandar uma mensagem como aquela? Poderia ter sido em qualquer momento, *menos* naquele.

— Você precisa conversar com seu pai. — Sua expressão é cautelosa.
— Deve contar o que aconteceu, ele tem o direito de saber.

— Eu sei, vou contar — digo entredentes. A emoção é forte demais, a raiva em meu peito queima. — Só preciso de um tempo.

Ela me olha por alguns instantes, parecendo em conflito entre dizer ou não o que se passa em sua cabeça.

— Você já decidiu o que irá fazer agora? — pergunta finalmente.

Entendo o que está falando. Ela deseja saber se pretendo me mudar com papai. Não estava nem pensando nisso.

Relembro os fatos e minha vontade é me enfiar debaixo das cobertas até essa história toda passar, o que não vai ocorrer. A mensagem de Priscila, o caso da minha mãe com o pai de Rafael, as expressões estranhas das meninas quando mencionei o nome dele durante o incêndio, o pedido de perdão de Priscila sobre a foto... Tudo se encaixa agora. Durante todo esse ano, as pessoas achavam que eu estava me recuperando quando, na verdade, eu nem sabia que existia algo mais importante do que superar minhas limitações físicas.

Relembro de todas as conversas com Rafael ao longo desse tempo.

Tenho vontade de gritar até meus pulmões não terem mais ar para expelir.

Como isso pôde acontecer? Como eu deixei isso acontecer?

A realidade de que foi tudo mentira, fruto da minha imaginação, me corrói por dentro. Vivi um grande amor, mas apenas de maneira ilusória. Todos os abraços, os beijos e até mesmos as brigas! As longas conversas e os conselhos... Nada disso foi real, eu apenas não queria aceitar o fato de que perdi meu parceiro de dança, meu melhor amigo, meu primeiro e único amor.

Passo e repasso as cenas daquela noite em minha mente. Minha garganta se contrai e meus olhos começam a arder. As íris castanhas de Rafael inundam meus pensamentos, é como se eu pudesse ouvir sua voz completando o que quase me disse antes de desfalecer: “Line, eu... *também te amo*”. Como ele poderia me amar depois do que fiz? Pior, como eu posso conviver comigo mesma depois do que fiz?

A verdade é que Rafael não me amou depois daquela noite, pois já não existia mais. Recordo-me do filete de sangue escorrendo atrás de sua cabeça e de seus olhos a se fecharem de maneira suave. *Rafael*.

A esperança se esvai e entendo que não há mais volta. Estou sozinha. Preciso tomar decisões, refazer minha vida... e tudo parece tão desgastante, sem sentido.

Reflito sobre a pergunta de dona Isabel, mas me encontro dividida.

Devo esperar o resultado da bolsa, permanecer com mamãe e seguir minha vida ou ir com papai para uma nova cidade, ao encontro de novas oportunidades, longe de tudo o que me é familiar?

Metade de mim deseja permanecer onde Rafael sempre será lembrado, a outra quer ir embora pelo mesmo motivo. Não culpo mamãe, mas o que fez sempre será parte do que aconteceu, sempre a verei em seu envolvimento indireto... Além disso, Priscila continuará na Academia e não quero vê-la. Todo o resto me verá como a menina que enlouqueceu durante um ano, que teve um namorado fantasma. A única pessoa de quem realmente sentirei falta será Gabriela, que nunca poderia imaginar minhas alucinações e foi uma excelente amiga.

Não aguento mais. Todas as intrigas, mentiras, ilusões, meias verdades... Preciso respirar, preciso de um lugar novo onde não precise ver pessoas que foram coadjuvantes na pior noite da minha vida. Pessoas que tiveram uma parcela de culpa na morte do meu grande amor.

E a maior culpada de todas sou eu. Fui eu quem pegou o volante. Eu acelerei quando não deveria. Eu *matei* Rafael. Acidentes acontecem, mas esse poderia ter sido evitado.

Sem conseguir segurar, eu choro ainda mais. Choro pelo que não viveremos juntos, por todas as conversas que não teremos, pelo amor que não

pudemos viver.

— Irei com papai – respondo com a voz estrangulada. Não consigo decidir mais nada depois disso.

— Você tem certeza? – mamãe questiona, ansiosa.

— Não consigo viver aqui, mãe. Não tem nada a ver com você – minto, pois ainda tenho o instinto de preservá-la. – Não posso lidar com todas as lembranças agora. Preciso ficar longe de tudo isso, preciso me recuperar em um lugar novo... Vocês todos tiveram um ano para aceitar a morte dele, mas eu ainda vou começar a passar por esse processo.

Volto a chorar com intensidade. É inevitável. Mamãe aperta ainda mais o abraço e sussurra em meus cabelos que tudo ficará bem, por mais que eu não acredite nisso. Não posso dizer quanto tempo passa até que as lágrimas cessem e mamãe pede para eu voltar a dormir, cobrindo-me como costumava fazer quando eu era criança e me desejava bons sonhos.

Só que eu não consigo adormecer.

Eu já sonhei demais.



Capítulo 46

Duas semanas se passam. Meu quarto tem apenas um colchão, malas de roupas pelos cantos e caixas empilhadas. Papai e eu ainda não conversamos sobre Rafael e tudo o que aconteceu de forma aprofundada, mas teremos muito tempo para isso a partir de agora. Ele precisou ir na frente para ajeitar o novo apartamento – perto do seu local de trabalho – e encontrar um psiquiatra para mim. Não posso dizer que estou maravilhada com a ideia, mas é preciso.

Nesses últimos dias, Gisele, Cristina e Natália vieram se despedir e se desculpar por não terem conseguido me ajudar. Muitas pessoas, aliás, vieram pedir desculpas. Já estou até cansada de repetir que ninguém tem culpa de nada. Por isso, passo mais tempo com Gabriela, um suspiro depois do sufoco. Ela não me julga nem pede para eu conversar sobre o assunto. Passamos a maior parte do tempo sentadas na sala de estar assistindo a

episódios de seriados antigos na TV. Ela me contou estar namorando firme com o Guto, depois que praticamente arranquei essa informação, e fiquei muito feliz com a novidade. Ao menos uma de nós conseguirá viver o seu grande amor.

Mamãe me deixa sozinha para ir até o supermercado comprar mantimentos para o jantar. Nos últimos tempos, não tenho gostado de ficar com meus próprios pensamentos. O que é até irônico, visto que foi tudo o que fiz esse ano.

Sento no sofá da sala e encaro a parede descascada. Espero Rafael aparecer ao meu lado, entrar pela porta ou me ligar a qualquer momento. Sei que isso não vai acontecer, mas não consigo evitar. Tudo o que eu gostaria agora é conversar com ele, uma última vez, nem que seja por apenas cinco minutos.

E se eu tentar?

O pensamento perpassa minha mente antes que eu me dê conta e, por mais louca que possa parecer a ideia, estou tão desesperada que me sinto disposta a qualquer coisa.

Sou interrompida de meus devaneios pelo latido de Pipoca. Viro-me para ela, que coloca as patas em minha perna e continua latindo.

— Pipoca, agora não! – digo irritada.

Empurro-a delicadamente e respiro fundo. Tento me concentrar o máximo possível, mas parece que estou em meditação. Balanço a cabeça, nervosa. Suspiro e tento outra vez, agora com os olhos fechados. Permaneço assim por algum tempo, mas nada acontece.

Minhas têmporas começam a doer e tenho *flashes* da noite do acidente. O médico disse que isso ainda acontecerá com alguma frequência, até que a medicação comece a fazer efeito. Relembro de ter passado na casa de Rafael para buscá-lo. Ele estava sentado na varanda com a mãe. Quando cheguei, levantou-se animado e disse ter algo para me mostrar. Era uma coreografia nova.

Ele me puxou e dançamos juntos para sua mãe, nossa única plateia. Lágrimas deslizam pela minha face quando me dou conta de que se tratava da mesma coreografia que dancei durante o espetáculo. É por isso que meu corpo lembrava dos movimentos, o que também explica o motivo de Liliana estar tão emocionada. Fiz uma homenagem ao Rafael, mesmo sem me dar conta. Pensando nisso, sorrio um pouco.

Mais uma vez, interrompendo-me, Pipoca volta a latir. Dessa vez a vejo parada com o focinho apontando para a janela. Levanto-me para investigar o que está deixando minha cachorra tão agitada.

Do outro lado da rua, está Rafael.

Pisco algumas vezes, mas a imagem dele continua lá. Quando ele percebe que o vejo, sorri e aponta com a cabeça em direção ao parque onde ensaiamos tantas vezes esse ano. Saio correndo porta afora e o sigo. Quando enfim o alcanço, já estamos em nosso canto preferido no parque, entre as árvores.

— É você mesmo? – questiono com o coração doído.

Meus olhos lacrimejam e meu peito se comprime ainda mais. Quando penso que não posso mais sentir dor, que já estou entorpecida, uma nova avalanche de culpa, saudade e tristeza me invadem.

— Quem mais seria? – ele rebate, sorrindo para mim.

Quero abraçá-lo e não o deixar partir nunca mais. As lágrimas rolam pela minha face.

— Minha mente pregando peças comigo – sussurro tristonha.

— Você acha mesmo que tudo o que vivemos esse ano foi apenas um pedaço da sua imaginação?

— Talvez não – respondo cautelosa.

Parte de mim sabe que nosso encontro não pode ser real. Outra parte, a parte que o ama com todas as minhas forças, quer acreditar que tudo é possível no amor. E que, sim, ele está aqui agora. E que estamos, enfim, *juntos*.

— Pois eu não acho que o nosso amor seja imaginário! — Ele dá de ombros.

— Rafael, não sei quanto tempo temos, mas preciso pedir desculpas — digo, e mais lágrimas ameaçam escapar de mim. — Eu não deveria ter acelerado o carro... Se não fosse por minha causa, você ainda estaria aqui. Você não tem ideia do quanto eu me arrependo por não ter escutado você e estacionado em algum lugar.

Agora estou chorando, aos prantos. Quero, com tudo de mim, que ele seja de verdade. Que Rafael esteja aqui, nem que seja para que eu possa pedir perdão por todas as escolhas imprudentes que tomei naquela noite. A dor por ter causado sua morte é mais do que consigo suportar. Mas eu tento, eu vivo, por ele. Desperdiçar minha vida depois de ter desperdiçado a dele seria ainda pior. Eu me sentiria mais ingrata e egoísta do que já me sinto.

Rafael segura minhas mãos e me puxa para perto. Fecho os olhos e consigo sentir o seu perfume misturado ao meu.

— Line, não precisa se desculpar. Você não fez de propósito. Foi um acidente.

Assinto de leve com a cabeça e dou um sorriso, consolada. Só Rafael para ser tão doce e me acalantar quando estou errada. Seu coração é grandioso por me abraçar mesmo quando sou a responsável pelo seu

sofrimento, por impedi-lo de viver todos os seus sonhos.

— Eu só consigo ser feliz ao seu lado – digo.

Sem ele, não sei mais viver, apenas existir. Como ser alguém de quem Rafael sentiria orgulho se não estará aqui para me ajudar, me confortar, me estimular?

— Isso não é verdade e você sabe.

Mordo os lábios. Entendo aonde ele quer chegar, mas não estou pronta para me despedir. Não ainda.

Acho que nunca estarei. Não de verdade.

— O espetáculo foi lindo e, com certeza, algumas escolas em São Paulo já estão à sua procura – diz.

Como ele sabe disso?

Quero rir dos meus próprios pensamentos. Se ele está na minha imaginação, é claro que está ciente das cartas que recebi há alguns dias.

— Quero que você viva, Line, que seja feliz e transforme seu sonho em realidade.

— Eu não sei mais qual é o meu sonho. Dancei pela minha mãe, pela professora, até por você...

— Então, vá dançar por si mesma!

— E se eu não gostar?

— Pelo menos, você irá descobrir. E então poderá ir atrás de outro sonho. – As mãos dele se afrouxam. – Preciso ir agora, Line.

— Por quê? Não quero que você vá embora.

— Eu preciso ir. Você sabe, não é?

Eu aceno com a cabeça.

— Line, preciso dizer o que não tive a oportunidade naquele acidente...

— Eu sei... – Passo a mão em seus cabelos.

“Eu te amo e estarei para sempre com você.”

Como se estivesse lendo meus pensamentos – e está, na verdade –, Rafael se aproxima ainda mais e me abraça. Retribuo com toda a minha energia e meu peito aperta de saudade. Ele sempre soube como me confortar, sempre soube o que e quando dizer.

Observo seus olhos castanhos pela última vez, sinceros e risonhos. Talvez seja tudo fruto do meu estresse pós-traumático. Daqui a alguns meses, não terei mais essas “visões”, conforme os médicos dizem. Mas agora consigo vê-lo em minha frente, consigo tocá-lo com meus dedos e sentir o fio de seus cabelos, o aroma de sua camisa recém-passada, consigo sentir as batidas de seu coração contra meu peito.

— Feche os olhos – pede.

Seus lábios tocam os meus suavemente e, quando abro as pálpebras, Rafael não está mais lá. Respiro fundo e repito em voz alta, com a esperança de que talvez ele também possa me ouvir:

— Eu te amo e estarei para sempre com você, Rafael.

FIM

Sobre a Autora

Eu sou a Duda, colorada, escorpiana e slytherin. Sou economista por profissão e escritora por amor.

Comecei a escrever com 6 anos de idade e aos 9 já tinha meu primeiro livro escrito, que publiquei apenas em 2016, "O príncipe das Areias". Em 2014, publiquei "Cartas para você" e, em 2017, organizei a coletânea "8 faces da diversidade" com mais outros sete autores. Em 2018, publiquei Além da Superfície. E, em 2019, juntamente com esta novela, publiquei o romance Para sempre com você pela Amazon.

Tenho um canal no Youtube com muitos insights relacionados ao mundo literário: indicação de livros, análises de obras literárias e comportamento dos personagens. Sempre encontro motivação para ler livros. Além disso, gosto de dar dicas de escrita, falar sobre filmes, séries de tv e muito romance. Também trago muitas informações sobre condições mentais como TAG (eu tenho), Crises de Ansiedade e de Pânico, Síndromes, e vocês irão conhecer histórias fantásticas de superação. Já ouviu falar de Biblioterapia? Então lá é o seu lugar! Uso muito os livros como cura para a

alma.

Charles Bukowski começou seu poema "Então você quer ser escritor?", dizendo: "Se não irrompe de dentro de você apesar de tudo, não faça".

Dentro de mim tive sempre essa ânsia em escrever o que sinto, o que vejo as pessoas sentirem e o que eu gostaria de sentir. A emoção me motiva, os sentimentos me fascinam e o comportamento me intriga. Escrever irrompe de dentro de mim, por isso eu faço.

Instagram <https://www.instagram.com/dudarazzeraauthor>

Facebook: <https://www.facebook.com/dudarazzeraauthor/>

Wattpad: <https://www.wattpad.com/user/MariaEduardaRazzera>

Youtube: <https://www.youtube.com/DudaRazzera>